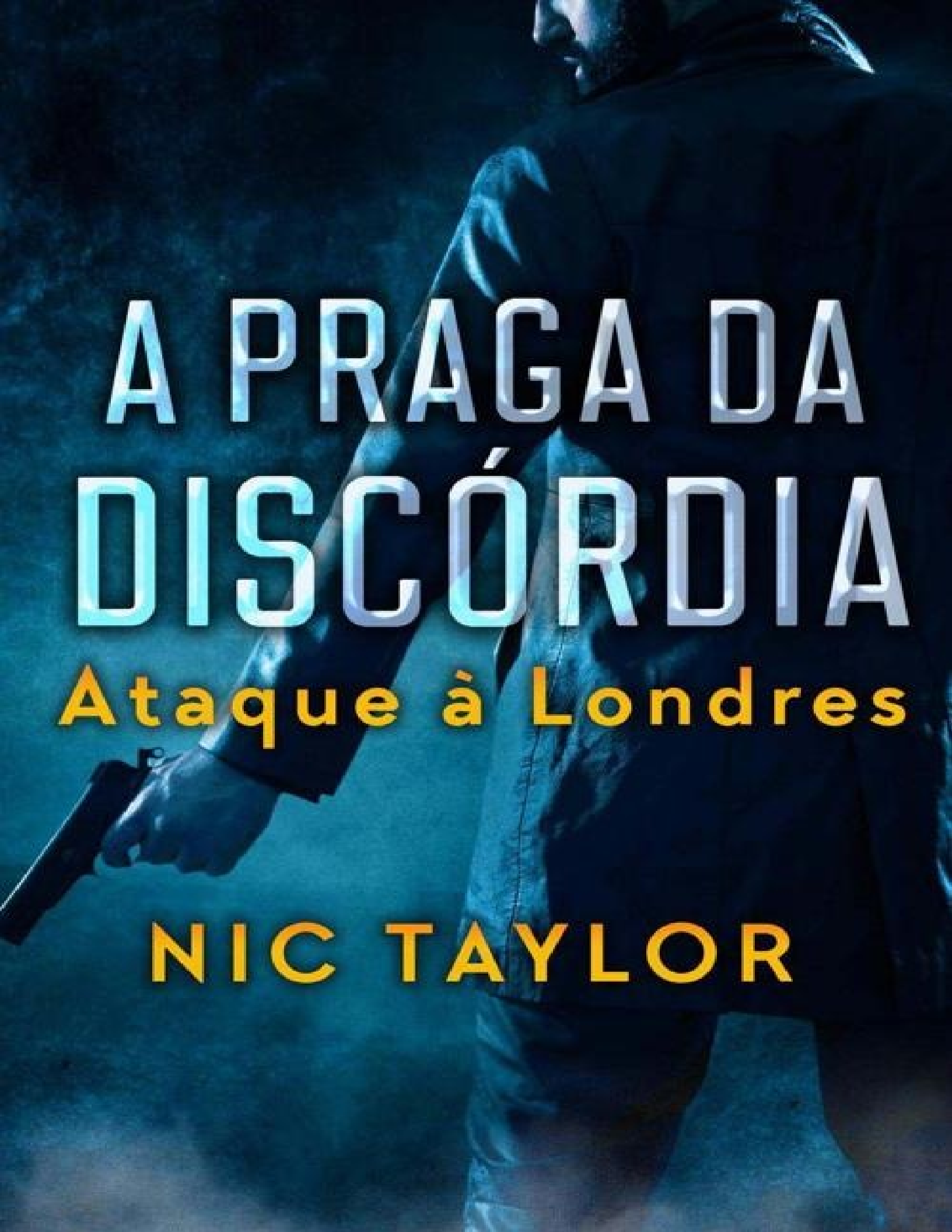




A PRAGA DA DISCÓRDIA

Ataque à Londres

NIC TAYLOR



**A praga da discórdia: Ataque à
Londres
Nic Taylor**

Traduzido por Lais Calles Lima

“A praga da discórdia: Ataque à Londres”

Escrito por Nic Taylor

Copyright © 2017 Nic Taylor

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Lais Calles Lima

Design da capa © 2017 Cormar Covers

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[A praga da discórdia: Ataque à Londres](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)

Dedicatória

Este livro é dedicado a todos aqueles que me aguentaram ao longo dos anos, mas em especial, meus três lindos filhos: Adam, Dan e Shakira.

Capítulo Um

Rosie ficou sentada a noite toda no escuro, sem se atrever a acender uma luz e muito assustada para poder dormir. O medo percorrendo cada poro de seu corpo. Como ela poderia dormir, quando sabia que havia homens lá fora esperando que ela deixasse a casa? Saber disto a apavorava. Os homens esmurravam a porta da frente, gritando pela caixa de correio e verificando cada janela acessível.

Ela ficou a noite toda encolhida no sofá, tremendo a cada som que vinha de fora. Os ruídos da casa velha a enchiam de pânico.

Teriam eles entrado?

Rosie viu quando eles chegaram, apenas alguns minutos após ter entrado em casa. Ela tinha estacionado seu carro na esquina, ao invés de deixá-lo em frente ao apartamento, pois não queria revelar sua presença. Rosie não tinha certeza se eles sabiam que ela estava em casa, mas estava convencida que eles não sairiam antes de encontrá-la.

Seus batimentos cardíacos ecoavam em seus ouvidos, sua respiração estava presa na garganta, um ácido subia por seu estômago e a vontade de vomitar a consumia. Ela precisava se concentrar e limpar sua mente, mas o medo de ser pega ofuscava todos os pensamentos.

Os acontecimentos da semana passada agitavam-se em sua cabeça. Como eles descobriram o que ela tinha feito? Tudo havia sido combinado por texto, ninguém poderia ter escutado nada, mas evidentemente alguém conseguira. E como a notícia havia se espalhado tão rapidamente? Em um minuto ela estava cometendo o ato, e no minuto seguinte os homens estavam por toda parte.

Na última hora, seus pensamentos passaram gradualmente do medo para a necessidade desesperada de escapar. Pensando em suas opções, Rosie caminhava por sua pequena sala na tentativa de acalmar seus pensamentos. A porta da frente estava fora de questão, ela poderia sair pela janela do banheiro, escapar pelo jardim dos fundos, pegar a rua de trás e chegar a seu carro antes de amanhecer. Esta era sua melhor opção. Não, era sua única opção. Em uma hora, o dia iria amanhecer, e ela estava sem tempo. Era agora ou nunca. Rosie tinha que tomar uma decisão.

Ela calçou os tênis. Pegou apenas o necessário, chaves do carro, calças, dinheiro que ela freneticamente tirava da gaveta, passaporte e cartões de crédito.

Seu único pensamento coerente era que ela deveria sair da cidade antes que a merda atingisse o ventilador.

Ela abriu a janela do banheiro e saiu, tremendo. Estava escuro, muito escuro, e a fraca luz que o luar teria proporcionado, foi bloqueada pelas grossas nuvens negras de chuva. Cautelosamente, ela caminhou pelo jardim em direção ao portão, tomando cuidado para não chutar os vários vasos de plantas que o circundavam.

Ela checou, o caminho estava livre, e era possível ver o carro que havia estacionado na noite anterior. Nenhum dos homens estava à vista.

É agora ou nunca.

Eles a encontrariam em breve, e a perseguição começaria.

Rosie respirou fundo antes de abrir lentamente o pequeno portão, torcendo para que ele não fizesse nenhum ruído e a deixasse fugir. Ela alcançou a rua. As luzes da pequena rua, que normalmente eram bem vindas, poderiam agora deixá-la visível para quem quer que estivesse lá. Ela deu seus primeiros passos, quando dois homens apareceram na outra ponta da rua. Tarde demais agora, ela tinha sido vista. Eles gritavam:

“Aqui está ela! Está indo para o carro!”

Estas palavras foram rapidamente substituídas por sons de pés correndo, uma dúzia de homens apareceu na esquina.

Ela não tinha escolha agora, correr era sua única opção. Rosie congelou, mas apenas por um segundo. Então, ela correu.

Apenas 300 metros até o carro. Entrar no carro. E fugir.

Eu posso fazer isso.

Rosie correu sem se importar com os vários buracos cheios de água da chuva, que fizeram com que caísse de joelhos. Ela se esquivou das lixeiras lotadas. Seu carro estava perto agora, do outro lado da rua. Ela podia ouvir os pés dos homens fazendo barulho nas poças, cada vez mais perto. Olhando de relance, ela podia ver que eles eram mais rápidos que ela. Quando Rosie viu o ônibus de dois andares já era tarde demais.

Rosie olhou para trás, o ônibus estava em cima dela; deu para ver o rosto do motorista em choque, tentando frear. Rosie gritou. Seu grito foi seguido de um barulho arrepiante quando o ônibus de número seis a arremessou dez metros para cima, fazendo-a cair no chão como se fosse uma boneca de pano.

Rosie ficou caída na frente do ônibus, quebrada nesta triste e úmida manhã e seus últimos pensamentos foram:

Por quê?

O jogo de sedução se iniciou assim que ela começou a trabalhar como temporária no escritório dele. Sim, ela sabia que Alex Great era casado, mas seu

poder e todo aquele dinheiro que ele controlava como Secretário Chefe do Tesouro a excitavam.

Afinal de contas, todos os políticos fazem isso, não fazem? Quanto mais experientes eles eram, mais casos eles tinham. E as funcionárias temporárias pareciam fazer parte do jogo. Pelo menos era o que seu amigo Jonathan tinha dito.

Nos últimos cinco anos, desde o seu divórcio, ela teve vários empregos temporários. O primeiro, no escritório da Internacional, onde ela conheceu e teve um breve caso com Jonathan Mason, e então em outro escritório na Rua Fleet e depois outro. Nenhum deles era o que queria; todos a deixaram insatisfeita, seu verdadeiro valor nunca era reconhecido. Os homens para quem trabalhava só viam uma coisa: sua deslumbrante figura, que para dizer a verdade, ela sempre usava a seu favor. Mas Rosie ansiava por mais, muito mais; um dia o emprego certo ou o homem certo, talvez os dois, iriam aparecer. Mas até lá, ela iria aproveitar as situações e seus recursos.

Quando Rosie encontrou Jonathan em uma festa, contou inocentemente sobre seu novo trabalho e as atenções que estava ganhando de seu novo chefe. Ela agarrou a oferta que Jonathan tinha feito.

Por várias semanas, o Secretário Chefe implorou a Rosie para que jantasse com ele. Seguindo as orientações de Jonathan, ela cedeu, aceitando o convite para jantar na cobertura que ele mantinha no Hotel Soho. Ele não queria ser visto em público com ela, imaginou. A lembrança do generoso pagamento que Jonathan tinha prometido apagou qualquer dúvida residual que poderia ter tido.

Naquela fatídica noite, Rosie sabia que estava excepcionalmente bela, ela sempre estava. Sua roupa de trabalho era reveladora, mas o vestido que usava aquela noite era muito mais. Um tubinho vermelho que se agarrava em cada curva, revelava mais do que escondia. Ela esperava que eles jantassem antes de tirar sua roupa, mas não tinha acontecido desta maneira. Assim que a porta se fechou, Alex começou a tirar aquele vestido tentador, rapidamente revelando o maravilhoso corpo de Rosie.

Mais tarde, deitada na cama, ela pensou que, para um velho gordo e careca, até que ele era um bom amante. O sexo tinha sido bem melhor do que ela tinha imaginado. Ele certamente falava bastante no escritório, e ela tinha acabado de descobrir que sua língua era muito hábil em várias outras coisas também.

Alguém bateu na porta da suíte.

“Serviço de quarto”

Alex abriu a porta e deixou o garçom entrar com o carrinho.

“Deixe ali”. Disse.

Ah, o hotel gosta de cuidar bem dos seus hóspedes ilustres, eu me pergunto: O que será que me enviaram?

O garçom entrou com o carrinho e então tirou a cúpula prateada que cobria os pratos.

A cúpula bateu contra um objeto metálico, e o som de metal com metal, chamou a atenção de Alex. Assim que a tampa foi removida completamente, Alex ficou perplexo ao ver não um prato de comida, mas sim uma câmera. O garçom – paparazzi rapidamente pegou a câmera e começou a tirar cinco fotos por segundo, antes mesmo de colocar os olhos no visor. Ele fotografou o político gordo e careca, enrolado apenas em uma toalha, com sua bela loira na cama atrás dele, bem visível através da porta aberta.

“O que você está pensando, hein..?”

Assim que o paparazzo pegou a câmera, Alex Great levantou as mãos e tentou cobrir o rosto, deixando a toalha cair. As últimas fotos capturaram Alex nu, com o rosto vermelho e gritando obscenidades.

“Pare! Saia daqui, saia daqui!”

Terminou antes de saber o que a atingira, um precursor do ônibus de dois andares que tiraria a vida dela 12 horas depois. O paparazzo desapareceu rápido, com seu cartão de memória cheio, contendo centenas de fotos comprometedoras dos dois. Sem dúvidas, era muito tarde para entrar em pânico. Mas foi exatamente isso que o político fez. Ele ainda estava gritando obscenidades para Rosie, acusando-a de armar para ele, que sua carreira e sua vida estavam em ruínas.

No começo, a ideia pareceu brilhante. O plano sugerido por Jonathan parecia extremamente simples. Dormir com ele por alguns meses e conseguir alguma informação que Jonathan pudesse usar. O caso provavelmente seria o suficiente. Ela seria amplamente recompensada, os cinco dígitos que Jonathan havia mencionado teriam sido bastante úteis.

Rosie não tinha procurado saber o que Jonathan ia ganhar com isso, ou por que ele estava disposto a pagar tanto. Ela tinha trabalhado como sua secretária na Internacional e estava ciente dos seus métodos pouco ortodoxos. Infelizmente, como a maioria das certezas absolutas, as coisas não saíram como ela esperava, embora tenham sido exatamente como Jonathan planejava. Ela nunca imaginou que Jonathan queria a sujeira sobre Alex Great naquele momento.

Rosie não tinha previsto este resultado. Um político histérico, nu, suando muito e gritando baixarias não era o que o tinha em mente. Definitivamente era hora de sair da cidade por um tempo. Uma coisa era certa: ele não iria ser ministro por muito mais tempo e não tinha mais utilidade para ela.

Juntando suas coisas, ela colocou o vestido. Não era o tipo de roupa que ela usava com lingerie, então não havia a necessidade de procurar por isso. Rosie correu o mais rápido que pôde, calçando os sapatos no corredor do hotel e chegando em casa minutos antes da imprensa.

O motorista do ônibus não tinha visto os perseguidores de Rosie, e assim, não tinha entendido como o acidente havia acontecido. Nem lhe ocorreu pensar como a imprensa tinha chegado tão rápido.

Rosie estava estendida sobre o capô do carro, sua cabeça pendida, seu pescoço estava quebrado. Ela estava claramente morta, tendo absorvido totalmente o impacto do ônibus que acelerava ao sair do ponto.

O motorista imediatamente ligou para uma ambulância, antes de sair da cabine. Verificou a pulsação, que ele estava certo que não encontraria. Ele fez uma careta, tentando desviar o olhar, filetes de sangue escorriam pelo capô, formando poças na rua. As pontas de seu longo cabelo loiro já estavam manchadas de vermelho.

Os olhos dela estavam bem abertos, seu sangue escorria pelo nariz e pela boca, bem iluminados pelo flash das câmeras. Os paparazzi tinham chegado.

Os dois primeiros, surpreendentemente, não pegaram suas câmeras imediatamente, mas como os outros chegaram disparando seus flashes, Carl falou para seu parceiro Fred:

“Putá idiota! Talvez a gente consiga alguma coisa também.”

Eles puxaram a câmera e começaram a gravar a cena.

Capítulo Dois

Horas depois da morte de Rosie, Carl e Fred estavam no escritório central da Internacional, ou o que costumava ser o escritório deles até recentemente. Quase não dava para reconhecer o escritório agora, comparando com o que era apenas uma semana atrás. As quatro salas interligadas que compunham o escritório eram abarrotadas de equipamentos eletrônicos. Mais parecia um painel de nave espacial do que um típico escritório de mídia. Monitores de computador alinhados nas áreas de trabalho, uma tela *touch screen* que comandava a maioria das mesas e mais monitores pendurados no teto por uma estrutura metálica.

Não tinha nenhum equipamento de comunicação, computador ou rede de dados no Reino Unido, mesmo aqueles que não existiam oficialmente, que não tinham sido acessados por lá. Agora, tudo o que havia restado era a estrutura de metal, algumas mesas e centenas de cabos que brotavam de todo lugar ou estavam enrolados sobre as mesas restantes.

A TV ligada em uma das salas, no escritório do chefe, mostrava o Secretário do Tesouro saindo da limusine. A cena era uma bagunça. Todas as equipes de TV do mundo ocidental pareciam estar lá, todas se acotovelando para capturar a melhor imagem. Todos gritavam a mesma pergunta.

“Ele tinha algo a declarar sobre as notícias da manhã? Ele achava que a garota tinha cometido suicídio se jogando na frente do ônibus? Ele tinha sido convocado para entregar sua demissão?”

Carl, Fred e o chefe deles estavam sentados no escritório, assistindo as últimas notícias. Eles podiam ver na sala ao lado, através da janela, três outros empacotando seus equipamentos caros e delicados. Quando o último boletim de notícia acabou, Jonathan virou para Fred e falou com raiva:

“Que diabos deu errado?”

“Eu mandei vocês dois para tirar as malditas fotos e não para instigar esta festa de merda. O que estavam fazendo?”

Ele certamente não queria que tudo isso estivesse nas notícias naquele dia, talvez nunca. Carl entregou todas as fotos no cartão de memória para seu chefe, elas estavam melhor que o esperado, as últimas tinham capturado o político nu, com a toalha caída aos pés, as mãos tentando cobrir o rosto, gritando a plenos pulmões.

“Chefe me desculpe, mas o cara simplesmente não calava a boca, ele gritava mais que minha filha adolescente quando eu digo não. Eu nem tinha saído e todos os idiotas do andar já estavam com a cara na porta para ver o que estava acontecendo. Os seguranças chegaram em segundos e eu pensei que eles trabalhassem para a gente. Deve ter sido um destes cretinos que vendeu a história” Explicou Carl enquanto apontava para a TV.

“Todos eles tem a história, cada maldito deles”, referindo-se às redes de notícias concorrentes da Internacional.

Isto certamente não agradava Jonathan, ele tinha planos para o Secretário Chefe do Tesouro, Alex Great. Ou mais precisamente, seus clientes Roseau e De Costa, tinham planos e estavam dispostos a pagar uma boa quantia para garantir que tudo desse certo. Os dois o tinham procurado há pouco mais de um ano e ambos aparentavam ser empresários de sucesso, embora parecessem preparados para fazer tudo o necessário para manterem-se à frente da concorrência.

O negócio deles era de serviços contratuais e eles agora queriam contratos governamentais. Jonathan podia facilmente ajudar com isso, com as apresentações certas e um pouco de informação privilegiada. Até então ele tinha dado tudo o que eles tinham pedido e mais, resolvendo tudo excepcionalmente bem. Mas tinha algo neles que o preocupava. Não era nada que ele podia apontar, mas ele estava começando a suspeitar que eles estivessem envolvidos com o crime organizado. Não que isso o incomodasse, o dinheiro deles era tão bom quanto qualquer outro, mas ele tinha que lidar com eles cuidadosamente.

Não era tanto o negócio com o Secretário do Tesouro, ele podia entender facilmente como ele cabia nos planos. Eram duas outras informações que ele forneceu quando solicitado, sem considerar para que seriam utilizadas. Uma delas era sobre um diretor de empresa envolvido em um golpe utilizando informações privilegiadas. Ele tinha se suicidado jogando-se do topo do prédio em que trabalhava, em Canary Wharf, uma semana antes de a informação ser entregue. Outra era sobre um contrabandista de armas que tinha estado no serviço de proteção a testemunhas. Ele estava prestes a fornecer provas sobre as pessoas com que trabalhava e então, ele simplesmente desapareceu.

Considerando o negócio em que estava, Jonathan sabia que era prudente tomar precauções, e sempre o fizera. Sua apólice de seguros era uma lista com todos com quem tinha feito negócio, incluindo nomes, datas, quantidade de dinheiro paga e informação fornecida. E como consequência de suas suspeitas, ele também estava tentando descobrir mais sobre estes clientes em particular, como segurança extra e também como potencial gerador de receita no futuro.

Jonathan precisava encontrar outro jeito de ganhar a vantagem que Roseau e De Costa queriam. Jonathan orgulhava-se de sempre conseguir tudo, e o negócio

com Alex Great não poderia ser diferente. Felizmente, ele e seus colegas eram os melhores do ramo, e Roseau e De Costa sabiam bem disso. Ele tinha mostrado que as notícias que seus informantes haviam dado sobre o contrabandista de armas, só poderiam ter vindo de dentro da Polícia Metropolitana.

Por mais de quatro anos, Jonathan comandou um projeto para Dandelion, dono da Internacional. A ideia era coletar informação, qualquer informação imaginável que eles pudessem obter, de qualquer fonte, não obstante a legalidade. Inicialmente, as informações eram limitadas às que eles podiam conseguir eletronicamente, mas logo ampliaram para dados fornecidos pela polícia e oficiais, a um alto preço.

Métodos de coleta de informação duvidosos sempre foram utilizados pelas organizações. Era preciso obter informações para suas histórias de algum lugar. Agora, com a prevalência das comunicações eletrônicas atualmente, era daí que a maior parte dos dados vinha. Dandelion querendo sempre estar um passo a frente, reunia aqueles que ele sabia que conseguiram isso e fornecia a eles todas as ferramentas necessárias para que tivessem sucesso. Isto criou uma imensa e poderosa máquina de informações. Uma ferramenta que Dandelion queria ter total controle, por isso, ele comandava do prédio da Internacional.

Jonathan e seus cinco colegas ofereciam interceptações telefônicas, de mensagens de texto, mensagens de voz, e-mails e arquivos de computador, bem como informações de repórteres de TV sobre qualquer pessoa de interesse. De primeiros ministros a vítimas de assassinato, se a informação estivesse em formato eletrônico, eles tinham tudo o que precisavam a sua disposição naquelas salas para consegui-la. Durante anos, eles construíram esta capacidade com equipamentos de última geração e contrataram os melhores do ramo para comandar tudo.

Isto foi até que o escrutínio público começou a examinar como as empresas de mídia, particularmente o Grupo da Internacional, obtinham suas informações.

A investigação sobre estes métodos, fez com que Dandelion tivesse que negar todas as informações que possuía. Por isso, há dois anos, para todos os efeitos, Jonathan e sua equipe não eram mais funcionários da Internacional, embora na realidade eles continuassem com seu trabalho na mesma sala do escritório, exatamente como antes. Os custos do projeto, incluindo salários, tinham sido incluídos no orçamento como entretenimento; que no sentido da palavra, realmente era verdade. Isto certamente entretinha o público diariamente.

Realmente, eles eram muito bons no que faziam, e o Grupo da Internacional estava agora sob intensa investigação. Por anos, as edições da Internacional publicaram história após história, expondo qual jogador de futebol tinha sido pego com as calças arriadas de novo, qual oficial havia aceitado suborno, qual

pop star tinha sido pego usando drogas ou fazendo sexo em banheiros públicos, ou qual atriz tinha confidenciado detalhes íntimos a uma amiga. Muitos reclamavam das táticas da Internacional, mas frequentemente, estas reclamações não davam em nada.

Então, dois anos atrás, reclamações oficiais foram feitas pelo Palácio de Buckingham. Alegou-se que histórias contendo conversas particulares entre o Príncipe William e sua namorada e entre ele e seu irmão, Príncipe Harry, foram publicadas pela Internacional. O conteúdo destas conversas só poderia ter sido conhecido através da interceptação de seus textos. A polícia não teve escolha a não ser investigar estas queixas. Até agora, apenas um repórter tinha sido acusado e condenado, mas isto estava prestes a mudar.

As investigações da polícia revelaram que o editor da secretaria real tinha interceptado estas mensagens com a ajuda de um detetive particular; e ambos foram processados e presos. Ou esta foi a história oficial. Na verdade, a informação tinha sido dada por Jonathan e sua equipe. O detetive particular tinha sido implicado por Jonathan que invadiu seu computador e plantou provas incriminatórias para que a polícia achasse. Tanto o editor, quanto o investigador foram pagos generosamente por seu silêncio.

Por aproximadamente um ano esta estratégia funcionou com a ajuda de alguns policiais. Mas, políticos, jogadores de futebol e celebridades começaram a afirmar que estavam sendo vítimas de espionagem, que seus telefones haviam sido grampeados e suas mensagens interceptadas, pois suas histórias apareciam nos jornais e canais de TV da Internacional. A investigação policial foi retomada, e uma comissão nomeada pelo governo tinha sido formada para investigar estas alegações.

Jonathan estava ciente das investigações, e também que a comissão nomeada pelo Primeiro Ministro logo convocaria o dono da Internacional, Dandelion ou Dandy, como ele era chamado pelas costas, para depor. Naturalmente, Dandelion estava ciente e decidiu que seria inteligente cobrir os rastros.

O Grupo de Vigilância, como ele os chamava, e todos os equipamentos precisavam ser removidos. Ele instruiu os outros dois que sabiam do projeto, seus dois vice-presidentes; imprensa e mídia eletrônica, que divulgaram informações, a encobrir e dismantelar o Grupo de Vigilância.

Apesar de muitos na Internacional saberem que informações de texto e e-mails estavam sendo coletadas, ninguém, além de nove deles, sabia dos detalhes específicos ou toda sua extensão.

Estes eram os seis membros do Grupo de Segurança, Carl e Fred que cuidavam da vigilância física, e os três especialistas em eletrônica, Jonathan e Dandelion, claro, junto com seus dois vice-presidentes.

Os membros do Grupo de Segurança que ganhavam bônus bastante generosos, foram informados que seus serviços não seriam mais necessários, e que eles tinham duas semanas para deixar o prédio. Isto foi há quase duas semanas e hoje eles estavam empacotando seus últimos equipamentos.

O fato de que Dandelion queria distância da operação, não surpreendeu Jonathan. Ele suspeitava que houvesse um limite de tempo em que eles poderiam ficar escondidos dentro de um grupo de notícias sem chamar atenção. Mas, mais importante, ele sempre quis expandir seus negócios, e aquela era a oportunidade. Até agora, estando baseado na Internacional, ele não tinha conseguido fazer isso, e esta era a oportunidade perfeita. Ele já tinha arrumado o local que precisavam, e todos os equipamentos estavam sendo empacotados. Eles seriam instalados a não mais que dois quilômetros de distância dali.

Uma vez que tudo estivesse arrumado, em aproximadamente uma semana, ele estaria pronto para começar de novo, mas desta vez, sua empresa seria bem mais lucrativa. Chantagem e espionagem empresarial pagavam bem mais que notícias. Talvez seu último trabalho não tivesse saído como planejado, mas ele conseguiu pegar a garota na cama do Secretário do Tesouro, e tinha as fotos que queria. Se o idiota não tivesse gritado tanto, tudo teria saído conforme o planejado e ele teria guardado a informação para seu cliente. Era uma pena o que acontecera com Rosie, mas pelo menos agora ela não podia dizer nada para incriminá-lo.

Quando Jonathan e sua equipe terminaram de empacotar tudo, a Internacional estava enfrentando um dia agitado, com muitas notícias. O drama maior envolvia Alex Great, mas outro caso havia surgido. Este teria provavelmente os mesmos efeitos colaterais que as outras manifestações do início do ano. Pequenos grupos estavam utilizando manifestações pacíficas para distrair a polícia, enquanto conduziam motins e pilhagens em várias cidades do Reino Unido. Era também o primeiro dia de audição do comitê, e Dandelion seria o primeiro a ser escutado. Com esta agitação nas salas de notícia, ninguém iria notar o que estava acontecendo naquele canto isolado da Internacional.

Jonathan tinha que lidar com dois problemas antes que ele e sua equipe pudessem trabalhar no novo escritório. Seus clientes particulares não ficaram felizes com a forma como o caso com o Secretário de Tesouro havia terminado. Ele tinha recebido e-mails, dizendo que eles estariam de volta a Londres em alguns dias e queriam marcar uma reunião. E depois, tinha um problema de natureza mais privada para lidar: sua esposa.

Capítulo três

“O senhor está esperando mais convidados hoje?” Ela perguntou com seu sorriso radiante.

“Não”, ele respondeu. “Apenas pegue esta coisa do chão e me traga café”.

A aeromoça esperava que o café fosse tudo o que ele iria querer neste voo para Londres hoje; algumas exigências dele em voos anteriores, haviam sido bem mais complicadas.

Com tudo o que tinha conquistado, era de se esperar que Dandelion fosse um homem feliz; mas hoje ele não estava. Pouco depois de ele se acomodar no assento, o G5 decolou. Seu café chegou e ele começou a pensar consigo mesmo.

“Como eles ousaram me convocar? Fui eu quem os coloquei no poder em primeiro lugar. Se eu não tivesse mudado meu apoio do Partido Trabalhista para os Conservadores quatro semanas antes das eleições, os Trabalhistas ainda estariam no poder e os Conservadores ainda seriam oposição. Alguns acordos tiveram que ser feitos, mas isto não é motivo para me humilhar assim.”

Na opinião de Dandelion, os acordos eram a verdadeira razão pela qual ele estava sendo convocado pela Câmara dos Comuns, para ser frito pela Comissão de Inquérito Robertson.

“Blain deveria estar beijando meus pés, e não me humilhando; eram as políticas de Blain que estavam na pauta, e não aquelas dos Trabalhadores ou dos malditos Democratas.”

Dandelion sabia que o Inquérito de Robertson era inútil, nada além de uma manobra política. Ele negaria tudo, manteria isso limitado a um repórter desonesto, e então tudo acabaria. Mas a audácia de tê-lo chamado para depor seria lembrada, juntamente com aqueles que tinham feito isso.

“Eles vão pagar por isso, todos eles.”

Dandelion tinha trabalhado no ramo de notícias por toda sua vida. Com 16 anos, ele entrou para o jornal de seu tio, e percorreu todo o caminho até se tornar o que era agora, o único dono da maior e provavelmente mais poderosa empresa de mídia; e tinha construído este império com o conhecimento que a informação e como ela era disseminada ou não, eram a chave de tudo. Qualquer sentido poderia ser colocado em qualquer história, transmitindo exatamente o que você queria.

“O senhor gostaria de mais café?”

Tirado de seus pensamentos pela aeromoça, Dandelion percebeu que eles já estavam voando a mais de três horas.

“Não.”

“O que você quer? Deixe-me em paz. Não percebe que estou ocupado?”

Dandelion voltou a se acomodar na luxuosa poltrona de seu G5, meditando sobre as perguntas que seriam feitas pela Comissão e as respostas que daria; mas nem ele poderia prever as mudanças que estavam acontecendo em Londres.

No último ano, foram quatro grandes manifestações e várias outras menores em todo o Reino Unido, e muitas delas se transformaram em motins. As razões para as greves pacíficas e para as manifestações eram multifacetadas, grande parte do conflito tinha sido em resposta às políticas de controle fiscal do atual governo. Quase não havia parcela da população que não tivesse sido prejudicada e que não estivesse extremamente insatisfeita com o que o governo estava fazendo. Outra parte da sociedade iria tirar proveito da raiva que estava se instalando entre a população. Alguns manifestantes estavam buscando ganho em curto prazo, que obtinham saqueando lojas ou simplesmente se divertindo, mas havia outros que eram muito mais organizados.

As manifestações, e principalmente os tumultos, criaram ótimas manchetes para as empresas de Dandelion, mas também estava criando problemas, um dos quais estava prestes a explodir. A cerca de meia hora de Heathrow, suas reflexões foram novamente interrompidas pela aeromoça.

“Desculpe-me senhor, mas estamos chegando a Heathrow e o piloto me pediu para avisá-lo que há uma manifestação acontecendo no centro de Londres, perto da Rua Oxford. Ele disse que isto não deve afetar sua chegada, mas ele gostaria que soubesse.”

“O tiroteio, claro.”

“Sim senhor, mais do que aconteceu ontem.”

Sem se perturbar com a notícia, ele decidiu que era hora de se preparar para a audiência que aconteceria no Palácio de Westminster em aproximadamente duas horas. Ele estava saindo do banheiro quando a aeromoça informou que iriam aterrissar.

Dez minutos depois eles aterrissaram. Saindo de seu jato privado, ele passou pela aeromoça sorridente.

Graças a Deus por mais um voo sem que ele me tocasse. E espero que ele vá direto para os tumultos.

Minutos depois, Dandelion estava em sua limusine. Perto da estrada que levava a M5, o motorista informou pelo interfone:

“Senhor, a manifestação se transformou em um motim e se espalhou pelo centro de Londres, em direção a Piccadilly e Green Park. Eu estou com o rádio ligado. O senhor quer ouvir?”

“Não, apenas não fique preso no trânsito.”

No dia anterior, depois do tiroteio, vários pequenos e aparentemente insignificantes incidentes ocorreram em todo Reino Unido, muitos dos quais acabaram rapidamente. Mas, naquela manhã, após o início da manifestação em Broad Water Farm, eles começaram de novo, todos sob a forma de saque. Não exatamente nas mesmas regiões do dia anterior onde a polícia estava, mas alguns quilômetros mais adiante.

Esta façanha de comunicação instantânea e segura tinha funcionado espetacularmente, tanto na reação ao assassinato como também na antecipação dos eventos que se seguiriam. Aqueles que a controlavam agora tinham o comando sobre grandes grupos de homens, mas também de algumas mulheres, com nenhuma filiação em particular, que poderiam ser organizados em uma multidão estúpida, com a intenção de roubar e destruir, sem aviso prévio.

Uma destas pessoas tinha sido mandada para a Rua Oxford, o centro comercial na parte oeste de Londres, acreditando que seria um excelente alvo. Eles sabiam que haveria um grande número de policiais na Broad Water Farm, deixando a parte oeste da cidade mais livre. O plano era dividir-se em pequenos grupos pela rota que eles pretendiam saquear.

Grupos de até doze pessoas, todos vestidos com roupas escuras, rostos cobertos por máscaras de esqui e armados com spray de pimenta e tacos de baseball, invadiram lojas de departamento. O ataque parecia aleatório, mas estava longe de ser. Cada loja tinha sido escolhida com antecedência e cada grupo tinha recebido um esboço com a localização dos produtos que estavam buscando. Quando os grupos invadiram as lojas, a primeira reação dos clientes e funcionários foi de incredulidade, mas isto mudou rapidamente para pânico quando os empregados foram brutalmente espancados, os balcões esmagados com os tacos, as mercadorias colocadas em sacos e qualquer um que o grupo encontrava, era atacado com spray de pimenta.

“Dois minutos, um minuto, trinta segundos. Dois minutos, um minuto, trinta segundos. Vai.”

Trabalhando com precisão militar, dois membros do grupo permaneciam nas portas de entrada, um deles segurando um cronômetro e gritando para os outros quanto tempo eles ainda tinham. O outro, espirrava o spray de pimenta em cada cliente ou empregado da loja que se aproximava, forçando-os a ir em direção aos fundos, deixando a porta principal livre para a fuga do grupo.

Eles saíam em trinta segundos, em direção ao próximo alvo. Os clientes apavorados que tinham se mantido relativamente calmos nos fundos da loja durante o roubo, agora corriam para a saída. Com isso, expositores de mercadorias eram espalhados por todo canto, armários de vidro eram quebrados e as mercadorias remanescentes eram espalhadas por todo o chão. À medida que outros seguiam o fluxo, alguns escorregavam no vidro, ou caíam quando seus pés se enganchavam nas roupas que estavam no chão e eram pisoteados pelos que tentavam escapar.

Depois de cinco minutos do início do ataque, as lojas ficavam quase desertas. Dos que permaneciam dentro, muitos estavam feridos e outros ficaram para ajudá-los, mas a maioria estava nas ruas, em choque. Os ônibus e taxis que tinham autorização para trafegar neste trecho da Rua Oxford eram agora usados como bloqueio, para impedir a passagem da polícia.

Este tsunami de destruição pegou toda a Rua Oxford e a Rua Regent, antes de chegar à Piccadilly, permitindo que novos desordeiros entrassem na confusão desde Mayfair, onde eles se reuniram inicialmente. À medida que novos desordeiros se juntavam à pilhagem, outros saíam carregando os objetos roubados em direção à Strand e ao Embankment, onde vans estavam estacionadas para ajudar na fuga.

O bando levou apenas noventa minutos do início dos saques na Rua Oxford, onde encontraram uma joalheira de alto padrão – a primeira de muitas lojas saqueadas naquele dia – até estarem sentados nas vans. Ela era dirigida pelo líder que tinha pegado os saqueadores no shopping. Eles iam em direção ao sul de Londres. O destino estava a não mais de uma hora de distância.

“Joe, vem cá, dá uma olhada no que o Simon tem.”

É. Essa joalheria foi a melhor coisa de tudo. Obrigado Sr. Wayne ou sei-lá-o-que. Você deve ter alguma coisa boa, posso ver?”

“Não! Tire suas mãos daqui!”

“Calem a boca! Tem um monte de luzes azuis piscando na ponte. Não vou por esse caminho. Vou passar reto.”

O motorista acelerou e olhou para trás para os carros de polícia parados na ponte, com isso, bateu na traseira da limusine de Dandelion que tinha diminuído a velocidade ao passar pela ponte em direção ao Parlamento. O impacto fez a limusine girar e a parte traseira atingiu um homem, Charlie Parker, que estava apenas passando pela ponte St. Stevens para chegar à passagem de pedestres alguns metros à frente. Ele foi lançado pelo ar e bateu em uma das barreiras de concreto, o carro completou um giro de 360 graus, parando a alguns metros de Charlie. A van, agora parada, ficou com o capô aberto, soltando nuvens de fumaça.

Os homens, que minutos antes estavam felizes, já fazendo a conta do que tinham roubado, agora saíam do ônibus, como cães raivosos, procurando alguém para se vingar.

Os primeiros seis, vendo que a porta da limusine estava aberta, foram em sua direção gritando. Eles agarraram o motorista, tirando ele do carro, jogando-o no chão. Choveram chutes e socos. O motorista não teve nenhuma chance. Em dois minutos ele já estava inconsciente, e disto ele nunca se recuperaria.

Assim que terminaram de chutar o corpo inerte do motorista, os outros saíram da van. Alguns estavam com ferimentos na cabeça, ganhos na batida e procuravam outros para punir. Vendo Dandelion na parte de trás da limusine, foram em direção à sua porta.

Felizmente para Dandelion, a volta que a limusine deu durante a batida, fez com que as barreiras de concreto bloqueassem a porta do lado esquerdo. Isto obrigou os homens a tentar puxar Dandelion pelo lado direito sobre o banco traseiro.

Entrando pela porta aberta, um dos homens se jogou no banco de trás, socando o rosto de Dandelion, enquanto o puxava pelo colarinho, para tirá-lo do carro. Chocado e em pânico, ele se sentiu arrastado para fora do carro. O homem parou assim que ouviu seus amigos gritarem:

“Polícia! Corram!”

Dandelion viu vários policiais do Palácio de Westminster, que tinham sido bloqueados pelo carro na ponte, começando a subir pela parte de trás da limusine.

Passando pela frente da limusine, um deles viu Charlie tentando se levantar e tentou chutá-lo na cabeça com toda sua força. Mas Charlie percebeu o agressor vindo para cima dele, então se jogou para o lado e o pé do homem atingiu apenas seu peito e seu ombro.

Ao invés de atingi-lo na cabeça, permitindo que continuasse correndo, o impacto fez com que ele caísse sobre Charlie, batendo a cabeça em uma das barreiras de concreto. Foi o suficiente para deixá-lo atordoado, mas ele logo se levantou, olhando ora para Charlie, ora para sua rota de fuga.

Antes de decidir se matava o velho idiota ou fugia, ele foi pego por três policiais e jogado no chão. Dois policiais sentaram em suas costas e um terceiro o algemou.

Em minutos, mais policiais chegaram, e depois as ambulâncias. Os paramédicos atenderam o motorista e Charlie e os policiais ajudaram Dandelion a sair do carro. Embora o rosto de Dandelion estivesse começando a inchar, não havia nenhum dano físico real, mas ele certamente estava em choque.

O motorista inconsciente foi levado ao hospital às pressas, mas não chegou a recobrar a consciência. Além de vários ossos quebrados, ele apresentava muitos danos internos e foi declarado morto ao chegar ao hospital.

Um time de paramédicos cuidou de Charlie. Na verdade, ele tinha tido sorte com o carro, que com o giro causado pela batida traseira, tinha apenas cortado sua panturrilha direita, removendo bastante pele, mas não quebrando nada. O impacto contra a barreira de concreto tinha quebrado muitas costelas, mas seu pior ferimento tinha sido causado pelo chute, que quebrou sua clavícula. Se o chute tivesse atingido a cabeça como era pretendido, seu pescoço certamente estaria quebrado.

As equipes de TV chegaram bem rápido, pois já estavam nas proximidades, como sempre faziam nos dias em que algo estava acontecendo no Palácio.

Eles tiveram tempo de sobra para capturar as imagens de Charlie e do motorista sendo colocados em ambulâncias e do homem preso na viatura da polícia. Eles levaram as câmeras até a van destruída, revelando a maioria das mercadorias roubadas espalhadas pelo chão. Não demorou muito para que juntassem os fatos e começassem a transmitir a história ao vivo do lado de fora do Parlamento.

Ninguém tinha certeza, mas parecia haver cerca de uma dúzia de homens na van no momento do acidente. Todos tinham escapado antes da polícia chegar, com exceção do cara de chutou Charlie. Ele acabaria por fornecer algumas informações para a polícia, como a que a gangue tinha recebido mensagens de texto aquela manhã, mandando todos para Mayfair e Hyde Park, onde se encontraram antes do motim e dos saques. Ele disse aos policiais que todos tinham recebido alvos específicos para atacar e também tinha a van para facilitar a fuga. Apesar de não saber de onde vinham as instruções, ele deu nomes de quatro integrantes, que mais tarde seriam detidos.

Durante os dias que seguiram muitos outros foram presos, alguns acusados pelo assassinato do motorista e outros por uma variedade de delitos. A identidade deles foi revelada depois que a polícia solicitou filmagens feitas pelo público que testemunhou os eventos naquele dia, muitas das quais apareceram nos sites de notícia apenas alguns minutos depois dos incidentes.

Oficiais do Palácio tinham ajudado Dandelion a sair da limusine batida, e apesar do rosto machucado, ele estava ansioso para fugir do espetáculo. Mídia podia ser a espinha dorsal do seu império, mas ele não gostava de ficar sob os holofotes, principalmente agora que ele seria levado a uma comissão de investigação. Junto a dois oficiais, Dandelion foi levado ao pátio em frente ao Palácio. Eles o deixaram com um paramédico, dizendo que logo voltaria para pegar sua declaração.

Os paramédicos o examinaram e após um minuto ou dois, disseram:

“Você pode ter tido uma leve concussão, sugiro que vá ao hospital para que possam te avaliar melhor e também cuidar destes hematomas.”

Dandelion, sempre um estrategista, percebeu que poderia tirar alguma vantagem do incidente. Primeiro, ele queria que o testemunho terminasse, e depois, se dissesse alguma coisa agora que fosse contradita depois, ele poderia culpar a concussão por seu engano.

“Eu acho que vou ficar bem. Eu realmente não quero me atrasar. Estou bem agora, talvez eu vá depois.”

“Conheço o caminho, vou ficar bem. Vocês poderiam dizer aos oficiais que eu fui ao Parlamento?”

Ele já tinha saído quando os oficiais voltaram.

A ambulância trazendo Charlie chegou ao Hospital St. Thomas dez minutos depois daquela carregando o motorista, e Charlie foi logo levado para atendimento.

Não muito depois, as equipes de TV começaram a chegar. Elas não tinham realmente testemunhado o acidente, apenas a confusão que se seguiu. Eles tinham juntado os fatos, de como o antigo funcionário do Palácio e ex-paraquedista Charlie tinha frustrado um ataque a Dandelion, ganhando ferimentos graves no processo.

A história, transmitida ao vivo do lado de fora do Hospital, descrevia o herói Charlie. Ele trabalhava como engenheiro chefe no Palácio e estava a caminho do trabalho quando o acidente aconteceu. E como ele interveio quando os homens que queriam matar Dandelion o estavam puxando para fora do carro.

Eles não tinham entendido os fatos direito. Não mencionaram que Charlie tinha sido pego pela limusine de Dandelion, mas isto não parecia importar. Apenas no dia seguinte é que toda a história seria esclarecida.

Charlie realmente tinha sido o engenheiro chefe do Palácio por mais de 20 anos, até dois anos atrás, e iria se aposentar no final do ano seguinte. Ele amava seu trabalho, mantinha tudo funcionando lá. Ele sabia mais sobre o prédio que qualquer outra pessoa viva, e por causa disto, ele foi mantido como assistente para ajudar a familiarizar os novos contratados com o grande edifício.

Até então, todos os trabalhos de manutenção tinham sido realizados internamente. Então, alguma mente brilhante no governo teve uma ideia: já que o Palácio era um trunfo do país, trazendo centenas de milhares de turistas por ano, por que não expandir este conceito abrindo outras áreas, para compensar os custos de funcionamento?

O Primeiro Ministro decidiu que o serviço deveria ser gerido de forma independente. A razão dada foi a de que a empresa que assumisse o contrato

pagaria pela reforma, que foi orçada em milhões.

Esta até parecia ser uma sugestão sensata. Mas na verdade, era mais um golpe político. A empresa que ficou com o contrato e que esperava lucrar bastante com isso, era a empresa cujo dono tinha contribuído com uma grande soma para o Partido Conservador. Não era nada além de mais uma privatização, tão lucrativa quanto à da NHS.

Charlie era agora apenas um guia para os empreiteiros, mas ele sabia mais sobre o prédio que qualquer outro. Ainda assim, Charlie tinha um emprego e era grato por isso, o que era mais do que poderia ser dito por grande parte dos que haviam cuidado do prédio até então. A maioria tinha perdido seu emprego nos cortes de gastos do governo e na concessão deste novo contrato.

Embora Charlie tenha sido relegado a um simples guia e não era particularmente a favor dos novos empreiteiros, ele não podia reclamar do trabalho que estava sendo feito. Era tudo da melhor qualidade, muitos dos sistemas antiquados estavam sendo atualizados ou completamente substituídos.

Os eventos estavam sendo televisionados por todo o mundo, e dois homens sentados no Aeroporto Charles de Gaulle nos arredores de Paris estavam prestando bastante atenção. Eles eram responsáveis diretos por muitos dos tumultos e estavam bastante felizes com os resultados.

O fato de algumas atenções terem se voltado ao Palácio de Westminster tinha causado certa preocupação. No entanto, a grande maioria das notícias era centralizada nos tumultos, principalmente os que aconteciam a Oeste de Londres, e com isto, eles não poderiam ficar mais satisfeitos.

Capítulo quatro

“Não, não faça isso.” A voz veio da névoa, e um pouco mais tarde: “Não, deixe isso aí.”

Assim que seus sentidos gradualmente voltavam, Adam sentiu que a máscara era retirada e que seu torpor diminuía. Seus primeiros pensamentos coerentes eram sobre o quanto ele odiava voltar da anestesia geral, incapaz de pensar claramente, incapaz de mover-se. Ele tinha que certificar-se que esta seria a última vez. Ele tinha estado nesta situação vezes demais para um jovem em forma.

O problema tinha aparecido na noite anterior. Assim que acabaram suas duas horas de exercícios, a dor começou a subir pelo seu abdômen, o que não era nada incomum. Os abdominais que ele fazia eram parte da sua rotina diária de exercícios e sempre o deixavam um pouco dolorido, como esperado. Sem dor, sem ganho era o mantra dos ratos de academia. E, além disso, seu irmão Dan sempre acertava suas costelas nos jogos de rúgbi.

A noite seguiu como de costume. Após o banho, eles foram até o Barbican. Barbican era o ponto de encontro em Plymouth e ficava sempre cheio durante o verão, com seus vários bares e restaurantes ao longo do porto. Talvez cheio demais para jogadores de rúgbi famintos e sedentos após um treino. Durante o inverno era perfeito: cheio de lugar para comer e beber algumas cervejas com o time.

Os irmãos estavam inseparáveis desde que Adam voltou para a Inglaterra alguns meses atrás. Dan tinha convencido seu treinador em Albion que ele iria se recuperar mais rapidamente da sua lesão no joelho que vinha o atormentando no último ano se Adam pudesse treinar com eles. Ninguém nunca dizia não para Dan. Seu apelido era Urso, mas não era apenas devido aos seus 120 quilos de músculo. Ele encantava a todos ao seu redor. Desde que era bebê, tudo o que tinha que fazer era olhar para você com seus grandes olhos castanhos e sorrir para conseguir exatamente tudo o que desejava. Um olhar e as meninas se derretiam, acontecia em todos os países em que ele tinha disputado jogos durante sua carreira de jogador pela Inglaterra. Em Plymouth ele era lenda.

A princípio, Adam não estava certo de que treinar com o Albion seria uma boa ideia, mas se deixou convencer. Ele também tinha sido um bom jogador, mas não jogava a sério desde a faculdade. E não tinha sido com a equipe vencedora, ele era um jogador de 90 quilos, e um monte de jogadores pesando mil quilos correndo em sua direção tinha sido uma experiência assustadora.

Os meninos, ou homens como eram agora, eram o produto do encontro de um pai inglês e uma mãe singapurense. Ninguém sabia de onde o tamanho deles

tinha vindo. Muitos amigos do casal brincavam dizendo que em Singapura o leite deveria ser muito forte. A mãe deles era pequenina, com uma aparência clássica do Sudoeste da Ásia que os meninos herdaram. O pai era um biólogo marinho, tinha menos de um metro e oitenta de altura e tinha estado em excelente forma até o dia que a bomba ceifou a vida dos dois.

Ironicamente, foram explosões terroristas em Bali, onde viveram até o início da adolescência, que os trouxeram de volta para o Reino Unido. Alguns anos mais tarde, seus pais se depararam com outro terrorista suicida no metro de Londres.

Os companheiros de Dan em Albion tinham ouvido falar sobre seu irmão. Na verdade, ele era famoso na comunidade de rúgbi por suas façanhas, principalmente pelas histórias que Dan contava. Ele foi muito bem vindo ao grupo, tanto dentro como fora do campo, e era assediado constantemente para contar mais histórias. A favorita era uma que havia acontecido na Jamaica. Dan tinha ido à Jamaica visitar Adam, e depois de tomarem alguns drinks no Pier One, Adam sugeriu que fossem pegar maconha com uns amigos que viviam em um hotel decadente perto do aeroporto. Ele ficava em Montego Bay, em uma estrada antiga que não era mais usada desde a construção de uma nova do outro lado do aeroporto. Depois de serem deixados lá por um motorista de taxi perplexo, que havia tentado avisá-los que o lugar estava fechado, Dan foi levado para a praia onde havia algumas cabanas.

Era uma típica noite jamaicana, uma brisa leve vinha do mar, a enorme lua cheia estava tão baixa que parecia que tocava a água, o som das ondas batia gentilmente na areia branca. Um cenário paradisíaco, pelo qual Dan não esperava.

À medida que se aproximavam, eles podiam ouvir vozes e uma música tocando suavemente. Entram em uma das cabanas onde havia quatro lindas garotas, três de pele negra e uma clara com longos cabelos loiros. As garotas ao verem Adam, correram para beijá-lo.

O que Adam não tinha dito a seu irmão, era que suas amigas eram as acompanhantes mais exclusivas da Jamaica. Elas tinham comprado o lugar como um retiro privado, para relaxar e encontrar amigos quando não estavam trabalhando. Adam, sendo um grande amigo das garotas, visitava o lugar com frequência, após as noites em Montego Bay. Ele tinha falado com elas sobre a visita de seu irmão, preparando a noite com muitos dias de antecedência.

Dan nunca se lembrava se elas tinham falado seus nomes ou não. Ele se lembrava de ter sido levado por duas garotas, a loira de pernas longas e a pequena e deslumbrante negra, para uma parte mais isolada da cabana, a qual ele percebeu em algum momento aquela noite, era feita com paraquedas.

Os irmãos passaram o resto da noite lá, saindo ao nascer do sol, para um café da manhã com peixe salgado. É claro que ninguém nunca acreditou nesta história, no entanto, era muito apreciada por todos os jogadores, com frequentes pedidos para recontá-la àqueles que não tinham ouvido antes.

Depois da segunda cerveja da noite, Adam decidiu voltar para casa. Eles estavam acompanhados de várias garotas bonitas, mas ele não se importava. Na verdade, recentemente ele tinha conhecido uma garota, e estava bastante interessado. E seu abdômen estava doendo bastante agora, então, era realmente hora de ir embora. Deu boa noite a seu irmão e foi embora.

Eles moravam juntos em Wembury, a alguns quilômetros de Plymouth, em uma casa que seus pais haviam deixado para eles. Seu pai a havia construído alguns anos antes, longe da cidade, no penhasco de vista para o mar.

Era tão típico de seu pai, ela ainda não estava finalizada, e os irmãos a deixaram assim. Não por ser preguiçoso ou por falta de dinheiro, na verdade nenhum dos dois tinha que trabalhar. O negócio que o pai deles tinha criado, os deixou muito bem.

A casa era grande e moderna, com janelões do chão ao teto nos dois pisos e uma varanda no primeiro piso que se estendia por todo o andar, mas garagens estavam inacabadas. A casa ficava em um penhasco rochoso e tinha uma vista deslumbrante para o mar e a baía de Wembury.

Os primeiros sinais da tempestade apareceram assim que o taxi se aproximou da casa. Um relâmpago luziu no mar e as árvores balançavam com o vento.

O clima refletia o que acontecia naquele inverno sombrio, com temperaturas geladas adiante, o mercado de ações em queda, desemprego, uma iminente greve geral e a recessão que pairava no ar. Isto era tudo que a TV noticiava naqueles dias.

Saindo do taxi, Adam se dirigiu para entrada da casa, onde o chão de cascalho já estava coberto com as folhas mortas do outono. Seu humor estava mudando. Pensando em seu pai, Adam sentou-se em um banco na varanda, olhando para o mar cinza chumbo com a crista das ondas salpicando-o de branco, iluminadas pelos relâmpagos. A tempestade ia ser grande, vento aumentava.

Apesar de fazer muitos anos que seus pais tinham sido assassinados por um homem bomba, ele ainda pensava muito em seu pai. Eles estavam sempre de bom humor, suas lembranças eram sempre sobre os bons momentos.

Apesar de seu pai ser um workaholic, eles passaram bastante tempo juntos. Ele treinou a equipe de rúgbi, ensinou-os a mergulhar e navegar quando ainda eram pequenos e viviam em Bali. Ele falava bastante sobre seu trabalho, suas

crenças e sobre o futuro. Suas paixões, principalmente os oceanos, tinham atingido Adam.

Quando seu humor estava mais sombrio, como agora, ele pensava em como as coisas seriam diferentes se seu pai não tivesse ido para Londres naquele dia. Se ele não tivesse entrado no metrô para ir para a conferência, ou se ele não tivesse nesta rara ocasião, levado sua mãe com ele, com a promessa de uma viagem de compras após sua apresentação.

Até aquele fatídico dia, as coisas tinham sido muito diferentes. Ele teria ido para a Universidade de Bath naquele mês de setembro para estudar biologia marinha ou, mais importante ainda, para jogar rúgbi. Seu irmão e ele estavam na Academia de Rúgbi de West England, e ambos estavam destinados a uma carreira excepcional no esporte. Dan tinha conseguido, embora sua atual lesão no joelho o tivesse atormentado no último ano. Ele estava finalmente em recuperação e se preparava para recuperar a camisa de número 6 da Inglaterra.

Adam não. Não que ele tivesse se arrependido de suas escolhas: ele não tinha ido para a Universidade de Bath. Estava muito perturbado com a morte de seus pais nas mãos de um terrorista que não sabia e tampouco se importava com quem eles eram. Desesperado por algum tipo de vingança, Adam juntou-se ao Serviço de Inteligência Naval.

Assim como seu pai ensinou, Adam aprendeu a seguir em frente. Mas percebeu que a decisão tinha sido estúpida. Adam não era apto para esta carreira, era muito teimoso e tinha uma boca grande que nunca conseguia manter fechada. Ele se metia em problemas em todos os turnos, não que às vezes ele não tivesse se divertido com isso. Tinha feito amigos para a vida toda e talvez alguns inimigos. Havia aprendido algumas coisas que ele pensava que nunca mais precisaria de novo. Depois de seis anos, Adam desistiu, sabendo o quão bravo seu pai teria ficado por ter desperdiçado seus talentos. E então voltou para Bath.

Por sorte, seu irmão ainda estava em Bath, terminando o mestrado em engenharia naval. Não que Dan tivesse herdado as paixões de seu pai, mas ele era esperto o suficiente para saber que mesmo se conseguisse ser um jogador profissional, uma formação ainda seria importante; uma lesão poderia acabar com sua carreira em segundos.

Adam melhorou um pouco de humor com as lembranças dos dois aterrorizando Bath naquele ano. Entrou em casa e deixou suas roupas molhadas no corredor, pegou um shake de proteína e um punhado de analgésicos, se jogou no sofá e ligou a TV.

A sala estava quente, as cortinas estavam abertas e os relâmpagos iluminavam o ambiente escuro com flashes de luz azul. Por volta da meia-noite, a dor tinha aliviado um pouco. Dan ainda não tinha chegado, o que não era

incomum, ele provavelmente chegaria de manhã. Adam decidiu que a cama era a melhor opção, talvez um pouco de sono ajudasse, mas ele não iria conseguir dormir. A dor do abdômen piorava.

O que quebrei desta vez, e Deus, por que deixei Dan me levar para o treinamento com eles?

E a dor piorava.

Não, isto não pode estar certo. Preciso fazer alguma coisa.

Ele decidiu pegar a Pajero, pois era mais confortável para dirigir e era automática. Vestiu um agasalho razoavelmente limpo e desceu vagarosamente as escadas, apoiado no corrimão. Ele parou na porta:

Talvez eu devesse chamar uma ambulância.

Os 20 metros até o carro e os 4 quilômetros até o hospital não eram animadores, mas eram a melhor opção.

Chamar uma ambulância, esperar uma hora, chegar ao hospital e ser mandado de volta para casa com as costelas machucadas. Não, seu irmão nunca se esqueceria disso e nem os jogadores do Albion. Dan contaria tudo, com certeza.

Uma vez no carro, o plano pareceu realizável. Inclinando-se para frente, a dor diminuía o suficiente para que ele pudesse dirigir. Felizmente o tráfego estava leve, mas ao chegar ao hospital, Adam descobriu falhas em seu plano. As calças que estava usando não tinham dinheiro nos bolsos e também não parecia ter troco no carro para poder estacionar no lugar de costume.

Depois de dar uma volta completa pelo estacionamento perto da emergência, ele descobriu que não tinha nenhum lugar vago. Parecia haver apenas uma coisa a fazer: deixar o carro perto da cerca. Se ele estacionasse na grama, não ia bloquear ninguém. Sim, ele iria tomar multa, mas não poderiam rebocá-lo de lá. Como diziam os vários treinadores que teve ao longo dos anos: “Aguenta firme e segue em frente”

Mais tarde, isto ia parecer engraçado.

Abrir a porta, colocar as pernas para fora, sair, agarrar-se na cerca, ficar de pé, arrastar-se até a porta. Feito. Agora deve ser mais fácil.

Capítulo cinco

Percorrido o estacionamento, Adam agora tentava passar pelas portas duplas, mas caiu antes de conseguir.

Havia uma fila com duas pessoas. A primeira já estava no balcão e a outra era uma policial. Ele tinha obviamente atraído sua atenção quando caiu na porta. Ela olhou para ele de cima embaixo por um minuto ou dois, decidindo se ele estava perturbado e pronto para criar uma confusão no hospital. Ela falou com o usual autoritarismo que todas as policiais pareciam ter.

“Você parece estar sentido dor. Por que não se senta?”

“Sim, estou sentido muita dor, mas se eu sentar, duvido que consiga me levantar de novo.” Disse Adam apoiando-se na parede.

Neste momento, ela virou as costas, movendo-se como se quisesse guardar seu lugar na fila, esperou alguns minutos até que a recepcionista chamasse. Assim que se aproximou do balcão, seu telefone tocou, ela atendeu, indicando com a mão para que a recepcionista esperasse.

Depois de um minuto de conversa, que era claramente com uma amiga, ela desligou o telefone e dirigiu-se ao balcão para dizer que tinha vindo pegar uma tipoia para o braço de seu filho. Nesta altura, muitos dos pacientes que estavam sentados na sala de espera e tinham ouvido a conversa entre a policial e Adam, olhavam para ela de cara feia.

Fosse esta uma de muitas outras ocasiões em que estivera na emergência, ele certamente teria dito a ela o que pensava, mas ele estava sentido muita dor. Felizmente, a recepcionista também tinha escutado a conversa e os comentários dos outros na sala de espera.

“Você poderia esperar um pouco, por favor? Eu acho que o paciente atrás de você precisa ser atendido primeiro.”

“Mas eu cheguei antes, estou com pressa e preciso voltar ao trabalho.”

A recepcionista ignorou a policial e fez sinal para que saísse do caminho, para o divertimento dos que estavam na sala de espera. Ela perguntou a Adam qual era o problema e depois de poucos segundos, pegou o telefone para chamar uma enfermeira e uma cadeira de rodas. Para seu alívio, este passo foi o último. A enfermeira passou com ele pela policial, cujo rosto agora estava bem vermelho. Ela estava claramente muito envergonhada.

Uma vez protegido pela cortina fechada, a enfermeira entregou uma camisola descartável.

“Você pode colocar isto, por favor?”

Adam tentou ficar de pé, mas não conseguiu; seu traseiro levantou um centímetro ou dois da cadeira de rodas e desmoronou de novo em agonia.

“Deixe-me ajuda-lo.”

A enfermeira ajudou Adam a tirar o agasalho e então puxou suas calças, tomando cuidado para manter as cuecas no lugar. Ao fazer isto, tentou não sorrir ao ver o corpo dele.

“Que pena que estou tirando a roupa dele aqui. Não, garota má! Pare com isso! Mas eu adoraria me divertir com esse corpo. “

Ela o ajudou a vestir a camisola e a se deitar na cama.

Com Adam deitado na cama, ela passou os braços sob a camisola de papel e tirou as cuecas. Tentando recuperar a compostura e manter sua mente no trabalho, sem pensar no que ela preferia estar fazendo com as mãos e com a boca.

Pare!

A enfermeira limpou o suor da testa e começou a examiná-lo, enquanto escutava sua explicação sobre a dor, apalpando seu abdômen.

“Isto dói?”

“Sim, dói muito.”

Oh meu Deus, eu gosto do corpo dele; que belo tanquinho. Eu fico imaginando quantas vezes por semana ele malha.

“Eu acho que você tem o apêndice rompido e preciso que um dos médicos venha ver você agora.”

Ela pegou as roupas de Adam do chão e as colocou na cadeira, as chaves do carro caíram no chão.

“Merda! Vou tomar um monte de multas.”

Um médico chegou e as coisas saíram como de costume: agulhas, aparelhos de pressão e monitores. Uma destas agulhas, felizmente, estava conectada a uma seringa e com uma dose de morfina.

O Partido Conservador poderia estar boicotando o serviço de saúde, mas Adam certamente não tinha do que reclamar. Em uma hora o médico e sua equipe o visitaram e informaram que removeriam seu apêndice, que ele era o primeiro da fila, e que seria operado assim que terminassem o transplante de rim que estavam para começar. Isto foi seguido de outra dose de morfina que fez Adam sentir-se muito melhor, tanto que até perguntou se não poderia sair um pouco.

“Não, é claro que você não pode, você está prestes a ser operado. Se eu fosse você, tentaria dormir um pouco.” Ela respondeu um pouco mais severamente do que gostaria, para compensar a luxúria que ela estava realmente sentindo.

Isto ele tentou fazer prontamente, ou tentava fazê-lo quando chegaram para levá-lo. Adam mais tarde diria que foi um trabalho muito eficiente: entrar, sair e ser costurado. Ele tinha uma vaga lembrança de estar na sala de recuperação e então ser acordado pela merda de um celular tocando.

Que horas são? Não sei. Ainda está escuro. Por que não posso me mover? Minhas pernas estão amarradas! Merda, onde está a merda do botão? Não sei, está escuro!

O toque tinha passado de intermitente, acordando-o a cada 10 minutos mais ou menos, para constante.

Este é o toque mais estranho que já vi na vida. Ah! Mas ele me dá uma ideia.

Se pudesse encontrar suas calças, que em teoria deveriam estar na cadeira ao lado na cama, poderia pegar seu celular, que daria a ele luz suficiente para enxergar o botão de emergência. Se não, ele atiraria um travesseiro no dono do celular chato.

A primeira parte do plano saiu bem, as calças realmente estavam na cadeira, que ele encontrou notavelmente rápido na escuridão, mesmo sem conseguir mover nada da cintura para baixo. O celular também estava no bolso, como esperava.

A parte seguinte não ocorreu bem como planejado. A fraca iluminação do celular era suficiente apenas para ver as laterais da cama e a mesa ao lado, com uma garrafa descartável com xixi e alguns pratos de papel.

Adam podia se virar o suficiente para ver a cadeira com o restante de suas roupas de um lado e um pequeno armário de outro, mas nenhum botão de emergência. Presos ao trilho que corria ao lado da cama, dois sacos de plástico, ambos com alguma coisa dentro que parecia vômito de gato. Tinham tubos anexados a eles, que seguiam até debaixo do cobertor, que estava enrolado firmemente em volta dele.

Adam ficou imaginado onde é que as outras pontas dos tubos estavam.

Isto deve explicar a dor que sinto quando me movo.

O resto do plano também não deu muito certo. A cortina que cercava a cama o impedia de atirar o travesseiro, não que ele achasse que iria lançar muito longe. O telefone continuava a tocar, ou bipar, ou sei lá. E quem quer que fosse, continuava a ligar, ou será que isso era consequência da anestesia geral e da morfina?

O barulho chato na verdade não era de um celular, mas sim um alarme de um dos muitos aparelhos ligados ao outro paciente. Ele, como Adam descobriu mais

tarde, não estava nada bem, fazendo com que se sentisse um pouco culpado por seus pensamentos.

Mas agora Adam tinha uma questão mais urgente: sua bexiga. Ele realmente precisava fazer xixi.

A questão era: ele deveria esperar até que uma enfermeira aparecesse e o ajudasse, e até lá estaria tão desesperado que acabaria fazendo xixi por todo lado, ou deveria tentar sozinho? Realmente não havia outra opção. Lentamente ele conseguiu desenrolar o cobertor, revelando uma camisola descartável muito elegante, que naturalmente era presa nas costas.

Droga, eu odeio estas coisas, por que elas amarram nas costas?

Depois de muita confusão no escuro, ele conseguiu alcançar a garrafa de xixi. Agora vinha a parte complicada, colocar o gargalo da garrafa entre as pernas e ao redor de seu pênis e fazer xixi sem se molhar.

Mais tarde ele considerou que era uma pena não haver uma câmera gravando a cena. O vídeo seria muito engraçado e número um no Youtube. Finalmente, ele conseguiu colocar seu pau dentro da garrafa a tempo e ficou muito aliviado em poder esvaziar a bexiga e colocar a garrafa de volta na mesa; e ele tinha descoberto que era muito difícil de chacoalhar dentro de uma garrafa de plástico.

Adam estava imaginando o que fazer com o barulho incessante que vinha do outro lado da enfermaria quando ouviu uma porta abrindo. Pelo menos agora ele poderia voltar a dormir, mas ele estava sem sorte: após 20 minutos de barulho de passos, a luz se acendeu.

Meia hora mais tarde, as cortinas que envolviam sua cama finalmente se abriram e ele teve tempo de dar uma boa olhada em volta e fazer um balanço da situação em que estava. Os tubos que vinham das sacolas de plástico realmente pareciam entrar ele, logo acima de sua virilha havia um gesso grande onde os tubos desapareciam. Acima disso parecia haver litros de supercola. Seu umbigo estava coberto com uma bolha disso.

Ele perguntou a enfermeira e foi informado que eles operaram através de seu umbigo, removendo seu apêndice usando uma câmera de um braço mecânico. Foram feitos outros dois buracos que depois foram fechados com supercola. Ele ainda tinha seus pés enrolados no cobertor e apenas alguns restos da camisola de papel, mas estava com suas cuecas cobrindo-o.

Assim, quando a enfermeira finalmente abriu as cortinas, as perguntas que vieram a sua cabeça não seriam feitas por um homem completamente desprovido de dignidade, mesmo que suas cuecas estivessem um pouco manchadas.

Quando as cortinas se abriram, revelaram uma enfermeira excepcionalmente bela, loira e alta. Se tinha uma coisa que fazia Adam

ficar de bom humor, era a visão de uma garota bonita.

“Oi, eu estou com muita dor. Você acha que me consegue alguma coisa?”

Patético, ele sabia. Mas funcionou. Para garantir que tinha causado uma primeira boa impressão, ele deu um jeito de falar sobre a garrafa de xixi antes que ela movesse a mesinha lateral; consegui um sorriso dela e palavras de agradecimento.

Adam adorava flertar. Não precisava ser sério ou conseguir alguma coisa. Era apenas uma coisa divertida para se fazer com uma garota bonita. Então, apesar do fato de estar deitado lá, quase pelado, com as cuecas manchadas de xixi, alguns tubos pendurados e uma bola de supercola em seu umbigo, a oportunidade de flertar era irresistível para ele.

A enfermeira logo o envolveu novamente nos cobertores e saiu.

“Eu volto já com seus analgésicos.” E fiel a suas palavras, ela voltou.

Capítulo Seis

Ficar deitado em uma cama de hospital é uma coisa muito chata, pelo menos quando os remédios param de fazer efeito, Adam sempre achou isso. Então, quando o paciente da cama ao lado ofereceu a Adam o cartão pré-pago da TV, ele acetou na hora e ligou nas notícias.

Ele viu imagens de lojas queimando em Tottenham, jovens vestidos de preto quebrando vitrines em Manchester, e saqueadores correndo com sacos cheios de mercadoria roubada em West End.

Adam não tinha ouvido falar nada sobre isso até então.

A filmagem foi interrompida e voltou para a apresentadora que comentava os tumultos.

“Aparentemente estes conflitos são uma resposta aos tiros disparados pela polícia contra um jovem ontem. Mas como eles se espalharam pelo Reino Unido e por que tantas pessoas que nunca souberam da existência deste jovem até poucas horas atrás, estão envolvidas em tamanha destruição, ninguém parece capaz de explicar”. Disse a bela apresentadora.

“Até agora, a polícia confirmou apenas que os tumultos aconteceram nas cidades de Londres, Manchester, Birmingham e Bristol, que começaram menos de uma hora atrás, e que eles estão agindo o mais rapidamente possível”.

A imagem da TV mostrava a violência e a pilhagem nas ruas. Muitos latões de lixo empilhados envoltos em material inflamável soltavam uma fumaça escura no céu. Eles estavam sendo empurrados para dentro de lojas e carros pelas gangues.

“Nós temos Bruce Dickinson no helicóptero sobrevoando Tottenham. Você pode nos dizer o que está acontecendo aí?”

“Sim Sara Jane. Parece haver uma senhora parada no meio da rua, gritando alguma coisa para os baderneiros. Há alguns policiais parados atrás dela, a cerca de 100 metros e pelo que vejo são bem inferiores em quantidade. Mas espere!”

“Os manifestantes estão se aproximando da senhora que ainda está gritando alguma coisa para eles e parece que não vai sair do caminho. Meu Deus! Isto é horrível! Eles a colocaram em um carro em chamas e agora estão chegando perto da polícia. Deve haver uns 200 deles.”

As imagens mostravam agora muitos mais manifestantes se movendo em direção à polícia, alguns armados com coquetel Molotov, machadinhas e lanças feitas com canivetes amarrados a pedaços de madeira. Os manifestantes passaram pela senhora que agora tinha as roupas em chama, e algumas pessoas saíram de uma loja e a tiraram de perto do carro.

A polícia estava parada no fim da rua, com seus escudos protegendo-os do primeiro contato com os baderneiros. Era triste de ver como eles estavam em desvantagem. As imagens mostravam o fogo varrendo a cidade atrás deles. Os primeiros baderneiros chegaram mais perto da polícia e lançaram seus coquetéis Molotov e suas lanças.

A transmissão voltou para a apresentadora chocada, que explicava que eles tinham perdido a comunicação ao vivo.

Adam assistiu o noticiário sobre os incidentes pelo país por mais alguns minutos, tão chocado quanto a apresentadora parecia estar. Depois ele desligou a TV, não era o que ele estava precisando naquele momento. Era deprimente demais. Então ele começou a pensar sobre os acontecimentos da última semana.

Apesar de ter flertado com a enfermeira, ele recentemente tinha conhecido uma garota e ficado muito interessado, então seus pensamentos logo se voltaram para ela. Ele a tinha visto pela primeira vez na sauna da academia. Envoltos em vapor, tudo o que ele podia ver era um par de pernas atlético e umas costas tatuadas. Mas definitivamente foi o bumbum que o pegou de jeito. Tinha levado mais de dois minutos para ele perceber que estava encarando. O biquíni pequeno também não ajudava.

Depois de 10 minutos na sauna, era hora de tomar uma ducha fria, ainda com aquele bumbum na cabeça, e depois entrar na jacuzzi. Mergulhado na água quente, ele descobriu para seu imenso prazer que a garota também estava lá. Ela era tão bonita quanto sexy. Ela abriu espaço para que ele se sentasse a seu lado, disse olá com um sorriso sedutor e então se virou para uma senhora idosa sentada do outro lado, falando algo que soava espanhol.

À medida que falava, Adam pensava:

Espanhol, imagino que ela seja da América do Sul ou Central, talvez.

Quando elas pararam de falar, ele decidiu que era melhor perguntar do que ficar imaginando.

“É espanhol que você está falando, né? De onde você é?”

“Eu sou de Cuba, mas vivo agora em Plymouth. Esta é minha mãe que está me visitando. Você fala espanhol?”

“Na verdade não. Apenas o suficiente para pedir uma bebida e me virar com o básico.”

O sorriso e o olhar que ele recebeu revelaram que ela tinha entendido exatamente o que ele queria dizer sobre o básico.

“Está tudo bem, eu gosto de praticar meu inglês o máximo possível.”

Adam percebeu que ela não usava aliança, mas tinha um anel na mão direita. Também não tinha uma marquinha branca no dedo anelar esquerdo, e ela estava bronzeada.

Adam tinha passado grande parte de seu tempo velejando pelo Caribe e tinha parado uma vez em uma ilha cubana, então, conversar com a garota não era nada difícil. De vez em quando ele conversava com a mãe também, para assegurar-se que ela não ficaria entediada e levasse sua filha dali.

Depois de uns 20 minutos de conversa, mãe e filha se despediram, mas não sem antes dizer:

“Espero ver você de novo. Nós viremos aqui sempre neste horário, várias vezes por semana.”

Quando ela se levantou, Adam teve novamente uma visão daquele belo bumbum, ligado ao mais belo par de pernas que ele já tinha visto. Gotas d'água caíam pelas costas bronzeadas, sobre seu pequeno biquíni. Se tudo isso não fosse suficiente para garantir que ele estivesse lá, na mesma hora, todos os dias pelo resto do mês, então o olhar que ela lhe deu certamente era. Não tinha levado muito tempo, eles se encontraram várias vezes, sempre na presença da mãe dela, que não falava nada de inglês.

Foi no quarto encontro deles na jacuzzi que o assunto sobre a próxima Copa América entrou em pauta. As duas, Isobel, esse era seu nome e sua mãe, gostariam de assisti-la, mas não sabiam onde seria o melhor ponto. Adam sugeriu vários lugares para eles assistirem as corridas.

“É uma vergonha que eu não saiba muito sobre corrida de iates. Escutei falar que é muito divertido, mas eu não entendo as regras.” Disse Isobel, com o que Adam pensou ser um sorriso tímido, mas não tinha nada de tímido em Isobel. Ela o tinha em suas mãos.

Ela sabia disso e ele também.

“Tudo bem, eu posso explicar tudo enquanto assistimos as corridas.”

Apesar de o esporte favorito de Adam ser definitivamente o rúgbi, crescer perto do mar, principalmente em um lugar como Bali, inspira o amor por esportes aquáticos em muitos, e Adam não era exceção. Ele era um excelente surfista, tinha mergulhado nos quatro cantos do mundo e passado muito tempo velejando, e até mesmo competindo, muitas vezes na Copa do Rei, um evento anual que ocorria todo ano em Phuket, na Tailândia.

Passar uma tarde com Isobel, explicando as regras da competição, parecia ser uma boa ideia, embora ela provavelmente não estaria usando um de seus

minúsculos biquínis. Antes de ir embora, ele deixou seu número de celular, combinando de se encontrar no próximo domingo.

Deitado ali na cama do hospital, ele pensou que até então, tudo parecia estar indo bem, ele teve um encontro com a garota mais bonita e mais sexy que ele já tinha conhecido. A aparência dela não era tudo, ela tinha mais alguma coisa, embora o corpo tinha sido seu principal interesse no começo. Seu trabalho de pesquisa na Universidade de Plymouth e outros na Europa o tinham colocado em contato com muitas garotas, mas esta definitivamente tinha algo especial.

Tudo parecia bem até que ele recebeu a primeira mensagem dela:

Vou estar no Hoe neste domingo, com minha mãe e meu marido e espero vê-lo lá, Isobel.

Marido! Isto era devastador e ele não podia acreditar.

O domingo ensolarado com o vento soprando, era uma promessa de um bom dia para assistir à primeira corrida e ele decidiu ir.

Adam deixou seu carro no estacionamento do hotel de um amigo, imaginando que ele jantaria lá mais tarde. Ele subiu a colina em direção a Hoe, e assim que virou a esquina, quase deu de frente com um homem xingando alguém no celular.

“Onde ele me quer amanhã? Jesus! Eu não aguento isso!”

E depois de uma pausa: “Ok, estarei lá”

Ele estava prestes a se desculpar, mas antes disto o homem gritou:

“Por que não olha por onde anda? Saia do meu caminho, idiota.”

Adam não estava a fim de criar caso e saiu andando, ignorando o idiota grosseiro. Minutos depois, chegou onde tinham instalado o telão para transmitir as corridas e começou a assistir as imagens filmadas do helicóptero.

O clima estava perfeito para velejar. O vento vindo de sudoeste era forte o suficiente para que os barcos se movimentassem rapidamente, mas não tão fortes que proibissem os barcos de utilizarem suas enormes velas.

Depois de uns 5 minutos, ele escutou aquela voz de novo. Desta vez, em vez de gritar em um telefone celular, ele estava gritando com alguém que Adam não conseguia ver. Ele não gostou daquele cara e moveu-se um pouco para a esquerda para poder ver com quem esse idiota estava gritando desta vez. Era com Isobel e sua mãe!

Isso era demais! Ele foi em direção a elas. Isobel viu que ele estava vindo e percebendo sua intenção, balançou a cabeça, se virou para o homem e disse:

“Mas nós acabamos de chegar.”

“Eu não tô nem aí. Tenho que estar de volta a Londres pela manhã e preciso que você faça as minhas malas agora!”

Muitos outros já tinham escutado a briga e estavam olhando para o homem que agora Adam percebia que era o marido. Ele agarrou o braço de Isobel e saiu andando. Isobel virou-se para olhar para Adam, que estava com o rosto em chamas, balançou a cabeça, baixou os olhos e chamou a mãe.

Adam ficou olhando eles se afastarem, pensando que aquilo explicava bastante coisa. Percebia-se que Isobel não era muito feliz, talvez presa em um casamento com um homem muito mais velho que ela e obviamente sem nenhuma educação.

Mas o que ele podia ou deveria fazer a respeito?

Ela tinha seu celular, então, se quisesse falar com ele, conseguiria. E ele certamente não iria se sentir culpado.

O que fazer agora?

Bom, ele já estava lá, o sol estava quente e tirando a cena que ele tinha acabado de ver, o dia estava ótimo. Então, por que não aproveitar o máximo e assistir todas as corridas? Talvez ele parasse para um drink no hotel onde tinha deixado o carro.

Foi o que ele fez, e quase no final do jantar ele recebeu uma mensagem de Isobel

Ela disse que sentia muito por tudo o que ele tinha visto mais cedo e que gostaria de vê-lo de novo. Ela iria para a academia sozinha na terça-feira e queria saber se ele gostaria de encontrá-la. Ele respondeu que sim e que estaria lá na hora habitual, no meio da tarde, que era mais calmo.

Assim como combinado, eles se encontraram na terça-feira. Adam tinha acabado de fazer seu treino e já estava na jacuzzi quando Isobel chegou e sentou-se a seu lado. Ele não estava bravo com ela e nem tinha razão se estar, mas ele estava confuso. Ele ficou sentado lá sem dizer nada por vários minutos até que ela segurou em sua mão. Ele se virou para ela e ia dizer alguma coisa, quando ela o interrompeu:

“Desculpe-me. Eu deveria ter dito que era casada quando nos conhecemos, mas não pude. Eu gostei de você, ainda gosto e gostaria de te conhecer mais.”

Eles conversaram por um bom tempo, Isobel contou a ele que tinha conhecido o marido em Cuba quando ainda era uma adolescente, como ela tinha ficado encantada e que ele a tinha trazido para o Reino Unido com a promessa de uma vida ótima. E como posteriormente ele a tinha deixado sozinha a maior parte do tempo nos últimos dois anos, ele morando em Londres e ela em Plymouth. Ela estava pronta para deixá-lo, sair do país e voltar para Cuba quando sua mãe chegou para visitá-la, pois percebera o quanto sua filha estava solitária.

Ela também contou que sua mãe havia percebido o que estava acontecendo entre Adam e ela nas últimas semanas e na verdade aprovava, imaginando que sua filha seria muito mais feliz com ele do que com seu marido.

Adam estava prestes a beijá-la, era o que ele estava desejando na última meia hora enquanto conversavam, quando receberam companhia. Àquela hora a academia começava a ficar lotada. Outras pessoas entraram na jacuzzi, Isobel levantou-se, deu um rápido beijo na bochecha de Adam e saiu, deixando-o ainda mais confuso do que antes. Ele sabia que a desejava muito, mas não como amante e um caso passageiro. Esse não era seu estilo.

Capítulo Sete

Na manhã seguinte, Adam acordou pensando em Isobel e de bom humor. Ele fez café e abriu as persianas do quarto, revelando a espetacular vista para o mar. Principalmente em dias como esse, com o sol da manhã entrando pelo quarto. Ele não conseguia se imaginar vivendo em outro lugar na Inglaterra.

A arquitetura da casa podia ser muito moderna para algumas pessoas, com suas janelas de vidro do chão ao teto nos dois andares, que permitam uma vista espetacular, principalmente do seu quarto de onde se avisava a baía de Wembury.

O quarto se estendia por toda a largura da casa e mais parecia uma suíte de hotel, com uma máquina de café express, uma mesa de aço inoxidável com computador e também um enorme banheiro mais adiante. Um ótimo quarto para passar a manhã. Adam pegou seu celular e mandou uma mensagem para Isobel:

Eu acordei esta hoje pensando em você e no quanto eu gostaria de beijá-la.

Ele não precisou esperar muito pela resposta.

Eu também acordei pensando em você, mas meu sonho ia muito além de apenas te beijar.

Estimulado pela mensagem dela, Adam decidiu que seria divertido mandar um texto dizendo exatamente o que ele estava pensando.

Depois de cada mensagem explícita, ela mandava “me conta mais” e ele mandava uma mensagem mais quente que a anterior. Quando percebeu, já era de tarde e Dan estava chegando em casa. Ele mandou uma última mensagem, perguntando quando ele poderia vê-la e novo.

Ela respondeu que poderia ir até sua casa na noite seguinte e queria saber se ele era capaz de realizar tudo o que tinha prometido.

Como combinado, na noite seguinte a campainha tocou. Adam tinha conseguido se livrar do irmão, então tinha a casa toda para ele, do jeito que queria. Ele abriu a porta e puxou Isobel para dentro. Assim que entrou, ela o cobriu de beijos. Ele a levou para a sala, onde a lareira estava acesa, lentamente tirou as roupas dela e a deitou no sofá.

Então, muito entusiasmado, ele começou a cumprir as promessas que tinha feito no dia anterior. Começando por beijá-la na boca e então lentamente descer pelo pescoço, pelos ombros e pelos deslumbrantes seios. Aqui ele demorou-se por um longo tempo, como prometido. Então ele beijou e lambeu sua barriga

durinha, desceu mais um pouco e demorou-se ainda mais, assim como prometido.

Ela não tinha dito nada até então, mas aí disse algo que tirou o fôlego dele:

“O que você prometeu agora?”

Sem dizer nada, ele escorregou seus dedos para dentro dela, procurando seu ponto G enquanto ainda usava a língua. Logo ele foi recompensado com as unhas delas deslizando por suas costas. Sua respiração começou a ficar mais rápida, ela gemeu.

Adam a pegou no colo e a levou até seu quarto, tirando o resto de suas roupas. Eles fizeram amor animadamente por mais de uma hora, até que caíram exaustos. Ele desculpou-se pelo cansaço e riu:

“No futuro eu vou me lembrar de não levar suas promessas tão ao pé da letra. Foi a noite que você tinha prometido, não foi?”

Relutantemente ele a deixou sair da cama para pegar o telefone que ela tinha deixado lá embaixo e que estava tocando, e ele pode ver a maneira com que seu corpo espetacular se movia. Isobel voltou logo, sorrindo como um gato.

Ela voltou para a cama, pegou o pênis dele com as mãos e colocou tão fundo na boca que ele conseguia sentir sua garganta. Ela lambeu e chupou e sentiu o corpo todo dele endurecer, percebendo que ele estava quase gozando. Adam conseguia ouvir a respiração forte dela, ela estava claramente gostando tanto quanto ele. Quando ele gozou, ela gemeu mais que ele. Isobel limpou a boca com as costas das mãos, o beijou profundamente e disse que precisava ir.

Eles mal haviam trocado uma dúzia de palavras nas duas horas em que estiveram juntos.

Nas duas últimas semanas, eles tinham se encontrado na cama quase todos os dias, normalmente na parte da tarde quando Dan estava fora. Adam se sentia ótimo, mais do que há muito tempo, e provavelmente estava apaixonado, e isso poderia ser um problema. Mas ele lidaria com isso quando e se tivesse que lidar.

Uma tarde, Isobel disse que iria para Cuba no final de semana para levar a mãe e que ficaria lá por duas semanas.

Isto foi um pouco surpreendente, mas nas últimas semanas ele pode conhecê-la melhor, percebendo que ela era um pouco complicada e um pouco imprevisível. De qualquer forma, era hora de trabalhar um pouco, ele teria duas semanas em seu laboratório e seria capaz de tirar alguns dias de folga quando ela voltasse.

Parecia um bom plano, mas infelizmente como acontece frequentemente, seus planos não saíam como planejado.

Agora ele estava ali, deitado em uma cama de hospital, pensando no que iria acontecer. Ele sabia que Isobel queria deixar o marido, eles tinham falado sobre

isso antes dela ir embora e também via mensagem enquanto ela estava em Cuba. Eles também conversavam sobre como o marido era possessivo e que iria lutar para manter seu troféu.

Enquanto pensava sobre isso, as cortinas se abriram para revelar seu irmão Dan, parado lá, com o usual sorriso estúpido no rosto, mas que rapidamente foi substituído por um olhar de preocupação.

“Você é um idiota, sabia disso?”

“Por que você não me ligou ou chamou uma ambulância? Não acredito que dirigiu até aqui.”

“E você parece um lixo.”

“Eu não me sinto melhor que aparento” Disse Adam, assim que conseguiu falar.

Os garotos conversaram por um tempo e Adam começou a se sentir melhor. Os analgésicos estavam fazendo efeito e pensar em Isobel melhorava seu ânimo.

O cirurgião apareceu, fez os check ups convencionais, examinou os drenos da barriga, o tempo todo falando com os muito assistentes que vieram com ele. Nenhuma palavra para Adam, até que finalmente:

“Chegamos bem a tempo, aparentemente não tem nenhum problema. Você teve sorte meu jovem, um pouco mais e teríamos complicações. Vou mandar alguém tirar os drenos em algumas horas.”

“Alguma ideia de quando vou poder voltar para casa?”

“Acho que amanhã, está tudo correndo bem.”

“Isso não parece muito bom.” Disse Dan, apontando para o prato de comida que tinha acabado de chegar.

“Você quer alguma coisa da lojinha aí de baixo? Talvez uma escova de dentes e uma pasta, eu imagino que você não tenha trazido nada disso.”

“Não seja idiota, irmãozinho, eu nem trouxe dinheiro para pagar o estacionamento, então o que você acha?”

“Eu acho que você é que é idiota. Eu vou te comprar alguma coisa e verificar seu carro, se ele ainda estiver lá.”

Depois de alguns minutos Dan estava de volta com uma salada, um sanduiche, uma escova e pasta. Ele jogou fora a comida do hospital, o tempo todo com um sorrisinho na cara,

“O que você tem?”

Dan respondeu com uma risada: “Você nunca perde esse jeito, né?”

“Por que, o que é que tem?”

“Eu fui até o estacionamento, imaginando que seu carro ou tinha sido rebocado ou estava coberto de multas. Mas eles me disseram que uma enfermeira tinha ido até lá várias vezes para dizer que o paciente estava em uma

cirurgia de emergência e que, por favor, não te dessem multa ou rebocassem o carro. Ela parecia bem fiel a você, por sinal.”

“Eu realmente não me lembro de muita coisa depois que eles me encheram de analgésicos, está tudo nebuloso.”

“Tá, claro.” Disse Dan, ainda com o sorrisinho.

“Você nunca resiste a uma garota bonita.”

“Tá bom, agora preciso fazer xixi.”

Dan se levantou da cadeira para ajudar Adam com a bandeja e tirar o cobertor. Dando um passo para trás, Dan começou a rir.

“O que você tem feito?” disse apontado para os restos da camisola de papel que Adam ainda estava usando.

“Ah isso! É que quando eu acordei, precisava fazer xixi e estes malditos cobertores estavam enrolados em mim e eu não podia me mexer. Eu tirei tudo, mas ainda tinha esta maldita camisola, que obviamente estava amarrada atrás. Então eu tive que rasgar para poder fazer xixi na garrafa. Por que é que elas têm que amarrar atrás?”

“Eu tive que usar meu celular para ver o que estava fazendo, mas a cada trinta segundos a luz apagava. Eu tentava colocar uma destas garrafas entre as minhas pernas e não fazer xixi em toda parte, foi um pesadelo.”

Vai, me ajuda antes que eu mije em mim mesmo de novo.”

Dan ajudou seu irmão a ficar de pé.

“Pode deixar que daqui para frente eu me viro, você pode continuar rindo, seu bosta.”

Dan assistiu Adam se arrastar dolorosamente até o banheiro. Em uma das mãos, ele tinha as bolsas do dreno, e na outra, a escova de dentes e a pasta. O restante da camisola de papel verde balançando.

Que visão.

Cinco minutos depois, Adam voltou parecendo um pouco melhor.

“Eu vi o que você quis dizer sobre o xixi...” As marcas na cueca ainda estavam fortes na parte de trás.

“Eu sei imbecil. Eu me lembro da enfermeira tirando minhas cuecas, acho que foi ontem...Mas não tenho a menor ideia de como eu acordei com elas.”

“Algum médico puritano, talvez, que não conseguiu suportar a visão disso aí batendo por todo lado.”

“Vai se fuder.”

“Você lembra alguma coisa sobre a enfermeira?”

“Está tudo voltando, cara, e ela era gostosa.”

Dan pode ver que seu irmão estava melhor. Seu senso de humor estava voltando e isso era um bom sinal. Ele se despediu dizendo que voltaria na manhã

seguinte para levá-lo para casa.

“Tente dormir um pouco.”

Era muito mais fácil falar do que fazer, os tubos da barriga doíam a cada movimento, qualquer cochilo era rapidamente interrompido.

Felizmente, duas horas depois uma enfermeira apareceu para tirar os tubos e as sacolas. A dor quase que desapareceu, assim ele pôde dormir até a manhã seguinte. Seu irmão chegou logo depois do café da manhã para levá-lo para casa. Adam tinha instruções claras para tirar duas semanas para se recuperar.

Com um braço sobre os ombros de Dan, os dois já iam saindo do hospital quando encontraram uma bela morena que vinha na mesma direção. Ela sorriu:

“Oi Adam. Espero que você esteja se sentindo melhor. você se lembra de mim? Fui eu que te examinei assim que você chegou.”

“Claro.” Disse Adam retribuindo o sorriso.

“Você não parecia nada bem, eu acho que nunca tinha visto alguém tão verde antes.”

“Estava tão ruim assim?”

Adam não imaginava que estivesse tão mal. Não que ele não tivesse se olhado no espelho em casa ou no carro. Mas ele sabia que Dan estava adorando aquilo.

“Na verdade”, ela continuou “Foi até bom você ter ficado tão mal, pois eu pude perceber imediatamente que você estava com o apêndice estourado. Se eu tivesse suspeitado de outra coisa, teria que fazer mais testes e em um deles eu teria que colocar o meu dedo no seu traseiro.”

“Aposto que sim, sua safada. Você provavelmente é uma expert nisso. Melhor do que quando Janet tentou. Que vergonha. Se ao menos ela tivesse dito o que estava prestes a fazer, talvez eu tivesse deixado. Mas de repente? Do nada? Ela só não me fez saltar, pois estava sentada em mim. Nunca mais a vi. Mas você, quem sabe?”

Dan falou, tirando Adam de seus pensamentos.

“Imagino que tenha sido você que avisou os caras do estacionamento sobre o carro dele. Eu te agradeço por isso.”

Olhando para o relógio, ela viu que iria se atrasar de novo.

“Sem problemas. Está ficando tarde e eu tenho que ir. Foi bom ver você melhor. espero que da próxima vez que nos encontrarmos, você esteja saudável e forte. Tchau.”

Ela despediu-se e entrou no hospital

“O que?”

Ele prestou atenção na cara de alegria de Dan

“Você tem que estar doente mesmo, nem pegou o telefone dela. Vamos, te levo para casa.”

Capítulo Oito

Adam foi colocado na sala, pois já tinha ficado tempo suficiente na cama. Dan foi preparar algo para comer e ele começou a procurar alguma coisa para assistir na TV, passou por canais com muita bobagem, na maior parte Reality Shows, até que decidiu ver as notícias. Depois de um minuto ou dois, ele gritou para Dan:

“Você tem visto isso? O que está acontecendo?”

“Os tumultos? Respondeu Dan voltando da cozinha.”

“Isso.”

“Enquanto eu esperava para buscá-lo, ouvi sobre isso na TV. Este cara era procurado por conta de um extintor de incêndio que foi jogado de um prédio em um dos tumultos no início do ano, durante os protestos dos estudantes.”

“Sim, eu me lembro. Durante o protesto, um grupo invadiu um prédio do governo no centro de Londres e estava no topo do prédio. Quando a polícia tentou tirar eles de lá, eles jogaram o extintor que matou um policial. Mas ainda não entendo o porquê atirar no cara.”

“Parece que estes caras são nazistas e acreditava-se que estivessem armados. Eles atiraram no cara quando ele tentava escapar.”

“Ok, mas e estes tumultos?”

“Eu não sei, liga aí, vamos ver o que dizem.”

O repórter da TV do lado de fora da delegacia de polícia, estava respondendo à pergunta da Sarah Jane:

“Mais cedo eu entrevistei três jovens que me disseram ter participado dos motins, eles não querem aparecer, mas concordaram em responder algumas questões.”

“Eu primeiro perguntei como e por que eles tinham se envolvido. E isto foi o que me responderam.” Disse o repórter consultando suas anotações.

“Eles disseram que estes foram os melhores dias de suas vidas, quando viram a polícia como a representação de uma minoria privilegiada, e estavam usando isto como uma oportunidade de vingança. Disseram que não tinham emprego, que não tinham futuro e nada a perder. Eles contaram também que estavam felizes que o governo estava reduzindo o número de policiais, e da próxima vez que isto acontecesse, e estavam convencidos que iria acontecer, o número de policiais atuando seria ainda menor.”

Sarah Jane então se dirigiu a um de seus convidados:

“Qual a sua resposta para tudo isso?”

“Nós temos uma excelente taxa de diminuição do desemprego, basta olhar para nosso programa revolucionário.” Respondeu Mark Cobalt, Ministro do Emprego.

“Mas ele tem sido descrito como um fracasso total, já que se tratava apenas de trabalhos temporários e não remunerados e apenas uma entre quatro pessoas encontrou trabalho depois disto, e apenas por seis meses. Como isto pode ser descrito como sucesso?”

“Mas foi revolucionário, nós apenas pagamos as empresas pelo resultado, quando encontram um trabalho para alguém e o tiram da lista do desemprego.”

“Sim, mas por seis meses apenas, durante os quais eles não aprendem nada.”

“Exatamente”, disse outro entrevistado de Sarah Jane. “O que precisamos é de um esquema de treinamento para aprendizes, onde os jovens possam aprender alguma habilidade e ter alguma coisa para oferecer a seus empregadores. Neste momento, é mais barato contratar algum estrangeiro do que treinar seus próprios aprendizes. O governo tem que fazer alguma coisa a respeito.”

“E rápido!” Disse outro entrevistado. A recessão que o Reino Unido está atravessando já fez muitos negócios falirem, algumas empresas grandes. O desemprego está aumentando por todo o Reino Unido. O governo prometeu um estímulo à economia, disse que o pior já tinha passado e publicou alguns números do desemprego para provar. “Na verdade, o que eles realmente fizeram foi nos enviar para uma recessão ainda maior.”

“A única coisa que eu consigo ver neste programa de emprego, é uma maneira de manipular os números enquanto as pessoas perdem seus meios de subsistência e seus lares.”

“Enquanto o Serviço Nacional de Saúde está sendo dizimado pelos cortes de gastos, Ministros estão forrando seus bolsos com falsas despesas. E agora, um estudo recente mostrou que 12 milhões de crianças estão vivendo na pobreza no Reino Unido, isto é uma em cada três. E uma mesa no jantar do Primeiro Ministro está sendo vendida a milhares de libras!”

“Basta olhar para os cortes da polícia. Eles não foram capazes de acabar com as manifestações antes que se tornassem sérias, e mesmo assim, seu número vai ser reduzido. E você alega que isso não vai afetar sua habilidade de prevenir crimes. Isto é ridículo e você sabe disso. É a mesma coisa com o exército; eles colocam suas vidas em risco diariamente, apenas para receber uma simples carta informando sobre o corte.”

Antes que ele pudesse continuar, ou o Ministro responder, a apresentadora disse:

“Obrigada, o senhor tem alguma coisa a dizer, Dr. Logan?”

“Em minha opinião, quase todas as iniciativas de redução de custo do governo, parecem estar afetando desproporcionalmente os menos favorecidos, fazendo do velho ditado “os ricos ficam mais ricos quando os pobres ficam mais pobres”, mais verdadeiro ainda.”

“Você sabe que é estimado que até meio milhão de jovens hoje estejam tão sem esperança que não vêm nenhum futuro para eles. Eles vão agarrar qualquer oportunidade de ganho a curto prazo, o que pode ser usado por outras pessoas para outros fins, como estamos vendo agora. Não entendo como o governo não reconhece isso e começa a fazer alguma coisa antes que seja tarde.”

“Quem é esse cara? Não parece ser um político, ele parece saber o que está falando.” Perguntou Dan, carregando um prato fumegante de macarrão que foi colocado no colo de Adam. “Coma!”

“Algum psiquiatra. É ele sabe, não como estes malditos políticos que não têm a mínima ideia. Eles vivem em um mundo próprio e nunca vão entender as respostas às suas medidas fiscais loucas. Eles são a real causa de todas as manifestações e greves. E ele têm razão, qualquer um pode usar manifestações políticas em benefício próprio.”

Adam comia grandes garfadas de salmão e macarrão, percebendo que estava mais faminto do que tinha pensado. Ele continuava assistindo as notícias quando Sarah Jane falou:

“Mas não é só o governo que é impopular, né? Os bancos e os banqueiros são igualmente desprezados. Eles perderam fortunas, recompensaram-se com bônus milionários enquanto o povo está lutando para pagar a conta do supermercado. Além disso, os políticos agora estão trabalhando juntos para manipular as taxas de juros. Isto é ilegal e permitiu que eles fizessem bilhões à custa de todos, pois o custo de tudo aumentou.”

Adam não podia deixar de concordar com o que estava sendo dito, mas sua atenção foi desviada para o telefone que tocava.

Entrando no avião, mal posso esperar por amanhã. Vou fazer compras em Londres e escolher uma coisa que você vai adorar tirar. Devo estar aí por volta das 6. Beijos Iss.

Seus pensamentos estavam em Isobel, ela estaria de volta amanhã e tinha um monte de coisas que ele queria fazer com ela. Ele esperava que sua condição não o atrapalhasse demais, mas definitivamente ela teria que ser mais gentil com ele, mais do que normalmente era. Por uma semana ou duas.

“Quem está te mandando mensagem? Se eu fosse você, não arrumaria nenhum encontro por um tempo. Não no estado em que você está.”

Ignorando o irmão, Adam desligou a TV enquanto a discussão continuava: como a greve geral, que tinha sido programada para o final do ano, prometia levar centenas de milhares às ruas por todo o país. Finalmente o governo tinha ficado preocupado, eles estavam finalmente começando a perceber o quão impopular eram.

De médicos e funcionários de empresas a mão de obra não qualificada, o apoio às manifestações e greves foi esmagador. O dia da greve geral veria uma paralização quase completa da força de trabalho no Reino Unido. Nenhum transporte público iria funcionar, escolas e universidades iriam fechar; dificilmente uma loja ou fábrica abriria. Cirurgias e hospital apenas para emergências. As portas de todos os prédios governamentais se fechariam, e embora a polícia por lei não pudesse aderir à greve, eles haviam dado apoio.

Se a greve geral se agravasse da mesma forma que as outras, o Reino Unido ia mais parecer com Beirute na década de 70.

Capítulo Nove

Isobel estava na fila da alfândega, que estava lenta, mas saber que estaria na cama de Adam logo tornou tudo mais suportável.

Quando se dirigia à saída, Isobel pensou nas compras que faria e na lingerie que compraria para Adam tirar. Quando olhou em volta em busca do ponto de taxi, ela se surpreendeu com seu marido a esperando.

Ele não tinha ligado nem enviado mensagem enquanto ela esteve fora e por isso Isobel não esperava encontrá-lo lá. Tentando não parecer aborrecida, ela sorriu e o beijou no rosto, como ele gostava que ela fizesse quando estavam em público.

Ele não parecia estar de bom humor, mas ele nunca estava ultimamente, sempre preocupado com o trabalho. Ela queria ter percebido como ele realmente era quando eles se conheceram. Certamente não teria se casado com ele e provavelmente também não teria ido ao primeiro encontro. Mas se ela não tivesse seguido este caminho, ela nunca teria conhecido Adam, o homem que amava e que passaria alegremente o resto de sua vida.

“Deixei o carro no estacionamento, vamos logo, ou terei que pagar por mais uma hora. Nós vamos para o apartamento da Rua Park.”

“Mas eu tinha planos de ir fazer compras e depois voltar para Devon.”

“Então mude seus planos. Você vai ficar em Londres, que é o que você vivia me pedindo, não era?”

Ela ficou desesperada. Tudo o que queria era voltar para Adam. Ela pensava que o marido ia ficar sozinho em Londres, como sempre.

O caminho até Londres foi feito em silêncio. Isobel sabia que alguma coisa estava errada. Ele não tinha como saber sobre Adam. Ninguém além de sua mãe sabia, e ela abençoava.

Chegando ao apartamento, ela viu que havia malas por todo lado. Suas malas! Examinando de perto, ela percebeu que estavam com suas roupas. Na verdade, parecia que quase todas elas estavam ali. Ela olhou para Jonathan questionando. Ele respondeu:

“Você acha mesmo que sou idiota? Sei tudo sobre ele. Eu recebi todas as mensagens que ele te mandou enquanto você estava em Cuba.”

Isobel respondeu furiosa: “Mas como você pode saber disso? Você não tem meu telefone.”

“Eu não preciso do seu telefone. O que você acha que eu faço? Que paga por tudo isso? E por tudo que te dou?”

“Se eu consigo ler todas as mensagens do Primeiro ministro, ouvir suas ligações e ler seus e-mails, você não acha que eu poderia facilmente fazer o mesmo com você? Nós vamos ficar em Londres, eu fechei a casa em Plymouth.”

Isobel não sabia o que fazer ou o que dizer, tudo o que ela fez foi se derramar em lágrimas. Seu marido fez pouco caso.

“Vá tomar um banho e se arrumar. Nós vamos sair para jantar.”

“E antes que você possa mandar uma mensagem ara ele, me dê seu telefone.”

A única opção que ela teve foi de reclamar das suas exigências.

Jonathan não tinha problemas em atender seus clientes insatisfeitos sozinho, mas ele pensou que se levasse Isobel a reunião seria mais fácil, ele sabia o efeito que ela causava nos homens. No dia anterior, ele tinha reservado uma mesa no Le Gavroche. Normalmente, as pessoas reservavam com semanas de antecedência, mas ele era um cliente regular, com seu apartamento a apenas 5 minutos dali.

Ele chegou precisamente na hora marcada, em vez de seus habituais 15 minutos de atraso. O metre pegou o casaco de Isobel, revelando um vestido com decote nas costas. Como sempre, ela tinha causado o efeito desejado. Ele duvidava que houvesse uma cabeça masculina que não tinha se virado para olhar para ela; e algumas femininas também. Ele esperava que os dois estivessem lá, tanto Roseau como De Costa, afinal de contas eles estavam no Le Gavroche; mas apenas Roseau estava sentado na mesa indicada.

Eles fizeram os pedidos e comeram com apenas o mínimo de conversa educada. Jonathan estava bem humorado, mas Isobel parecia aborrecida, empurrado a comida de um lado a outro do prato. Na frente deles, estava sentado um homem que ela nunca tinha visto e que não parecia feliz de estar ali. Depois do jantar, Jonathan pediu que Isobel fosse ao banheiro para que eles pudessem ter uma reunião de negócios. Assim que ela saiu, Roseau falou rápida e calmamente:

“Nós estamos muito desapontados com o resultado de nossa transação recente. Se você quiser que o seu envolvimento com o escândalo de hackers permaneça em segredo, é melhor que você cumpra com o prometido.” Ele terminou sua bebida e saiu.

Dizer que isso tinha chocado Jonathan foi o eufemismo do ano. Ninguém além dos seis sabia do seu envolvimento e muito poucos sabiam de seu trabalho para a Internacional.

Quem são essas pessoas?

Isobel voltou depois de alguns minutos e encontrou Jonathan branco.

“Qual o problema?”

Ele desconversou. “Pegue seu casaco, estamos saindo.”

Isobel seguiu Jonathan de volta até o apartamento. Ela tinha acabado de voltar de Cuba e estava muito cansada. Assim que chegou ao apartamento, foi direto para o quarto. Ela se despiu rapidamente, deixando as roupas no chão, tudo o que ela podia pensar era em Adam e o quanto odiava o marido. Isobel sentou-se na cama e as lágrimas rapidamente começaram a cair, em pouco tempo seu rosto já estava encharcado e seus olhos vermelhos. Ela estava exausta, precisando desesperadamente dormir para clarear sua cabeça e decidir o que fazer. Ela se levantou e caminhou nua até o chuveiro.

Quando ela ligou o chuveiro, escutou a porta do quarto se abrir e o som de passos no chão de madeira.

Não, eu não aguento isso.

Ela estremeceu e sufocou um soluço, preparando-se para o que ela pensava que estava prestes a acontecer. Sexo com Jonathan nunca tinha sido muito bom, e durante o último ano, quando eles faziam amor, era mais um ato de acasalamento do que qualquer coisa com afeto verdadeiro.

Ela não tinha escolha, apenas acabar logo com aquilo. Jonathan não tinha a delicadeza de Adam, seus dedos e nem sua língua.

Graças a Deus.

Seu alívio era palpável assim que ouviu o som das malas sendo jogadas no chão do quarto, seguido do barulho da porta batendo. Ela tinha escapado por enquanto, mas isto não ia durar para sempre. Sentada no chuveiro, ela deixou a água quente escorrer por seu corpo por um longo tempo antes de se levantar. Ela se secou e mergulhou na cama.

Apesar do cansaço, ela levou algum tempo até adormecer. Ela estava tão animada para ver Adam de novo, mas agora parecia que era uma prisioneira.

Enquanto Isobel estava no chuveiro, Jonathan pensava sobre a reunião que tinha acabado de acontecer. Não tinha como seus clientes saberem sobre seu novo escritório; eles não sabiam onde ficava o último e com certeza não sabiam onde morava, ou pelo menos, não deveriam. Embora acreditasse que eles não representavam perigo, seria bom providenciar as informações desejadas.

Depois, seus pensamentos se voltaram para Isobel. Ele não iria aceitar a infidelidade dela sem se vingar. Ela lhe pertencia, mas ele tinha opções limitadas sobre o que poderia fazer com ela. Matá-la não era uma alternativa, apesar de que ele adoraria estrangulá-la naquele momento. Divórcio também não. Muito embaraçoso e caro. Ele poderia humilhá-la constantemente. Isto ele sabia fazer

bem. Talvez alguns meses disto e aquela vaca cortaria os próprios pulsos. Mas aquele imbecil do Adam iria conseguir o que merecia. Jonathan sabia pouco sobre ele, mas isto não era problema, ele tinha passado muitos anos descobrindo a sujeira de centenas de pessoas e Adam não seria exceção.

Ao longo dos anos, a segurança online se tornou cada vez mais difícil de contornar, e foi por isto que ele contratou os melhores para este trabalho. Stella ainda estava em férias, ela era de longe a melhor, mas iria querer saber por que ele estava fazendo isso. Jonathan pegou seu celular e ligou para Carl para saber se Dave tinha todos os sistemas funcionando.

“Desculpe chefe, só estará finalizado na quinta-feira à noite.”

“Por quê?”

“Por que você nos disse que tínhamos esta semana para resolver isso.”

Não era isso que Jonathan queria ouvir.

“Carl, diga a Dave para ir a algum lugar onde ele possa descobrir tudo sobre um cara de Plymouth, chamado Adam. Tudo o que tenho é o número de celular. Mas isto é tudo o que ele precisa.”

“07853638994. Entendeu? E diga a ele que quero tudo em duas horas.”

“Olhe, isto não pode ser tão importante. Não é seguro e você sabe disso.” Respondeu Carl, aflito com as exigências do chefe.

Hoje não era um bom dia para dizer não para Jonathan, que nunca era paciente. Ele repetiu o que queria e desligou o telefone.

Não era uma boa ideia. Carl sabia disso, mas não tinha muita escolha. Ele passou as instruções para Dave e também falou sobre o humor do chefe. Um trabalho que ele não gostava, mas que precisa ser feito com cuidado e corretamente. Ele precisava dar um tempo deste serviço.

“OK, existe uma rede de internet no King’s Arms que eu posso usar.”

Ele entrou no carro, deu a volta no quarteirão e parou do lado de fora de um pequeno hotel. Era muito melhor que ir até o Cyber Café de West End, que era tudo o que estaria aberto àquela hora da noite, e ele poderia trabalhar dentro do carro. Ele passou cerca de uma hora criando um novo endereço de e-mail para enviar os dados solicitados e começar a fuçar a vida de Adam. Sua pesquisa logo deu resultado. Ele descobriu que Adam Young – este era seu sobrenome – trabalhava na Universidade de Plymouth e tinha um website dedicado às pesquisas que fazia. No site, havia uma página de contato que ele clicou, esperando poder encontrar o seu endereço.

Uma hora depois ele já tinha tudo o que precisava e desligou o laptop. Mas ele não tinha percebido o erro da página de contato. Se nenhum dado fosse inserido, a página fecharia, mas em vez disto, ela enviou uma pesquisa para o e-

mail de Adam. A pesquisa não continha nenhuma informação, apenas o endereço IP do computador que a tinha enviado.

De volta ao escritório, Dave ligou para Jonathan.

“Chefe, foi isto que consegui: seu sobrenome é Young e ele trabalha na Universidade de Plymouth fazendo pesquisas e aparentemente é PHD. Ele fez mestrado em Bath há alguns anos e antes disto, esteve na marinha por um tempo. Eu posso tentar descobrir por quanto tempo, mas...”

“Isso não é importante, você tem o endereço dele?”

“Sim eu tenho e já te mando. Tenho também uma informação bem interessante. Aparentemente os pais dele morreram na explosão de uma bomba no metrô de Londres.”

“Interessante. O que mais?”

“Mais nada. Eu tenho o IP e posso entrar no computador dele. Ele gosta de rúgbi e costumava ser um bom jogador. Ele ainda treina crianças do time local.”

“Espera! Treina o time de crianças, você disse?”

“Isso.”

“Mande-me toda a informação agora.”

Munido desta informação, Jonathan começou a trabalhar. Ele tinha inventado histórias muitas vezes em seu trabalho para a Internacional e era muito bom nisso. Recentemente, ele tinha implicado os pais de uma garotinha desaparecida em seu assassinato, deixando provas suficientes para que a polícia os acusasse. Ele também tinha plantado provas no computador de uma atriz, envolvendo-a em uma orgia, falsificando fotografias para que ela aparecesse.

Se tudo corresse bem, Young seria considerado culpado e mandado para a prisão, e se por algum motivo ele não fosse preso, não tinha problema, pois o frenesi causado pela imprensa iria arruiná-lo de qualquer maneira. O fato de ele ser filho de vítimas do atentado no metrô iria atrair atenção maciça, um belo bônus.

Na manhã seguinte, Jonathan começou a juntar dados para usar contra Young. Ele criou um arquivo que guardou em um servidor seguro e então ligou para Dave para passar as instruções. Dave ainda estava trabalhando com os sistemas de segurança quando o telefone tocou.

“Ok, eu dei o nome Young para o arquivo. Não tem como errar, mas você vai ter que renomear. Vou deixar ai com você. Você tem o IP, né?”

“Sim, mas,”

“Cala a boca e escuta.”

“Ok chefe.”

“Apenas coloque o arquivo no computador dele, e faça isso agora.”

“Olha chefe, eu não posso fazer isso em uma rede insegura, não até que eu tenha resolvido tudo aqui. Suas instruções er...”

“Cala essa boca Dave. Volte ao lugar em que esteve ontem e faça isso! E não diga nada a ninguém, está me ouvindo?”

“Ok. Como quiser.”

Dave entrou no carro, dirigiu até o hotel novamente para usar a internet. Na noite anterior havia um monte de lugares para estacionar. Agora, no meio a manhã, não tinha mais nenhum lugar disponível.

Ele precisava ficar a 50 metros do hotel para conseguir usar a internet, então não teve escolha a não ser estacionar em lugar proibido. Ele estava quebrando outra das normalmente inflexíveis regras: não fazer nada que chamasse atenção enquanto trabalhava.

Dave tinha uma boa visão de todos os lados, então teria tempo suficiente para sair caso algum guarda de trânsito aparecesse. Ele até considerou ir ao café que ficava perto do hotel, mas a esta hora do dia, estaria cheio de gente. Além disso, estava chovendo bastante e ele não queria que ele ou seu laptop ficassem molhados.

Assim que ligou seu laptop, checkou o sinal, que mostrava três barras. Seria suficiente. Na noite anterior, ele tinha conseguido acesso à rede local de Adam Young e notou que tinha um computador ativo. Ele esperava que a situação de hoje fosse a mesma. Cinco minutos depois, ele estava olhando os arquivos de Young, que obviamente não era muito atento à segurança. Tudo o que Dave teve que fazer foi passar por um sistema de proteção simples.

Ele ficou chocado com o tamanho do arquivo, tinha bem mais de cinco gigabytes. Demoraria dez, talvez vinte minutos para transferir, levando em conta a velocidade da internet local, e seria preciso transferir pelo computador do hotel. Uma vez iniciado, ele poderia fechar seu laptop se necessário, desde que ninguém fechasse o arquivo de Young antes da transferência estar completa. Dave precisava renomear o arquivo e percebeu que Young tinha escrito bastante sobre algas marinhas, então, escolheu Alface do Mar como nome, pois notou que Adam estava trabalhando nisso.

Ele iniciou a transferência no exato momento em que uma guarda de trânsito apareceu na esquina, vindo em sua direção. Dave fechou o laptop imediatamente depois de checkar se a transferência tinha começado, ligou o carro e estava saindo quando a guarda se aproximou. Ele passou por ela que lhe deu um daqueles olhares que diziam: seu sortudo de uma figa, mais um pouco e eu teria te pego. Aliviado, Dave voltou para o escritório para terminar o cabeamento.

Alguns minutos após chegar ao escritório, Jonathan recebeu uma mensagem dizendo:

Feito.

Agora Jonathan sabia que as provas estavam plantadas no computador de Young. O próximo passo era entregar a informação.

Capítulo Dez

Isobel ficou na cama o dia seguinte inteiro. Era um daqueles dias de inverno sombrios e úmidos e ela estava tão deprimida e infeliz quando parecia ser possível. Ela achava que nunca mais veria Adam de novo, o homem por quem estava realmente apaixonada. Ela tinha se apaixonado por ele na primeira vez que tinham feito amor. Mas agora percebia que tudo estava acabado.

Pela primeira vez em mais de um ano, ela tinha sido verdadeiramente feliz; e essa felicidade tinha ignorado os detalhes práticos que o futuro poderia conter.

Isobel conheceu Jonathan há quase três anos, quando trabalhava como recepcionista no Hotel Nacional de Cuba. Ela trabalhou lá por um ano depois que recebeu seu diploma em gerenciamento hoteleiro. Seu sonho era um dia poder ir para Londres, Paris ou Nova Iorque e se tornar gerente de um hotel de luxo. Ela tinha se encantado com Jonathan, apesar de ele ser bem mais velho que ela. Ele era tão charmoso e tão diferente dos homens que conhecia que ficou imediatamente atraída por ele.

Jonathan tinha ficado no hotel apenas alguns dias antes de viajar para algum outro lugar do Caribe. Ele convidou Isobel para jantar na noite anterior a sua partida e ela aceitou. Mas em vez de voltar para a Inglaterra, ele voltou para Cuba e para o Hotel Nacional uma semana depois.

Naquela segunda viagem a Havana, ele disse a ela durante o check-in que não tinha planejado voltar para Cuba, mas que tinha pensando nela o tempo todo desde que havia partido. Então decidiu voltar para vê-la mais uma vez.

Será que ela gostaria de sair com ele naquela noite e mostrar um pouco da vida noturna de Cuba?

Isobel estava maravilhada que alguém tão rico quanto ele pudesse voar para Cuba apenas para vê-la e aceitou a proposta. Jonathan ficou por mais uma semana e na última noite, Isobel dormiu com ele.

Antes de voltar para o Reino Unido, ele prometeu que manteria contato e voltaria em breve. Uma promessa que cumpriu, ligando para ela a cada dois ou três dias. Depois de um mês, ele voltou.

Na volta, Jonathan falou para Isobel que não conseguia tirá-la da cabeça e que pretendia ficar em Cuba por três semanas.

Seria possível que ela pudesse tirar uma folga para que eles pudessem explorar a Ilha juntos?

Nas três semanas seguintes, eles exploraram Cuba. Ela mostrou sua cidade natal e as praias paradisíacas que a cercavam, ele aprendeu a mergulhar na reserva marinha. Jonathan podia não ser como os rapazes atléticos pelos quais normalmente se interessava, mas havia algo de seguro e sólido nele, ele exalava confiança e ela adorava isso.

Na penúltima noite, sentados em uma cabana e vendo o sol se por, ele a pediu em casamento. Ela aceitou. Eles fizeram planos no dia seguinte e decidiram que deveriam se casar em sua cidade em dois meses. Depois do casamento ela iria para Londres com ele e talvez conseguir um trabalho em um hotel chique. Ele disse que ela não precisava se preocupar com isso por enquanto, pois tinha dinheiro suficiente. Mas se ela realmente quisesse trabalhar, ele poderia falar com alguns de seus contatos e facilmente encontrar alguma coisa para ela.

Eles se casaram em Cuba como planejado, e passaram a lua de mel de duas semanas em um iate particular navegando pelo Mar do Caribe. A vida dela tinha mudado muito nos últimos três meses. De recepcionista no melhor hotel de Cuba, para descansar em um iate particular com todas as mordomias. Ela poderia se acostumar facilmente com esta vida. Ainda assim, seus objetivos não haviam mudado. Depois de um mês em Londres, encontraria um bom trabalho, ela sabia que teria ótimas referências do Hotel Nacional que tinha renome internacional e contar com a ajuda dos contatos de Jonathan seria ótimo.

Estas duas semanas passaram rápido, e eles logo estavam embarcando para Londres. Isobel nunca tinha ficado tão animada. Como muitos cubanos, ela nunca tinha saído da Ilha antes, com exceção do cruzeiro da lua de mel. Parecia um conto de fadas: todos os seus sonhos se tornando realidade. Era começo de abril quando chegaram, e apesar de estar bastante animada, ela ainda estava um pouco apreensiva sobre a vida em Londres.

Apesar de ter morado em Havana por muitos anos, uma cidade grande, ela achava que seria difícil viver em uma cidade enorme, cercada de prédios e sem os parques e praias que estava acostumada. Mas assim que chegou, descobriu que o apartamento tinha vista para o Hyde Park, com aquelas lindas árvores floridas em rosa. Descobriu também que teatros e museus pareciam estar por toda parte. Ela se sentiu mais em casa do que jamais pensou ser possível.

O primeiro mês em Londres tinha passado rapidamente. Eles jantavam fora todas as noites depois de irem ao teatro ou a alguma estreia no cinema. Jonathan estava sempre ao seu lado, indo para o escritório por apenas algumas horas por

dia. Isobel ainda não tinha certeza do que ele fazia, sabia que tinha a ver com um jornal e certamente pagava bem.

Já estava quente em meados de março e Jonathan sugeriu que fossem para Devon por um tempo. Ele tinha família lá, sua mãe idosa e duas filhas do primeiro casamento, ambas com idade parecida a de Isobel. Ele contou que a casa ficava a poucos quilômetros de Plymouth e com o verão chegando, ela poderia passar algum tempo com suas filhas. Ele assegurou que elas iriam se dar bem, enquanto isso, ele iria trabalhar.

Eles poderiam explorar a costa de Devon que era espetacular no verão. Devon era o destino preferido para férias na Inglaterra. Isobel ainda queria arrumar um emprego em Londres e já amava tudo o que tinha visto até agora na cidade.

Na verdade, isto fazia parte do treinamento dela. Você tem que conhecer bem o país em que vive para ter sucesso no ramo hoteleiro.

Uma semana depois, eles se mudaram para a casa de Jonathan em Newton Ferrers, uma cidade costeira muito bonita, com vista para o Estuário de Yealm, a dois quilômetros de Plymouth.

A casa ficava no final de uma estrada, tinha quatro quartos, cozinha, sala de jantar, sala de estar e dois andares. Os quartos estavam voltados para o lado oeste e tinham vista para um grande jardim e um pequeno píer com um pequeno veleiro.

Para maio na Inglaterra, o tempo estava excelente, com longos dias ensolarados e quase nenhuma nuvem no céu azul. Isto fez com que Isobel se sentisse mais em casa do que jamais pensou ser possível. Assim como Jonathan havia previsto, ela tinha se dado muito bem com as filhas; uma era um ano mais velha que ela e a outra dois anos mais jovem. Elas passaram muito tempo juntas naquele verão, tanto que ela realmente não percebeu quanto tempo Jonathan estava passando em Londres. Pelo menos por um tempo.

Começou com ele passando dois ou três dias longe, depois a semana toda, voltando apenas nos finais de semana. Ele explicou que tinha passado muito tempo com ela nos meses anteriores e precisava recuperar o atraso no trabalho, e assim que conseguisse, seriam apenas alguns dias aqui e ali. Se quisesse, ele poderia encontrar um trabalho para ela no outono e então ela poderia voltar para Londres.

O verão tinha passado muito rápido, as semanas voam quando você está se divertindo. As vistas de Jonathan a Devon estavam ficando cada vez menos frequentes, algumas vezes passando duas ou três semanas fora.

O tempo estava mudando no final de setembro. O ar estava frio, principalmente de manhã e Isobel ainda não tinha experiência com o inverno

inglês. Ela tinha ouvido a filha de Jonathan falar que poderia ficar bem triste lá, principalmente se nevasse, quando as estradas ao redor congelavam, tornando quase impossível sair. Então, quando Jonathan apareceu depois de outras três semanas em Londres, Isobel falou que queria voltar e encontrar trabalho.

Jonathan ficou muito bravo, gritou com ela sobre o quanto ela estava sendo bem tratada. Ele tinha dado para ela tudo o que ela poderia querer. Ele a tinha tirado de um trabalho chato e sem perspectivas, e de uma existência triste em Cuba.

Sim, era verdade, ele tinha dado muito, mas a vida dela em Cuba estava longe de ser chata. Tinha sido muito boa, cercada da família e de amigos. Aqui, ela se sentia isolada e estava começando a sentir solidão. A discussão continuou pelo final de semana até que Jonathan voltou sozinho para Londres, deixando Isobel sem nenhuma resposta.

Agora as semanas pareciam se arrastar. Como a filha de Jonathan tinha previsto, lá era diferente no inverno. Assim que dezembro chegou, ela se sentiu como se estivesse confinada em casa, sem as caminhadas pela praia, estava frio demais para isso e ela se sentia muito infeliz.

No natal daquele ano, a situação tinha melhorado um pouco. Jonathan a levou para Londres: festa atrás de festa com os amigos. Isobel descobriu que poderia suportar o inverno em Londres e até achar alguma graça na neve. Mas quando o ano novo chegou, ela foi mandada de volta para Newton Ferrers. Toda conversa sobre ficar em Londres era recebida com um não. E sobre conseguir um trabalho, foi dito que não ficaria bem para um homem na posição dele ter uma esposa em um trabalho qualquer.

As semanas e os meses se arrastavam. As visitas de Jonathan ficaram menos frequentes nos meses seguintes. Ele apareceu no aniversário de casamento e ficou com ela quase uma semana antes de voltar para Londres de novo. Ela já quase não perguntava para Jonathan sobre voltar a morar em Londres e arrumar um emprego, pois cada vez que o fazia acabava em discussão.

Em maio, Isobel conseguiu a permissão de Jonathan para ir à Cuba visitar a família. Parecia que ela iria precisar pedir permissão a ele por tudo o que quisesse fazer. Sua mãe logo percebeu que ela não estava feliz na Inglaterra, embora não conseguisse fazer com que Isobel contasse a razão. Ela perguntou à filha se ela não gostaria que elas voltassem juntas para a Inglaterra. Isobel aceitou prontamente, para desgosto de Jonathan, que foi buscá-las em Heathrow alguns dias depois.

Depois de passar alguns dias em Londres, Isobel e a mãe foram para Newton Ferrers. Com o verão chegando, ela estava ansiosa para passar a estação com sua mãe, que sabia que ficaria o tempo que ela quisesse. Agora, as visitas de

Jonathan ficaram ainda menos frequentes. Em setembro ele tinha ido apenas três vezes. No final do mês ela conheceu Adam.

Durante sua última estadia em Cuba, Isobel tinha pensado bastante sobre o futuro. Sua vida com Jonathan não era o que tinha previsto. Ela também sabia que não iria conseguir viver assim por mais tempo. Isobel queria deixá-lo e planejava conversar com Adam sobre isso assim que chegasse em casa, mas agora era uma prisioneira no apartamento de Londres.

Ela passou o dia todo pensando no que fazer. Apenas se aventurava a ir para a cozinha fazer café quando ouvia que Jonathan tinha saído. Ele tinha seu passaporte, sua bolsa com os cartões de crédito e a porta estava sem chave. Ela estava impedida de sair, mesmo que tivesse para onde ir.

Isobel achava que Adam a amava. Ele a estaria esperando hoje, mas como poderia ir até Plymouth sem dinheiro? O que ele iria pensar quando ela não chegasse? Ela não tinha como ligar, pois o seu número e todos os outros contatos estavam em seu celular, que agora estava Jonathan. Também não havia telefone fixo no apartamento, apenas uma rede sem fio que o marido usava para o laptop.

Uma batida de porta a fez parar. O som de passos no assoalho de madeira foi ficando mais alto e parou diante da porta de seu quarto. A maçaneta começou a girar e ela sentiu o medo subir por seu corpo.

Jonathan estava mais bem humorado, pois tinha decidido como acabar com a vida de Adam Young por ter dormido com sua esposa. Agora ele iria mostrar a ela quem mandava. Jonathan entrou no quarto, olhou para Isobel e sorriu, ela estava sentada na cama e vestia apenas uma camiseta larga. Assim que caminhava em direção a ela, começou a tirar a jaqueta e a desabotoar a camisa.

Percebendo o que ele desejava, Isobel tentou dizer que não queria, que não estava se sentindo bem; mas antes que as palavras saíssem de sua boca, ele disse:

“Você vai fazer o que eu disser, quando eu disser e fazer exatamente o que eu quiser, entendeu? Agora tire isso e venha aqui.”

Ela entendeu muito bem o que ele queria e não estava a fim de atender de boa vontade. Ela tentou pular para o outro lado da cama, mas ele rapidamente pegou seu tornozelo e a puxou. Ele era grande, não em forma e musculoso como Adam, apenas alto e gordo, mas muito mais forte que ela.

Com pouca dificuldade, ele a puxou para a ponta da cama, de barriga para baixo, enquanto ela gritava e chutava. Deitado sobre ela, com uma mão ele desabotoou a calça. Com os joelhos, ele afastou as pernas de Isobel que tentava resistir.

Com todo o peso dele sobre ela, Isobel sabia que não podia pará-lo, mas continuou a lutar o mais que podia enquanto ele a penetrava.

Percebendo que era inútil continuar a lutar, Isobel tentou imaginar coisas melhores, para esquivar-se do ato violento que estava acontecendo com ela. Ela se lembrou da última vez em que fez amor com Adam. Ele tinha começando beijando-a na boca e depois desceu pelo seu corpo, cobrindo cada centímetro de pele com beijos. Parando para lambar as partes mais sensíveis.

A seus pés, ele chupou cada um de seus dedos enquanto ela olhava, suas costas arqueando de prazer. Então, ele gentilmente a pegou pelos quadris e a virou, deslizando seus dedos para dentro dela, logo ela teve seu segundo orgasmo. Ele levantou seus quadris e deslizou para dentro dela, provocando gemidos de prazer.

Mas não era Adam fazendo amor com ela. Era seu marido a violentando, fazendo com que ela experimentasse não apenas dor, mas também fazendo com que ela se sentisse suja e envergonhada. Felizmente, não durou muito, e depois de um minuto ou dois, ele terminou e saiu do quarto, deixando Isobel em prantos.

Capítulo Onze

Enquanto Isobel estava sendo estuprada e espancada pelo marido, Adam parava em frente ao espelho do armário, nu, avaliando as cicatrizes da cirurgia. Era seu primeiro banho decente desde a operação e durou quase meia hora e foi tão quente quanto possível.

Nada mal, e quase toda aquela maldita supercola saiu.

Meu abdômen não está tão mal, quase tão bom quanto antes da cirurgia. Isobel vai gostar.

Feliz com este fato e mais feliz ainda sobre a iminente visita de Isobel naquela noite, ele vestiu o robe.

Ele a tinha provocado na semana anterior, contando que tinha aberto a porta nu, pensando que era ela, mas na verdade era uma senhora. Claro, que Isobel não acreditou, mas disse a ele que da próxima vez que ele tivesse certeza que era ela, deveria atender a porta sem roupa, pois ela iria adorar.

Talvez eu deva fazer isso hoje, seria uma ótima maneira de dar boas vindas.

Ok, hora de comer, o que será que tem a geladeira? Estou faminto.

Ele desceu as escadas para ir até a cozinha e a campainha tocou na mesma hora.

Não pode ser Isobel, ela teria me avisado mais cedo.

Adam hesitou um pouco, pensando se deveria colocar a roupa, mas antes que pudesse tomar uma decisão, a campainha tocou de novo, depois várias batidas na porta e um grito:

“Polícia! Abra a porta. Você tem um minuto antes que agente derrube.”

Ele abriu a porta e viu cinco policiais que imediatamente o empurraram e um deles esfregou uma papel na cara dele, dizendo:

“Isso é um mandato de busca para a sua casa, Sr. Young. Você é Adam Young, não é?”

Adam concordou em silêncio, com um aceno de cabeça.

Ele estava surpreso, sem palavras.

Isto deve ser um engano, o que está acontecendo?

Assim que ele se acalmou um pouco, percebeu uma equipe de TV atrás dos policiais, com as câmeras apontadas para ele.

A merda da TV também está aqui! Porra!

Adam tentou fechar a porta, mas foi empurrado por dois policiais. Ele os empurrou de volta e então outros dois homens se juntaram e espirraram gás de pimenta no seu rosto. As câmeras filmaram toda a cena.

Adam foi empurrado para a sala com seus olhos ardendo, tossindo e sufocando com o gás. A dor da cirurgia aumentava. Um policial o algemou e o

colocou sentado em uma cadeira.

“Você está preso.”

“Fodam-se. Eu não fiz nada. Como você ousa vir até minha casa?”

Quando seus olhos começaram a clarear, a tosse diminuir e sua mente ficar mais lúcida, ele conseguiu dizer:

“Você se importaria em me dizer a razão de eu estar sendo preso e o que você pensa que está fazendo aqui?”

Foi dito que ele estava sendo preso por suspeita de pornografia infantil e que estavam prestes a fazer uma busca na casa para levar todos os computadores que encontrassem.

Adam teria rido, se não doesse tanto. Ele também duvidava que uma risada fosse cair bem com os policiais que já estavam destruindo sua casa em busca de uma coisa que ele sabia que não encontrariam.

Entretanto, as palavras “você está preso por suspeita de pornografia infantil” o deixaram apavorado.

Adam fechou os olhos para tentar clarear a paralisia mental que tomou conta de seu cérebro. Ficar calado era provavelmente a melhor opção, mas não sem antes dizer que eles estavam errados, que ele nunca tinha se envolvido em uma coisa como essa.

Outro pensamento veio um pouco mais tarde.

Estou feliz que Dan não esteja em casa, ele teria brigado e tudo ficaria mais confuso.

Por pouco mais de duas horas, Adam observou os policiais revirando sua casa. Ele não podia dizer exatamente que eles tinham destruído tudo, mas não estava muito longe disso. Seus livros e papéis estavam espalhados pelo chão da sala e ele duvidava que o restou da casa estivesse melhor que isso. A primeira coisa que fizeram foi retirar o computador e o laptop.

A atividade na casa começou a diminuir, e então dois policiais se aproximaram, cada um segurando um dos braços, levantando Adam da cadeira. Suas mãos e braços estavam dormentes e ele ainda sentia bastante dor, resultado da ação truculenta e do spray de pimenta.

“Você está preso, sob a acusação de resistência à prisão e suspeita de distribuição de pornografia infantil. Você será levado a Delegacia de Plymouth e questionado. Você entendeu?”

“Sim, eu entendi suas acusações ridículas. Você acha que eu deveria me vestir e ligar para alguém?”

Disseram que ele não poderia vestir-se. Ele estava algemado e poderia ligar para alguém da delegacia mais tarde, depois de ter prestado depoimento.

“Meu único depoimento é esse: eu não tenho a menor ideia do que você está falando, e sobre ter resistido à prisão, eu estava apenas tentando fechar a porta por causa da equipe de TV que você tem aí fora.”

Adam foi levado até a porta da frente e sentiu uma toalha ser jogada sobre a cabeça. Ele foi empurrado através da multidão e colocado na parte de trás de um carro de polícia.

Adam percebeu com imenso alívio que não parecia ser uma transmissão ao vivo, mas logo as imagens iriam ao ar e ele poderia garantir que outras equipes de TV estariam a caminho.

Seu maior medo era que Isobel visse, mas ela certamente não iria acreditar.

Merda.

Não fazia muito sentido tentar dizer alguma coisa durante o curto caminho até Plymouth. Assim que chegaram à delegacia, ele pode ver a van da BBC.

Sim, eu vou estar no noticiário da noite.

Ele foi tirado do carro e levado através de uma porta aberta da delegacia enquanto os repórteres faziam perguntas que o irritaram ainda mais. Assim que entrou, foi levado a uma sala de interrogatório, suas algemas foram removidas e a porta atrás dele fechada. O ataque de tosse causado pelo spray de pimenta não tinha feito bem a Adam, ele tentou contar aos policiais sobre sua recente cirurgia, mas eles não teriam feito nada.

Para ser sincero, os cirurgiões tinham feito um trabalho fantástico, os cortes estavam pouco visíveis, seu umbigo estava coberto de supercola e os buracos feitos estavam tão pequenos que poderiam ser qualquer coisa.

Adam olhou em volta. O espelho grande estava lá assim como é mostrado nos filmes, por trás do qual ele supunha que estava sendo vigiado, o que o deixou ainda mais furioso. As paredes eram de concreto aparente, e no centro ficava uma mesa com cadeiras dos dois lados, elas pareciam estar presas ao chão, o que evitava a tentação de arremessá-las contra o espelho.

Merda, tá frio aqui.

Ele tremia enquanto andava de um lado para outro, então pegou a toalha que tinha sido jogada na sua cabeça e colocou sobre os ombros, na tentativa de se aquecer um pouco. Apenas agora, sozinho, que ele começou a pensar no que tinha acontecido. Enquanto ainda estava em casa, Adam estava chocado demais para pensar com clareza, mas agora, depois de se recuperar um pouco, começou a repassar os eventos na sua cabeça.

Adam lutou para acalmar seus pensamentos, a polícia tinha mencionado pornografia infantil, ele sabia que nunca tinha se envolvido com isso e que eles não encontrariam nenhuma evidência. Mesmo assim, quando pensava no que tinha acabado de acontecer, o chão parecia que tinha desaparecido sob seus pés.

Alguém deve ter errado feio, mas eles pareciam confiar bastante na informação, que deve ter vindo de algum lugar.

Mas de onde, e mais importante, por quê?

Seu cérebro se recusava a funcionar, seus pensamentos o deixavam doente, ele estava mais abalado do que nunca esteve antes. Isto era impossível, ele já tinha estado em situações em que sua vida corria perigo, mas agora tudo parecia ser muito pior.

A situação era irreal e ele não tinha com responder àquelas questões. Tudo o que podia fazer era tentar ficar calmo e esperar que alguém falasse o que estava acontecendo. Adam sentou-se e pensou em Isobel, tentando esquecer tudo.

Ele não precisou esperar muito, cinco minutos depois, dois policiais entraram na sala, um se sentou em frente a ele e o outro ficou de pé atrás. Se ele não estivesse em uma delegacia inglesa, talvez isto o tivesse preocupado.

Não preocupou.

O policial que estava na frente de Adam abriu seu caderno de anotações e depois de alguns minutos lendo o que estava escrito, olhou para ele e disse:

“Parece que você e muitos de seus colegas da universidade em Londres gostam de olhar para fotos de crianças nuas. Isto é verdade?”

“Não, não gosto. E até onde sei, não tenho nenhum amigo em nenhuma universidade em Londres.”

“De onde você tirou esta informação?” Perguntou Adam.

A pergunta foi ignorada pelo policial. Muitas outras perguntas foram feitas: seu nome, onde trabalhava, o que fazia. Adam respondeu a todas.

“Você conhece o professor Braun?”

“Nunca ouvi falar.”

Nisto, o policial se levantou. Ele e o outro que estava em pé e em silêncio o tempo todo, saíram da sala. Adam pediu para dar um telefonema e foi ignorado mais uma vez.

Depois de alguns minutos, a porta se abriu novamente. Desta vez Adam não olhou, mas assim que o policial sentou-se a sua frente, Adam ficou surpreso em ver seu amigo Clive Gooding, do time de rúgbi. Ele conhecia Clive há muitos anos. Adam perguntou imediatamente o que estava acontecendo. Clive contou o que parecia estar acontecendo.

“Adam, nós recebemos uma denúncia de que você está envolvido com um conhecido pedófilo, o professor Braun, e que você tem fornecido imagens pornográficas para ele e outros em Londres.”

“E antes que você diga alguma coisa, eu acabei de ser avisado sobre isso. Se soubesse antes, teria tratado tudo de outra forma.”

Clive disse para Adam que com certeza alguma coisa não parecia estar certa; ele tinha trabalhado em muitos casos como aquele, não necessariamente em Plymouth, e eles confiavam bastante nas denúncias da população. Mas, uma denúncia anônima como aquela que tinha sido passada para a Polícia Metropolitana, não parecia colar, principalmente por que ele conhecia Adam muito bem.

“Não é o caso de erro de identidade, estou certo. É possível que você tenha irritado alguém capaz de fazer isso?”

“Olha cara, eu simplesmente não sei. Se você tivesse me perguntado isso ontem, eu teria dito que não; mas eu estou sentado aqui, não estou? O que mais posso dizer? Eu não tenho a menor ideia de quem possa ter sido.”

Eles conversaram um pouco mais, até que Clive disse que tinha que sair, mas logo estaria de volta com algumas roupas para ele vestir.

Antes de ele sair, Adam perguntou:

“Você acha que consegue algum analgésico?”

Clive perguntou o motivo, o que estava acontecendo. Adam contou sobre a operação e o spray de pimenta.

“Eu vou ver isso, mas primeiro, vou chamar um médico para você.”

“Não chame um médico, alguns analgésicos já são suficientes.”

Capítulo Doze

Dan Young, que tinha acabado de chegar, estava perplexo em encontrar não apenas uma, mas três equipes de TV acampadas na porta da sua casa. A primeira equipe, da BBC, ainda estava dentro da propriedade, enquanto as outras estavam do lado de fora dos portões, deixando um espaço apertado para que ele pudesse entrar com o carro.

Enquanto atravessava os portões, Dan se perguntava se eles tinham ido à casa errada. Não tinha nada acontecendo no clube que gerasse tanta atenção, e ele estava certo que também não tinha nada no trabalho de Adam que justificasse isso. Ele estacionou e desceu do carro. Assim que saiu, uma câmera foi colocada em seu rosto, e um repórter começou a fazer perguntas.

“Você sabia que seu irmão foi preso sob acusação de pornografia infantil? Você tem alguma coisa a dizer?”

Dan sabia que seu irmão nunca se envolveria com isso. Ele tinha visto uma mulher sair da casa algumas semanas atrás, e achava que era a namorada de Adam. Ela era absolutamente deslumbrante e com certeza não era criança. Dan começou a xingar o repórter, enquanto pegava a câmera, jogando-a na van.

Ele grunhiu: “Saíam da minha propriedade antes que eu acabe com vocês”

Eles sabiam quem ele era. Urso era um apelido bem apropriado. A equipe entrou na van o mais rápido que pode. A van bateu no carro com a antena e ficou presa no portão, para a diversão das outras equipes de TV que estavam transmitindo ao vivo a confusão com a equipe da BBC.

Chegando em casa, Dan rasgou a fita branca e azul que estava na porta, entrou e pegou o telefone para ligar para a delegacia de Plymouth, que era onde achava que tinham levado seu irmão.

Adam estava ficando com frio e muito bravo. Felizmente, Clive chegou com um copo de água e alguns analgésicos antes que ele perdesse a cabeça. Ele também trazia cuecas, uma camiseta e um macacão azul que Adam vestiu rapidamente. Assim que se sentou, Clive contou para Adam que seu irmão tinha acabado de ligar e apesar de ter sido informado que não tinha motivo para vir até a delegacia naquela noite, ele aparentemente estava a caminho.

Clive estava ciente da reputação de Dan, por isso, assegurou que assim que ele chegasse, os policiais da recepção iriam informá-lo que ele poderia ver o

irmão logo. Ele também disse a Adam que ele não deveria deixar ninguém vê-lo, com a exceção do advogado, que Adam ainda não tinha solicitado, mas que deixaria Dan ver o irmão para que se acalmasse um pouco.

Ele também perguntou se Adam queria ligar para o advogado, caso tivesse um. Adam disse que não e que gostaria de falar com o irmão primeiro.

Enquanto esperavam Dan, Clive falou para Adam que ele ficaria e plantão pelo menos naquela noite, e que seus colegas não tinham outra alternativa a não ser ir até a universidade para confiscar seu computador. Os peritos em informática iriam fazer uma busca para tentar achar qualquer coisa que confirmasse a denúncia.

“Tem alguma coisa nele?”

Embora sua raiva tivesse diminuído um pouco, não era o suficiente para evitar a resposta irritada:

“Mas é claro que tem coisas lá, pra que diabos serve um computador? E se você quer saber se tem pornografia lá, não, não tem.”

Adam tentou se acalmar. Clive era um amigo e parecia estar querendo ajudar, mas naquele momento ele queria desesperadamente bater em alguém. Dan podia ser o cara com a reputação, mas ela vinha do campo de rúgbi, onde era conhecido como A Besta. Era Adam o mais agressivo dos dois, e no momento, ele estava usando toda sua força de vontade para não perder o controle.

A porta se abriu repentinamente e um policial apareceu com uma cara preocupada, pedindo para Clive sair. Dan tinha chegado. Ele andava de um lado para o outro na sala de espera, parecendo um urso com a cabeça ferida. O policial da recepção telefonava freneticamente para chamar mais policiais, ele achava que Dan estava a ponto de procurar Adam sozinho.

A recepção ficava a poucos metros de onde estavam. Clive conseguia ouvir a conversa acalorada entre o sargento e os policiais reunidos no corredor, e estava ciente que precisava tomar uma decisão firme rapidamente. Ele não conhecia Dan muito bem, tinha encontrado com ele algumas vezes, mas conhecia sua reputação em campo. Clive duvidava se os seis policiais seriam capazes de parar Dan sem ter que atirar nele, e isto era uma coisa que não queria fazer. Primeiro porque gostava dele e depois, porque Dan era jogador da seleção inglesa, e a festa da imprensa que se seguiria seria um inferno.

Ele passou pelos policiais, levando o sargento para a recepção, onde viu um homem andando de um lado para o outro parecendo que iria explodir a cada momento.

Clive se aproximou de Dan com a mão estendida, esperando que ele o reconhecesse e apertasse sua mão, sussurrando uma oração de agradecimento quando ele o fez. Eles se sentaram e Clive começou a contar tudo o que sabia.

A princípio Dan gritou de raiva, mas foi se acalmando quando Clive disse que pessoalmente não acreditava nas acusações, cujos elementos não soavam verdadeiros. Ele contou a Dan o que iria acontecer a seguir.

“Como acusações foram feitas, nós não temos escolha a não ser investigar. Eu não acho que vamos encontrar alguma coisa e espero que possamos liberar Adam amanhã.”

Enquanto levava Dan para a sala de interrogatório, Clive contou para Dan sobre suas suspeitas.

“Tem muita coisa errada aqui, alguma coisa me cheira mal. Para começar, a acusação anônima e mais que tudo, eu conheço Adam muito bem e já conheci muitas de suas namoradas. Isto não cola. Você acha que Adam possa ter irritado alguém o bastante para que tomassem uma medida tão extrema?”

Dan parou por um momento, decidindo se deveria contar para Clive sobre a mais recente conquista de Adam. Após refletir, ele se decidiu.

“Bom, talvez o marido da garota com quem Adam está dormindo.”

Clive olhou para Dan, que continuou:

“Algumas semanas atrás, assim que chegava em casa, vi uma loira deslumbrante entrando no carro estacionado na nossa garagem, eu sabia que ela tinha estado com Adam por um tempo, pois passei pelo mesmo carro três horas antes quando saía de casa.”

“Você disse que ela é casada. Como você sabe? E com quem?”

“No ano passado, teve uma destas festas no clube. Você sabe, estas com patrocinadores e tudo, e alguns de nós fomos convidados a ir. Bem, estávamos no bar e fomos apresentados a alguns caras gordos em ternos caros, que pareciam advogados, mas na verdade trabalhavam para a Internacional, um dos patrocinadores do clube. O cara era arrogante e depois de alguns minutos, essa garota apareceu, deu um beijo no rosto dele e o segurou pelo braço.”

“Se você tivesse visto essa garota, nunca iria se esquecer, nunca. O vestido que ela estava usando, para começar, tinha um enorme decote nas costas, revelando um pouco da bunda. O vestido não cobria muito.”

“Como você sabe que ela é casada?”

“Ah, assim que eles saíram, Rob virou pra mim e falou ‘Eu imagino o quanto ela deve custar por uma noite.’ O homem ouviu. Mas aí Nigel falou que eles eram casados e tinham uma casa em Newton Ferrers, que ele era local e por isto patrocinava o clube.”

Dan completou: “Se eu fosse esse cara, eu não deixaria minha esposa perto do meu irmão, e se tiver alguém que queira foder com Adam, ele seria meu primeiro e talvez único candidato. Pela maneira com que Adam tem se comportado nas últimas semanas, sei que ele está apaixonado. Eu imagino que

ela tenha dito ao marido que iria deixá-lo por Adam, o que é mais que suficiente para muitos caras procurarem vingança.”.

Clive riu e disse: “Engraçado, e é você que leva a fama.”.

“Se você soubesse...” Disse Dan. “Quando éramos pequenos, ele se lamentava o tempo todo ao papai, dizendo que só porque era o irmão mais velho, levava toda a culpa, mas na verdade, era ele que causava a maior parte dos problemas.”

“Eu conheci seu pai, sabia? Eu o preendi uma vez e pude conhecê-lo bem. Foi uma pena o que aconteceu com ele e sua mãe.”

“Foi sim, o que ele fez?”

“É uma história para outro dia, e é bem divertida.”

Eles chegaram à sala de entrevistas e Clive falou:

“Você tem 5 minutos, e, por favor, colabora quanto eu te falar que seu tempo acabou? Não tem um policial aqui que não esteja com medo de você.”

Pela primeira vez desde que chegara, Dan riu, dizendo:

“Você não tem que se preocupar comigo, eu não faria mal a uma mosca. Adam é o cara com temperamento forte, com quem você realmente deve se preocupar.”

Assim que Dan entrou na sala, Adam correu para abraçá-lo. Dan olhou para o irmão e perguntou: “O que você aprontou desta vez?”.

Os olhos de Adam ficaram marejados e então Dan disse:

“Ok, ok. Seu amigo policial me contou tudo, e disse que se não acharem nenhuma evidência, vão soltá-lo amanhã.”

Adam respondeu imediatamente: “Não, eu tenho que sair esta noite. Tenho que fazer uma coisa.”

“Você quer dizer que quer ver aquela garota com quem está transando, está todo excitado por que não a vê a mais de uma semana.”

“Sim, e tem mais de duas semanas, e como diabos você sabe sobre ela?”

“Eu sei muito mais do que você pensa. Primeiro, ela é casada, e depois, ela é a garota mais bonita que já vi então não posso te culpar por isso. E você vem agindo como um bobo apaixonado.”

Momentaneamente silenciado, Adam continuou: “O nome dela é Isobel e sim, está acontecendo há um tempo. Você está certo, ela é casada. Com um porco.”.

“Isto não é desculpa, você sabe. Porco ou não, ela é casada, mas eu também não teria resistido.”

“Eu não acredito que isto esteja acontecendo. Quem iria falar para a polícia que eu gosto de pornografia infantil? É surreal.”

“Você já parou pra pensar sobre isso? Claro que o marido dela pode estar envolvido. Você pelo jeito, tirou a esposa troféu dele. Uma mulher que faria alguns homens matarem por ela. Você não acha que ele poderia ter feito algo? Se fosse eu, arrancaria sua bolas, mesmo sendo meu irmão.”

Adam, que obviamente não tinha pensado nisso, respondeu: “Você pode estar certo, mas e agora?”

“Onde está seu telefone?”

“Em casa, eu deixei lá quando me prenderam.”

“Eu imagino que o número dela está lá, né?”

“Está, ela iria me avisar quando estivesse a caminho hoje, por volta das nove, mas eu não sei se ela mandou mensagem. Talvez ela tenha visto algo na TV. Você viu?”

“Não vi na TV, mas vi várias equipes cercando nossa casa. Como funciona para vocês? Só mandando mensagens? Vocês devem ter algum tipo de sistema...”

“Na verdade não, o marido dela fica fora por semanas, em Londres, eu acho.”

Dan sabia que estava lá há mais de cinco minutos, então precisava se apressar.

“Quando chegar em casa, posso mandar uma mensagem pedindo para ela retornar urgente. Ela sabe quem sou eu?”

Adam tinha certeza que ela sabia e que ligaria de volta. Eles decidiram que por hora esta era a melhor opção, na verdade, a única.

Dan perguntou: “Ela sabe seu sobrenome, não sabe?” Adam olhou para o chão e respondeu: “Não, eu acho que não.”

“Ok, vou pensar em alguma coisa. Você sabe o sobrenome dela?” A porta se abriu e Clive apareceu:

“Ok, o tempo acabou.”

Dan olhou para o irmão que negou com a cabeça a última pergunta. Eles se levantaram e se abraçaram. Antes de sair, Dan disse:

“Você precisa contar pra Clive sobre ela. Te vejo amanhã.”

Clive acompanhou Dan até a saída, estendeu sua mão e disse:

“Te vejo amanhã então, mas não venha antes do final da tarde. Eu vou cuidar de Adam, não faça nada estúpido. Não quero os dois presos aqui!” Dan apertou sua mão, assentindo com o último comentário.

Levava apenas 20 minutos para chegar a Whembury naquela hora da noite e Dan dirigia absorto em seus pensamentos. Até então, eles só tinham tido a ideia sobre Isobel, mas na sua opinião, era a mais acertada. Se esse cara era algum figurão na imprensa, ele com certeza conseguiria fazer tudo isso. Perder a

mulher era uma boa motivação para procurar vingança, e ela era deslumbrante, um problema. Todos os caras no evento concordariam.

Chegando em casa, Dan passou pelas equipes de TV ainda acampadas lá e foi procurar o celular de Adam. Ele olhou as mensagens, mas não tinha nada de Isobel. Então ele pegou o seu celular e enviou um texto:

Isobel, você pode me ligar com urgência? Dan Urso Young.

Se Adam falou com Isobel sobre mim, com certeza falou do meu apelido. Ele sempre fazia isso. Ele tinha muito orgulho do irmão mais novo, e também era muito protetor, mas agora era a vez de Dan de cuidar do irmão. Ele iria esperar até a manhã seguinte para ver se tinha uma resposta, antes de pensar no próximo passo.

Capítulo Treze

Dan sempre tinha sido grande, e sempre tinha agido feito criança. Sempre querendo fazer as pessoas rirem. Alguns pensavam não que ele era engraçado, mas que não era particularmente inteligente, e eles estavam muito errados. Dan era muito inteligente, tanto quanto o irmão, ou talvez mais. Ele tinha causado preocupações em seu pai por anos quando era adolescente, tudo o que precisava fazer era sugerir alguma coisa boba para fazer e ele fazia, pelo simples prazer do divertimento.

Seu pai sempre o subestimava, o que era ótimo para Dan, que preferia manter seus talentos escondidos, surpreendendo a todos quando podia mostrá-los.

Não tinha nenhuma resposta de Isobel na manhã seguinte, então, decidindo dar algumas horas a ela, ele calçou os tênis e saiu para sua corrida matinal. A casa ficava localizada entre as formações rochosas de Wembury e Heybrook e era perfeita para seus exercícios. Ele começou pela trilha rochosa em frente à sua casa e depois desceu para a praia. Na sequência, uma longa subida até a colina do Hotel Langdon Court que dava mais de dois quilômetros e Dan fazia este trecho toda manhã, na chuva ou no sol, com ou sem ressaca.

Nas quentes manhãs de verão, ele alongava o caminho, parando para tomar café da manhã na praia, tomar sol e dar um mergulho. Mas não era o caso hoje. A manhã estava úmida, com o céu coberto de nuvens cinzas. Ele também estava com pressa de voltar para tomar um café rápido e ligar para Isobel, torcendo para que ela atendesse, pois era um número que não conhecia.

Infelizmente Isobel não atendeu. A ligação caiu direto na caixa postal sem nem tocar, indicando que o telefone estava desligado. Hoje Dan não iria para o treino, primeiro por que queria ir buscar Adam assim que ele fosse solto, depois, ele não queria ter que explicar o que tinha acontecido para seus colegas e treinadores; não até que Adam fosse solto e ficasse livre das acusações. Para evitar qualquer especulação, ele mandou uma mensagem para o treinador principal dizendo simplesmente que não estaria lá.

Feito isso, ele se voltou para o problema principal. Seria bom ter alguma informação sobre o marido de Isobel. Dan decidiu passar o resto da manhã

fazendo pesquisa. Ele fez uma xícara de café, pegou seu laptop e celular e começou.

Tudo o que ele sabia era como era a aparência dos dois, pois os tinha visto no evento alguns meses atrás, e que tinham uma casa em Newton Ferrers. Seria bom saber o sobrenome. Era tão típico de Adam não perguntar o sobrenome da garota com quem estava dormindo.

Enquanto isso, policiais da delegacia estavam no laboratório de Adam na universidade, armados com um mandado de segurança. Mostraram a eles a área onde ele guardava seu computador, livros e papéis. Era uma sala grande ao lado do laboratório, e era dividida com outros pesquisadores e técnicos. Os policiais retiraram o computador, colocando-o em uma caixa de plástico e começaram a vasculhar os materiais impressos.

Não encontraram nada de interesse, a maior parte era material técnico, discutindo produção de energia alternativa e seu uso. Eles encontraram um armário trancado que não parecia ter chave disponível. No entanto, não levou mais de um minuto para que a polícia o arrombasse e de novo, não encontrasse nada de interesse. Apenas centenas de amostras de algas marinhas secas e armazenadas em plásticos e equipamentos de laboratório. Satisfeitos que não tinha mais nada para encontrar, eles saíram dizendo que devolveriam o computador uma vez que os arquivos fossem vistoriados.

Assim que voltaram para a delegacia, agora com os computadores da casa e do trabalho de Adam, os técnicos começaram a trabalhar, removendo os discos rígidos. Eles os conectaram ao seu próprio sistema para começar a busca de informações. Entre os três computadores tinham cerca de 500 gigabytes de informação, 120.000 pastas e 500.000 arquivos.

Os técnicos usaram um software próprio para buscar por arquivos com diferentes formatos de imagem. O volume de arquivos depois foi ainda mais reduzido, com a eliminação de imagens padrão dos programas.

Até este ponto, a busca foi feita automaticamente pelo programa. O que restou após a pesquisa inicial foi aproximadamente 100 pastas contendo mais de 5000 arquivos. A partir daí, a busca seria bem mais lenta. Cada arquivo tinha que ser aberto individualmente, examinado, eliminado ou marcado como suspeito.

Por quase quatro horas, os técnicos examinaram os arquivos restantes até que restou apenas uma pasta, chamada Alface do Mar. Ela continha apenas dois arquivos sob o título “suspeito”. E eles notaram que esta pasta tinha sido criada há apenas dois dias. Os dois arquivos eram jpegs, um deles não abria, não importando o que fizessem, o arquivo tinha sido corrompido e não tinha como repará-lo. No segundo, uma imagem pornográfica de alta resolução.

Não se podia dizer que Adam teve sorte neste desastre todo, mas tinha um elemento a seu favor. E ele tinha que agradecer também a uma guarda de trânsito, que nunca saberia quem era. No dia em que Dave iniciou a transferência, muitos hóspedes e funcionários sobrecarregaram o sistema do hotel, que era bastante básico. Isto congelou e interrompeu a transferência do arquivo. Isto não seria tão ruim se Dave tivesse reiniciado o processo, mas ele foi interrompido com a chegada de uma guarda de trânsito.

Os técnicos telefonaram para os policiais que investigavam o caso e também para o inspetor Gooding. Assim que estes chegaram ao laboratório, o técnico chefe fez um resumo das descobertas. De mais de meio milhão de arquivos contidos no computador, apenas um poderia ser considerado pornográfico e tinha sido criado dois dias antes. Ele continha também outra imagem, mas ela era ilegível por seus sistemas.

Ele clicou na imagem, que era claramente pornográfica. Mostrava uma mulher de joelhos fazendo sexo oral em um homem. O rosto dela não aparecia, mas ela parecia ser bem desenvolvida. O homem parecia ser adolescente ou ter uns 20 anos.

Depois de estudar as imagens, o investigador chefe agradeceu aos técnicos e pediu para que enviassem uma cópia para ele e também que devolvessem os computadores ao dono.

De volta ao seu escritório, Clive Gooding iniciou as conversas.

“Pelo que vejo, aquela imagem não pode ser classificada como pornografia infantil. Se isso é tudo o que temos, não temos outra escolha a não ser liberar Young sem nenhuma acusação.

Outro investigador respondeu: “Eu concordo que nenhum deles parece ter menos de 16 anos, mas nós tivemos uma denúncia que deve ser corretamente investigada.”.

“Você já considerou que esta denúncia possa não ser tão confiável quanto pensa? Ela veio de um policial do Met com quem conversei, e ele afirma que a dica veio de outro policial que a obteve de um repórter de um jornal. Eu não gosto disso. Olhe para o que está acontecendo em Londres agora com o inquérito Robertson; repórteres estão inventando histórias a todo o momento.”

“Talvez valha a pena investigar a conexão aqui. Eu certamente não vejo razão para continuar investigando Adam Young, não com o que temos até o momento.”

“OK, eu entendo, mas por que Adam Young? O que alguém teria a ganhar o incriminando?”

“Eu estou trabalhando com uma teoria e vou discuti-la com você assim que falar com ele de novo.”

“Ok, acho justo. Vamos deixá-lo ir e vamos devolver os computadores. Mas vou deixar a investigação aberta até que tenhamos mais provas contra ele ou evidências de que falsas acusações foram feitas.”

Adam estava sozinho em uma cela desde a noite anterior. Ele tinha recebido uma coisa que parecia ser o café da manhã, e depois o almoço. Ele perguntava ao policial que entregava a comida o que estava acontecendo e a que horas eles o iriam libertar, mas suas perguntas não receberam respostas.

Finalmente a porta da cela se abriu de novo e um policial pediu para Adam acompanhá-lo. Adam foi levado de volta à sala de interrogatório.

“Nós fomos até o seu trabalho ontem e confiscamos seus computadores.”

Adam olhou para ele, que continuou:

“Então, o que você acha que descobrimos?”

“Nada!” Disse olhando o policial nos olhos, como que se o desafiando a dizer que tinha encontrado algo.

“Você gosta de pornografia Sr. Young? A maioria dos homens gosta.”

“Tanto quanto qualquer outro; se você quer saber se eu assisto pornografia regularmente, então a resposta é não. Eu tenho bastante companhia feminina, que é bem melhor. Talvez você não tenha tanta sorte.”

“Esta atitude não vai te ajudar. Então você nega que tenha imagens pornográficas em seu computador?”

“É claro que estou!”

“Neste caso você ficaria surpreso em descobrir que encontramos imagens pornográficas em seus arquivos.”

“Mentira!”

“De novo, esta atitude não vai te ajudar!”

“Vocês invadiram e vandalizaram minha casa, jogaram spray de pimenta em mim. Me arrastaram aqui no meio da noite e me trancaram na cela sem nenhuma informação. Como você espera que eu reaja?”

“Felizmente para você, a imagem que encontramos não pode ser enquadrada como pornografia infantil.”

“Eu sei. Não tem nenhuma pornografia no meu computador, não importa o que você diga.”

“Você não está exatamente cooperando, está Sr. Young? Você sempre age desta maneira?”

“Talvez eu aja desta maneira devido às circunstâncias, mas não é nada comparado com a maneira como vocês agem.” Disse Adam encarando o policial.

Nenhum dos dois disse nada por um minuto ou mais, olhavam-se firmemente nos olhos, em uma competição para ver quem declararia a derrota antes. O policial finalmente disse:

“Por agora, você está livre para ir, mas acredito que vamos falar sobre isso de novo.”

Ele se levantou e saiu. Clive entrou na sala.

Clive disse que seu irmão estava vindo, trazendo algumas roupas. Ele pediu a Adam para contar tudo sobre a nova namorada, explicando que poderia haver aí uma conexão. Adam concordou. Ele queria sair dali e falar com Isobel e explicar o que havia acontecido. Talvez ela tivesse respondido à mensagem de Dan.

Assim que começou a contar para Clive tudo o que sabia sobre Isobel, Adam percebeu que não sabia muita coisa sobre ela.

Chegando à Delegacia, Dan conseguiu encontrar rapidamente uma vaga para estacionar, assim que chegou à entrada, viu que tinha uma equipe de TV esperando do lado de fora. Havia também alguns repórteres. Dan passou por eles e antes de entrar, foi reconhecido.

“Você tem algum comentário sobre a prisão do seu irmão?” Ele ignorou a pergunta e seguiu seu caminho.

Clive disse a Adam que ele estava livre para ir, mas advertiu que tinha repórteres do lado de fora e que a melhor opção seria ignorá-los. Eles provavelmente o seguiriam até o carro e talvez até sua casa, e ele não podia fazer nada a respeito. Mas, se eles permanecessem na casa, Adam deveria telefonar e a polícia tentaria fazer alguma coisa.

Clive duvidava que a imprensa o seguisse por um período muito grande, eles não davam atenção às notícias por muito tempo, principalmente para aquelas que parecia estar morrendo.

Os irmãos fizeram exatamente como foi instruído, e saíram da delegacia diretamente para o carro de Dan, sem se importar com os pedidos da imprensa para comentários. Na noite anterior, Adam tinha virado notícia, estampando a primeira página do Herald naquela manhã, mas felizmente para ele, a atenção da mídia iria desaparecer quase que instantaneamente.

A imprensa tinha agora uma história bem maior para explorar.

Adam tinha que agradecer a alguns iranianos e uns pitaras somalis por esta misericórdia. Nas últimas 24 horas, dois navios tinham sido sequestrados no Oceano Índico, um petroleiro pelos piratas somalis e um navio da marinha britânica pela marinha iraniana. Isto era manchete no mundo todo. A mídia especulava sobre as ramificações da ação iraniana, deixando Adam apenas para a cobertura local.

Era um objetivo antigo do Governo iraniano, de ser tanto uma potência nuclear como uma potência dominante no Oriente Médio e África. Para alcançar este objetivo, eles tiveram que ser capazes de criar suas próprias armas nucleares. Por muitos anos, sanções foram impostas para desencorajar os

iranianos a continuar com seu programa nuclear. Isto incluía embargos financeiros, de importação e exportação, no entanto, eles continuaram a desenvolver seu programa clandestino.

Isto foi feito com o pretexto de desenvolver centrais nucleares. Os iranianos precisavam ser capazes de produzir suas próprias hastes de fissão nuclear e todos os equipamentos sofisticados para produzir urânio enriquecido 235. No começo de 2010, os cientistas iranianos produziram seus primeiros feixes de óxido de urânio e completaram a construção do seu primeiro reator de água leve. A partir daí, foi apenas um passo para que eles fossem capazes de produzir plutônio 239, um produto de cisão do urânio 235, necessário para armas nucleares de alto rendimento.

Os iranianos declararam recentemente que iriam fechar o Estreito de Ormuz se as sanções não fossem retiradas. Como boa parte do suprimento de petróleo bruto transita pelo Estreito de Ormuz, isto passou a ser uma grande preocupação internacional.

Durante a primeira década do século 21, os iranianos continuaram a testar as resoluções do Ocidente. Em 2004, oito militares britânicos que estavam em um exercício de treinamento com a marinha iraquiana foram capturados e presos. Eles foram amarrados, vendados e passaram por uma simulação de execução na TV iraniana antes de serem liberados.

Em 2007, quinze militares foram capturados enquanto procuravam por um navio mercante iraniano suspeito de contrabandear armas para os insurgentes no Iraque. Em 2009, outro navio foi capturado e a tripulação sequestrada. Desta vez, embora fossem militares britânicos, eles estavam em uma regata civil de iates registrada em Dubai. Depois destes eventos, o governo britânico não fez muita coisa, mas fez exigências para seus retornos.

Agora parecia que era hora de testar o novo governo conservador, com um incidente muito maior.

O HMS Enterprise estava conduzindo uma pesquisa sobre mudança climática no norte das Maldivas, no Oceano Índico e estava navegando em direção à Muscat, depois de uma breve parada em Karachi. O navio estava chegando perto de Muscat para encontrar com o HMS Ranger que o guiaria de volta através do Canal de Suez, quando recebeu um pedido de socorro de um petroleiro. Ele estava a aproximadamente 50 milhas náuticas de distância e tinha sido atacado por piratas.

Tinha se tornado comum nos anos anteriores que piratas somalis sequestrassem navios para pedir resgate. Apesar de estar fora da sua área de atuação, muitos sequestros aconteceram perto de Muscat, portanto, presumiu-se que os somalis eram os responsáveis pelo sequestro.

Os navios pertencentes à Força Tarefa 150, baseados no Bahrein, estavam muito longe para conseguir chegar ao navio a tempo. Então, apesar do Enterprise estar pouco armado, com apenas um canhão 20mm, quatro metralhadoras e duas pistolas, ordenaram ao capitão que interditasse o petroleiro.

Assim que o Enterprise se aproximou do petroleiro, o capitão ordenou que duas lanchas partissem. Elas se aproximaram rapidamente do petroleiro que agora parecia estar parado. Neste momento, cinco embarcações apareceram rapidamente, cercando o Enterprise em poucos minutos. Uma mensagem foi enviada dizendo que eles estavam em águas iranianas e deveriam se preparar para o embarque. O capitão respondeu que eles estavam atendendo a um chamado de socorro e que estavam a 10 milhas náuticas fora das águas iranianas.

A única resposta que recebeu foi uma repetição da mensagem anterior, que acrescentava que o Enterprise estava na mira de navios com mísseis baseados em Chabahar. Na semana anterior, os iranianos tinham realizado exercícios navais onde tinham testado vários mísseis.

O capitão estava ciente que isto era uma possibilidade. Ele contatou seus superiores no Reino Unido através de uma linha segura, e foi instruído a aceitar as exigências dos iranianos. Assim que invadiram o navio, prenderam o capitão e o acusaram de espionar as manobras de treinamento naval iranianas.

Nos dias que se seguiram, as demandas feitas pelo Governo do Iran triplicaram. Primeiramente todas as sanções deveriam ser anuladas. Depois, o Reino Unido deveria admitir a espionagem, e finalmente, o Oeste deveria reconhecer a soberania Iraniana no Estreito de Ormuz.

Capítulo Quatorze

O interior da construção mais parecia um laboratório de pesquisa médica do que a instalação para armazenamento em que estava registrada. Parte do prédio tinha sido convertida para uma unidade de controle ambiental e continha um laboratório equipado com seus próprios controles ambientais. Uma grande unidade de tratamento e esterilização de ar estava localizada na arte de trás. Embora todos ali tivessem sido inoculados contra o vírus, eles estavam tomando todas as precauções possíveis. O resto do armazém estava vazio, com a exceção de várias pilhas de embalagens e muitos veículos. O armazém tinha sido construído a cerca de um ano e estava em funcionamento desde então.

A aquisição do vírus que estavam testando tinha sido relativamente simples. Embora o consenso geral fosse de que o vírus tinha sido erradicado, muitos países ainda o mantinham para fins experimentais. Na verdade, ele foi a primeira arma biológica a ser usada.

Durantes as guerras na França e Índia em 1754, ele tinha sido utilizado pelos britânicos e depois na Revolução Americana, ele foi utilizado pra infectar lençóis que depois foram distribuídos aos índios. Durante a II Guerra iniciaram-se pesquisas sérias sobre seu uso e no início dos anos 1990, estoques do vírus foram mantidos pela União Soviética.

Com a dissolução da União Soviética e o desemprego de centenas de cientistas empregados nestes programas, tornou-se fácil para qualquer um com recursos, a obtenção deste vírus. Ele foi comprado por muitos governos do Oriente Médio e foi uma das razões para a invasão do Iraque.

O vírus era enviado em malotes diplomáticos para a embaixada iraniana na Áustria e de lá, era enviado para o armazém em uma rota complicada, via trem, balsa e carro. Assim que chegava, o vírus era cultivado.

O vírus Varíola cultivado era diluído em água de alta pureza e depois colocado em um recipiente selado e pressurizado com um propulsor de dióxido de carbono. Existem muitas opções disponíveis de propelente; alguns matam o vírus instantaneamente, enquanto com outros, o vírus teve uma vida que variava de horas a dias. O dióxido de carbono foi o escolhido, pois mantém o vírus vivo por mais tempo que os outros, mas tem a menor distância de dispersão. Ele foi considerado como a melhor opção.

Os cientistas do armazém estavam assistindo um vídeo que mostrava o que parecia ser uma enfermaria de hospital, com dez camas. Um homem inconsciente estava deitado em um dos leitos, nu e conectado a equipamentos de monitoramento. Um homem vestido de branco e usando um capacete, segurava uma lata de spray. Ele pulverizou o homem deitado por cerca de dois segundos.

A cena seguinte mostrava o corpo do homem de perto, onde era possível ver erupções em seu rosto, braços e na virilha. Outra cena mostrava o mesmo homem andando, vestindo uma camisola de hospital. Embora ele tivesse obviamente contraído a doença, ele ainda se movia e os únicos sinais aparentes da enfermidade eram as erupções e uma tosse desagradável. O cientista chefe parou o vídeo e disse:

“Esta última cena foi feita 60 horas após a exposição inicial, neste momento, um segundo grupo foi exposto.”

O vídeo foi reiniciado. Agora ele mostrava o homem de volta na cama, amarrado, com tubos intravenosos em seu braço e novamente conectado aos aparelhos. Pela porta dupla, homens vestidos de branco empurravam outras nove camas, cada uma delas com homens amarrados e com tubos nos braços. Cada um dos leitos foi colocado dentro de um compartimento blindado. O cientista voltou a explicar:

“A circulação de ar foi desligada por 15 minutos, depois deste período, ligada de novo. Depois, cada um dos leitos foi rastreado para prevenir futuras contaminações cruzadas.”

O homem estava agora completamente coberto por grandes bolhas vermelhas, cada uma delas com uma pequena depressão no meio.

Seis outros homens apresentavam as mesmas erupções. O cientista parou o vídeo mais uma vez para explicar: “Este vídeo é de cinco dias após a exposição inicial e seis homens do segundo grupo foram infectados apenas pela proximidade com o primeiro enfermo”.

Quando o vídeo terminou, ele continuou:

“Oito dias após a exposição, o primeiro homem morreu, seguido por mais quatro do segundo grupo, três ou quatro dias depois. Outros levaram mais um dia ou dois para sucumbir à doença, resultado da intensidade da exposição que o primeiro homem sofreu com o aerossol.”

“Dos cinco restantes, três contraíram a doença, mas começaram a apresentar melhoras após alguns dias. Os outros dois, que estavam mais distantes do primeiro infectado, não apresentaram sintomas.”

O cientista perguntou se alguém tinha alguma dúvida.

“A proximidade à exposição funcionou como você previa? Ou existem outras questões que devemos levar em conta?”

“Sim, a proximidade à exposição funcionou como esperado. Os dois que não contraíram a doença estavam a pelo menos dez metros do doente, fora do alcance que previmos para uma infecção área cruzada. Parece que por um período de três a seis dias, depois da exposição inicial pelo aerossol, a infecção do enfermo passou a ser transmitida por via aérea, e todos que estavam a dez metros do enfermo pegaram a doença. Aparentemente durou tanto tempo por que o homem estava tão inundado pela doença que a maior parte de suas funções corporais começou a falhar. No terceiro dia, todos os doentes ainda podiam mover-se e apresentavam sinais mínimos da infecção”

“Assim, podemos esperar uma taxa de mortalidade de aproximadamente 45% por infecção cruzada, a partir da exposição inicial. Então, cada um dos indivíduos infectados irão contaminar muitos outros, dos quais, metade irá sucumbir à doença.”

“Nosso cálculo é esse: para cada 100 pessoas expostas ao aerossol, esperamos que 80 contraiam a doença. Destes, 44 devem morrer. Se cada um dos infectados tiver proximidade, com digamos, 10 outros, eles irão passar a doença para outras 800 pessoas, das quais 440 irão morrer. Em outras palavras, há um acréscimo de 500% na taxa de mortalidade a partir da primeira infecção. Isto é exponencial, claro.”

“A fase mais crucial para nós é imediatamente após a infecção inicial. Após três dias, a contaminação cruzada já está em andamento e não há como pará-la. Essencialmente, ela se torna uma praga.”

Capítulo Quinze

A volta para casa foi feita em silêncio, Adam pensava nos acontecimentos das últimas horas; testa franzida, ele olhava a estrada através do retrovisor. Dan percebeu o estado de ânimo do irmão e respeitou seu silêncio. O único ruído no carro era o som dos pneus no asfalto áspero.

Em casa, que agora não estava mais cercada pelos carros da imprensa, Dan sugeriu ao irmão que eles preparassem alguma coisa para comer e discutissem o que havia acontecido. Então, talvez eles pudessem decidir o curso da ação que deveriam tomar.

Como em muitas casas, a cozinha tinha se tornado o ponto central. Era um ambiente grande, como todos os outros da casa. As portas eram de laca preta polida, com grandes ferragens de aço inoxidável. A bancada era de granito preto e se estendia por toda a área. A ilha no centro da cozinha também era de granito preto e abrigava o fogão com um grande exaustor em aço em cima. E uma das pontas da ilha, ficava um balcão para o café da manhã e na outra ponta, uma grande mesa de carvalho cercada por cadeiras.

A cozinha era separada da sala de jantar por portas de carvalho escuro e raramente era usada, pois eles preferiam cozinhar, comer e praticamente viver na bem decorada e confortável cozinha.

O fogão era um Rayburn, onde Dan preparava a comida. O fogão funcionava também para aquecer a casa durante o inverno e prover água quente. O preto da cozinha contrastava com o piso de carvalho claro e com uma enorme janela que inundava o ambiente com luz durante o dia.

Adam foi até a geladeira e pegou duas cervejas, tirou as tampas e deu uma para o irmão. Ele sentou-se no balcão, bebendo e checando as ligações e mensagens em seu telefone. Havia várias ligações perdidas e mensagens, muitas com relação à prisão, mas nenhuma de Isobel.

“Você recebeu a resposta da mensagem que enviou para Isobel?” perguntou Adam.

“Não. Eu mandei mensagens e liguei duas vezes. As mensagens não foram respondidas e as ligações caíam direto na caixa postal. Mas eu tenho uma informação para você.”

Adam o olhou com curiosidade.

Depois da sua corrida matinal, Dan tinha passado o resto da manhã, antes de ir buscar Adam na delegacia, tentando descobrir o máximo sobre Isobel e o marido. Primeiro, ele tinha conseguido descobrir o sobrenome rastreando alguns registros. O sobrenome era Mason. Assim, ele conseguiu descobrir onde a casa em Newton Ferrers estava localizada e também que o marido tinha duas filhas de um casamento anterior.

Casados, um morava em Plymouth e o outro em Brixham. Ele tinha o nome completo e o endereço dos dois. Tinha também muitos registros de propriedades em Londres pertencentes a Jonathan Mason. Pesquisas mostraram que Mason tinha trabalhado na Internacional Mídia até dois ou três anos atrás. Embora não houvesse explicações sobre o que ele fazia lá, ele parecia ter um bom cargo dentro da organização. Infelizmente, não havia informação sobre o que ele fazia depois disso.

Dan contou de novo sobre o que ele tinha conseguido descobrir enquanto servia os ovos mexidos e o salmão que tinha acabado de cozinhar. Ambos comeram tentando digerir as informações.

“A última vez que falei com Isobel, ela estava prestes a embarcar no avião em Cuba e prometeu ligar assim que chegasse a Heathrow, ela não tinha como saber sobre minha prisão, então por que não ligou?”

“Talvez ela não pudesse, talvez o marido tenha ido buscá-la no aeroporto.”

Adam concordou que esta era uma possibilidade.

Ele ainda não entendia o motivo de Isobel não ter feito contato. Ela poderia ter visto alguma coisa na TV, mas ainda assim, se ela tivesse sido capaz de mandar uma mensagem, ela teria mandado. Então, por que ela não pôde?

A ligação entre as acusações, sua prisão e o desaparecimento de Isobel, era o que ele tinha. Adam decidiu que tinha que começar eliminando as incógnitas. A primeira era se Isobel tinha ou não voltado para casa. Newton Ferrers ficava a 20 minutos de distância, então, uma visita poderia revelar alguma coisa.

“Vou de carro até a casa deles, só pra saber se ela chegou, você vem?”

Dan não iria deixar Adam sozinho de jeito nenhum, então ele concordou dizendo:

“Vou me vestir e já volto.”

Era mais uma noite chuvosa e com ventos. As árvores pelo caminho balançavam bastante com o vento forte, não era a noite ideal para sair, mas isto tinha o lado bom: eles poderiam bisbilhotar sem serem vistos.

O endereço que Dan tinha descoberto ficava na estrada Court Wood. Colocando o endereço no Google antes de sair, eles descobriram que a casa ficava na extremidade da vila. Parecia ser uma propriedade grande, cercada por árvores, com um jardim que levava a um estuário. Parecia haver também um

estacionamento ao lado deste estuário, a uns 300 metros da entrada da casa. Eles decidiram que este era o melhor lugar para estacionar sem que ninguém percebesse.

Newton Ferrers é uma pequena e pitoresca vila que fica ao lado do Estuário de Yealm e é bastante popular no verão, mas no inverno é bem tranquila. Eles pararam o carro no estacionamento que tinham visto antes. Havia apenas outro carro, aparentemente sem ninguém dentro. A chuva e o vento agora estavam ainda mais fortes.

Vestidos com roupas a prova d'água pretas, eles saíram do carro e caminharam os 300 metros até a entrada da casa.

A casa era recuada e bem grande, com quatro ou cinco quartos. Não havia nenhuma luz acesa. O portão estava aberto e as portas iam e vinham com o vento. Eles olharam em volta e não viram ninguém, não tinham visto uma alma viva desde o estacionamento.

Os irmãos caminharam com cuidado até a casa, ficando fora do caminho, protegido pelas árvores. O vento balançava os galhos para frente e para trás e o barulho da ventania poderia encobrir o ruído de um exército marchando. O portão também balançava muito e parecia que seria arrancado a qualquer momento se não estivesse bem preso.

Aproximando-se da casa, eles viraram à direita, ficando longe do jardim que levava ao estuário, que podia ser visto da casa. Eles escutavam barulho de metal batendo contra metal vindo do fundo do jardim e continuaram sob a proteção das árvores até os fundos da casa, procurando alguma luz acesa. Não encontram.

Com a chuva forte, era quase impossível ver um ao outro, mesmo estando a poucos metros de distância. Eles decidiram olhar o jardim e o que estava fazendo aquele barulho, antes de se aventurar mais perto da casa.

O ruído ficava mais alto a cada passo, então viram um cais de madeira onde um pequeno iate estava amarrado. Era do barco que vinha o barulho. As adriças estavam batendo contra o mastro e o barco estava batendo no cais. Quem quer que tenha amarrado o iate, tinha feito um péssimo trabalho.

O barco logo iria se soltar ou esmagar-se contra o cais.

Eles caminharam juntos até o cais e olharam para a casa escura, pouco visível por causa da chuva.

“Deserta. Eu não acho que tenha alguém em casa, eles escutariam isso.”

“Eu concordo. Você viu a porta que leva à garagem?”

“Sim, vamos dar uma olhada.”

Surpreendendo a ambos, a porta estava destrancada. Com cuidado, eles entraram. Tinha apenas um carro, embora tivesse espaço para pelo menos outros dois. O carro parecia ser o de Isobel, mas Adam não tinha certeza absoluta.

Tinha outra porta, envidraçada, que devia levar para a casa. Adam olhou para o irmão que balançou a cabeça.

“Ainda não, vamos tocar a campainha, nós ainda não temos certeza que é a casa deles. Se alguém atender, podemos dizer que ouvimos o barulho e perguntamos se precisam de ajuda.”

Concordando que esta era a melhor ideia, eles foram até a porta e tocaram a campainha, esperando a resposta. Depois de alguns minutos, tocaram de novo, sem resposta.

“Você vai por aquele lado eu por este, procure por alarmes.”

Eles se encontraram nos fundos. Ninguém tinha visto caixas de alarme, mas com este tempo, eles poderiam ter se enganado.

Adam tinha sido preso nas ultimas 24 horas e não estava querendo repetir a experiência de novo.

Eu vou quebrar a janela, me passe aquele pano.

Dan pegou o pano do chão e deu a seu irmão. Adam envolveu a mão com ele e quebrou a janela.

El ascendeu um isqueiro que estava em seu bolso, colocou na janela quebrada e conseguiu ver a porta que levava a cozinha.

“Bem, vamos voltar para as árvores por um tempo e ver se alguém chega.”

Eles voltaram para onde ficavam as árvores e começaram a vigília.

Eles esperaram por meia hora e ninguém apareceu. Decidiram esperar mais 30 minutos e ainda não obtiveram resposta. Tendo esperado o suficiente, voltaram para a garagem e entraram na cozinha, onde permaneceram em silêncio por mais 10 minutos. Como não tinham ouvido nada, começaram a fazer uma busca no primeiro andar.

Um corredor ligava a cozinha à porta de entrada, com muitas portas de cada lado. Passando por ele, Dan imediatamente viu uma caixa de alarme, mas todas as luzes estavam verdes. Parecia que quem tivesse estado na casa por último, tinha se esquecido de acioná-lo.

As portas do hall revelaram primeiro, uma sala de jantar e depois uma grande sala de estar com portas francesas que levavam ao jardim, ainda dava para escutar o barulho do iate batendo. Iluminando o salão com uma tocha, Adam viu uma grande lareira com várias fotos em cima.

Olhando mais perto, ele viu uma foto de Isobel, seu marido e outras duas mulheres. Ele mostrou a foto para Dan, apontando Isobel. Pelo menos eles sabiam que estavam no lugar certo. Por capricho, Adam pegou seu celular e tirou uma foto da foto.

Eu estou com tantas saudades, onde é que você está?

Uma busca rápida pelo resto da casa não revelou nada de interessante e eles voltaram para a cozinha. Quando estava prestes a entrar na cozinha, Adam viu uma porta no final do corredor, que eles ainda não tinham percebido.

A porta revelou um pequeno escritório. Havia uma mesa, um computador e várias cartas abertas e fechadas. Ele olhou os endereços escritos, todos eram para aquele endereço, a maioria para Jonathan, marido de Isobel, mas uma delas chamou sua atenção.

Uma conta de luz para Jonathan mostrava um endereço em Londres. Ele rapidamente anotou o nome da rua, colocou as cartas de volta e foi encontrar seu irmão na cozinha. Eles tinham ficado tempo suficiente e nem tinham a intenção de arrombar o local. Era hora de ir antes que fossem descobertos.

De volta ao carro, os irmãos estavam completamente encharcados e mortos de frio, nenhum deles tinha percebido isso até então, por conta da adrenalina que percorria seus corpos.

A volta para casa foi tranquila, embora os dois tenham olhado para trás a todo momento até estarem fora da vila. Chegaram um pouco depois da 1 hora da manhã e foram para seus quartos para tomarem banho antes de se reunirem de novo para conversarem sobre sua incursão noturna. De banho tomado e vestindo robes, eles sentaram-se em frente às brasas da lareira que sobraram do fogo que Dan tinha ascendido mais cedo.

Nenhum dos dois tinha falado muito no caminho de volta e estavam de certa maneira chocados com o que tinham feito, eles não eram do tipo que invadia casas. Apesar disto, mas tinham feito descobertas consideráveis. Um: a casa era definitivamente de Mason. Dois: ninguém tinha estado na casa nas últimas duas semanas. Olhando a geladeira, eles viram leite com data de vencimento de 15 dias atrás. Três: os Mason pareciam estar bem de vida. Quatro: agora eles tinham outro endereço em Londres.

O endereço na conta de luz era na Estrada Clerkenwell. Adam pediu a lista de propriedades que ele tinha de Mason em Londres. Nenhuma delas era esta. Uma era em West Londres, uma Kensington, uma em Notthing Hill e outra em Hammersmith. Sim, parecia que Mason tinha muito dinheiro.

“Cara, você pode pegar seu laptop?”

Ele colocou cada endereço no Google Maps.

“Olhe, todos estes endereços estão em áreas residenciais, menos este de Clerkenwell, que é uma área comercial. Um novo escritório, talvez? A conta é recente, de 56 libras e parece ser de uma nova instalação.”

Dan concordou que isto era possível e perguntou a Adam o que ele estava pensando. Ele estava pensando em ir para Londres tentar encontrar Isobel.

“Eu tenho que descobrir o que aconteceu. Ela não está em Plymouth, então, tenho que ir para Londres.”

“Sim, e como você acha que vai fazer isso? Tem cinco endereços para checar, você pode olhar um enquanto ela está em outro. Se eu for com você, nossas chances amentam, mas ainda assim é muita coisa, cara!”

Adam pensou por um tempo. Dan estava certo, mas ele tinha a conta de luz da casa em Newton Ferrers, que indicava que Mason tinha estado lá recentemente. Seria o melhor lugar para começar. Além do mais, ele não queria voltar ao trabalho naquele momento, não com tudo aquilo na cabeça.

Ele ligaria na manhã seguinte e tentaria explicar que a prisão tinha sido um erro e que ele precisava tirar alguns dias de folga. Se eles não gostassem problema deles. A polícia não tinha dito que ele não poderia sair da cidade e ficar sem fazer nada o deixaria louco. Mas mais do qualquer outra coisa, ele precisava ver Isobel.

Mesmo que eles estivessem errados sobre Mason, ele precisava saber se Isobel estava bem, mesmo que ela não quisesse vê-lo mais. Adam contou a Dan o que tinha decidido. Dan não poderia ir com ele, pois tinha jogo no sábado. Adam prometeu não fazer nada estúpido, estar de volta em alguns dias e telefonar regularmente.

Estava ficando tarde, eram quase 3 da manhã e eles decidiram ir para a cama. Adam sabia que dormir seria improvável. Embora ele amasse muito o irmão, precisava estar nessa sozinho. Adam se sentia culpado por ter arrastado Dan para isso. Se eles tivessem sido pegos mais cedo, seria o fim da carreira de Dan e ele não deixaria isso acontecer. Surpreendentemente, ele conseguiu dormir. O stress foi vencido pelo cansaço e por vários analgésicos.

Adam acordou na manhã seguinte às 8:00 horas, sentindo-se melhor, depois de algumas horas de sono na sua própria cama, sua mente estava mais clara do que esteve nas últimas semanas. Ele pegou algumas roupas, um saco de dormir, algumas garrafas de água e colocou em seu 4x4.

Depois ele foi preparar o café da manhã, com ovos e bacon, fazendo a mesma coisa para seu irmão, pois percebeu que ele se movimentava no andar de cima. Ele levou o café da manhã de Dan no quarto, coisa que ele raramente fazia. Adam achava que comida era puramente uma necessidade de combustível para o corpo, enquanto Dan amava comida e preparava a maioria e suas refeições em casa.

Ele disse a Dan que estaria ausente por alguns dias e que ligaria diariamente. Adam agradeceu a ele pela noite anterior, disse que o amava e que não se preocupasse, ele ficaria bem. Antes que Dan pudesse dizer alguma coisa, ele saiu. Adam pegou a estrada A38 em direção à Londres.

Capítulo Dezesseis

Adam estava a caminho de Londres, enquanto Jonathan voltava para seu apartamento com uma cópia do Herald, um jornal local de Plymouth, publicado no dia anterior. Por várias vezes, ele tinha checado os canais de notícias em busca de alguma coisa sobre a prisão de Young, e não tinha visto nada, a atenção da mídia se concentrava nos eventos do Golfo Pérsico. Parecia que havia centenas de experts dando suas opiniões sobre os acontecimentos lá, mas, surpreendentemente não havia nenhuma declaração oficial.

Sua intenção era arrastar Isobel para frente da TV e mostrar a prisão do seu amante. O plano não funcionou, então ele pegou uma edição do Herald que tinha sido entregue naquela manhã e agora levava para ela.

Jonathan abriu a porta do quarto e encontrou Isobel ainda dormindo, ele entrou o mais silenciosamente possível, colocando o jornal no travesseiro vazio, para que ela visse assim que acordasse. Ele bateu a porta para ter certeza que ela despertaria. A batida teve o efeito desejado. Isobel acordou e viu a foto de Adam no jornal, com a manchete: ‘Morador local preso acusado de pedofilia’. A foto mostrava Adam sendo levado para a delegacia, vestindo apenas um robe e com uma toalha cobrindo parcialmente sua cabeça, mas seu rosto aparecia claramente.

Vendo aquilo, Isobel gritou, jogando o jornal no chão. Jonathan sorriu ao ouvir os gritos dela, claramente não esperando o que vinha a seguir.

Isobel saiu rapidamente do quarto, gritando para ele.

“Estas mentiras absurdas são coisa sua. Eu sei que você fez isto, seu cretino.”

Ela sabia que ele era capaz disso, pois tinha aprendido mais sobre ele nos últimos dois dias do que nos últimos dois anos. Antes que ele tivesse tempo de negar sua participação, ela já estava em cima dele como uma tigresa defendendo sua cria, cravando as unhas em seu rosto, os dentes em seu ombro, sem dar tempo a ele de reagir. Jonathan caiu sobre a mesa de café, enquanto ela chutava qualquer parte do corpo dele que pudesse alcançar.

Finalmente Jonathan se recuperou do choque inicial do ataque, e como era muito maior do que ela, conseguiu empurrá-la, mas o sangue corria livremente pelo seu rosto. Ele socou Isobel no rosto com força, fazendo-a cair cambaleante no sofá.

Antes que Isobel conseguisse se levantar, ele a chutou no estômago duas vezes, acabando com a briga. Enquanto rastejava de volta para o quarto, Isobel gritava com ele. Ela fechou a porta e colocou uma cadeira sob a maçaneta, para impedir que ela abrisse enquanto ele batia do outro lado.

Jonathan não esperava o ataque, realmente não sabia o que esperar. Ele queria vingança e a satisfação que ela traria, mas isto certamente tinha saído pela culatra. Ele tinha alguns ferimentos feios no rosto, o olho esquerdo estava inchando. Aquela vaca tinha acertado suas bolas e aquilo doía pra caramba. E ele sabia que teria que mostrar o rosto mais tarde.

Jonathan ligou para seu médico particular e foi informado que poderia ir imediatamente. Ele pegou seu casaco e o guarda-chuva e saiu o mais rápido que suas bolas doloridas permitiam.

Jonathan não tinha lido o jornal, pois estava muito ansioso para mostrá-lo para Isobel, então não percebeu que seu plano não tinha sido tão bem sucedido quanto planejara. A matéria contava que embora Young tivesse sido preso, não tinha sido acusado e que a polícia não tinha encontrado nenhuma evidencia contra ele. Seu plano tinha realmente saído pela culatra. Adam certamente sentiria as consequências nas semanas seguintes, mas certamente não pela vida toda, como era a intenção de Jonathan.

O que esta armação causou realmente foi revelar o lado animal em Isobel e ter um jovem amante extremamente irritado dirigindo-se para Londres para procurar por ela e por ele. Se ele soubesse ou pudesse prever isto, ao invés de ir para o medico, ele estaria fazendo as malas e saindo de Dodge. Jonathan não sabia que estava cegamente se encaminhando para eventos que sairiam de controle.

Quando Jonathan saiu, Isobel voltou a ler o Herald, ela já não chorava mais, mas estava mais furiosa do que nunca esteve antes. Ela tinha lido sobre como Adam tinha sido preso e solto sem acusações e embora não o conhecesse há muito tempo, sabia que ele a amava e que moveria céus e terras para encontrá-la. Sabendo disso, começou a fazer planos.

O clima tinha melhorado um pouco, a chuva estava fraca e o vento tinha desaparecido. Adam dirigia devagar pela M5 e depois pela M4 em direção a Londres. Ele chegou aos arredores da cidade um pouco depois das 14:00 e decidiu pegar a M25 Sul ao invés de pegar todo o trânsito do centro da cidade. Eram quase 16:00 horas quando ele encontrou o endereço em Clerkenwell, que como havia previsto, era um prédio comercial que parecia que tinha sido reformado recentemente e Adam notou duas vans brancas estacionadas na rua. Elas pareciam ser vans de serviço, mas nenhuma delas tinha nada escrito, mas

assim que estacionou um pouco mais acima, ele pôde ver homens com ferramentas entrando no carro.

O estacionamento em que estava parecia pertencer a um prédio de escritórios ao lado. Enquanto esperava, várias pessoas saíram do prédio e entraram em seus carros, era por volta das 17:00 horas. Um deles olhou com curiosidade para o 4x4 de Adam. Ele tinha uma boa visão de onde estava, e podia ver perfeitamente a porta da frente do prédio em que estava interessado. Algumas pessoas tinham saído, mas nenhuma tinha entrado.

No primeiro andar do prédio, Jonathan estava sentado com dor de cabeça em seu novo escritório que ainda cheirava a tinta, o que não estava ajudando com a dor. Ele achava que os pedreiros tinham terminado dias atrás, mas não, eles ainda estavam lá. Dave tinha conseguido terminar a instalação dos computadores e todos os equipamentos eletrônicos, e isso estava gerando interesse nos outros empregados. Passava um pouco das cinco horas e os pedreiros estavam embalando seu material de trabalho, prometendo que terminariam tudo na manhã seguinte.

Jonathan chegou ao escritório no meio da manhã, depois de ter ido ao médico. Ele pegou um taxi, pois não queria voltar ao apartamento para pegar a chave do carro. Quando chegou, foi direto para sua sala, para evitar o olhar dos pedreiros, que podiam achar seus ferimentos suspeitos; e chamou sua equipe para uma reunião minutos depois.

Ninguém tinha falado nada sobre seu rosto e ele também não tinha dado nenhuma informação. Apesar disto, todos haviam adivinhado corretamente que tinha sido sua belíssima esposa que o tinha finalmente acertado. Mas eles pensavam que isto era devido às várias amantes que ele teve durante seu curto casamento com ela.

Eles brincavam entre eles pouco depois de Jonathan se casar, que era melhor ele ficar atento. O temperamento latino que todas as latino-americanas supostamente tinham, iria pegá-lo algum dia. Jonathan sabia da fofoca e usou-a em seu proveito, para cobrir o real motivo. Ele falou para Carl que sim, sua mulher tinha descoberto sobre a namorada que ele mantinha em seu flat em Notthing Hill.

Jonathan permaneceu no escritório o resto do dia, se inteirando de tudo o que estava acontecendo e perguntando-se sobre os acontecimentos recentes. Isobel não reagiu como esperado. Ele também queria que os pedreiros saíssem para dar uma olhada nos escritórios e ficou relativamente satisfeito com eles. Certificou-se com Dave que tudo estava funcionando e disse que o veria na manhã seguinte.

Durante a viagem, Adam tinha parado uma vez para abastecer o carro, tomar um café, comer um sanduíche e fazer xixi. Mas agora estava estourando de

vontade de ir ao banheiro de novo. Ele tinha pegado várias garrafas de água em casa, imaginando que passaria horas sentado no carro e seria inteligente ter água com ele. Ele pegou uma das garrafas, bebeu o resto e se aliviou.

Assim que terminou, um homem saiu do prédio. Ele esperou lá por muitos minutos, como se procurasse alguma coisa, então, começou a andar na direção de Adam.

Quando o homem se aproximou, ele pode ver que era Jonathan Mason e não acreditou na sua sorte. Talvez ela tivesse mudado para melhor. Mason ainda olhava em volta, talvez procurando um taxi. Ele obviamente não tinha encontrado o que procurava e continuou andando. Sem querer deixar que a sorte lhe escapasse, Adam saiu do carro e foi atrás dele.

Mason virou à direita na Rua Farringdon e seguiu como se fosse para o metrô. Adam podia ver o sinal do metrô a distancia. Mason desceu os degraus da estação, parecia que ele não era um usuário regular, pois não tinha nenhum bilhete com ele. Ele parou na fila e remexeu nos bolsos a procura de trocado.

Adam fez a mesma coisa, pegou uma fila mais adiante, olhando para o outro lado, caso Mason pudesse reconhecê-lo.

Adam parou para olhar o mapa do metrô, deixando que Mason passasse por ele, e então o seguiu. Se ele tivesse lido o mapa, veria que lá tinham apenas duas plataformas. Jonathan pegou uma delas e Adam foi atrás. Quando Jonathan pegou o primeiro trem, Adam o seguiu.

Agora, vendo Mason mais de perto, ele notou as feridas em seu rosto. Não dava para dizer se eram recentes ou não, mas elas não estavam lá na primeira vez que o viu em Plymouth, na Copa América e certamente não estavam na foto que ele viu na casa.

Imaginando como ele tinha se ferido, Adam tentou não deixar sua imaginação crescer, mas sentia a raiva crescer rapidamente. Ele precisava se acalmar e continuar a segui-lo sem ser visto.

Se você tiver machucado Isobel, estas marcas não serão nada perto do que eu vou fazer com você.

Mason desceu na estação seguinte, King's Cross. Andando pela plataforma, ele parecia seguir as indicações para Piccadilly. Adam seguia tentando não ficar muito perto a ponto de ser notado, mas perto o suficiente para não perdê-lo.

Mason pegou o trem para Piccadilly, que estava lotado devido a hora do rush, e Adam entrou por outra porta.

Só tinha lugar para ficar em pé, mas ele podia ver Mason facilmente. Seu único problema era tentar adivinhar em que estação Mason iria descer.

O trem passou por Russell Square, Holborn, Covent Garden, Leicester Square, Piccadilly, e Green Park. Quando o trem se aproximava da próxima

estação – Hyde Park –Mason se dirigiu para a porta do lado direito. Assim que as portas se abriram, ele saiu. Mais pessoas entravam do que saíam, e Adam não tinha certeza como eles conseguiam, pois já estava bem cheio. Mas assim foi mais fácil de seguir Mason.

Não havia outras conexões lá, então esta tinha que ser sua destinação final.

Adam sentia seu pulso acelerar.

Ele seguiu Mason até a escada rolante. Mantendo distância agora e viu Mason se dirigir para Park Lane. Ele entrou em um prédio que parecia ser residencial. Adam se aproximou, Park Lane, 55. O nome era Hyde Park Residence e tinha vista para o parque.

Eu aposto que isto não é barato.

Adam passou e teve um vislumbre da entrada, que parecia mais um hotel cinco estrelas que um prédio de apartamentos. Ele pode ver Mason na recepção, o recepcionista ou talvez concierge uniformizado entregou alguma coisa que pareciam cartas.

Talvez ele realmente more aqui.

Observando a redondeza, Adam podia ver o parque do outro lado da rua e pensou que seria um lugar bem melhor para vigiar. Ele foi até o parque e se sentou bem em frente ao prédio.

O prédio tinha seis andares e deveria ter 20 ou 30 apartamentos. Mason parecia ser conhecido, talvez morasse lá, mas este endereço não estava na lista que Dan tinha dado na noite anterior.

Ao entrar no apartamento, Mason lembrou-se de como Isobel o tinha pegado desprevenido antes. Ela não era aquela coisinha delicada que pensava. Ele não achava que ela estaria atrás da porta esperando para esmagar a cabeça dele com alguma coisa, mas preferiu não arriscar.

Latinas sempre tiveram a reputação de ter comportamento impetuoso, embora não tão feroz como o das tailandesas, que se falava, cortavam as bolas dos maridos enquanto eles dormiam sob o efeito de drogas.

Ele abriu colocou a chave na porta o mais silenciosamente possível antes de abri-la com toda a força, e a porta bateu contra a parede e voltou. Ela teria batido na cara dele se ele estivesse mais à frente. Não escutando nada além do barulho da porta, Jonathan entrou no apartamento.

Estava tudo calmo, Isobel deveria estar no quarto dela. Ela não tinha a chave, então não tinha como sair. Jonathan não queria vê-la e foi para seu quarto.

Ele não estava planejando ficar lá naquela noite, caso ela tenha escutado alguma coisa sobre garotas tailandesas e decidisse ter ideias. Ele fez a mala com o suficiente para alguns dias e saiu de novo, desta vez, levando as chaves do carro. Jonathan não planejava levar seu carro, pois tinha a intenção de ir para o

apartamento em Notthing Hill que não tinha lugar seguro para estacionar e não queria deixar seu DB9 novinho na rua perto de Portobello. Deveria ser fácil encontrar taxis a esta hora, o concierge poderia chamar um enquanto ele aguardava no lobby.

Adam estava de pé ao lado da árvore por quase 40 minutos. Ainda chovia e ele estava molhado e com frio, pois não estava vestido para uma vigília. Mais cedo ou mais tarde um policial iria aparecer e causar mais problemas. Quanto mais tempo ele ficava lá, mais furioso se sentia. As marcas no rosto de Mason pareciam ter sido feitas por unhas.

E se ele tivesse machucado Isobel?

Adam não teve que esperar muito mais, em poucos minutos, o concierge saiu e ficou na calçada, olhando em direção ao tráfego.

O cara parecia tão afetado que era engraçado, Adam teria rido se estivesse de bom humor. Finalmente ele viu o que estava procurando, e estendeu o braço para um taxi que passava. Mason apareceu com uma mala sobre os ombros, entrou no carro e saiu.

Adam pensou em chamar um taxi e usar o truque dos filmes: ‘siga aquele taxi e eu te dou 100 libras.’ Não que ele achasse que iria funcionar, e mesmo que achasse, ele estava do lado errado da avenida, que tinha duas faixas em cada direção. Basicamente ele não tinha chance.

A mala o preocupava, parecia que tinha o tamanho suficiente para estar fora por alguns dias. Quando Mason entrou no prédio, ele procurou por alguma luz acendendo, mas não conseguiu ver nada.

Ele mora ali, e Isobel está aí?

Ele tinha que descobrir, mas não naquela noite. Não tinha como entrar no lugar do jeito que estava, e ele tinha que voltar com algum tipo de plano antes de tentar.

A questão era o que fazer agora, ficar lá não tinha sentido. Ele tinha perdido Mason, mas talvez, apenas talvez, tivesse descoberto onde o cara vivia. Adam estava cansado e com fome, tinha comido só um sanduíche depois do café da manhã e precisava também verificar seu carro, ele não tinha reparado se havia um portão no estacionamento onde tinha deixado seu carro, isso tinha sido um erro.

Ainda assim, ele teve mais sorte do que pensava, pois tinha achado o que parecia ser o apartamento de Mason e a conta de luz parecia ser para seu escritório. Parecia também que havia obras por lá.

Isto pode ser muita coisa.

O que Adam precisava agora era comida e descanso, depois poderia planejar seus próximos passos.

Adam chamou um taxi e deu o endereço de Clerkenwell. Quando chegou ao estacionamento ficou aliviado ao descobrir que não tinha portão. Ele entrou na parte de trás do carro, tirou as roupas molhadas e vestiu outras secas.

Agora era hora de encontrar alguma coisa para comer. Alguns minutos atrás, no taxi, ele tinha visto um lugar que servia kebab. Seria ótimo. Ele adorava um bom kebab, desde que não fossem amanhecidos, o que inevitavelmente daria uma bela dor de barriga no dia seguinte.

Agora, com o estomago forrado e vestindo roupas secas, ele pensava no que iria fazer a seguir. Eram apenas 21:30hs, e embora ele estivesse cansado, estava muito ligado para ir dormir. Ele ainda tinha a lista de Dan, então, talvez fosse boa ideia checar estes endereços.

Antes de sair, ele primeiro checou se tinha alguma placa que indicasse se aquele estacionamento pertencia a algum edifício em particular ou a vários. Ele achou que se pertencesse a vários, estacionar lá de novo e dormir algumas horas seria uma opção. Tinha uma placa dizendo que era um estacionamento particular e tinha uma lista de prédios que usavam o local.

O primeiro endereço que checou foi o de Kensington. Quando chegou lá, um homem entrava na casa. Ele parecia ter origem mediterrânea, ou talvez do Oriente Médio, e carregava uma mala nos ombros.

Adam encontrou um lugar para deixar o carro um pouco mais abaixo na avenida e então voltou para checar se era uma casa ou apartamentos. Assim que se aproximou, outro homem fechava as cortinas, e olhava com curiosidade para Adam que inspecionava a porta da frente. A porta tinha apenas uma campainha e uma caixa de correio. Por agora, ele iria riscar aquele da lista.

Havia outros três, um em Hammersmith e dois em Notthing Hill. Colocando o endereço de Hammersmith no iPhone e seguindo as instruções, ele logo encontrou o lugar. A porta tinha quatro campainhas e o prédio todo parecia em mau estado. Não dava para imaginar Mason morando ali, e então riscou mais este da lista.

Quando voltou para o carro, era quase uma da manhã. Ainda muito ligado para dormir, Adam pensou que poderia checar os endereços restantes. Usando o iPhone de novo, ele colocou os endereços e descobriu que eles ficavam a apenas 300 metros de distancia um do outro e ambos ficavam perto da avenida Portobello. Ele tinha estado lá algumas vezes, todas durante o carnaval, e logo encontrou um lugar para deixar o carro, perto dos dois prédios.

Assim que se aproximou do primeiro, ele pôde escutar reggae tocando bem alto. Outro que ele podia riscar.

Mason não mora aqui.

Só mais um. Em poucos minutos, Adam estava em frente ao último endereço.

De novo, a porta tinha várias campainhas, mas desta vez, o prédio era bem melhor que os outros dois e havia luz acesa no primeiro andar. Uma silhueta apareceu na janela, olhou para fora por um segundo ou dois e então fechou as cortinas. As luzes se apagaram pouco depois.

Era definitivamente a silhueta de um homem, um homem do tamanho de Mason. Talvez Isobel estivesse lá com ele. Não tinha como ter certeza que aquele era Mason, havia milhares de homens em Londres com o tamanho dele, mas ainda assim era um bom começo. Adam tinha dois lugares para procurar por ela.

Eram quase três horas da manhã e ele precisava desesperadamente dormir e também não tinha ligado para seu irmão como havia prometido. Adam iria estacionar, dormir um pouco e ligaria de manhã. Pensando em onde poderia ir, ele decidiu que poderia muito bem voltar para o estacionamento em Clerkenwell. Lá, estaria pronto para a vigília da manhã, sem ter que lidar com o congestionamento.

Assim que chegou, para sua surpresa, ainda havia dois carros lá. Ele foi para o banco de trás, pegou o saco de dormir, acionou o alarme para as 7:00 da manhã e adormeceu em poucos minutos.

Ainda estava escuro quando o alarme tocou. Como sempre, ele estava louco para fazer xixi. Adam pegou a garrafa que tinha usado no dia anterior, que felizmente tinha sido esvaziada. Agora seus pensamentos se voltaram para o café da manhã. Lembrando que normalmente levava barras de proteína na mala de academia, ele foi procurar e encontrou duas. Ele comeu e se preparou para vigiar.

As janelas da parte de trás da Pajero eram escuras, então, se ele ficasse na parte traseira, ele só poderia ser visto se alguém olhasse diretamente pelo vidro da frente.

Por volta das 8 horas, pessoas começaram a chegar ao prédio. Primeiro, um homem sozinho, e depois de alguns minutos, as luzes do primeiro andar foram acesas. Logo depois, uma das vans brancas que Adam tinha visto no dia anterior chegou. Três homens saíram, tiraram algumas ferramentas da parte de trás, trancaram a van e tocaram a campainha que foi atendida pelo homem que tinha chegado primeiro. Logo depois várias outras pessoas chegaram e as luzes foram acesas por todo o prédio. Ainda estava nublado e sombrio, mas pelo menos tinha parado de chover.

Adam continuou a vigiar e, às 9:15 uma táxi chegou e Mason desceu. Ele pegou uma chave no bolso e abriu a porta. Trinta segundos depois, luzes se

acenderam em um lado do primeiro andar.

Talvez aquele seja seu escritório.

Neste momento, seu telefone tocou. Adam olhou e não reconheceu o número que estava chamando, mas era melhor atender, pensou. Ele descobriu que era seu amigo, o policial Clive Gooding.

Primeiro ele perguntou onde Adam estava, que respondeu que estava e casa. Depois de uma pequena pausa, Clive disse a ele que tinha acabado de ligar para seu telefone fixo.

Ele não estava atendendo? Adam disse que estava nos fundos e não tinha ouvido. “Sem problemas” Disse Clive. “Mas eu tenho algumas informações para você.”

Clive continuou, dizendo que os técnicos tinham olhado o computador da casa dele de novo e tinham encontrado uma coisa estranha. Parecia que o computador tinha sido acessado remotamente no dia anterior a sua prisão e que uma pesquisa automática tinha sido feita em seu site, o que resultou em um e-mail sendo enviado para o servidor. Mas a parte mais interessante é que as duas anomalias foram originadas do mesmo lugar: um hotel em Clerkenwell.

Ele sabia de alguém que pudesse ter feito isso? Adam disse que não, embora Clive tenha notado uma mudança em sua voz.

“Ok.” Disse Clive. “Por favor, me avise quando você estiver de volta” e desligou o telefone.

Clive sabe que eu estou fazendo alguma coisa, mas como?

Mas, mais importante, um hotel na Estrada Clerkenwell.

Ele estava na Estrada Clerkenwell, e adoraria olhar o interior do prédio, pois estava convencido de que Mason estava por trás da denúncia anônima.

Adam notou, enquanto estava sentado lá, que os pedreiros frequentemente deixavam a porta aberta quando saíam para ir até a van, para poder voltar sem ter que tocar a campainha de novo. Ele não tinha como saber se eles trabalhavam para Mason ou não. Mas isto não importava. Ele poderia segui-los da próxima vez que saíssem.

Ele saiu do carro e percebeu que o estacionamento estava cheio, o que o preocupou um pouco. O carro poderia se destacar por não pertencer ao lugar, mas dane-se, ele queria olhar o prédio por dentro.

Ele ficou a uma distância de 20 metros, perto o suficiente para entrar antes que a porta se fechasse, mas não tão perto que pudesse ser notado. Ele esperou não mais que meia hora até que os pedreiros saíssem de novo.

Eles deixaram a porta aberta, foram até a van e tiraram uma porta envolta e plástico e voltaram. Neste momento Adam entrou, deixando que eles passassem primeiro e os seguiu. Ao invés de subirem para o andar de cima, eles viraram no

corredor e pararam em uma porta de vidro. Eles estavam colocando a porta que carregavam no chão para abrir a outra quando Adam disse:

“Deixe-me ajudá-los.”

Eles agradeceram.

Adam abriu e segurou a porta para que os homens passassem.

O andar inteiro parecia ser um único conjunto de escritórios. Ele podia ver o que pensava ser o escritório de Mason. Talvez ele estivesse sentado lá, falando ao telefone. Adam não queria ficar lá por muito tempo, mas deu uns passos para dentro, e pôde ter uma boa visão de todo o andar.

Dava para ver várias salas, e a pequena recepção em que estava. O lugar tinha acabado de ser reformado, com portas de madeira, móveis novos e um cheiro de tinta fresca no ar.

À sua esquerda havia uma grande sala totalmente envidraçada, contendo muitos computadores e aparelhos eletrônicos. Alguém tinha gasto bastante dinheiro lá. Um homem sentado em uma das mesas olhou para frente e viu Adam; ele levantou-se rapidamente e foi em sua direção.

Adam estava na mira.

Ele deveria sair ou ficar e enfrentá-lo?

Felizmente para ele, os pedreiros subitamente derrubaram a porta no chão, gritaram palavrões, seguidos do som de um computador batendo no chão. O homem momentaneamente distraído deu alguns segundos para Adam sair do escritório. Ele decidiu sair do prédio o mais rápido possível antes de ser notado por mais alguém.

Adam entrou no carro e esperou um pouco, enquanto outro automóvel entrava.

Eu estou abusando da sorte, é melhor eu ir.

Ele saiu deixou o estacionamento, mas não sem antes ser fotografado.

Capítulo Dezessete

Mais ou menos na mesma hora, Isobel estava imaginando seu segundo plano. O primeiro não tinha dado certo.

Ela tinha moído uma caixa de pílulas para dormir que Jonathan guardava no banheiro e misturou tudo no açúcar, que ficava ao lado da máquina de café. Sabendo o quanto ele gostava de café, este seria o sonífero perfeito. Ela esperava que o gosto do café e o açúcar mascarassem o sabor das pílulas.

Isobel gostava de café desde a infância, alguns grãos excelentes eram cultivados na ilha, e ela não conseguia imaginar por que Jonathan arruinava o sabor do café com o açúcar.

Ele provavelmente tomaria várias xícaras naquela noite depois que voltasse do escritório. Assim que estivesse adormecido, ela entraria em seu quarto, pegaria as chaves, o dinheiro que encontrasse e sairia. O que ela não contava, é que ele não ficasse em casa naquela noite.

A prioridade era conseguir a chave da porta da frente. Isobel sabia que o apartamento deveria ser limpo. Isto significava que tinha que ter outra chave em algum lugar, e esperava que o concierge a tivesse. Não tinha telefone no apartamento, mas tinha um interfone que comunicava direto com a recepção.

Ela pegou o aparelho e foi rapidamente atendida.

“Bom dia Sra. Mason. Como posso ajudá-la?”

“Bom dia Derek, espero que você possa me ajudar, eu perdi minha chave. Você consegue trazer a chave extra para mim?”

“Com certeza senhora, eu estarei aí em alguns minutos.”

Como prometido, em poucos minutos ela escutou uma batida na porta seguida do barulho de chaves. Isobel ficou parada tentando parecer o mais casual possível. Ela tinha aplicado bastante maquiagem para cobrir as marcas em seu rosto.

Pegando as chaves e agradecendo Derek de novo, ela pediu a ele que não contasse ao marido que tinha as perdido. Ele ficaria muito bravo por causa disso. Ele concordou e disse que não precisaria dizer nada e saiu. Agora ela tinha a chave. Não tinha dinheiro, mas pelo menos poderia sair daquela prisão.

Enquanto observava o prédio de escritórios, Adam ia criando um plano. Ele tinha dois endereços para procurar por Isobel, e achava que o de Notthing Hill

era o mais fácil e decidiu começar por lá. Ele não achava que simplesmente bater na porta e perguntar se Jonathan vivia lá ia funcionar, então decidiu usar um ardil diferente.

Ele parou em uma loja de motos que tinha visto no dia anterior e comprou um capacete e uma jaqueta de couro.

Adam dirigiu um pouco mais e parou em um correio onde comprou uma caixa de papelão vazia, fita adesiva e uma caneta; voltou para o carro e dirigiu até Portobello onde encontrou um lugar para estacionar. Então, ele escreveu o nome e endereço de Mason na caixa, colocou a jaqueta e pegou o capacete. Adam se dirigiu para o último endereço que tinha verificado na noite anterior e tocou a campainha

O interfone foi atendido por uma mulher, que certamente não era Isobel, ela não tinha seu sotaque cubano. Ele disse que era um motoboy com uma entrega para Jonathan Mason.

Sabendo que estava sendo visto pela câmera, ele colocou seu melhor sorriso e mostrou o pacote. Uma mulher alta e atraente, de uns 30 e poucos anos abriu a porta. Ela estava hesitante no início, mas ficou mais tranquila com o sorriso amigável de Adam. Ela disse que ele não morava lá e sim em Park Lane, mas que passava bastante tempo neste endereço e ela esperava por ele naquela noite. Ela entregaria o pacote para ele.

Adam agradeceu e saiu rapidamente, percebendo logo depois que não tinha deixado nada para ela assinar, como um recibo, mas não se preocupou muito, pois ela o olhou de cima em baixo, e parecia que tinha aprovado o que vira.

A jaqueta e o capacete tinham custado uma centena de libras, mas pelo menos agora ele sabia que Mason vivia em Park Lane. Devia ser o prédio em que ele seguiu Jonathan na noite anterior. Adam não achava que a mesma estratégia iria funcionar lá. Ele tinha que pensar em alguma coisa diferente.

Parando em uma floricultura, Adam comprou o maior e mais caro buquê de flores que tinha, então foi até a farmácia e comprou lápis de olho preto e lenços removedores de maquiagem. Demorou um pouco até encontrar um lugar para estacionar perto do prédio. Dentro do carro, ele pegou sua mala de academia de novo e tirou um agasalho justo que ele usava para fazer ginástica. A roupa cheirava tão mal que ele pegou também um tubo de desodorante.

Adam tirou a jaqueta de couro que ainda usava, e colocou a roupa de ginástica. Aplicou bastante desodorante e vestiu a jaqueta de novo. Então, ele posicionou o retrovisor de modo que pudesse ver seu rosto e começou a passar lápis nos olhos. Levou bastante tempo até que ficasse bom, ele nunca tinha usado maquiagem antes. Mas depois da quarta tentativa, ele achou que dava para passar.

Adam pegou o buquê e saiu do carro, ele esperava que a maquiagem suavizasse sua imagem um pouco e que o concierge o deixasse entrar com as flores. Ele tinha notado que o garoto era meio afetado, não significava que era gay, mas isso era tudo o que Adam podia fazer naquele momento.

Adam subiu a rua praticando alguns trejeitos e entrou no número 55 da Park Lane. As portas automáticas se abriram e ele recebeu um largo sorriso do concierge que estava sentado. Adam falou que tinha uma entrega para a Sra. Mason. O garoto falou que ele levaria as flores até ela, mas Adam retrucou dizendo que tinha um pequeno poema, que deveria ser entregue pessoalmente e que era aniversário da Sra. Mason.

O concierge concordou depois de pensar um pouco, mas disse a Adam que primeiro ele tinha que checar com ela e que iria acompanhá-lo até apartamento. Adam concordou facilmente, seu coração batia forte, o garoto tinha acabado de confirmar que ela estava lá.

Ele interfonou para o apartamento e Isobel atendeu. Ele disse que ela tinha recebido flores e que ele iria subir junto com o entregador.

Isobel achou suspeito. Se Jonathan achava que poderia pedir desculpas depois de tê-la estuprado e espancado, ele estava enganado. Hesitante, ela concordou.

Adam seguiu o concierge até o elevador com o coração quase saindo do peito. Durante a curta subida, seu pulso começou a acelerar e o suor a descer pela testa.

Talvez eu não esteja fazendo a coisa certa. Talvez ela não queira mais me ver, e esta coisa com Mason é só minha imaginação.

O calor que Adam sentia se transformou em frio na espinha,

Ele não era pobre, mas certamente não tinha o dinheiro, poder e influência que Mason obviamente tinha. Vamos encarar a verdade, ele nunca poderia ter um apartamento como aquele ou manter o estilo de vida que Isobel estava acostumada.

Talvez ela tivesse decidido que não queria abrir mão de tudo.

O elevador parou no último andar.

Adam nervoso, seguiu o concierge até a porta do apartamento.

Um minuto depois a porta se abriu e revelou uma Isobel ainda desconfiada, mas sorridente. Vendo-a, Adam quase não conseguiu segurar o ramalhete, que era tão grande que Isobel levou alguns segundos para perceber que era Adam atrás das flores. Ela agradeceu ao concierge e convidou Adam para entrar.

Assim que a porta se fechou, ela pulou e seus braços. Ele deixou as flores caírem no chão. Ela o abraçou o mais forte que pôde, e então lentamente ela o soltou.

“Por que você demorou tanto cacete, e por que diabos está usando maquiagem?”

Adam nunca tinha ouvido Isobel falar palavrão antes, a não ser as coisas que ela dizia quando estavam na cama. Ele riu. Instantaneamente ele sentiu o peso de seus ombros desaparecer. Ela o queria.

Demorou um pouco, mas nas duas horas seguintes, eles conseguiram contar o que tinha acontecido com ambos nos últimos dias.

A maior preocupação dela era com a operação que Adam tinha acabado de passar. Ele tentava dissipar sua preocupação dizendo que era algo rotineiro, que estava bem. No entanto, ela insistiu em verificar, mas não sem antes limpar aquela maquiagem ridícula.

Ele estava muito mais preocupado com o estado dela, o olho roxo e as marcas no rosto que ainda eram visíveis, apesar da maquiagem. Isobel também estava com o que ele pensou ser uma costela quebrada e Adam queria levá-la ao médico o mais rápido possível.

Ela decidiu não contar sobre o estupro, preocupada principalmente que ele pudesse matar Jonathan.

Adam estava dividido entre se vingar de Jonathan e tirar Isobel de lá rapidamente. No final, foi ela quem decidiu, entrou no quarto, fez as malas e disse a ele que estavam indo.

Derek adorava seu trabalho, então meia hora depois de o homem com as flores não ter descido, ele decidiu ligar para o Sr. Mason. Ele já tinha interfonado para o apartamento e tinham dito que tudo estava bem, mas ele sabia que não deveria ter deixado a Sra. Mason com o cara da entrega.

Ele contou a Jonathan tanto sobre as flores como sobre as chaves e perguntou se deveria chamar a polícia. Mason disse que não seria necessário, que ele estava indo. Ele imediatamente pediu para Fred pegar o carro e chamar Carl. Os três foram até o prédio e entraram no lobby no exato momento em que Isobel e Adam saíam do elevador.

Quando Adam os viu, deu um passo a frente, numa óbvia tentativa de socar Jonathan, mas foi seguro firmemente por Isobel.

“Deixe comigo.” Foi tudo o que disse.

Ela chutou Mason com toda a força na virilha. Sem tempo para reagir, ele sentiu o golpe em suas bolas já inchadas, imediatamente caindo de joelhos, em agonia. Carl e Fred reagiram, tentando agarrar Isobel, mas foram parados por Adam que os socou na cara.

Com os três caídos, Adam pegou as malas de Isobel e ela pegou a mala com o laptop que o idiota tinha trazido com ele. As últimas palavras de Isobel para Jonathan foram:

“Espero nunca mais te ver de novo, se acontecer, isto é apenas uma pequena amostra do que você receberá. Peguei também o seu laptop, pois sei que tem coisas aqui que você não quer ver reveladas. Então não tente.”

Os dois saíram do prédio e desceram a Park Lane para pegar o carro dele.

Assim que as portas automáticas se fecharam, Derek saiu de trás do balcão onde tinha ficado escondido. “Ele perguntou se deveria chamar a polícia e disseram que não.”

Carl e Fred ajudaram Jonathan a se levantar. O nariz de Carl estava quebrado. Fred estava melhor, o soco tinha atingido o lado esquerdo do rosto, mas ele iria ficar com o olho roxo. Eles ajudaram Jonathan a subir até o apartamento. Assim que chegaram, Jonathan disse aos dois para não comentarem nada sobre o que tinha acontecido.

“Antes de ir, me faça uma xícara de café. Forte. Coloque um pouco de leite e traga o açucareiro.”

Assim que pararam em um farol, Adam disse para Isobel:

“Lembre-me de nunca te irritar.”

“As únicas coisas que planejei para você são na verdade muito legais, você quer agora?”

Isto fez com que Adam risse até engasgar. Quando ele se recuperou, disse:

“Amor, você pode esperar até que a gente chegue em casa? Não acho que meu corpo dolorido iria aguentar agora, bem, pelo menos não dirigindo ao mesmo tempo. De qualquer forma nós provavelmente seríamos presos por comportamento indecente.”

Eles se dirigiram à M4 e provavelmente em 4 horas estariam em casa, em Wembury.

“O que você planeja fazer?”

“Bem se você mudou de ideia sobre mim, eu sempre posso voltar para minha casa em Newton Ferrers. Tenho certeza que existem muitos outros homens sarados que eu posso conhecer na sauna.” Disse ela provocante.

“Você é má. E sabe disso, não sabe? Se não parar de me provocar, vou te colocar no colo e dar umas palmadas na sua bunda.”

“Ah, promessas, promessas.”

“Você sabe o que quero dizer. Seu marido.”

“Eu planejo me divorciar do idiota gordo, e com tudo que tenho sobre ele, planejo limpá-lo também. Eu vou estar bem rica quando acabar com ele”.

“De qualquer forma nós não nos conhecemos na sauna, foi na jacuzzi.”

“Não, foi na jacuzzi que você tomou coragem para falar comigo. Você estava me olhando há décadas, eu podia sentir seus olhos sobre mim. Só estava esperando você dizer alguma coisa.”

“Esses minúsculos biquínis que você usa são difíceis de não notar.”

“Era só para o meu biquíni que você estava olhando ou tinha mais alguma coisa que chamou sua atenção?”

“Você sabe que tem mais. Sua espetacular bunda, em que vou bater assim que chegarmos em casa.”

“Sim, por favor. Eu gosto disso.”

E foi assim todo o caminho de volta até Plymouth. Um observador jamais imaginaria o que eles tinham passado nos últimos dias. Tudo o que veriam era um casal feliz de volta para casa.

Capítulo Dezoito

Jonathan foi despertado pelo toque do celular. Ele tinha caído no sono no sofá, depois de beber café cheio de pílulas para dormir. Fred disse que havia duas pessoas procurando por ele no escritório, Roseau e De Costa. Jonathan disse a Fred para fazê-los esperar na sala de conferências e ele estaria lá em breve.

Jonathan percebeu para sua surpresa e descontentamento que ele tinha dormido no sofá a noite toda. Tudo doía, principalmente suas bolas, que doíam ainda mais quando ele tentava se levantar. Ele pediu ao concierge para chamar um táxi e disse que desceria em 10 minutos.

Os dois homens estavam sentados na luxuosa sala de conferências com pastas e papéis espalhados à frente quando Jonathan chegou. Ele não tivera tempo de se trocar ou tomar banho, então ainda usava as mesmas roupas do dia anterior. Ainda estava grogue por conta da grande quantidade de pílulas para dormir que Isobel tinha colocado no açúcar, e também estava encontrando grande dificuldade para andar. Seu rosto mostrava os danos causados por Isobel.

Isto não tinha passado despercebido por Roseau e De Costa, que também tinham visto o nariz quebrado de Carl e o olho roxo de Fred.

Depois de um minuto ou dois, Roseau falou:

“Parece que você tem um problema, o que significa que nós temos um problema.”

Jonathan pensou que ele estava se referindo a Isobel e Adam.

“Isto não é mais um problema, e é um assunto particular que não tem nada a ver com nosso trabalho.”

“Explique, por favor.”

“É um assunto particular envolvendo minha esposa.”

Roseau e De Costa trocaram olhares. De Costa continuou:

“Você sabe que esta sendo vigiado?”

“O que você quer dizer com ‘sendo vigiado’? Por quem, onde, quando, e como você sabe disso?”

Roseau disse. “Nós sabemos por que estávamos de olho em você, e esta pessoa ficou dentro do carro, no estacionamento do outro lado a rua e esteve aqui pelo menos uma vez.”

“Quando e quem é essa pessoa? E por que vocês estavam de olho em mim?” Perguntou assustado.

“Quem é ele é o que queremos descobrir e por que ele esteve aqui ontem.”

“Você mencionou um problema com sua esposa; isto tem conexão?”

“Não consigo imaginar como. Como disse, é um problema pessoal. Como essa pessoa era?” Pensando que talvez Young o tivesse seguido enquanto procurava por Isobel.

Roseau então descreveu o homem e seu carro, perguntando se ele se parecia com alguém que Jonathan conhecia.

Jonathan pensou por um tempo. Parecia ser Young, e estes dois que a princípio pareciam ser apenas homens de negócios, eram muito mais, como a investigação do dia anterior tinha mostrado.

Eles também confirmaram que o estavam vigiando. Por quanto tempo, ele pensou, deveria ficar claro. Então, meio envergonhado, ele contou sobre o caso de Isobel com Young e que ela o tinha deixado, acrescentando que ele ainda não via como isso afetava os negócios.

“Esse homem parece te conhecer muito bem. Ele tem vigiado você, tem acesso a seu escritório e é íntimo de sua mulher. Acho que isso poderia ter um grande impacto em nossos negócios.” Disse Roseau.

“Conte tudo o que sabe sobre ele.”

Jonathan contou tudo o que sabia, incluindo onde morava e revelando também a armação sobre pedofilia que tinha saído pela culatra.

“Então você está dizendo que em poucos dias ele descobriu seu endereço, incluindo seu escritório, que você dizia que ninguém, incluindo sua esposa, conhecia. Ele esteve aqui, mas você sustenta que ele não sabe nada sobre seus negócios?”

“Isso.” Respondeu hesitante. Ele certamente tinha subestimado Young.

Roseau e De Costa trocaram um olhar. De Costa levantou da cadeira, foi em direção à porta e disse:

“Eu acho que cometemos um grande erro ao usar seus serviços. Precisamos corrigi-lo imediatamente antes que mais danos sejam causados à nossa empresa.”

Após uma pausa, Jonathan respondeu, com o máximo de segurança que pôde.

“Nós fornecemos a vocês informações muito valiosas em várias ocasiões. Não acho que exista algum perigo vindo de Young. Depois de todas as informações que passamos, é impossível para ele ter conhecimento sobre elas. Estou prestes a finalizar os arranjos que você precisa para garantir a vantagem

com o Secretário do Tesouro, devo ter isso antes do final da semana. Estou certo que podemos resolver tudo, para o bem de todos.”

“Não acho que vamos precisar mais de seus serviços.” Disse Roseau assim que De Costa saiu da sala.

Roseau colocou a pasta que estava com ele na sua frente, abrindo os dois fechos. Ele puxou uma pistola com silenciador e a apontou para Jonathan.

Jonathan ficou assustado, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, levou dois tiros na cabeça. Seu corpo inicialmente ficou duro na cadeira antes de cair para frente, batendo a cabeça na mesa de vidro colorido. Uma poça de sangue se formou. Roseau recolocou a pistola na pasta.

Roseau então pegou um pedaço de pano e começou a limpar toda superfície que ele ou De Costa pudessem ter tocado.

Depois, Roseau passou de escritório em escritório e também colocou duas balas na cabeça de todos antes que tivessem tempo de entender alguma coisa. Com a exceção de um homem, o último, que tentou escapar e levou vários tiros nas costas e mais dois na cabeça para ter certeza.

“Tem certeza de que foi uma boa ideia? Temos uma boa quantidade de dinheiro com o Governo Britânico, sem precisar usar a vantagem com o Tesouro.” Disse De Costa assim que voltou à sala e conferências.

“Concordo, mas não podemos arriscar nada ou ter este Young no meio dos nossos negócios aqui.”

“Então vamos ter que cuidar desse cara, então?”

“Talvez, mas antes tenho que descobrir o que ele sabe e com quem falou. Não quero atrair atenção desnecessária para nós.”

Roseau pegou seu telefone:

“Tragam eles agora.”

Em poucos minutos, três homens chegaram ao escritório e De Costa os deixou entrar. Roseau limpou de novo a sala para ter certeza que não tinham deixado nenhuma digital.

Por uma hora, os cinco homens removeram todos os discos rígidos de todos os computadores do escritório. Levaram todos os cadernos de anotação que puderam encontrar e procuraram em todos os papéis qualquer menção a eles.

Assim que terminaram, apagaram todas as luzes, checaram se os corpos ficavam visíveis através das portas de vidro e então trancaram tudo, levando os discos rígidos e papéis.

Assim que saíram Roseau disse a De Costa:

“Eu também quero o computador que está no apartamento de Mason. Duvido que ele tenha sido estúpido o bastante para usar com nosso trabalho, mas não quero arriscar. Envie alguns homens lá esta noite.”

Na manhã seguinte, os mesmos três homens que ajudaram Roseau e De Costa no escritório de Clerkenwell, paravam a Range Rover em um estacionamento na praia de Wembury.

Na verdade, não estava chovendo, mas o ar estava tão úmido que encharcava tudo em minutos. Os três, vestidos com roupas a prova de água saíram do carro.

Havia outros carros no estacionamento, e todos pareciam pertencer a surfistas, que podiam ser vistos caminhando pela praia, com pranchas embaixo dos braços. O vento que tinha soprado forte por muitos dias estava bem mais calmo e vinha do noroeste, quase paralelo à praia. Como resultado, as ondas estavam perfeitas, com topos brancos quebrando na praia.

A casa em que Adam e agora Isobel morava, ficava a pouco mais de um quilômetro do estacionamento. Um caminho de pedra ligava a praia à costa rochosa.

Enquanto caminhavam, eles conversavam animadamente. Não era raro que as pessoas usassem esse caminho, mesmo no inverno, normalmente se via casais de meia idade e famílias caminhando por lá. Aproximando-se do promontório onde ficava a casa dos Young, um corredor passou por eles, e acenou amigavelmente.

Dan passou pelos homens durante a sua corrida matinal. Ele raramente encontrava alguém nesta época do ano, principalmente a esta hora da manhã. Ele achou que pudessem ser surfistas de fora da cidade à espera da maré alta, embora não estivessem vestidos como tal. Certamente não como os da região, que como Adam, enquanto esperavam para entrar na água quase sempre usavam seus onipresentes moletons.

Dez minutos depois, os homens passaram pela casa dos Young, que ficava afastada do caminho uns 200 metros mais ou menos. Dando apenas uma olhada superficial, eles seguiram.

Os três eram experts em segurança, entre outras coisas, e tinham capturado a cena perfeitamente em suas cabeças. A casa ficava afastada do caminho e era cercada por um muro baixo de pedra e uma cerca de madeira. Os dois andares tinham vista tanto para o caminho quanto para o mar e eram quase que totalmente de vidro. Com grandes janelas e uma porta no meio.

À esquerda da casa, havia uma passagem de cascalho que percorria a parte da frente e ia até a entrada. Havia também uma construção de um andar nos fundos que parecia ser uma grande garagem.

A casa ficava em um terreno de aproximadamente 8000 metros quadrados. Trezentos metros à frente, o caminho encontrava uma pequena estrada que ia para Heybrook à esquerda e para Wembury à direita.

Eles viraram à direita na estrada que contornava a parte de trás da propriedade, e puderam ver que a garagem se estendia por toda a largura da casa.

Os homens tiveram a maior parte destas informações antes de sair de Londres, graças ao Google Earth, mas queriam dar uma boa olhada pessoalmente, antes de decidir a melhor maneira de se aproximar.

A divisão da propriedade era feita com uma cerca de madeira. A pequena estrada neste ponto se afastava da costa e havia um pequeno bosque de árvores.

Este era o único ponto que proporcionava uma verdadeira visão da casa. Parando momentaneamente no bosque, eles fizeram o caminho de volta.

Os homens seguiram em direção à Plymouth, com a intenção de dar entrada no hotel que tinham reservado na noite anterior. Enquanto dirigiam, eles discutiram as opções.

Eles estavam em uma pequena desvantagem. Normalmente os homens contariam com monitoramento fixo e móvel no lugar, mas por causa da pressa em chegar e o fato de Jonathan estar morto, que era quem fornecia estes serviços, eles não tinha nada disso.

E só interrogariam Young se fosse absolutamente necessário. Antes, gostariam de escutar qualquer conversa feita pelo telefone e na casa. Para isso, precisavam instalar um equipamento dentro ou fora da casa.

Havia um 4x4 e uma pequena Mercedes esportiva estacionados, indicando que provavelmente alguém estava na casa, como tinham previsto, pois era bem cedo. Também tinham notado um sistema de alarme, destes com monitoramento fixo e móvel, que precisaria ser anulado caso quisessem entrar.

Eles também precisavam colocar os equipamentos de segurança no lugar. Isto era uma coisa que eles normalmente faziam a noite, mas ao invés de esperar escurecer, decidiram fazer check in no hotel e voltar na casa mais tarde esperando que os habitantes tivessem saído.

Eles poderiam colocar microfones nas janelas do térreo, o que ao menos cobriria o primeiro andar. O pequeno bosque proveria cobertura para a vigilância e para os microfones. Mas a cobertura seria apenas para uma pessoa à noite, durante o dia era muito exposto. Eles também poderiam pegar transmissão a partir de microfones ativados por voz. Fariam isso se necessário.

Foi decidido que esta era a melhor ideia e algumas horas depois, todos voltaram para a casa, desta vez pela estrada.

Eles dirigiram pela pequena estrada, passando pela casa a cada meia hora mais ou menos. Na terceira vez, o 4x4 não estava mais lá, e então pararam o carro na entrada da casa. Um deles desceu, foi em direção à porta de entrada e tocou a campainha. Se alguém atendesse ele simplesmente pediria alguma informação. Ninguém atendeu no primeiro minuto, ele tocou de novo e esperou

mais três minutos, antes de ir para os fundos da casa. Lá, ele instalou um pequeno microfone perto de cada janela e voltou para o carro.

Com certeza estes microfones seriam descobertos em algum momento, mas eles só precisavam que os microfones permanecessem lá por uma semana, que era o tempo de duração da bateria e o homem estava convencido que eles permaneceriam incógnitos até lá. A cobertura seria aumentada com equipamentos a laser operadas pelos relógios instalados nas pedras e no bosque em frente à casa. Felizes com o progresso que tinham feito, os homens retornaram para o hotel para descansar um pouco antes da vigília noturna.

Adam e Isobel chegaram tarde no dia do assassinado de Jonathan, pois tinham ido para Plymouth pegar roupas para ela.

Naquela noite Adam e Isobel falavam sobre seu futuro juntos, ao invés de conversar sobre os últimos acontecimentos. Então, apenas na noite do dia seguinte, quando Dan voltou do treinamento que os três começaram a falar sobre os últimos dias.

Os vigias estavam a postos. Um estava escondido no bosque e o outro na formação rochosa que fica em frente à casa, não tão bem escondido como o primeiro, mas o suficiente. O terceiro homem estava no carro, na vila de Heybrook Bay.

Os três se sentaram ao redor do fogo, dividindo uma garrafa de Rioja depois do jantar, que desta vez tinha sido feito por Adam. Ele contou a Dan tudo sobre os acontecimentos em Londres, com Isobel interferindo em alguns momentos para dar sua perspectiva. E finalizaram com o encontro que tiveram com Jonathan, no apartamento de Hyde Park e com o laptop que tinham pegado.

Adam esperava que o laptop pudesse conter evidências que ligavam Mason a armação da pedofilia. Foi um choque para Adam e Dan quando Isobel revelou que Jonathan tinha invadido seu telefone, revelando seu caso com Adam. E um choque ainda maior quando ela contou que ele se vangloriava de ter hackeado os telefones do Primeiro Ministro.

Este fato inevitavelmente trouxe conversas acerca do que Jonathan fazia. Isobel tinha dito a Adam assim que se tornaram amantes que o marido era um executivo na Internacional Mídia. Do que Adam tinha visto recentemente, parecia que ele tinha montado escritório próprio recentemente. Eles concluíram acertadamente que Jonathan estava no ramo de espionagem corporativa, fornecendo informações para jornais e quem mais quisesse. A conversa se voltou para o fato de ele estar ou não envolvido no escândalo de hacking, e mais uma vez eles concordaram que sim.

A conversa foi ouvida claramente pelo vigia que estava escondido na formação rochosa, a não mais de 250 metros de distância. O microfone a laser

que ele tinha apoiado em um tripé à sua frente estava funcionando muito bem, e até agora, ele não tinha precisado dos microfones que foram instalados nas enormes janelas da sala, onde Adam, Isobel e Dan estavam. Os microfones eram tão pequenos que mais pareciam um torrãozinho de terra, até que fossem examinados mais de perto, o que revelaria um minúsculo fio, colado na moldura da janela levando a um transmissor escondido em um vaso de plantas.

Havia um dispositivo semelhante instalado nas janelas do outro lado da sala de jantar e outro na janela da cozinha. Embora a presente conversa tenha sido captada pelo microfone a laser, eles seriam muito úteis para o monitoramento contínuo durante as horas do dia, um disco rígido escondido no bosque gravava tudo.

A conversa continuou com mais especulações sobre Jonathan e seu trabalho até que Dan trouxe o laptop.

Ele perguntou: “Você já deu uma olhada no conteúdo do laptop?”

“Ainda não, vamos ver agora!”

Adam ligou o computador, que depois de alguns segundos, passou a pedir senha. Ele tentou algumas vezes, mas a senha era incorreta e o laptop desligou. Dan perguntou a Adam se ele tinha falado com o policial Gooding.

Adam disse que sim, por pouco tempo enquanto estava vigiando o escritório de Mason e que Clive parecia ter suspeitado de algo, parecia saber onde ele estava.

“Eu acho que você deveria ligar para ele amanhã e falar sobre todas estas informações e você ainda precisa se certificar que está completamente livre de todas as acusações”.

Adam concordou e disse que ligaria de manhã.

Eles conversaram por mais uma hora até que Isobel falou que estava cansada e queria ir para cama. Na verdade, ela achava que os meninos queriam falar a sós por um tempo e quis dar privacidade a eles. Então, depois de dar beijos de boa noite nos dois; sendo que o beijo em Adam foi muito mais longo. Ela mordeu seu lábio, um aperitivo do que viria mais tarde.

“Bem cara,” começou Dan quando achava que ela já estava longe “Eu posso entender o porquê. Ela é absolutamente deslumbrante e muito legal também. Você tem alguma ideia do que vão fazer agora?”

“O que você quer dizer, agora agora ou agora de modo geral?” perguntou Adam brincado.

“Não, agora não. Eu sei o que vocês vão fazer agora. Eu quero dizer no futuro.”

“Bem eu gostaria que ela ficasse aqui, se estiver tudo bem pra você. Depois a gente vê como fica.”

“Claro, tudo bem. Vai ser bom ter uma mulher na casa. Tenho certeza que ela cozinha melhor que você e eu estou de saco cheio de cuidar de você, agora eu vou ter certeza onde você está.”

“O que quer dizer?”

“Na cama com ela, onde qualquer homem estaria.”

Eles conversaram mais um pouco, sobre nada em especial, tinham decidido que já tinham falado o suficiente sobre os últimos dias. Antes de ir para a cama, Dan perguntou se ele ainda iria junto para Londres no próximo final de semana para assistir ao jogo. Adam quis saber se podia levar Isobel junto, já era hora de ela entender mais sobre rúgbi.

“Pode sim, boa noite cara.”

Dan subia as escadas pensando em como era sortudo por seu quarto ser nos fundos da casa, pensou também que nem Adam, nem Isobel tinham mencionado os machucados no rosto dela. Ele imaginou que Mason tinha causado isso. Isobel também não tinha contado sobre o estupro, com medo de que talvez Adam pudesse matar Jonathan, conhecendo como ele reagia. Não que ela se preocupasse com Jonathan, ela se preocupava com o que podia acontecer a Adam.

Quando Adam abriu a porta do quarto, ficou muito feliz em saber que Isobel o esperava acordada. O olhar dela quando olhava para ele foi tudo o que precisou para seu coração acelerar. Eles tinham feito amor no dia anterior, mas Isobel não estava tão entusiasmada como de costume, o que o tinha preocupado. Ela disse que era por causa dos machucados, mas ele sabia que ela não estava dizendo tudo. Adam tinha visto as marcas em sua coxa, que mostraram tudo o que ele precisava saber.

Seu sangue ferveu quando viu aquilo. Ele queria fazer Mason sofrer as dores que tinha causado a ela.

Mas Adam podia entender por que ela não tinha dito nada. Ela diria quando estivesse pronta. Agora, aquele olhar que ele adorava tinha voltado. Ele sentia que Isobel iria se recuperar do trauma.

Um simples “vem aqui” fez com que ele tirasse a roupa em segundos.

O vigia gravou toda a conversa. Agora ele escutava o som dos dois fazendo amor, com bastante entusiasmo. Então, as luzes se apagaram.

Por mais uma hora, os vigilantes permaneceram em seus postos antes que um deles mandasse uma mensagem pedindo que se encontrassem no portão da casa. Uma vez no carro, no caminho de volta para o hotel, um dos vigias confirmou que os equipamentos de gravação estavam ok, que tinha bastante espaço para gravação e bateria suficiente até a noite seguinte, quando os três retornariam

para fazer tudo de novo. Assim que chegaram, o motorista transcreveu e encriptou as gravações e mandou por e-mail para o chefe.

Roseau esperava pelo e-mail na casa em Kensington que ele e De Costa dividiam.

Primeiro, Roseau decodificou a mensagem e começou a ler a transcrição das conversas. E não gostava do que lia. Parecia que embora Young não soubesse da operação deles ou da sua existência, tinha descoberto o seu endereço em Kensington, pois Adam tinha sido visto da janela.

Isto era uma revelação. Eles não tinham percebido Adam até o segundo dia da vigília dele em Clerkenwell. Eles não sabiam que ele tinha checado a casa deles em sua procura por Isobel. Adam também estava com o laptop, e embora não tivesse conseguido acessá-lo, ele iria em algum momento falar para a polícia, que tem tecnologia para descobrir a senha.

Ainda assim, tinha a certeza que Jonathan não teria nenhuma informação pertencente a eles neste laptop. Ele pode ter se atrapalhado no final, mas era esperto o suficiente para não guardar material incriminatório em um sistema inseguro.

As opções eram: ele podia mandar seus homens de volta e atirar nos três, mas isto levantaria suspeita da polícia. Ou então podia torcer para que a polícia escutasse o que Young e a garota tinham a dizer sobre Jonathan e ficariam satisfeitos que ele não tinha nada a ver com pedofilia.

Ou ele poderia armar para que alguma coisa acontecesse com os três em Londres no final de semana seguinte. Seria muito mais fácil para Roseau controlar os eventos na cidade, fazendo parecer que as mortes tinham sido um acidente. Ele podia monitorá-los até lá. Seria mais seguro que os três morressem em um acidente em Londres.

Esta parecia ser a melhor opção.

Capítulo Dezenove

Cedo na manhã seguinte, Adam ligou para Clive Gooding pedindo para encontrá-lo fora da delegacia. Ele não queria ser visto entrando lá, pois poderia ser interpretado como se tivesse sido chamado pela polícia e ele queria evitar especulação. Gooding concordou que era uma boa ideia, devido à sensibilidade do caso e disse se encontraria com Adam em sua casa mais tarde. Ele ligou de volta para Adam por volta do meio dia, confirmando que estaria lá por volta das 15hs.

Quando chegou, Adam o apresentou a Isobel e eles sentaram ao redor do fogo, que parecia estar sempre aceso durante aquele excepcionalmente frio inverno.

Adam e Isobel contaram tudo o que sabiam, começando com como e onde eles tinham se conhecido. Eles falaram por mais duas horas, sem serem interrompidos por Gooding, com apenas algumas paradas para o café. Quando terminaram, Gooding permaneceu quieto por alguns minutos pensando em tudo o que tinha ouvido e fez perguntas para esclarecer alguns pontos.

Primeiro, ele perguntou para Isobel sobre os machucados e se tinha havido violência sexual também. Depois de olhar para Adam por alguns segundos, ela confirmou.

Clive perguntou se ela queria dar queixa contra o marido e ela confirmou que sim. Depois disso, ele pediu o laptop para levar para seus peritos, e ver se havia alguma evidência sobre a armação que Mason tinha tentado fazer. Pediu também a lista de endereços que Dan tinha descoberto, incluindo o do escritório em Clerkenwell.

Clive disse a Isobel que se ela quisesse prestar queixa contra o marido, teria que ir até a delegacia para uma queixa formal.

De volta à delegacia, o inspetor Gooding sentou-se na sua cadeira e ficou pensando sobre o que tinha escutado.

Após alguns minutos de contemplação e outros mais checando suas abundantes anotações, ele chamou os técnicos em computação e pediu para que viessem buscar o laptop e então ligou para seu chefe. Muitas das coisas que tinha ouvido o incomodaram muito. Este Mason estava obviamente envolvido com atividades ilegais, além do estupro. O grampo no telefone do Primeiro Ministro

tinha sérias implicações, ligadas a investigação de Robertson atualmente em curso em Londres.

A descrição do escritório que Adam tinha dado e o fato de que Jonathan trabalhava para a Internacional corroboravam com isto. A merda estava prestes a atingir o ventilador, ele tinha certeza. Clive queria ir para Londres e questionar Mason, mas primeiro tinha que falar com seu chefe, que disse que Clive poderia se encontrar com ele em seguida.

Sentado em frente a seu chefe, o Inspetor Blyth, Clive começou a contar tudo o que tinha ouvido. Quando terminou, Blyth olhou para ele com uma mistura de incredulidade e aborrecimento. Depois pediu que Clive contasse tudo de novo, e então disse:

“Isto é um campo minado e está muito acima da minha alçada. Eu preciso reportar isto ao Chefe Assistente Constable que é obrigado a se reportar ao chefe da polícia metropolitana. Prepare-se para ir para Londres, te digo quando assim que falar com ele amanhã.”

Percebendo que tinha sido dispensado, Clive levantou da cadeira e estava saindo quando seu chefe falou:

“Eu não preciso te lembrar para manter isto em sigilo, preciso?”

“Não senhor.”

Por muitos dias, os vigias tiveram pouca coisa a reportar a não ser a visita da polícia e a retirada do laptop. Era agora fim de semana e as conversas na casa dos Young tinha mudado.

Ia ter um jogo de rúgbi em Albion no domingo à tarde, e antes disso Isobel teve sua primeira lição sobre as delicadas artes do jogo. Isto significava assistir a horas de vídeos gravados. Tanto Dan quanto Adam disseram que eram ótimos jogos, mas na verdade, tudo o que ela conseguia ver eram homens cobertos de lama e um pouco de sangue, brigando por uma bola de formato esquisito.

Como o Inspetor chefe Blyth tinha previsto, ele e Gooding foram convidados a visitar a Polícia Metropolitana em Londres. Uma reunião tinha sido marcada com o Vice-Comissário Layton na terça-feira à tarde. Gooding preparou uma pasta com tudo o que tinham até então. Ele também incluiu algumas informações que os técnicos conseguiram extrair do computador.

Grande parte das informações estava encriptada por um sofisticado sistema e levaria algum tempo para ser desvendada. Mas uma pasta com o nome Young tinha sido descoberta, ela continha mais de 500 imagens pornográficas ligadas à pedofilia e uma delas era exatamente igual a que foi encontrada no computador de Adam.

Chegando à Scotland Yard, os dois oficiais foram recebidos por Layton que os acompanhou até uma sala. Layton pediu que ficassem à vontade, se servissem

de café e esperassem até que ele pudesse checar todos os documentos que Gooding tinha preparado. Quarenta minutos depois, ele reapareceu e falou que entendia a razão de estarem preocupados e perguntou se eles iriam pedir uma entrevista formal com Jonathan Mason. Os dois confirmaram que sim.

“É o que imaginei que vocês diriam. Eu pedi ao Comissário Adjunto Bates para ir conosco. Ele está mais intimamente envolvido com investigações sobre grampos em telefone que eu, e gostaria da opinião dele antes de irmos visitar Mason. Bates está ocupado agora, mas deve estar livre em meia hora, vocês podem esperar aqui e eu aviso quando ele estiver liberado.”

O Comissário Adjunto Bates, depois de receber o telefonema de Layton, disse a sua secretária que ele ia dar uma saída rápida, que não demoraria. A secretária entendeu que ele iria sair para fumar, como normalmente fazia, principalmente quando estava estressado, exatamente como parecia estar agora.

Ela estava certa em sua suposição, mas havia uma razão muito mais premente para ele sair do escritório. Quando recebeu a ligação de Layton, ele disse que o nome de Mason não era muito familiar. Mas isto estava longe de ser verdade. Embora Jonathan não pudesse ser considerado amigo e nem estava na sua lista para receber cartões de natal, ele conhecia Mason muito bem, e há muitos anos.

Bates tinha sido um dos oficiais superiores dentro da Polícia Metropolitana que eram informantes de Mason. Às vezes ele passava informações que tinham acabado de vira à tona. Em outras, eram detalhes de casos que ainda estavam sob investigação, muitos dos quais davam grandes manchetes para a Internacional. Mas era recíproco, em algumas ocasiões, Mason tinha fornecido informações aos policiais quando eles não conseguiam obter sozinhos.

Bates precisava falar com Mason imediatamente. Ele não seria capaz de impedir a visita dos policiais, mas poderia dar uma vantagem a Jonathan para que ele tivesse tempo de lidar com o problema.

Pegando seu telefone assim que estava fora de alcance dos outros, Bates ligou para Mason e não obteve resposta. Sem se intimidar por isto, saiu do prédio, chamou um taxi e foi em direção ao prédio de Mason em Park Lane. Ele pediu ao motorista para esperar enquanto entrava. Foi dito a ele que Jonathan não estava e não era visto há muitos dias.

Bates sabia que teria que atrasar os policiais até que conseguisse falar com Mason. Infelizmente para ele, os acontecimentos já estavam fora de controle. É difícil fazer um cadáver falar, mas seus equipamentos eventualmente iriam.

Às 15:00 hs, uma chamada entrou na delegacia de polícia de Islington vinda de um policial que respondeu a uma chamada de um agente imobiliário, que por sua vez tinha sido contatado por um inquilino do prédio. O policial informou que

ele tinha encontrado o agente no prédio, mas ele não tinha as chaves e era possível sentir um cheiro que ele pensava ser de um corpo em decomposição. Era preciso que um chaveiro fosse enviado ao endereço.

Pouco mais de trinta minutos depois, um chaveiro contratado pela polícia para situações como essa chegou e conseguiu acesso ao prédio. Assim que as portas se abriram, ficou óbvio que havia um corpo morto lá.

Ele pediu ao agente e ao chaveiro que esperassem do lado de fora enquanto investigava o escritório. Não demorou mais de um minuto até que localizasse o corpo na sala de conferência. Depois de olhar cada um dos escritórios, ele se juntou aos dois do lado de fora, agradeceu ao chaveiro pela ajuda e pediu para que o agente imobiliário esperasse.

Vinte minutos depois, seis oficiais superiores chegaram ao endereço. Eles pediram ao policial que chegou primeiro para esperar do lado de fora e conseguir o máximo de informações com os inquilinos que conseguisse. Depois de checar a sala e conferência, o chefe chamou os peritos criminais da Scotland Yard e o legista. Levou outros trinta minutos para que todos chegassem.

Às cinco horas da tarde, Inspetor Layton abriu a porta da sala onde Gooding e Blyth estavam sentados a mais de três horas. O que Layton estava prestes a dizer era provavelmente a última coisa que esperavam.

Ele contou que corpos tinham sido descobertos no endereço em que estavam interessados e que aparentemente estavam lá por vários dias. As vítimas tinham sido atingidas por tiros e uma equipe de investigadores estava no local ou a caminho. Ele pensou que talvez Gooding e Blyth quisessem acompanhá-lo até lá, e eles concordaram imediatamente. Durante o percurso de trinta minutos, Layton foi contando tudo o que sabia até então.

Quando os três chegaram, o esquema policial já estava em funcionamento; uma equipe montou uma barricada na rua, enquanto outra montava uma tenda branca na entrada do prédio.

O resto do edifício já tinha sido evacuado e equipes de TV começavam a chegar, foi permitido que elas atravessassem as barricadas e estacionassem no mesmo estacionamento em que Adam tinha ficado por dois dias na semana anterior. Layton pediu que Gooding e Blyth esperassem enquanto ele encontrava o policial responsável pela cena.

Ele retornou em seguida com um inspetor e apresentou os dois a ele. O inspetor contou o que tinham descoberto e que os peritos estavam na cena do

crime no momento examinando os corpos. Todos tinham ao menos dois buracos de bala. Gooding informou ao inspetor sobre o interesse deles.

“Isso complica as coisas”, disse o inspetor dando uma olhada nas equipes de TV no fim da rua. “Você acha que eles estão envolvidos em grampos de telefones? Tem um monte de computadores lá dentro, uma sala é dedicada a eles. Eu já chamei os experts em computação, mas eles vão ter que esperar até que os peritos os deixem entrar. E temo que isto inclua vocês.”

“Vamos esperar, estamos acostumados.”

“Vocês são bem-vindos para usar a unidade móvel. Ligo assim que puder.” Ele saiu, atravessou a rua e entrou na tenda branca.

A cena dentro do escritório iria parecer caótica a olhos não treinados, mas na verdade ela estava excepcionalmente bem coreografada.

Cada centímetro da sala de conferencias estava sendo fotografado, cada superfície era checada para ver se encontravam impressões digitais, a cena e os corpos foram filmados em busca dos menores detalhes. E então, os corpos foram liberados para o legista.

O legista e seus assistentes inicialmente checaram e fotografaram os corpos no local antes de pedir as macas para retirá-los. Todos que estavam na cena do crime vestiam macacões brancos, luvas e botas; usando apenas o caminho pré-determinado e apontado no chão, que estava livre de evidências.

Eram três horas da manhã quando Gooding e Blyth foram chamados. A esta hora, os técnicos de computação estavam trabalhando a todo vapor, todos usando o macacão branco, assim como os policiais.

“Isto parece um pouco extremo para um caso de grampo de telefone, vocês não acham?” Disse Gooding. “Você encontrou alguma coisa nos computadores?” Perguntou ele a Layton.

“Difícil, nenhum dos computadores tem disco rígido, eu acho que foram removidos depois dos assassinatos, talvez por aqueles que fizeram isso.” A última frase pareceu um pouco óbvia para Gooding.

Por duas horas, eles vasculharam o escritório até ficarem satisfeitos. Blyth sugeriu que fossem para o hotel que tinham reservado. Lá fora, policias faziam varreduras na rua e no estacionamento.

No carro a caminho do hotel, eles discutiam o que tinham visto e concordaram que não fazia sentido especular as razões por trás do tiroteio antes de obterem maiores informações. Eles concordaram que precisavam descansar e decidiram se encontrar no restaurante do hotel ao meio dia, o que permitiria umas cinco ou seis horas de sono.

Capítulo Vinte

Virando a esquina para a Clerkenwell, depois de andar em um metrô lotado, Stella não estava feliz em voltar ao trabalho. Ela tinha acabado de voltar das Ilhas Seychelles, duas semanas deitada no sol e jantando frutos do mar a tinha refeito, mas ela ainda não estava confortável com o trabalho. Sim, era bem pago e ela iria se mudar hoje para o novo escritório, decorado e mobiliado a seu gosto, mas era a natureza dele que a incomodava.

Stella tinha trabalhado com Jonathan na Internacional por muitos anos. Ela era uma repórter investigativa antes de aceitar a mudança de cargo para trabalhar diretamente com ele, e o dinheiro a tinha tentado. No começo, o trabalho que fazia era similar, ela era muito boa em encontrar notícias em meios eletrônicos. Isto costumava resultar em artigos que ela escrevia, mas agora, as informações pareciam ser usadas para outros fins ou então guardadas para uso futuro.

Em seus primeiros anos como repórter investigativa, o que fazia para conseguir informação não a preocupava. Em sua opinião, as pessoas sobre quem escrevia precisavam ser expostas pelo que tinham feito, então, os fins justificavam os meios. Nos últimos anos, tinha sido mais difícil encontrar informações do que escrever sobre elas, era um desafio que ela gostava e ainda tinha o propósito de revelar aqueles que tinham prejudicado alguém.

Mas ao longo dos últimos meses, principalmente depois da saída da Internacional e do novo escritório, as coisas que tinha descoberto pareciam ser utilizadas de outra maneira, armazenadas ou vendidas, algo que a incomodava.

A empresa em que trabalhava agora parecia ter se tornado um escritório de espionagem corporativa e venda de informações.

Stella sempre tinha sido próxima a Jonathan, e ele confiava nela, ela tinha trabalhado mais tempo com ele do que com qualquer outro. Ele tinha confiado a ela todos os seus planos após a mudança, antes de ela sair de férias. Como consequência disto, Stella tinha passado mais da metade dos seus dias de descanso preocupada com o que tinha escutado.

Ela ainda estava em dúvida se iria ou não pedir demissão e tinha se dado uma semana para decidir, pois estava relutante em largar o emprego, o dinheiro era muito bom. Tão bom que agora podia se dar ao luxo de encarar um novo desafio: escrever um livro que tinha na cabeça há muito tempo. Jonathan tinha

dito que Isobel iria voltara a morar em Londres, e Stella queria muito vê-la, o que seria difícil se ela pedisse demissão, pois ele não iria ficar feliz.

Ela gostava da pequena e ardente cubana e estava feliz que Jonathan tinha aceitado seu conselho sobre tentar salvar seu casamento. Ela era boa demais para ele tentar arruinar tudo. Seria muito bom ter ela de volta.

Assim que se aproximou do escritório, ela pode ver que a rua estava bloqueada mais à frente, os pedestres podiam passar, mas os carros estavam sendo desviados. Ainda imersa em seus pensamentos, ela só percebeu que era uma barreira policial quando chegou bem perto. Viu no lado oposto várias equipes de TV que apontavam suas câmeras para a entrada de um prédio coberta por uma tenda branca.

Seu novo escritório.

Ela só tinha estado lá uma vez, várias semanas atrás, quando Jonathan informou que estariam se mudando para lá. Parecia ótimo e ela pode escolher a cor e os móveis da sua sala.

Ela tinha certeza que estava no lugar certo.

Que estranho.

“Desculpe, você sabe o que aconteceu?”

“Várias pessoas foram assassinadas lá. É o que estão dizendo. Quatro ou cinco, todos no mesmo escritório, no primeiro andar.”. Disse um homem a seu lado.

Era o escritório dela, eles tinham o primeiro andar inteiro.

Foi um segundo ou dois até que o choque a atingisse. Seus joelhos se dobraram, as vozes e barulhos dos carros e das equipes de TV se misturaram em uma cacofonia de sons. Ela se apoiou no ombro do homem para suporte.

“Oh, me desculpe.”

As pessoas a quem se referiam só poderiam ser Jonathan, Fred e o resto.

Mas por quê? Quem iria querer matá-los?

Ela ia vomitar e precisar encontrar algum lugar rápido.

Stella olhou e viu o estacionamento em que estava estacionada uma grande van, ela conseguiu chegar até a cerca antes que vomitasse e assim que levantou e limpou o rosto, viu que tinha um policial a seu lado.

“Senhora, posso te ajudar?” Perguntou sem saber se ficava bravo com o fato de ela ter vomitado em toda a van ou se ficava preocupado com ela.

“Enjoo matinal, me desculpe.” Respondeu.

“O policial estendeu a mão a ela e disse: “Não se preocupe, eu entendo. Minha mulher fez da minha vida um inferno pelo mesmo motivo. Mas por favor, não na minha van de novo.”

Stella murmurou uma resposta e saiu dali. Ela virou a primeira rua à direita, parou logo depois da esquina para retomar o fôlego e começou a chorar.

Deve ter sido instinto que a levou a caminhar quase um quilômetro sem se lembrar do caminho. Ela já estava em Charterhouse, a alguns minutos da estação Barbican quando se deu conta de onde estava.

Stella estava sentada no trem do metrô e lentamente sua mente começou a clarear e a ansiedade baixar. O pânico também começou a diminuir e ela começou a pensar.

Primeira coisa que tenho que descobrir é se são realmente eles, e se for, o que vou fazer a respeito.

Não fazia sentido perguntar a si mesma por que não tinha percebido nada. Durante os 30 minutos da viagem, ela teve algumas ideias.

O que eles estavam fazendo lá era tecnicamente ilegal. Bem, talvez completamente ilegal. Ir direto a polícia, como tinha chegado a pensar, não era uma opção, com certeza não iria demorar muito até que a polícia descobrisse que ela também trabalhava para Jonathan. Não havia documentos em seu escritório por que ele ainda não tinha sido usado, mas, mais cedo ou mais tarde, os arquivos de computador iriam revelar sua atuação. Então, em algum momento ela ia ter que ir até a delegacia.

Isto tinha que estar conectado com alguma coisa que fazíamos lá, não há outra explicação. Tem que ser sobre o que fizemos ou sabemos, não fazia sentido ser de outra forma.

Durante os últimos anos, ela tinha descoberto muito material incriminador sobre pessoas do alto escalão. Até mesmo sobre seu último chefe, Dandelion. Algumas das coisas poderiam facilmente mandar alguns para a prisão, e para falar a verdade, era muito mais que um ou dois. Ela sabia de coisas que seriam capazes de provocar algo com o ocorrido.

Eles devem estar atrás de mim também, mas quem? E o que fizemos?

Era apenas uma curta caminhada até a casa do seu atual namorado. Ela precisava de algum lugar com internet o mais rápido possível, mas algum lugar calmo, não um café.

Sem duvidas, seu namorado ainda estaria na cama, pois eles tinham acabado de voltar de Seychelles na noite anterior. Ele ainda tinha alguns dias de folga e tinha sugerido que ela também tivesse. Mas o trabalho a incomodava. Stella estava feliz por ter tomado a decisão de ir até o seu namorado, voltar para sua casa neste momento poderia não ser uma boa ideia.

Stella entrou, imaginando que seu namorado ainda estaria na cama. Ele disse que já estava prestes a se levantar, mas ela achava que o tinha acordado, não que isso importasse. Stella contou a ele que durante o trajeto até lá que tinha tomado

a decisão de pedir demissão imediatamente, mas precisava checar uma coisa no computador e depois iria levar uma xícara de chá na cama.

A internet confirmou que tinha sido no escritório dela e que cinco pessoas tinham sido assassinadas. A mídia imaginava que eles trabalhavam em um escritório particular e a polícia daria uma entrevista coletiva à tarde.

Não tinha nada que pudesse fazer naquele momento e ela precisava afastar seus pensamentos de tudo por algumas horas até que obtivesse mais informações. Então, a cama parecia ser uma boa opção agora, sexo poderia distraí-la por um tempo.

Por volta das quatro da tarde, ela estava de volta ao computador, minutos depois de histórias aparecerem na rede, relatando a nota policial que acabava de ser lançada. Ela leu várias, todas dando as mesmas informações: cinco homens tinham sido encontrados mortos no escritório, todos assassinados a tiros. Nomes de três deles foram liberados pela polícia, na esperança de que isto poderia trazer maiores informações do público. Os três homens eram Carl, Dave e Fred. Nenhuma menção a Jonathan ou Nigel, mas ainda haviam outros dois não identificados.

Eu tenho que manter a calma, meu Deus, o que devo fazer? Para onde ir? Não posso ir para casa, imagino que esteja mais segura aqui. Quem sabe sobre este endereço? Ninguém do escritório. Estou enrascada.

Ir até a polícia levando suas suspeitas era certamente uma possibilidade, mas eram apenas suspeitas. Para justificá-las ela ia ter que contar sobre o que faziam, e isto incluía compra de informações de policiais de alto escalão, então este caminho também seria perigoso. Descobrir se Jonathan era uma das vítimas era crucial agora.

Stella tinha considerado ligar para ele mais cedo, mas alguma coisa a tinha impedido. Se a polícia ou alguém estivesse com o telefone dele, esta poderia não ser uma boa ideia.

Isobel, por que não pensei nisso antes? Jonathan poderia estar com ela.

Assim que seu namorado saiu para comprar coisas que faltavam em casa devido às férias, ela usou seu celular para ligar para Isobel.

Na casa em Wembury, o celular de Isobel tocou. Ela tinha pegado o telefone de volta antes de sair do apartamento em Londres. Tinha pegado também o passaporte e os cartões de crédito que estavam na mala do laptop.

Olhando para o celular, viu que era Stella. Isobel quase não atendeu. Ela estava relutante em falar sobre Jonathan e sobre o que tinha acontecido. Ela sabia que os dois eram bem próximos, mas será que ele contava a verdade a ela? Isobel duvidava. Depois de hesitar um pouco, ela atendeu.

“Oi Stella, como vai?”

“Estou bem, acabo de voltar de férias e queria saber se Jonathan está com você.”

Isobel vacilou um segundo antes de responder, ela não queria mentir para Stella, que parecia desconhecer os problemas dos últimos dias.

“Eu o vi alguns dias atrás em Londres, mas tive que vir para Devon. Desde então, não ouvi falar mais dele. É importante, você não tem o número dele?”

Agora foi a vez de Stella hesitar. Isobel parecia não saber nada sobre os assassinatos. O que iria dizer? Finalmente decidiu que cedo ou tarde ela iria saber, então perguntou:

“Você sabe o novo escritório?”

“Não.”

“Bom, neste caso eu tenho uma historinha pra te contar. Podemos conversar?”

“Sim”, foi a resposta dela, rapidamente e mesmo subconscientemente checando a bateria do celular.

Stella contou sobre a mudança, sobre suas férias, seu retorno ao trabalho naquele dia e sobre a terrível situação em que estava. Quando terminou, Isobel perguntou:

“Mas que tipo de trabalho vocês podem estar fazendo que causou isso tudo? Eu imagino que você ache que Jonathan esteja entre os mortos.”

“Sim, eu acho que está.”

Adam que não estava sentado longe, escutou a última frase, se levantou e foi em direção a Isobel com uma cara preocupada. Outros tinham escutado a conversa também.

Stella contou a Isobel sobre a natureza do trabalho que faziam, terminando com: “Você não acreditaria nas coisas que temos sobre pessoas importantes. Eu nunca poderia ter imaginado que isso pudesse acontecer, mas não sei mais o que fazer ou o que pensar.”

Isobel perguntou se ela se importaria em contar tudo de novo, desta vez para um amigo, alguém em que confiava e que poderia ter uma ideia do que fazer.

Após ouvir uma vez, Adam pediu para que ela repedisse algumas partes da história e perguntou mais sobre o que eles faziam. Stella respondeu que era basicamente coleta de informações e que não queria falar muito pelo telefone, mas que se eles pudessem se encontrar, ela falaria mais. Quando terminou, Adam perguntou:

“Onde você está agora, está a salvo?”

“Em um amigo.”

“Bom, fique aí. Não vá para casa nem saia daí se puder. Nós estamos planejando ir para Londres depois de amanhã, mas podemos ir amanhã, se

quiser.”

“Ok, podemos nos ver quando chegarem, me mande uma mensagem dizendo onde e quando, vejo vocês amanhã.”

Adam olhou para Isobel e disse: “Merda.” Este foi seu único comentário.

“Você não mentiu para mim, mentiu cara? O tempo é certo, a polícia acha que isto aconteceu 4 ou 5 dias atrás. Eu tenho as notícias aqui. Isto parece um pouco extremo, até mesmo para você.”

A única resposta de Adam para isso foi mostrar seu dedo do meio para o irmão.

“Eu aposto que alguém vai fazer esta acusação, mas não acho que alguém pense seriamente que eu tenha matado todos aqueles caras. Nem mesmo por sua causa, amor.”

“Com o que ele poderia estar envolvido que o tenha matado?”

“Eu realmente não sei. Eu não sabia nada sobre os negócios. Você acabou de escutar mais do que eu sempre soube. Tudo o que sabia era o que saía nos jornais.”

“Desculpe querida, isto não é bom. Que merda.”

“Está tudo bem, nós não sabemos se ele está morto. O que sabemos? Vocês realmente querem ir vê-la? E se alguém a quiser morta?” Perguntou Dan enquanto navegava pelas notícias.

“Sim, eu sei o que quer dizer, mas parece que estamos sendo arrastados para uma merda bem séria, eu gostaria de saber com o que estamos lidando antes que fiquemos atolados demais. Deve ser seguro, falamos com ela, conseguimos mais informações e decidimos o que fazer.”

“Ela não parece estar inclinada a procurar a polícia, senão já teria feito. Mas se tudo for tão ruim assim, procuramos os policiais, não temos nada a esconder.” Disse Adam olhando para seu irmão.

Dan acenou com a cabeça e deu de ombros.

Do lado de fora, o homem que estava vigiando enviou uma mensagem para o outro:

“Venha aqui agora.”

Eles tiveram sorte, pois só tinham chegado há quinze minutos. Se esta ligação tivesse acontecido antes, seria gravada, e não seria ouvida até eles estarem de volta ao hotel na manhã seguinte.

O segundo vigia chegou um minuto ou dois antes e estava agora ao lado do primeiro, escutando a continuação da conversa. O primeiro começou a tomar nota logo depois de ter escutado a palavra ‘Jonathan’ pela primeira vez. O instinto disse a ele que seria importante e deveria ser entregue na hora.

Ele fez um sinal para o segundo vigia para que permanecesse no posto enquanto ia até o carro. Ele também tinha enviado uma mensagem para o motorista minutos antes.

O homem sabia que tinha que mandar isto de volta para seu chefe e rápido, mas teria que ser preciso e conciso. Então, ele verificou mais uma vez suas anotações. De volta ao hotel, só levou alguns minutos para encriptar as informações e enviar o e-mail.

Capítulo Vinte e Um

Não mais que trinta minutos depois, Roseau começou a ler o e-mail, depois de ser avisado por mensagem de texto que receberia um relatório.

Mais uma vez, ele não estava satisfeito com o que lia, mas também não estava surpreso. A operação estava em movimento por mais de um ano agora e com a data se aproximando, os problemas começavam a aparecer. Ainda assim, não havia nada em específico que colocava a missão em risco, mas estes problemas poderiam sair de controle e precisavam ser exterminados na hora. Ele tinha se preparado para esse dia por muitos anos, não dava para colocar tudo a perder com erros simples.

Lembrando-se do escritório de Mason, recordou que havia um escritório vazio, como se estivesse esperando pela chegada de alguém. Ele não deveria ter deixado isso passar, nem De Costa.

Roseau sempre se perguntava por que De Costa tinha sido colocado nesta missão, ele parecia ter seus próprios compromissos na maior parte do tempo.

Seus técnicos em computação que estavam checando as informações dos computadores do escritório de Jonathan iriam encontrar esta mulher cedo ou tarde. E eles teriam que lidar com ela e com os três em Devon, mas agora que todos eles estavam vindo, as coisas ficariam muito mais fáceis de resolver e provavelmente muito mais divertidas.

O assassinato daqueles idiotas no escritório tinha-lhe lembrado o quanto ele adorava matar seus inimigos. Descobrir que este Adam Young estava andando por aí debaixo do seu nariz tinha deixado ele envergonhado. De Costa tinha certeza de ter mencionado isso no relatório sobre a conversa gravada mais cedo. Cuidar de Young agora tinha se tornado pessoal e tinha que ser feito antes do seu próximo comunicado.

Haveria uma atualização vinda de Plymouth na manhã seguinte e ele iria esperar até decidir qual o melhor método para matar Young, sem chamar atenção indevida. Um acidente seria o melhor, mas seria tão coincidência que ninguém iria acreditar.

Na casa dos Young, tinha-se decidido a mesma coisa. Pouco poderia ser feito apenas com especulações, e era o que estavam fazendo desde o telefonema de Stella. Eles iriam descansar, Isobel e Adam partiriam para Londres bem cedo e

Dan seguiria no dia seguinte, conforme planejado. Se o hotel que eles tinham reservado não pudesse recebê-los um dia antes, pensariam em outra coisa.

Os vigias não tinham muito tempo para se preparar, pois teriam que segui-los até Londres. Embora a viagem para assistir ao jogo no domingo tivesse sido mencionada várias vezes nos últimos dias, não havia nenhuma referência sobre onde iriam se hospedar. Segui-los seria crucial.

Os homens tinham alugado um segundo carro alguns dias antes como reserva, e agora os dois veículos seriam usados para seguir os Young até Londres. Outro vigia ficaria e poderia alugar mais um carro para ficar monitorando as conversas enquanto os outros dois seguiriam Adam.

Adam e Isobel pegaram a estrada às 07:15 da manhã, e os vigias, cada um em um carro, esperavam a meio quilômetro de distancia na estrada. Eles sabiam que Adam passaria por lá, e agora o estava seguindo a pouco mais de duas horas. Os vigias trocaram o carro que ia à frente várias vezes, sendo bastante cuidadosos para não serem notados. Eles eram muito bons no que faziam e estavam equipados com tecnologia de ultima geração. Estava muito fácil até agora.

Logo depois que eles trocaram de carro líder pela quarta vez, Adam parou em um posto e foi seguido. O motorista que o seguiu entrou em contato com o colega usando microfones ativados por voz que os dois usavam. Ele disse que tinham feito uma parada, que o outro deveria esperar no próximo cruzamento e segui-los quando passassem por ele.

Tanto Adam quanto Isobel queriam café. Postos de estrada eram quase todos iguais, havia pouca diferença entre eles, mesas de plástico com cadeiras de plástico. Não era um lugar para passar um tempo agradável, mas o café estava bom, embora não tão forte como gostariam, e o bolinho estava comestível.

A principal razão para Adam parar, foi ligar para o hotel e ver se eles podiam chegar um dia antes e se poderiam estacionar lá. A ideia inicial era ir de trem, mas a Pajero tinha mais espaço para levar coisas, então, eles levaram um monte de ‘coisas que talvez fossem úteis’.

Depois do café e de ter ligado para o Hotel Carlton Towers que confirmou tanto a estadia quanto o estacionamento, eles voltaram para a estrada.

A estrada tinha estado relativamente tranquila toda a manhã e Adam pode perceber que eles estavam sendo seguidos por um carro preto que parou a algumas fileiras de distância no posto.

Quando ele e Isobel voltaram para o carro, ele pôde ver que o homem inda estava sentado lá, ele não tinha ido ao banheiro e nem parecia estar ao telefone, apenas ficou sentado olhando pela janela. E notou também que o carro, um Audi A6 antigo os seguiu quando saíram do posto, embora tenha sido ultrapassado por

ele no cruzamento. Provavelmente era coincidência, mas subconscientemente ele ficou alerta. Quando trinta minutos depois voltou a ver o carro, Adam começou a prestar mais atenção.

Como um oficial de Inteligência Naval, não era esperado que ele fosse um especialista em vigilância secreta. Seu campo era exploração de dados, predição de movimentos do agressor para interceptação, etc. Isto incluía ligação com pessoas das Forças Especiais, principalmente o Serviço Especial de Embarcações, mas ele também tinha trabalhado com inteligência Humana, por isso, tinha frequentado vários cursos nessa área. Ele sabia o que procurar se pensasse que estava sendo seguido.

Na próxima hora e meia, dirigindo um pouco mais lento que o normal, Adam viu o Audi outras duas vezes.

Logo depois de Heathrow, o Audi passou por ele de novo, então, se ele estivesse certo, outro carro tomaria a posição dele. Havia um posto mais à frente, e Adam sinalizou para entrar. Nenhum outro carro atrás dele deu o sinal. Mas, um pouco mais atrás, uma Range Rover trocava de pista para entrar no posto. Ele tinha visto esta mesma Range Rover outras vezes nas últimas horas.

Assim que estacionaram, Adam falou para Isobel para andar como se ela estivesse apertada para fazer xixi. E ela perguntou:

“Como eu devo fazer? Vou pensar em alguma coisa.”

Ela realmente parecia que estava apertada enquanto andava em direção ao banheiro. Adam ia atrás dela. Desta vez, o motorista não repetiu os mesmos erros do colega e saiu do carro para usar os serviços do posto. Adam esperou junto à porta do banheiro feminino e ficou de olho no cara. Quando Isobel saiu, Adam pediu a ela que pegasse algumas coisas na loja e desse tempo para ele fazer algumas ligações.

Isto facilitava a vida do vigia que tomava um café no balcão. Era fácil vigiar Adam de lá, mas também era fácil ser vigiado por ele enquanto fazia as ligações.

O homem parecia relaxado, para todos os efeitos era um viajante precisando de café, mas seus olhos nunca se desviavam da porta ou de onde estava Adam. Ele sabia o que o homem estava olhando, era óbvio. Ele estava definitivamente vigiando alguma coisa e Adam apostava que eram eles.

O vigia tinha cronometrado bem o tempo. Ele estava levantando da mesa quando Isobel saiu da loja, permitindo que os dois ficassem atrás dele enquanto iam em direção ao carro. O vigia deve ter pensado que estava em vantagem, obviamente satisfeito em deixar Adam segui-lo por um tempo, antes de sinalizar para a esquerda e se afastar.

Dez minutos depois o Audi preto reapareceu. Estes caras estavam obviamente em sua cola, mas agora, eles estavam a apenas dez minutos do hotel.

Adam contou a Isobel sobre suas suspeitas, que estavam sendo seguidos e que ele tinha feito reserva em outro hotel, o Roof Gardens que não ficava a mais que cinco minutos a pé do primeiro. Seu plano era fazer o check in no primeiro e ser visto fazendo isso, deixar o carro no estacionamento e ir andando até o Roof Gardens, fazer check in e ficar lá.

Adam achava que eram apenas dois carros com um homem em cada e que poderia reconhecê-los, então, sair do primeiro hotel e ir para o segundo sem ser visto deveria ser bem fácil. Quando Isobel perguntou por que havia gente os seguindo e como, Adam respondeu que eles deveriam se concentrar no que tinham que fazer e que falariam sobre isso assim que estivessem em segurança no segundo hotel.

Isobel e Adam conseguiram despistar os homens facilmente, deixaram a maioria das coisas no carro, no Carlton Towers, com os vigias observando. O carro estava acessível, caso precisassem. Por agora, tudo o que precisava estava com eles e então poderiam se encontrar com Stella sem serem seguidos.

Uma vez no quarto, a conversa girou em torno de quem estaria os seguindo, eles tinham visto os dois vigias, perto da entrada do hotel quando saíram.

Podia ser a polícia que estava seguindo Adam. Tanto em relação a sua prisão, o que era improvável, ou em relação às mortes, o que era também improvável, pois eles teriam tentado interrogá-lo. Só podiam ser as pessoas que procuravam por Stella e que talvez tivessem matado Jonathan.

Parecia também eram seguidos desde casa, o que significava que já estavam sendo vigiados antes da ligação de Stella na noite passada. Era concebível que o sinal do celular de Isobel tivesse sido rastreado até Wembury e que estes homens tinham chegado lá antes de eles terem saído nesta manhã e então os seguiram até Londres. Mas a limitação do tempo fazia parecer improvável.

Se eles estivessem sido vigiados desde Wembury, era preocupante e ele precisaria avisar Dan assim que possível. Por agora, eles iriam encontrar Stella no restaurante e tentar entender o que estava acontecendo, ou pelo menos, uma parte. . O endereço ele tinha enviado por mensagem de texto.

Assim que Adam e Isobel entraram no restaurante, um reforço na vigilância chegou ao Hotel Carlton Towers. Quatro homens se posicionaram nos arredores e esperaram o próximo movimento da presa.

Capítulo Vinte e Dois

Stella chegou cinco minutos depois. Adam sabia que era ela por causa dos olhares furtivos que lançava.

Era cedo, e a esta hora da noite havia apenas uma mesa ocupada por um casal. No entanto, Stella olhava ao redor parecendo nervosa. Se Adam não soubesse que ela tinha acabado de voltar das Seychelles iria achar que ela estava trabalhando em um escritório no porão nos últimos meses.

Isobel levantou-se e acenou para ela. Stella sentou-se, mas ainda parecia assustada. A percepção do que estava acontecendo a tinha atingido e era fácil perceber que ela precisava falar sobre isso.

Isobel apresentou Adam, mas não explicou sua presença. Ela pediu que Stella contasse de novo o que tinha acontecido e o que ela tinha visto, com o máximo de detalhes. Stella contou a história mais uma vez, desta vez adicionando alguns detalhes assim que se lembrava deles. Quando terminou, não tinha dito muito mais coisa do que na noite anterior.

A polícia não tinha dito mais nada sobre a identidade dos outros dois corpos desde a última declaração, mas tanto Jonathan quanto Nigel haviam sido mencionados pela imprensa como possíveis vítimas, pois trabalhavam com Carl, Fred e Dave, que já tinham sido identificados. Havia também muita especulação a respeito da natureza do trabalho deles e sobre quem poderia ter cometido os assassinatos. Foi relatado que estes cinco homens trabalharam juntos na Internacional até recentemente, juntamente com uma sexta pessoa, uma mulher. Stella foi mencionada como essa mulher.

Não era de se estranhar que estivesse tão pálida.

O termo “Coleta de Informações” estava sendo usado para descrever o que os seis faziam na Internacional. Era muito pouco provável que qualquer um dos jornalistas que falava sobre os assassinatos acreditavam que isto não estivesse ligado a grampos telefônicos. Ninguém tinha feito ainda estas alegações, diziam que suas fontes informaram que o grupo tinha saído do prédio da Internacional há não mais que três semanas. Nenhuma menção à mudança para o novo prédio foi feita, e isto não parecia estar ligada à Internacional. Parecia que os seis tinham montado um negócio próprio, fazendo a mesma coisa de antes.

O fato de a polícia ainda não ter mencionado seu nome era tranquilizador para Stella, mas eles logo iriam. Registros de passaportes logo seriam encontrados indicando que ela estava de volta ao país e a polícia estaria buscando por ela dentro de no máximo um dia.

Alguma coisa não estava certa aqui, definitivamente.

Ela começou a sentir o pânico aumentar de novo.

Isobel notou que a amiga se endireitava na cadeira, o olhar de medo transformava seu rosto, os olhos se arregalavam. Antes de Stella se levantar, ela disse:

“Preciso contar algumas coisas, mas aqui não é o lugar. É sobre Jonathan, e sobre estes machucados. Ele é o responsável por isso.” Disse Isobel mostrando os machucados ainda visíveis em seu rosto.

“O hotel em que estamos é na esquina, vamos comer e então voltar para lá conversar mais privadamente e com mais conforto, acompanhados de uma bebida, ou dez. Acho que estamos todos precisando.”

Stella relaxou um pouco enquanto comia, embora ainda suspeitasse de tudo. Um casal abrindo a porta quase lhe causou um enfarte. Quando terminaram de comer, Stella sabia que ia ter que falar com eles, contar a verdade sobre Jonathan, o trabalho e sobre o que ela tinha feito. O peso de tudo isso era muito grande e ela precisava falar, precisava de ajuda. Ela confiava em Isobel como amiga e o cara com ela parecia que podia dar conta de tudo. Então, ir para o hotel parecia ser uma boa ideia, talvez a única.

Adam saiu primeiro, observando a rua, seguido de perto por Isobel e Stella. Ainda chovia e a rua estava quase deserta, uma ou duas pessoas andando rapidamente com a cabeça baixa. Alguns carros estavam estacionados, mas ninguém estava dentro.

Os vigias tinham pedido por carros novos, no caso de terem sido vistos em algum momento durante o caminho desde Plymouth. Os dois novos vigias estavam sentados no saguão do Hotel Carlton, esperando avistar Isobel e Adam. Estes dois homens não trabalhavam diretamente para Roseau, mas eram contratados para trabalhos específicos e pouco sabiam. O trabalho atual era acompanhar Adam e Isobel que tinham entrado no hotel, mas ainda não tinham reaparecido.

Adam, Stella e Isobel chegaram ao hotel Roof Gardens em poucos minutos e logo encontraram o que queriam no frigobar. Adam tinha acertado com essa reserva improvisada. Uma busca rápida no Google enquanto estava no posto, mostrou que este era o hotel mais próximo do Carlton e embora tivesse pouca informação, reservou o único quarto disponível. O quarto tinha uma sala grande com vários sofás de couro e uma varanda.

Sentado em um sofá de frente para Isobel e Stella, Adam contou sobre a viagem até lá, que eles tinham sido seguidos e como tinham feito para despistá-los, trocando de hotel. Ele achava que seria mais fácil para Isobel contar a Stella sobre os últimos dias se ele não estivesse lá, então sugeriu que elas conversassem enquanto ele ligava para Dan. De qualquer forma Dan precisava saber que eles tinham sido seguidos.

Isobel sentou-se ao lado de Stella e contou sobre todos os problemas em seu casamento, tendo ficado sozinha em Plymouth a maior parte do tempo, como conheceu Adam e também falou sobre o retorno dela de Cuba na última semana.

Depois de alguns minutos, Stella disse:

“Desculpe querida, eu sei o quão idiota ele pode ser com uma mulher. Mas quando ele te trouxe de volta de Cuba, pensei que o absurdo todo tinha acabado, que ele nunca se arriscaria a perder você. Evidentemente eu estava errada.”

Depois de se abraçarem Stella disse:

“Mas parece que você fez uma boa troca.” Disse, balançando a cabeça em direção a Adam.

“Verdade, mas estou preocupada com o que aconteceu com Jonathan. Eu não desejo isso para ninguém.”

Quanto voltou para o quarto, Adam perguntou para Stella, que parecia estar mais calma em relação a ele, pelo menos não parecia tão assustada como há meia hora.

“Se tudo isso é sobre alguma informação que a sua empresa tinha, e considerando a organização destas pessoas, parece que eles nos seguiram desde Plymouth muito facilmente. O que quer que você tenha, deve ter valor para alguém. Mas pelo que você nos disse até agora, espionagem não parece ser o termo mais adequado. Você entende o que quero dizer?”

“Sim, eu entendo exatamente o que você quer dizer. E tem muito mais coisa que eu não disse, mas vai levar tempo. Então é melhor pegarmos outra bebida.”

“Tenho que voltar um pouco no tempo, para quando eu conheci Jonathan para vocês realmente entenderem. Eu tinha por volta de 23-24 anos e tinha acabado de arrumar um emprego na Internacional como repórter investigativa. Depois de algumas semanas atrás de pistas sobre um caso, eu tinha quase tudo, mas precisava de mais uma coisa, que se provava impossível de conseguir, e sabia que para obtê-la alguém precisaria fazer alguma coisa que não era completamente legal ou ética. Uma pessoa na sala de conferências me apresentou a Jonathan. Eu disse a ele o que precisava e para que precisava. Na verdade eu não esperava uma resposta positiva, mas depois de duas horas, lá estava ela! E eu tinha o meu artigo.”

“E as notícias eram quentes! O artigo foi sobre a Casa dos Lordes e sobre como a nobreza estava sendo vendida. Eu descobri que o então Primeiro Ministro, conseguiu para sete de seus amigos, todos homens de negócio de sucesso, cadeiras vitalícias na Casa dos Nobres e os títulos que vem junto, em troca de enormes doações para o Partido Trabalhista. Isto é ilegal e era uma tremenda história.”

“A informação que eu precisava era a confirmação final, o rastreamento do dinheiro. E consegui isso graças a Jonathan. Estes caras deveriam ser mandados para a prisão, ou pelo menos perder os títulos de nobreza que conseguiram. E o Primeiro Ministro deveria ter sido obrigado a renunciar. Eu não sei se vocês se lembram, mas a investigação na Polícia Metropolitana foi chefiada pelo Comissário Adjunto Bates. Vou falar mais sobre ele mais tarde, mas basta dizer que a investigação foi abandonada. A Polícia Metropolitana chegou à conclusão que estes homens tinham feito empréstimos e não dado presentes as Partido Trabalhista, e que não havia nenhum acordo prévio sobre os títulos de nobreza. Isto era uma mentira descarada, como eu já tinha provado, mas com Bates no comando, este foi o resultado.”

“No entanto, eu tinha me saído bem, uma festa foi dada em minha homenagem em um barzinho local. Jonathan obviamente pensou que havia me ajudado bastante e que por isso podia me assediar. Eu estava muito bêbada. Mas surpreendentemente depois disso, nós nos demos muito bem, ficamos amigos. Mas eu acho que por um tempo ele pensou que eu era sapatona.”

“Esta experiência me ensinou muito e tudo o que eu queria era descobrir a verdade, expondo as pessoas que tinham feito algo errado, e que de outra forma iriam se safar. Eu era muito apaixonada pelo meu trabalho. Eu me via como uma heroína, expondo aqueles que mereciam. Isto requeria uma grande quantidade de informações e confirmações que eram de difícil acesso.”

“Com o tempo, parecia ser apenas mais um empresário desonesto, um político corrupto ou um padre homossexual. Eu descobri que escrever artigos não me animava mais. Existem tantas maneiras de falar sobre elas, mas na verdade, estas pessoas me enojavam. Era apenas mais um dentre os milhares de idiotas que existem. O que eu gostava era descobrir as sujeiras sobre elas, o que ninguém mais conseguia, e deixar que outros publicassem os artigos. Então, eu comecei a trabalhar cada vez mais com Jonathan, ele me ensinou tudo sobre vigilância eletrônica, assunto que dominei rapidamente. Ele até dividia comigo sua lista de informantes, pelo menos era o que achava até recentemente, pois descobri nomes que não estavam nesta lista.”

“Havia também outro tipo de história, quero dizer, qual jogador de futebol estava sendo infiel, que artista tinha sido pego fazendo sexo em um banheiro

público, que celebridade estava usando drogas. Eu pessoalmente achava estas histórias uma perda de tempo e discutia isto com a chefia, mas me disseram que este tipo de notícia vende muito jornal e sem elas e sem os métodos desenvolvidos para obter informação, eu não teria como realizar o trabalho que considerava mais importante. Não posso dizer que estava feliz com isso, mas eu não tinha escolha.”

“Obviamente eu não era a única pessoa envolvida com isso na Internacional, vários repórteres estavam cavando sujeira para seus artigos, nós até usávamos detetives particulares. Então, talvez quatro ou cinco anos atrás, aconteceu uma reviravolta na maneira que operávamos. Dandelion, o dono da Internacional, decidiu que ao invés de usar repórteres para obter informações, usaria um grupo exclusivo.”

“Jonathan foi escolhido para chefiar este grupo e me ofereceu um lugar nele. Para ser sincera, foi o dinheiro que me atraiu mais que qualquer outra coisa. Éramos seis: Carl, Fred Dave que trabalhava comigo e Nigel que cuidava dos equipamentos. Nossa organização era impressionante, para dizer o mínimo. Nós fomos transferidos para uma ala separada, com quatro novos e enormes escritórios abarrotados de equipamentos.”

Adam segurava a mão de Stella para apoiá-la. Ele escutava tudo em silêncio, bebendo uma cerveja. A cerveja acabou e ele foi até o minibar pegar outra, trouxe também uma garrafa de vinho branco que as meninas estavam bebendo. Stella bebeu um gole e continuou com sua história.

“Como o campo de vigilância eletrônica se expandiu, nós nos tornamos especialistas. Não havia ligação, mensagem de texto ou computador que eu não conseguisse acessar com o equipamento certo. Eu ainda tinha o mesmo objetivo de quando era repórter investigava, fazer as pessoas pagarem pelo que tinham feito. Em algum momento, as informações que eu conseguia seriam usadas para este propósito. Era no que queria acreditar.”

“Mas sempre havia aqueles com poder ou dinheiro suficientes para contratar o melhor advogado da cidade. Esses caras assustavam a mídia, e acho que por isso eram deixados em paz. Mas recentemente eu descobri que isso ia além, havia também um alto nível de proteção.”

“Além dos novos aparelhos, tínhamos também uma nova fonte de informação. Toda ligação ou mensagem feita dentro do Reino Unido ou para o Reino Unido era mandada para a Casa Thames, sede do MI-5 e monitorada automaticamente. Nós começamos a ter acesso a isso repentinamente, não faço ideia como isso aconteceu. Você não faz ideia que tipo de informação está por aí e o quão fácil é obtê-la usando o equipamento certo.”

Adam fazia ideia, mas deixou que ela continuasse sem interrupções. Grande parte do trabalho dele para inteligência naval tinha similaridades com o que Stella fazia. Ele sabia exatamente o que acontecia na Casa Thames e usava as informações quase que diariamente para buscar por ameaças terroristas.

Stella continuou, ela contou sobre quais pessoas tinha informações: atuais ou antigos Primeiro Ministros, líderes de partidos, bancos, corretoras, oficiais do Palácio de Buckingham e até mesmo seu antigo chefe, Dandelion.

“Além disso, estávamos comprando muita informação da polícia, mas não mais com pequenas somas de dinheiro, mas sim grandes quantias. Incluindo oficiais que eu sabia que estavam protegendo outros.”

Ela contou sobre as informações que tinha sobre Primeiros Ministros e cartas do serviço secreto para aqueles que muitos pensam serem nossos inimigos. Sobre subornos a oficiais do governo para o planejamento e acesso a contratos governamentais e até mesmo alterações políticas. Havia informações também sobre oficiais da Receita. Quais bancos lavavam dinheiro do tráfico de drogas e a enorme quantidade de conluíus entre bancos e o governo.

Stella hesitou um pouco antes de prosseguir.

“E então, o mais doentio de tudo, a rede de sexo que envolvia meninas e meninos menores de idade, do Reino Unido ou de fora. Alguns vulneráveis ou deficientes. Alguns eram sequestrados, outros vendidos para sindicatos. Mas todos eram usados por pessoas doentes.”

“Estas histórias nunca vieram à tona, principalmente aquelas que envolviam ricos e poderosos, capazes de esconder o que estavam fazendo, ou de tal notoriedade que ninguém acreditaria.”

“Recentemente, eles começaram a pegar clientes particulares que o que queriam mais parecia espionagem corporativa do que notícias.”

“Nos últimos dois anos, eu fiquei cada vez mais desiludida com o que fazíamos, mas meu salário me fascinava. Eu sou obscenamente bem paga.”

Quanto mais ela falava, mais horrorizados eles ficavam. Eles perceberam que havia muitos nomes nesta lista que poderiam matar para se proteger.

Adam a interrompeu neste ponto.

“Então, você está dizendo que nos últimos anos você vem colecionando histórias sobre muitos poderosos extremamente perigosos que fariam qualquer coisa para se proteger? Temos muitos possíveis candidatos.”

“O que vamos fazer? Ir até os escritórios e perguntar quem nos quer mortos? Eu acho que não.”

Stella nunca tinha verbalizado o que tinha feito. Ela estava começando a ficar com nojo de si mesma por ter participado.

“O negócio é o seguinte, pode não ser sobre alguém tentando esconder uma informação, pode ser sobre alguém tentando obtê-la. Tenho certeza que vale muito dinheiro para certas pessoas.” Disse Adam mais calmamente. “Mais cedo você disse que ainda tem os dados. Onde exatamente?”

“Em uma nuvem segura.”

“O que quer que seja, talvez seja a única coisa que teremos que usar. Eu posso acessá-la do meu computador?”

“Pode, qualquer computador com acesso a internet pode, desde que seja com o código certo, que só eu e Jonathan temos.”

Durante a hora seguinte, os três continuaram a conversa, com Stella revelando mais sobre o trabalho dela e de Jonathan. Adam estava surpreso com o quão estúpido eles tinham sido, eles estavam brincando com fogo e não tinham a menor ideia sobre o que estavam fazendo.

A conversa foi interrompida pelo toque do celular de Adam. Ele tirou o celular do bolso, olhou o visor para ver se conhecia o número, mas não, não conhecia. Ele atendeu assim mesmo e a voz do outro lado disse:

“É Adam Young?”

“Sim, posso te ajudar?”

“Aqui é o inspetor Morris da polícia de Devon e Cornualha, estamos tentando falar com Isobel Mason, ela está com você?”

“Está sim, é sobre o que?”

“Bem, você viu as notícias e alguma coisa sobre o tiroteio em Londres?”

“Vi um pouco sim, por quê?”

“Bom, precisamos falar com a Sra. Mason, podemos?”

“Ela está no banho, vou pedir para ela te ligar assim que sair.”

“Ok, mas rápido, por favor.”

Depois de desligar, Adam foi até as duas mulheres que ainda estavam sentadas lado a lado. Isobel estava tentando confortar Stella. Adam contou sobre a ligação, que o inspetor Morris queria falar com ela urgentemente e que era sobre Jonathan. Eles concordaram que ela deveria dizer que estava em Londres no Carlton Towers, mas que não deveria dizer nada sobre Stella, e tudo que ela sabia sobre o tiroteio tinha sido através da mídia.

Isobel ligou para o policial, sua voz tremia e era perceptível, depois de uma conversa de três minutos, ela desligou. O policial disse que achava que um dos corpos era de Jonathan e precisava que alguém da família fosse identificar. Ela respondeu que faria isso na manhã seguinte.

Isobel sentou-se no sofá com uma taça de vinho nas mãos. Adam achou que ela não estava com uma cara boa.

Eu acho que assim que você fica quando a polícia fala que acha que seu marido está morto.

Todos pareciam cansados, e assustados também.

Quando Stella revelou seus segredos há muito tempo escondidos, arrastou Adam e Isobel para uma sujeira tão grande que nenhum tipo de limpador poderia remover. Andar em um campo minado seria uma metáfora apropriada. O mero fato de terem conversado com Stella iria promovê-los para o topo da lista de alvos de pessoas extremamente poderosas, não importando o que sabiam ou diziam.

A cabeça de Adam estava tão lotada de fatos e pensamentos sobre as consequências destes fatos que ele achava difícil conseguir pensar coerentemente. Já passava da meia noite, então sugeriu que Stella ficasse em outro quarto da suíte. A intenção dele era conseguir uma suíte com dois quartos, imaginando que Dan iria ficar com eles, mas ele tinha ficado com uma suíte de três quartos no último andar, que seria bastante agradável se eles pudessem curtir ou se importar com o que estava em volta. Adam mostrou o quarto para Stella, pegou Isobel pela mão e a levou para cama.

Levou bastante tempo até que conseguissem dormir, a consequência de tudo o que tinham ouvido e do que tinha ocorrido ficava martelando em suas cabeças. Stella também estava com problemas para dormir, seus últimos pensamentos antes de pegar no sono foram:

Não ficou muito claro sobre o que vamos fazer. Tudo o que fiz foi realçar o quão complexa é a situação. Mas pelo menos não estou sozinha nessa.

Os homens que estavam vigando o Hotel Carlton agora percebiam que tinha cometido um erro. Eles não sabiam como, mas Isobel e Adam tinham feito o check in, mas não tinham se hospedado lá. Aparentemente eles tinham ido embora logo depois de terem se registrado. A única explicação era que eles tinham sido vistos durante a viagem até lá, e tiveram tempo de escapar.

Um dos vigias tinha visto Adam e Isobel o tempo todo enquanto se registravam. O único momento em que ficaram fora de visão foi quando ele saiu do carro. Finalmente eles tinham encontrado um funcionário que iria verificar o quarto por 100 libras. O quarto estava vazio, não tinha nem mesmo as bagagens. Agora os vigias estavam em seus carros esperando por novas ordens.

Capítulo Vinte e Três

Na manhã seguinte, as coisas não pareceram melhores ou mais claras. O tempo lá fora estava úmido, cinza, péssimo. E a atmosfera lá dentro não era muito melhor.

Havia uma dúzia ou mais de pessoas ou grupos que teriam motivação para os assassinatos e era impossível saber qual. A única coisa que eles podiam fazer era esperar, ou quem sabe usar as informações como vantagem.

Havia também a polícia. O que dizer para eles? Por hora, eles deveriam estar procurando Stella. A polícia provavelmente iria interrogar Adam e Isobel sobre seu paradeiro no momento das mortes. O noticiário informava que as mortes tinham acontecido durante o dia, provavelmente no dia seguinte em que Adam e Isobel viram Jonathan pela última vez em Park Lane. Naquele momento, eles já estavam em casa em Wembury, com comprovantes de pagamento de gasolina em postos da estrada, como prova de que eles tinham ido para Plymouth naquela noite. Adam já tinha dado esta informação para Clive, mas não como um depoimento oficial relacionado a estes assassinatos.

Adam não estava ansioso por outro interrogatório, o último tinha sido ruim o suficiente. Desta vez ele sabia que haveria policiais com interesse em manter as informações de Stella escondidas. Eles teriam que dizer a verdade, mas deixaram Stella e tudo o que ela sabia de fora. Eles diriam a polícia que estavam hospedados no Hotel Carlton Towers, para garantir. Adam iria repassar tudo com Isobel antes de saírem para identificar o corpo.

Às dez horas da manhã, Adam e Isobel chegaram ao necrotério do Hospital Hammersmith. Eles haviam conversado sobre o que dizer e estavam preparados para o pior.

Isobel foi levada a uma sala e retornou alguns minutos depois, ela estava pálida e abalada, como na noite anterior. E tinha chorado. Isto respondia a questão: sem dúvida era Jonathan.

Segundos depois a porta se abriu e o Inspetor Clive e outro policial entraram. Clive apresentou o outro homem como Vice Comissário Layton para Adam e Isobel. Adam ficou surpreso que Clive estava lá e trabalhando no caso, ele tinha dito que iria investigar Jonathan, o que pode ter sido o motivo de sua viagem para Londres e o fato de estar no meio esta confusão. No momento, Adam estava

feliz por Clive estavar lá, mas tudo poderia mudar, a final de contas ele era policial. O envolvimento da polícia com Jonathan e o interesse que tinham no caso, mostrava para Adam que ele realmente não podia confiar em nenhum deles.

Layton disse:

“Nós sentimos muito por sua perda, mas precisamos fazer algumas perguntas.”

“Por favor, continue.”

“Precisamos falar com os dois separadamente, você pode me acompanhar?”

Tudo estava indo como Adam tinha previsto, Clive olhou para ele e fez um gesto para que o acompanhasse até outra sala, ao lado da que Isobel ocupava.

“Eu acho que você já percebeu que a Polícia Metropolitana está de olho em você, a linha do tempo se encaixa até agora. Mas por enquanto ainda não temos o horário oficial das mortes. Eu pessoalmente não te vejo ligado a isso e contei a eles o que sei sobre você. O resultado é que agora nós dois estamos conversando, o que eu acho melhor do que você falar com outro cara da Metropolitana.”

Adam respondeu que entendia isso, e como ele não tinha nada que esconder, sua declaração iria ser idêntica a de antes. A única coisa que ele podia acrescentar era o que tinha feito até então, o fato de ter ficado em sua casa em Wembury e a viagem para Londres ontem. Isobel daria as mesmas respostas, e embora não gostasse de Mason, ele sentia muito a sua morte. Ele não tinha mais nada a acrescentar. Depois de quase uma hora respondendo as perguntas de Clive, Adam foi dispensado e se juntou a Isobel no corredor.

“Os dois estão livre para ir, por hora!”

Era por volta do meio dia quando eles saíram do hospital. Clive estava em Londres há três dias e as coisas ficavam cada vez mais estranhas. Ele viera conversar com esse Jonathan Mason, que apareceu morto. Mason parecia ser bem conhecido por ali, principalmente entre os oficiais sêniores, alguns deles pareciam bem ansiosos a respeito dos acontecimentos, principalmente o Comissário Adjunto Bates.

Clive não estava gostando do que via, muito menos do que sentia.

O que tinha a respeito de Mason que deixava todo mundo preocupado?

Ele estava morto, então obviamente não era uma ameaça, mas e esses discos rígidos que tinham sumido? Será que eram? Havia muita corrupção na Polícia Metropolitana, principalmente em relação aos jornais.

Será que seus nomes estavam nestes discos?

Clive tinha muitas questões a serem respondidas.

O Inspetor Chefe Adjunto Blyth que tinha acompanhado Gooding até Londres três dias atrás já havia retornado a Plymouth. Gooding estava

essencialmente seguindo o Inspetor Layton nas investigações, o que deu a ele bastante tempo para observar. E ele era muito bom nisso. Quando suas suspeitas ficaram mais fortes, soube que era hora de conversar com alguém sobre isso, mas quem?

Adam tinha um problema similar, embora não tivesse visto as informações coletadas por Jonathan e companhia, ele tinha todas as razões para acreditar em sua existência. E isto parecia estar causando um profundo efeito em sua vida.

O dia estava melhorando. Ao invés de irem direto para o hotel para possivelmente serem seguidos, uma caminhada pelo Hyde Park parecia ser uma ideia melhor. Era bem possível que aqueles que os seguira no dia anterior, trabalhassem com ou para a polícia, ou então tinham como obter informações com eles.

Eles caminhavam de mãos dadas, Adam estava imerso em seus pensamentos. Por quase meia hora eles quase não se falaram, mas estavam atentos se estavam sendo seguidos ou não. Os dois se sentavam de tempo em tempo em um dos muitos bancos do parque para verificar as pessoas que estavam ao redor.

Adam percebeu que ele, Isobel, Stella e talvez Dan estivessem sendo seguidos por homens que acreditavam que os quatro sabiam de segredos sobre eles ou outros. Estas pessoas poderiam ser da Polícia Metropolitana, alguns executivos de empresas ou mesmo empresas inteiras, tentando encobrir alguma coisa. Eles poderiam até ser do governo, uma perspectiva realmente assustadora, qualquer que fosse a origem da ameaça.

Como Gooding, ele também precisava falar com alguém. Mas não com os policiais. Talvez com Gooding mesmo, mas se o fizesse, teria que mencionar Stella. Mais uma vez, seu nome não tinha aparecido durante o interrogatório no hospital, como Adam esperava. O que isto significava? Ele tinha alguns velhos amigos da época da inteligência militar, mas não mantinha contato com muitos. Havia apenas um lugar para ir.

O Vice Comissário Layton, que agora estava encarregado do caso de Clerkenwell, também não estava em boa fase. Suas investigações não davam em lugar nenhum. Mas ele tinha os nomes das vítimas: Fred Green, Carl Morris e Dave Sumner.

Três eram casados, e suas esposas tinham reportado os desaparecimentos antes de os corpos serem descobertos. Os dois últimos tinham levado mais tempo para serem identificados. O primeiro era Nigel Brown, solteiro, uns vinte e tantos anos. Ele tinha sido identificado mais tarde, no mesmo dia através dos registros. E finalmente Jonathan Mason, formalmente identificado mais cedo hoje, apesar de eles terem a certeza de que era ele.

Nenhum deles, com exceção de Nigel, tinha ficha criminal. Havia só uma coisa na ficha de Brown: preso por posse de maconha quando era adolescente, então, suas impressões digitais e fotografias estavam no sistema. Era tudo o que tinham.

Até dois anos atrás, todos eles tinham trabalhado para a Internacional, um conglomerado de mídia de propriedade de Dandelion. Há dois anos, todos pediram demissão no mesmo dia e nenhum deles teve registro de emprego desde então, com exceção de Mason que preencheu sua declaração de imposto de renda como autônomo da área de vigilância.

Mas, cinco deles tinham sido vistos nos escritórios da Internacional, na companhia de uma mulher, Stella Ward. Estavam todos embalando equipamentos e documentos.

Mas se eles tinham se demitido da Internacional, o que faziam lá?

Aparentemente, Stella trabalhava com os outros, pelo menos era o que se podia concluir já que ela pediu demissão no mesmo dia que eles. Mas onde ela estava? Eles sabiam que Stella tinha deixado o país há duas semanas e foi para as ilhas Seychelles, retornando dois dias atrás, depois dos assassinatos e não tinha sido vista desde então. Ela preencheu documentos de impostos como freelance e como repórter investigativa quando trabalhava na Internacional.

Todos eles eram repórteres investigativos ou experts em segurança, isto certamente combinava com o tipo de equipamento do escritório. Também se encaixava na teoria que a polícia e a mídia estavam especulando, que eles tinham sido assassinados por conta das informações que possuíam, se era para encobri-las ou usá-las para outros fins era desconhecido. Havia também especulação sobre o envolvimento deles com grampos em telefones e computadores.

Isto parecia muito mais plausível do que a teoria que alguns defendiam, de que Adam Young e Isobel Mason estavam envolvidos nos assassinatos. Embora a linha do tempo se encaixasse nessa teoria, a hora da morte mais exata tinha acabado de ser dada pelo patologista, e indicava que as mortes de Jonathan e companhia aconteceram depois que Adam e Isobel chegaram a Plymouth. Existia uma possibilidade mínima de que eles poderiam ter retornado a Londres, mas a natureza do incidente parecia impossibilitar isto, pelo menos como suspeitos pelas mortes. Mas ele iria entrevistá-los mais uma vez, desta vez oficialmente, pois tinha a certeza que eles sabiam mais do que estavam dizendo.

Basicamente ele não tinha nada para seguir. Todas as suas tentativas para obter informações sobre Mason, de quem conhecia bem a reputação, tinham resultado infrutíferas. Também não existia nenhum endereço, Mason era dono de vários imóveis, mas não vivia em nenhum. Ele tinha que ter uma residência em

Londres, e Layton achava que seus colegas sabiam exatamente onde, mas suas tentativas de descobrir não deram em nada.

Mas por quê?

Agora era óbvio que existia corrupção nos altos escalões da Polícia Metropolitana. A especulação era que oficiais seniores estavam sendo pagos por informações. Quais oficiais, não se sabia. E para quem forneciam as informações também não.

Mason era certamente uma opção. Será que ele tinha informações escondidas em algum lugar? Todos os discos rígidos foram removidos do escritório em Clerkenwell, mas certamente haveria uma cópia. Esta informação valeria uma fortuna para muitas pessoas. E ele queria esta informação e antes de qualquer outra pessoa, era encontrar Stella Ward.

Ela podia ser a chave para tudo isso.

Capítulo Vinte e Quatro

Lorenzo De Costa e Paul Roseau, pelo menos estes eram os nomes pelos quais eram conhecidos, tiveram alguns dias para decidir o que fazer com Adam, Isobel e Stella. Eles iriam ser mortos em um acidente, mas isto não era prático e suas mortes levantariam suspeitas. Então, o plano era capturá-los, fazer algumas perguntas e desovar os corpos em algum lugar onde não pudessem ser encontrados por semanas. Depois deste tempo, não importaria mais.

Nada disso seria difícil, eles tinham dezenas de homens disponíveis para sequestrá-los, e outros tantos para armar uma distração. Esta distração seria uma revolta improvisada e alguns saques. Eles poderiam montar isto em algumas horas, a localização era o único problema.

Eles sabiam que Adam e Isobel tinham planejado vir para Londres para assistir a um jogo de rúgbi de Dan e que tinham chegado um dia antes para encontrar com Stella Ward. Infelizmente seus homens os tinham perdido. Aparentemente os vigias tinham sido vistos em algum momento da viagem, e ele lidaria com isso mais tarde. Depois de terem se registrado no hotel, que tinham reservado a mais de uma semana, Adam e Isobel desapareceram. Provavelmente se hospedaram em outro local. Mas o que isso significava?

As conversas gravadas em Wembury não indicavam que Young tivesse ideia da existência deles. Tinha sido uma mera precaução ou seus homens tinham sido vistos? Tudo o que Roseau podia fazer era tentar adivinhar, e ele sabia que isso não fazia sentido. Tudo que importava era o que ele tinha planejado, eles nunca iriam vê-los chegar.

Adam e Isobel tinham sido vistos de novo em um hospital mais cedo naquele dia para identificar o corpo de Mason. A informação sobre o paradeiro deles veio de um informante do departamento de polícia, mas seus homens chegaram lá muito tarde e não conseguiram pegá-los lá e segui-los e volta ao hotel e que estavam hospedados agora.

Em todos os outros departamentos, as coisas estavam indo bem.

Assim que Young e Ward estivessem fora do caminho, e as cópias das informações, se é que existissem, destruídas; com Mason e sua gangue mortos, não haveria mais nada para impedir o sucesso da operação. Em duas semanas, ninguém será capaz de reconhecer o país.

De Costa, sócio de Roseau era da opinião que eles deveriam esquecer Young e Ward, mesmo que eles tivessem acesso aos arquivos. Mason não sabia nada sobre a missão. Até onde sabia, eles eram homens de negócios que gostavam de usar as vantagens a seu favor.

Sim, provavelmente havia um registro das casas que eles alugaram de Mason, mas levaria tanto tempo para os detetives examinarem os dados, que não tinha a menor chance de eles serem parados. Era só deixar que continuassem a especular sobre quem estava atrás das informações. Deixar a polícia ir atrás dos suspeitos, que seriam muitos.

De Costa preferia a dissimulação. Roseau era mais a favor de ações diretas e seu instinto mandava ir para cima de Adam, a tenacidade deste cara irritava Roseau.

Adam tinha decidido conversar com um velho amigo que acreditava que ainda trabalhava nas forças armadas. Ele tinha ensinado a Adam tudo o que sabia sobre o trabalho, e era também um cara independente, fazia as coisas que achava que eram corretas. Mas não seria por telefone. Levava apenas uma hora de taxi até lá e valeria o esforço.

Adam e Isobel saíram do parque confiantes que não estavam sendo seguidos e pegaram o taxi que os deixou no hotel. Stella ainda estava esperando por eles no quarto. Adam falou sobre seu plano enquanto comiam, disse que seria melhor se fosse sozinho, assim seria mais fácil falar com seu amigo.

Depois de comer, Adam tomou banho e se vestiu, preparado para o tempo que fazia, chuva e frio de novo. Ele deixou as garotas vendo as notícias, pedindo para que não saíssem, não pedissem serviço de quarto e deixassem os celulares ligados, mas apenas no modo vibrar. Ele explicou que se alguém estivesse fora do quarto e ligasse para o celular delas, poderia ouvi-lo tocar, sabendo assim que eles estavam lá dentro. Advertiu também que elas deixassem a porta trancada até que ele voltasse. Elas prometeram que iriam obedecer.

Adam pediu ao concierge que chamasse um taxi, e disse ao motorista que iriam até uma cidadezinha chamada Groombridge, a cinco quilômetros a oeste de Royal Tunbridge Wells. Eles pegariam a autoestrada Streatham até Eastbourne e depois iriam em direção a Grisneth. Quarenta e cinco minutos depois, eles chegaram ao destino.

Era uma casa isolada. Adam pagou ao taxista, mas pediu que esperasse um minuto até checar se havia alguém ou se ele ainda morava lá.

Os vizinhos mais próximos estavam a mais ou menos um quilômetro de distancia. A casa tinha sido originalmente sede de uma fazenda e com o passar dos anos, tinha sofrido muitas alterações. Como consequência, virou uma bizarra mistura de estilos. A casa principal tinha mais de duzentos anos e era de

carvalho, tinha uma extensão de alvenaria de um lado e de tijolos de outro. Celeiros e oficinas se espalhavam pela área. Não era uma obra prima da arquitetura, mas era um bom lugar para viver.

Ele bateu na porta e foi recompensado pelo sorriso no rosto da mulher de seu amigo assim que abriu a porta:

“Adam, meu Deus, como você está querido?” Ela se virou e gritou: “Ron, venha ver quem está aqui.”

Isso confirmou a Adam tudo o que precisava saber, seu amigo estava em casa. Ele então acenou para o motorista de taxi, que foi embora.

Adam foi arrastado para a cozinha da fazenda. Dava para ouvir crianças brincando nos fundos, soando muito mais novas do que deveriam ser. Talvez o velho garanhão tenha feito mais umas, as duas que ele conhecia deveriam estar na faculdade agora. Ron entrou na cozinha, pegou Adam e o girou feito uma boneca de pano. Adam não era pequeno, mas seu amigo Ron era enorme, muito maior que até mesmo Dan.

“Como você está, cara? Faz um tempão que você não aparece.”

Uma xícara de café fresco foi rapidamente colocada em suas mãos. Gloria ainda lembrava-se de seus gostos, esta tinha sido mais ou menos a sua casa na época em que trabalharam juntos. Depois de uns quinze minutos de conversa, enquanto bebiam o excelente café, Ron disse:

“Bem, podemos descer até o bar, tomamos umas cervejas e aí você pode me contar em que está metido.”

“É assim tão obvio?”

“É sim, cara.”

O bar ficava a mais ou menos 1,5 quilômetro dali e tinha sido o ponto de encontro deles quando trabalhavam para a IM.

IM ou Inteligência Militar era composta tanto de civis quanto de militares e trabalhava em estreita colaboração com o SBS, Serviço Especial de Embarcações, e era frequentemente referido como os irmãos mais pobres do SAS, Serviço Aéreo Especial. O SAS certamente tinha mais publicidade, isso era parte do que eram e um meio de intimidação. Você evitaria sequestrar um cidadão britânico, pois todo mundo sabia que o SAS viria atrás de você.

O Serviço Especial de Embarcações, com pouca ou nenhuma publicidade, levava bem menos crédito pelo que faziam, mas mais uma vez, isso tudo fazia parte do projeto. Ron era membro do SBS, que era ajudado pela Inteligência Militar quando Adam trabalhava lá. Ambos trabalhavam para a Casa Thames, sede do Serviço Secreto ou MI5, como era conhecido. O MI5 e o MI6 eram comandados por civis, embora os membros de todos os serviços especiais trabalhassem com eles. A Inteligência Militar fazia a ligação entre o MI5 e o

MI6 com o Ministério da Defesa, bem como fornecia inteligência militar, e usava o pessoal da SBS como operacionais.

Adam passou pela Universidade da Marinha, estudando contraterrorismo, achando que seria da Guarda Real. Ao invés disto, ofereceram a ele uma posição na Inteligência Militar após sua graduação, e ele se tornou subtenente e, mais tarde tenente. Ele sempre ultrapassava Ron, que era sargento da Guarda Real e chegou a ser Adjudicado no SBS antes de Adam sair.

Não que isso importasse para eles. Ron manteve Adam longe dos problemas desde o primeiro dia. Ron já trabalhava na Inteligência Militar a alguns anos quando Adam chegou. Eles se ligaram com Serviço Especial de Embarcações em missões que eram requisitadas pela Inteligência Militar e vice versa.

Adam foi imediatamente designado para trabalhar com Ron quando chegou, e esse tinha sido seu único trabalho nos cinco anos que passou lá. Para Ron, ele era apenas uma criança, mas muito inteligente e perspicaz, como tinha demonstrado no primeiro ano. Ron mantinha Adam e a alguns colegas do SBS longe do perigo.

O bar não era o mesmo que costuma ser, nova decoração e obviamente novos donos. Ele lembrava dali como um lugar escuro, sombrio e enfumaçado, mas definitivamente muito divertido, principalmente durante os festivais de cerveja. Ainda era legal, bem mais confortável, claro e arejado, mesmo em uma noite fria de inverno. A comida cheirava bem, mas Adam duvidava que eles ainda pudessem se sentar lá fora e fumar maconha. Definitivamente não era mais este tipo de lugar.

Na metade da primeira cerveja, Adam começou a falar. Ron percebeu assim que o viu na cozinha que ele estava encrocado. Mais do que jamais tinha estado antes. Ele parecia desesperado por uma oportunidade de falar. Então, Ron o deixou a vontade.

Assim que Adam terminou sua primeira cerveja, um tanto quanto rápido, Ron pediu mais outra. Ele não tinha parado de falar em nenhum minuto, mas Ron podia ver que o amigo estava começando a relaxar. Mais algumas cervejas era tudo o que ele precisava.

Adam falou por quase uma hora sem parar, com exceção das paradas para tomar alguns goles de cerveja, sem que Ron dissesse uma palavra. A esta altura, ele já tinha bebido três garrafas e estava visivelmente mais relaxado. Ele contou tudo o que sabia e sobre o que especulava. Agora era a vez de Ron, que tinha uma excelente memória e fez algumas perguntas.

O ritmo das bebidas tinha diminuído, as três primeiras garrafas duraram pouco mais de meia hora; os dois sabiam instintivamente que precisavam se manter sóbrios. Depois de duas horas, Ron sentiu que tinha entendido o que

havia acontecido, mas mesmo assim não podia oferecer hipóteses diferentes das que Adam já tinha.

Na viagem de volta, Adam esteve finalmente sozinho para pensar, e tinha chegado à conclusão que eles tinham apenas duas opções: tentar descobrir quem eram essas pessoas não iria funcionar, eram muitas opções. Ir até a polícia não era uma boa ideia. Isto os deixava com a primeira opção: esperar um encontro com essas pessoas, o que poderia ser arranjado, pelo menos eles não seriam pegos de surpresa. Talvez isso desse a possibilidade de barganhar a liberdade deles com as informações que possuíam, mas isto só funcionaria se o desejo deles fosse comprar e usar as informações para uso próprio. Ou se eles desajassem se esconder e ter uma garantia, tipo: Eu tenho uma cópia, se vocês me matarem eu libero estas informações.

Outra opção seria publicar tudo o que tinham, como o wikileaks, uma estratégia perigosa que não funcionaria com todos, muitos procurariam vingança. A primeira era a melhor opção. Na melhor das hipóteses, eles seriam capazes de identificar estas pessoas e fazer alguma coisa. O caminho que Adam tinha decidido seguir antes mesmo de chegar na casa de Ron, era uma combinação dos dois. Era a única abordagem em que ele classificava o sucesso acima de zero, que era melhor que nada.

Se ele pudesse arquitetar uma maneira de enviar uma mensagem e descobrir quem eram, poderia colocar todas as informações na internet. Mas isso pressupunha que ele tivesse informações suficientes para estabelecer com quais policiais poderia falar e então, esconderem-se por um tempo. Se pudessem fazer o impossível, talvez conseguissem sobreviver a tudo isso.

A conversa que tivera com Ron, havia ajudado a organizar as ideias em sua cabeça. Agora ele percebia qual era sua única opção e era mais fácil começar a tomar as medidas necessárias. Adam esperava que Ron concordasse com isso.

A conversa tinha parado por um minuto quando Ron disse:

“É hora de irmos.”

“Também acho.” Disse Adam mais animado.

Os dois caminharam de volta para a casa e Ron disse o que pensava:

Não, ir até a polícia não. Descobrir quem eles eram, mesmo com os recursos da Inteligência seria difícil. Ele esperava que a outra parte quisesse comprar as informações. Esta era a melhor opção.

“Eu pensei sobre isso, você sabe, mas eu realmente não quero que eles obtenham essas informações.”

“Eu imaginei que você diria isso, e concordo. Mas, e então?”

“Eu acho que posso tentar enviar uma mensagem. Existem também informações sobre a polícia que podem ser úteis. É arriscado, mas não vejo outra

saída.”

“Você pode simplesmente sair disso”.

“Eu pensei sobre isso também. Não dá, e mesmo se eu pudesse, eu ia ficar inseguro por muito tempo.”

“Você está armado?”

“Não, eu nem tenho licença e com todos esses policiais por aí, a probabilidade de ser revistado é alta. Não acho que seja muito esperto.”

“Eu tenho uma!”

“O que você quer dizer? Tem certeza?”

“Sim, tenho.”

“Você sabe que eu não vou dizer não, né?”

“Cala a boca e vamos logo com isso.” Disse Ron assim que entraram na cozinha.

Tinha uma sacola com um bilhete dizendo: *Levei as garotas pra cama. Vejo você em alguns dias. Te amo.*

Ron pegou o bilhete e escreveu: *Também te amo*, colocou de volta na mesa e chamou um taxi para levá-los de volta a Londres.

A viagem de volta foi feita em silêncio, os dois cochilando devido ao efeito da cerveja que tinham bebido. Adam ligou para Isobel quando se aproximaram de Londres, ela já estava na cama, assim como Stella. Adam disse que estariam lá em 20 minutos e que esperassem ele bater na porta.

Era pouco depois da uma da manhã quando chegaram. Adam mostrou a Ron o outro quarto, dizendo que o veria na manhã seguinte, e foi para a cama também, mas desta vez adormeceu sem pensar em sexo.

Capítulo Vinte e Cinco

Nada que Adam pensasse ia fazer a menor diferença, Roseau e De Costa não queriam as informações, eles queriam que tudo terminasse, e todos os que sabiam. Eles tinham planejado o dia seguinte muito cuidadosamente e já tinha um plano.

Eles já tinham mandado e-mails para a equipe e agora tinham que providenciar três vans com oito homens mais o motorista em cada, que deveriam estar no centro de Londres antes das dez da manhã do dia seguinte. O intermediário já havia recebido as mensagens no começo da semana, então tudo o que precisava era colocar seus homens de sobreaviso. Agora só faltava alugar as vans. Mensagens de celular seriam usadas para comunicação.

Um dos grupos tinha acabado de chegar ao ponto de encontro e o motorista que atuava como chefe do grupo disse a sua equipe que eles tinham um trabalho a fazer. Todos teriam que ir até Londres, roubar algumas lojas e quem mais se metesse no meio, causar desordem por mais ou menos uma hora; e estariam de volta pra casa bem na hora do chá. Ele acrescentou que o grupo deveria atacar alvos específicos em horas preestabelecidas e também deveriam esperar na van até que dessem o sinal livre para agir. Todos tinham trabalhado muito bem da última vez e deveriam fazer o mesmo agora.

Um dos caras do grupo perguntou: “Você está dizendo que vamos fazer o que mais gostamos e ainda seremos pagos por isso?”

“Isso mesmo.” Respondeu o motorista.

“Vamos nessa!” Foi a resposta unanime de todos.

A próxima etapa do plano era localizar Young e Ward no jogo, se ela estivesse lá, se não, descobririam seu paradeiro com os Young. Eles seriam seguidos na volta do jogo e assim que chegassem ao local em que estavam hospedados, seriam capturados. Ele dependia de localizá-los no estádio, mas como tinham conseguido descobrir o número dos seus assentos, sabiam onde estariam sentados. Roseau tinha 39 homens incluindo ele mesmo e De Costa. Não tinha como perdê-los de vista.

De Costa ainda tinha algumas duvidas a respeito do plano, sua principal preocupação era que Roseau estava ficando incomodado demais com esse Adam Young. Parecia mais um problema pessoal do que algo relacionado à missão. Ele

sabia que Roseau tinha gostado de matar aqueles caras no escritório e queria mais. Se Young pudesse ser algo mais, melhor. Se não, ele teria que tomar providências.

Na manhã seguinte, dia do jogo, Adam, Isobel, Stella e Ron acordaram cedo e tomaram café da manhã no quarto. A refeição foi servida na varanda. Não era exatamente o dia mais quente do ano, mas a manhã estava linda, o sol estava alto e não tinha nenhuma nuvem no céu. Era um enorme contraste com os intermináveis dias de chuva que eles passaram, então um café da manhã ao ar livre parecia ser uma boa ideia. Enquanto comiam, Adam explicou o plano que tinha decidido seguir na noite anterior.

O plano era extremamente simples, e seu sucesso ou fracasso dependia de entregar a mensagem para as pessoas que os estavam seguindo. Na opinião de Adam, essas pessoas eram espertas o suficiente para descobrir que eles iam assistir ao jogo entre Inglaterra e All Blacks e tentariam localizá-los lá. Ele sabia como eram dois desses caras e esperava que pudesse ver um deles para poder entregar a mensagem.

A mensagem era que eles tinham as informações e estavam preparados para lidar com elas. Com a mensagem entregue, ele daria o número de seu telefone e esperaria que eles entrassem em contato. A partir disto, Adam esperava poder identificar seus perseguidores. Era realmente um tiro no escuro, mas era melhor que sentar e esperar. Enquanto estivessem no jogo, ele queria que Stella fizesse o download das informações em seu laptop e começasse a se preparar para colocá-las em um site.

O plano não incluía a presença de Isobel no jogo, ela iria ficar no hotel com Stella. Embora ela não tivesse nenhum problema com o plano em si, não tinha nenhuma intenção de ficar no hotel, pois tinha vindo para Londres para assistir a este jogo e estava ansiosa por isso. Era tudo o que Adam e Dan tinham falado na última semana, eles falaram que era o jogo do século e Isobel queria ver Dan em ação.

Depois de esperar que todos terminassem de comer, Isobel disse:

“Eu posso ver sentido no que você está sugerindo e as opções que temos são bem poucas, mas eu não quero ficar aqui sentada no hotel. Eu vim para Londres para ver o jogo e vou ver jogo. De qualquer forma, se eu for, vai parecer mais natural para essas pessoas, quem quer que elas sejam.”

Adam ia responder, mas Ron o cortou: “O que vai acontecer se você não vir esses dois caras? Eu concordo que eles vão procurar por vocês lá, mas isto não significa que você vai vê-los, ou mesmo que veja, que vai conseguir entregar sua mensagem.”

“Sim, eu pensei nisso, e estou trabalhando com a premissa de que eles vão tentar me seguir. Então, pensei em ir até o Carlton Towers, imaginando que eu esteja sendo seguido, e fazer contato lá.”

“Vamos pressupor as coisas de novo? Você ficou fora do jogo muito tempo, mas sim, eu iria te seguir na volta se eu fosse eles, e se Isobel estiver com você, vai parecer que vocês estão à vontade com a situação. Não se esqueça, que do ponto de vista deles, tudo o que vocês fizeram foi trocar e hotel. Eles não sabem que vocês se encontraram com Stella ou que têm uma cópia das informações, então, levando Isobel, você passa a mensagem que não está tão preocupado, o que pode deixá-los mais relaxados.”

Isobel sorriu para Ron e disse: “Eu sei que você está preocupado, querido, mas vou ficar bem. Tudo o que temos que fazer é entregar a mensagem a estas pessoas e assim que isto estiver feito, você e Ron podem cuidar do resto. Dificilmente eles vão tentar nos sequestrar em plena luz do dia, não é mesmo?”

“Não, acho que não.”

Adam tinha apresentado Ron antes do café da manhã como um velho amigo da Marinha que estava lá para ajudá-los. Ficou claro pelas caras de Isobel e Stella que elas tentavam entender como, mas o sorriso de Isobel mostrava que ela definitivamente feliz com a ideia de tê-lo por perto.

Stella não tinha dito quase nada até então, mas perguntou: “Então sua ideia é tentar descobrir quem são estas pessoas. Mas por que eu teria que colocar as notícias em um site?”

“Ok, primeiro o site. Pelo que me disse, você sempre desejou que estas informações viessem a tona, para expor e condenar os culpados. Publicando, nós conseguimos isso, e também impedimos que outros nos persigam para conseguí-las, já que as informações perderão o valor para eles. Além disso, podemos esperar que eles comecem a fugir ao invés de vir atrás da gente.”

“Além disso, em seus registros há a informação sobre quais policiais estavam na folha de pagamento de Jonathan. A partir daí, nós poderemos saber os que não estão. Deve haver muitos com quem podemos falar. Precisamos encontrar a melhor pessoa para conversar e eu quero fazer isso primeiro.”

“Ok, eu posso fazer isso.”

Ron acrescentou: “Nós temos outra opção. Não tenho certeza se Adam mencionou, mas nós trabalhamos para a Inteligência Militar, e por conta da natureza do trabalho que fazíamos, temos contato tanto com o serviço secreto quanto com o serviço de segurança. Além do mais, tem a polícia, o MI5 e o MI6 que podem providenciar segurança para vocês três, enquanto os criminosos são pegos.”

“Não podemos ir direto a eles?” Perguntou Stella.

“Poderíamos, mas não temos ideia de quem são essas pessoas, então o que vamos dizer? Nós achamos que estamos sendo perseguidos, mas não sabemos por quem e também não temos certeza do motivo.” Disse Adam.

Ron concordou: “Eu também acho melhor esperar eles aparecerem, acho também pouco provável que alguma coisa aconteça no estádio, tem testemunhas demais. Provavelmente vai ser no hotel.”

“O que vai acontecer comigo se vocês não voltarem?” Quis saber Stella.

“Você vai procurar em seus arquivos quem é o oficial de maior patente na Polícia Metropolitana em que acha que pode confiar. Vá até a sala dele ou dela e conte tudo o que sabe.”

Stella concordou com um aceno de cabeça. Eles estavam na varanda a mais de uma hora, Isobel estava ficando com frio e pediu para entrarem.

Sentados agora na sala e bebendo o resto do café, Stella falou que podia ver uma falha no plano. Ela achava que eles não tinham se dado conta da quantidade de informações que ela tinha, era na ordem de terabytes. No escritório e na Internacional, eles tinham linhas de fibra ótica, e mesmo com esta conexão ultra rápida, levaria horas para fazer o download de tudo. No hotel, eles estavam limitados à rede disponível, o que significava que poderia levar dias até que tudo fosse baixado.

Para a surpresa de Stella, Adam tinha considerado isso e sua sugestão era fazer o download do índice ou do diretório em primeiro lugar. E então os arquivos sobre as pessoas que recebiam pagamentos de Jonathan, que ele esperava que estivesse indicado no índice. Stella concordou que estavam. Ele não tinha previsto a quantidade de informações, mas isto poderia ser remediado rapidamente com discos rígidos externos, e ele iria sair para comprá-los assim que terminasse o café.

O Roof Garden ficava a poucos minutos de caminhada do hotel Carlton Towers, e Adam achou que ainda estava sendo vigado, mas não levou mais de trinta minutos até que ele estivesse de volta com seis discos rígidos externos de um terabyte cada. Com isto, o laptop de Adam e um cabo, Stella começou a trabalhar.

Era quase meio dia. O jogo ia começar às três horas da tarde, então, eles tinham que estar a caminho antes da uma. Era hora de se aprontar, Ron já estava pronto, então, sentou-se em frente à TV e ligou no noticiário para saber se tinha alguma coisa nova.

Isobel e Adam foram para o quarto que, como todos os bons hotéis, era uma suíte. Ele tirou a roupa e entrou no chuveiro. A porta se abriu segundos depois e Isobel entrou nua.

“Este pode ser nosso último banho, você não vai querer tomar sozinho”.

Não era o maior chuveiro do mundo, tinha metade do tamanho do que Adam tinha em casa, onde os dois tinham passado bastante tempo. Mas era grande o suficiente para Adam pegar Isobel no colo. Suas pernas imediatamente se enroscaram em seu corpo e eles fizeram amor até que fosse hora de sair.

Adam e Isobel entraram no taxi que tinha sido chamado pela recepção, e rapidamente foram em direção a Twickenham. Ron assistiu aos dois entrarem no taxi e chamou outro para ele. Ele tinha descido no lobby e saído pela Pavilion Road, onde ficava o hotel, quinze minutos antes para fazer um reconhecimento, então telefonou para o quarto avisando que o local estava livre. Ele não achava que o hotel estivesse sendo vigiado, mas não custava tomar precauções.

Embora Ron fosse um grande fã de rúgbi, e era difícil não ser tendo trabalhado com Adam todos estes anos, ele não iria ver o jogo. Primeiro porque ele não tinha ingresso, que estava esgotado há semanas, mas mais importante, ele iria passar as três horas em que todos estariam no estádio para vigiar.

Se os caras tinham conseguido arranjar ingressos para entrar no estádio, era uma dúvida, mas seria precipitado concluir que eles não seriam capazes de colocar todos os seus homens lá. Eles poderiam ter homens dentro e fora do estádio, a pé e em carros, prontos para ação.

Ron tinha passado muitos anos trabalhando com vigilância e era muito bom nisso. Ele não era conhecido pelo outros e isso era uma grande vantagem para identificar aqueles que estavam perseguindo Adam e Isobel.

Os dias de jogos em Twickenham eram lotados, para dizer o mínimo. Oitenta mil pessoas estavam a caminho, a maioria indo de ônibus e metrô, e as ruas estavam agitadas quando Isobel e Adam chegaram. Eles desceram do taxi na Whitton Road e se juntaram à multidão que ia em direção ao estádio.

Suas cadeiras ficavam na fileira L6, bem abaixo do camarote real e perto do túnel. O policiamento em Twickenham sempre tinha sido fraco, com menos de oitenta policiais em serviço. Os que estavam lá ficariam em volta do túnel e na entrada, como segurança adicional ao camarote real, o que deu a Adam e Isobel uma maior sensação de segurança.

Depois que se sentaram, Adam não quis mais sair do lugar, até que a partida terminasse. Quando ele saiu para comprar os discos rígidos, ele comprou também uma pequena garrafa que encheu com café e com o uísque que tinha pegado do frigobar.

Adam ligou para Dan do caminho, assim como tinha feito na noite anterior. Ele não queria contar muitos detalhes, pois seus telefones poderiam estar grampeados, o que era uma suposição razoável, considerando tudo o que já tinha acontecido. Adam assegurou-lhe que estavam a salvo, com a situação sob controle e disse que o veriam depois do jogo no hotel Carlton Towers.

Dez minutos antes das três da tarde, os hinos nacionais dos dois países foram cantados e o jogo começou. Dan usava a camisa 6. Foi um bom começo para a Inglaterra, que conseguiu manter a pressão e estava a 3 pontos de vantagem no placar.

Na metade do jogo, a Inglaterra ainda mantinha uma pequena vantagem, 10 a 7. Ia ser um jogo difícil, seria decidido por quem se cansasse primeiro. No começo do segundo tempo, a pressão dos All Blacks forçou um pênalti e o jogo foi empatado. Outro pênalti foi marcado vinte minutos depois e a dez minutos do final, a Inglaterra estava perdendo de 10 a 13. Era um jogo bem disputado, conforme o esperado.

Então, um chute dado pelo camisa 10 dos All Blacks foi interceptado por Dan na linha de meio campo. Ele correu para o seu campo, com o apoio de dois outros jogadores ingleses. Apenas três jogadores do All Blacks estavam entre ele e a linha de chute. Dan deu o chute e deixou a Inglaterra na frente, 17 a 13.

Mas o jogo não estava acabado ainda, os All Blacks tentavam avançar, mas a defesa da Inglaterra estava jogando muito bem. Dan roubou a bola e conseguiu levar a Inglaterra à frente. Todos os jogadores estavam exaustos a esta altura. Se os ingleses conseguissem segurar a bola, venceriam.

A esta altura, a multidão estava eufórica. A Inglaterra estava na frente com um placar de 20 a 13 e faltava apenas 60 segundos para o fim do jogo. Os All Blacks não conseguiram retomar a bola e o jogo terminou.

Capítulo Vinte e Seis

O jogo, como esperado, tinha sido muito bom. Infelizmente para Adam, ele não tinha conseguido se concentrar, nem mesmo se divertir. Durante o jogo, ele tinha escaneado o estádio a procura de alguma coisa, mas não tinha visto nada. Felizmente, Ron tivera mais sucesso.

Ron tinha estado em Twickenham muitas vezes antes e conhecia o lugar muito bem, sabia como era morar lá, então conseguiria prever o que os outros teriam que fazer para seguir Adam e Isobel depois do jogo, eles teriam que ter homens estacionados na ala norte, próximos às catracas principais.

Os homens teriam que comunicar-se entre eles e isto seria fácil de detectar. Precisariam também estar em carros, pois facilitava sua movimentação, mas não poderiam estar parados no estacionamento, devido a enorme quantidade de carros estacionados lá, portanto, teriam que estar em constante movimento. Ron tinha chegado às 13:45 e ficou andando por lá até a hora do chute inicial. A esta altura, as ruas estavam mais calmas e ele pôde diferenciar o joio do trigo.

Ao final do primeiro tempo, ele já tinha avistado vários alvos em potencial. Dois homens estavam entre o estádio e a escola, mais dois na Avenida Rúgbi e outros três nas catracas. Havia também outro homem que andava entre estes três grupos.

Usando os carros estacionados como cobertura, Ron podia ir de um lado para outro e ainda mantê-los todos à vista. A dez minutos do final da partida, um grande ruído veio do estádio e Ron presumiu corretamente que tinha sido gol inglês. Ele então percebeu que dois carros estavam circulando ao redor do estádio e cada um deles fazia pequenas paradas para falar com o homem que caminhava.

Ron achava que poderia haver um terceiro carro. Todos os homens que ele tinha visto eram brancos e pareciam profissionais. O homem que caminhava podia ter origem mediterrânea ou ser sul-americano, pois sua pele era ligeiramente mais escura que a dos outros. Parecia que ele era o chefe, se não de toda a empreitada, pelo menos desta vigília.

Com essa quantidade de gente e assumindo que eles tinham três carros, seguir Adam e Isobel na volta seria relativamente simples. Ron tinha que trabalhar com a suposição que estas pessoas acreditavam que Adam e Isobel

estavam ficando em Londres. Como o carro de Adam ainda estava no estacionamento do hotel Carlton Towers, os homens provavelmente pensariam que os dois iriam voltar de taxi ou metrô.

Com isso em mente, Ron disse a Adam para sair pelas catracas da parte norte e ir para o ponto de taxi que ficava na Avenida Rúgbi. Eles deveriam esperar por um taxi lá, Ron ficaria na fila um pouco atrás e estaria de olho. Ele tinha uma câmera digital Leica pequena com ele. Ela era pequena, mas capturava imagens com excelente resolução. Ron tinha tirado foto de todos os homens e dos carros, mais tarde iria fazer o download delas e usá-las para identificar essas pessoas. Ron achava que poderia conseguir isso facilmente com a ajuda de um ou dois funcionários do seu escritório na Casa Thames.

Mas duvidava que pudessem identificar todos eles. Todos aparentemente já tinham estado no exército, então era um bom lugar para começar. E, claro, existiam também os bancos de dados que eles mantinham com informações sobre criminosos nacionais e internacionais. E de terroristas também, não que eles tivessem considerado esta opção.

Ron começava a sentir mais confiança que o plano de Adam pudesse funcionar. Ele também considerou a ideia de se aproximar do homem que ficava circulando a pé, entregar a mensagem e ver o que acontecia. Mas descartou esta ideia, pois assim perderia a vantagem de ser desconhecido pelo grupo.

No final do jogo, Adam e Isobel se juntaram ao resto dos espectadores. Adam estava no limite, pois não tinha conseguido identificar ninguém, e agora estava de olho em todos a sua volta, tenso e pronto para reagir diante de qualquer provocação. A multidão lentamente se dirigiu para a saída e todos os instintos de Adam estavam em sintonia para detectar qualquer perigo.

O perigo ainda não tinha se materializado, mas a cada minuto que passava, a ansiedade de Adam se intensificava. Por quinze minutos, eles seguiram com a multidão, até que chegaram ao ponto de taxi.

Havia uma fila de taxis, mas muito mais pessoas esperando por eles, então teriam que esperar um pouco. Adam viu Ron juntar-se a fila quatro posições atrás, e mesmo que não houvesse comunicação entre eles, Ron estendeu todos os dedos das mãos, indicando que ele tinha visto 10 vigias.

Dez, pensou Adam, eram mais que esperava, mas pelo menos parte do plano tinha funcionado. Saber disso apenas serviu para deixá-lo mais preocupado. Qualquer um deles ou até algum outro que Ron não tinha percebido, poderia colocar uma faca nas suas costas. Ou alguns atiradores de elite poderiam atirar neles desde as janelas dos incontáveis prédios da região e tudo iria terminar ali.

A chegada de novos taxis estava mais devagar agora, e levou outros 25 minutos até que eles estivessem na primeira posição da fila. Ron também

conseguiria um taxi em poucos minutos.

Assim que o taxi de Adam parou, Ron viu o cara que caminhava entrar em um Audi A6 preto. O mesmo carro que tinha visto mais cedo com apenas um motorista e de quem ele tinha tirado uma boa foto.

Quatro dos outros homens entraram em uma Range Rover, um carro que Ron não tinha visto antes. Ao invés de pegar a câmera, ele fez uma anotação mental do número da placa. Os outros três, presumia, estariam no segundo carro que ele tinha visto mais cedo. Era um total de onze contra eles.

Apesar de os outros estarem em número superior, eles contavam com o elemento surpresa. O que Ron adoraria fazer agora era dizer a Adam como estava a situação e gostaria de ter trazido outro celular para ele. Ron não queria por tudo a perder, então não podia arriscar telefonar para Adam, pois seu telefone poderia estar grampeado. Isto tinha sido definitivamente um erro, mas era tarde demais para concertar.

Ron estava dois carros atrás do Audi, outros dois atrás da Range Rover e mais três atrás do taxi de Adam, quando eles entraram na Estrada Whitton. Como era de se esperar de um jogo domingo à tarde, as ruas estavam lotadas, mas Ron tinha conseguido manter contato visual o tempo todo. Assim que entraram na área central de Londres, Ron mandou uma mensagem para Adam:

Eu vi o jogo hoje e me lembrei de você, aposto que você estava lá. Dan jogou muito bem e foi um sucesso. Agora estamos atrás de vocês em pontos, mas vamos alcançá-los cedo ou tarde e eu vou derrotá-los no final.

Ron esperava que Adam entendesse que eles estavam sendo seguidos e que ele tentaria chegar ao hotel antes de todos. O trânsito estava tão ruim ou pior que Ron tinha imaginado. O caminho por Twickenham, London Road e a autoestrada Chiswick estava muito lento, e quando chegaram a Kensington, ficou mais lento ainda. Nesses dias, era mais rápido andar a pé em Londres do que de carro.

Ron pediu para o motorista parar e deixá-lo descer. Ele passou a pé pelo Audi, que estava bem em frente e também passou pelo Range Rover que estava seis carros atrás do taxi de Isobel e Adam.

Ron passou lentamente pelo taxi de Adam esperando que ele o visse, e Adam viu. Assim que Adam olhou para ele, Ron fez um sinal para que ficassem onde estavam. Ron foi aos poucos aumentando a velocidade da caminhada e atravessou a junção para a Rua Sloane antes que o taxi andasse. Ele ainda podia ver os dois carros.

Esta era a parte mais arriscada. Ron realmente não queria perder o taxi ou os dois carros de vista, mas precisava chegar ao hotel antes de todos. Eles sabiam que existia a possibilidade de levarem um tiro à queima roupa, mas era um risco que eles resolveram assumir. Primeiro porque, quem quer que estivesse atrás

deles não estaria preparado para abrir fogo em um taxi no meio da rua, no centro de Londres e depois, Stella que era o alvo principal, e para chegar até ela, era preciso que Isobel e Adam estivessem vivos.

Enquanto os três carros passavam pela junção, Ron aumentou a velocidade até chegar a West Halkin. Ele então virou a esquina e já estava em frente ao Carlton Towers, dois minutos antes dos outros.

Quando Ron se aproximou da porta do Hotel, ele viu o outro carro que estava no estádio estacionar e os três passageiros desembarcarem. O motorista permaneceu no veículo com o motor ligado. Os três atravessaram a rua e se posicionaram perto da entrada.

Uma estratégia inteligente, já que eles estavam em número suficiente nos outros carros. O taxi de Adam estava prestes a estacionar na porta do hotel quando gritos foram ouvidos. Depois mais gritos vieram desde a Rua Sloane, desviando momentaneamente a atenção de Ron dos três homens.

Vans descarregavam homens mascarados e vestidos de preto no começo da Rua Sloane. De lá, eles entravam em lojas, pegando tudo o que pudessem carregar, atacavam pedestres com spray de pimenta, roubando relógios, bolsas, carteiras e tudo o que tivesse valor.

Era um pandemônio total. Pedestres desciam correndo a Rua Sloane, outros subiam e eles se chocavam. Outros corriam para o parque, outros para a entrada do Hotel Carlton Towers. Outros ainda corriam no meio da rua, fazendo o trânsito parar imediatamente.

Era tudo parte do plano de Roseau. Ele queria a Rua Sloane bloqueada, mas tinha deixado uma avenida livre ao longo da West Halkin.

Foi no meio desse caos que Adam e Isobel desceram do taxi preto. No mesmo instante, os três homens foram em sua direção. Adam olhou para trás para ver o que estava causando aquele pânico, sem perceber a aproximação dos três que estavam a poucos metros de distância.

Assim que os três se aproximavam de Isobel e Adam, Ron veio correndo, pois tinha percebido que os ataques na rua eram uma mera distração.

Todos tinham as mãos colocadas dentro das jaquetas, provavelmente segurando suas armas. Ron foi em direção a eles e os atacou com tanta força que os quatro foram parar no chão.

O primeiro dos homens foi nocauteado, pois tinha batido a cabeça com força no meio-fio, mas os outros dois se recuperavam rapidamente. Um deles se colocou de joelhos e estava sacando a arma, quando Ron chutou seu rosto e ele caiu batendo a cabeça no chão.

Felizmente para Ron, o terceiro homem foi mais lento. A Glock que o segundo deles tinha deixado cair estava agora nas mãos de Ron, que a usou para

acertar o cara, bem no meio dos olhos.

Três já estão fora, mas ainda tem muitos outros. Pensou Ron

Inicialmente, Adam tentou levar Isobel até o lobby do hotel, mas isso não funcionou. Algumas pessoas subiam as escadas correndo, outras desciam, parecia um filme sobre invasão alienígena. Antes que percebesse, Ron estava a seu lado passando para ele a arma que um dos homens tinha deixado cair no chão.

Ron apontou para outros quatro homens que estavam vindo na direção deles, todos carregando armas automáticas 9mm. Os dois da frente miravam Ron. Eles tinham instruções de manter Adam vivo até que obtivessem todas as informações que queriam. Quando os dois começaram a atirar, Adam e Ron se esconderam atrás de um taxi, puxando Isobel para o chão.

Eles sabiam que algumas pessoas tinham sido atingidas, pois ouviram gritos logo depois dos disparos, e queriam evitar mais derramamento de sangue dos inocentes. Assim que os dois atiradores deram a volta no taxi, Adam e Ron levantaram suas armas e deram dois tiros no peito de cada um deles. Os homens foram pegos de surpresa, pois não esperavam que os dois estivessem armados.

Roseau e De Costa assistiam a tudo da esquina entre Halkin e Sloane, e puderam ver que tinham perdido dois homens mais o motorista do carro, que tinha batido a cabeça na calçada. Gritos ainda eram ouvidos, vindos de todas as direções, bem como o barulho de vitrines sendo quebradas. A tática da distração estava a toda força. Os caras vestidos de pretos tinham a instrução de não tocar em nenhum carro e nem ficar no caminho deles, a menos que fosse uma viatura da polícia, em caso de Roseau e De Costa estarem em um deles. O resto era terreno livre.

Roseau se dirigiu a De Costa: “Que merda está acontecendo? Quem é esse cara com Young?” era mais uma pergunta retórica que qualquer outra coisa. “Isso não era pra acontecer. São um bando de idiotas. Vou terminar eu mesmo.”

Ele começou a caminhar rapidamente em direção ao hotel, mas foi parado por alguma coisa que vinha de trás. De Costa tinha atirado duas vezes em suas costas, usando uma Glock com silenciador.

“Desculpa amigo, mas eu te avisei para esquecer Young. Você não me deu escolha, em tempos como esses, sacrificar um colega pode ser a melhor opção para garantir o sucesso.”

De Costa colocou uma carteira de couro ao lado do corpo. Era a carteira de Roseau que De Costa tinha tirado da jaqueta do morto.

Os gritos agora iam diminuindo, com exceção dos gritos dos feridos.

“Venham aqui seus idiotas.”

Os caras que restaram olharam para trás e viram seu chefe caído de cara no chão, e mais uma dúzia de engravatados grandalhões. Definitivamente era hora de se afastar desta catástrofe.

Os caras de preto decidiram que já tinham o suficiente. Roubar lojas era uma coisa, aqueles gorilas de terno era outra completamente diferente. Os que podiam correr, correram. O silêncio logo foi substituído por sirenes da polícia.

Ron e Adam estavam quase sentados sobre Isobel, na tentativa de tentar protegê-la. Mas foram alertados por suas palavras:

“Vocês acham que podem me deixar sair agora?”

Os dois se levantaram rapidamente, Adam ajudou Isobel a ficar de pé, mas ainda estava receoso com o ataque. Ron foi até os três homens com quem tinha lutado antes, um deles tentava se levantar, outro estava inconsciente. O terceiro, que tinha levado um chute na cabeça, estava morto, seu pescoço foi quebrado.

O que tentava se levantar levou um chute na costela, como recompensa e caiu no chão gemendo. Ron tirou algumas braçadeiras de plástico do bolso e prendeu os braços dos dois caras para trás.

“Tire suas mãos de mim”, Ron escutou alguém gritando atrás dele.

Quando se virou, ele viu surpreso Dan arrastando dois caras vestidos de preto pelo cabelo.

“Bela jogada, cara! Faz tempo que não te vejo. Como foi o jogo?”

O ônibus carregando o time inglês de rúgbi não estava muito longe dali. Assim que ele entrou na Rua Sloane, os jogadores viram homens vestidos de preto saindo de uma van e criando confusão. O time todo desceu do ônibus para ajudar e ao todo conseguiram prender 15 membros da gangue, o resto tinha fugido a pé.

A noite ia ser longa. A polícia chegou primeiro e isolou a área, apenas ambulâncias podiam passar. Havia mais ou menos trezentas pessoas na parte isolada, a maioria delas era de pedestres aterrorizados. Uma fileira de policiais armados começou a descer a Rua Sloane, com as armas em punho, preparados, pois tinham ouvido relatos de tiros. Outras fileiras de policiais eram formadas nas ruas próximas.

Os policiais interrogavam e revistavam todas as pessoas, procurando por armas. Ninguém era liberado.

Adam, Ron e Isobel que estavam ajudando os feridos foram de encontro aos policiais que se aproximavam. Os três vinham com as mãos atrás das cabeças. Ron gritou:

“Eu sou da Inteligência, minha identificação está na minha carteira, no bolso da jaqueta. Também estou armado.”

Um dos policiais apontava a arma para Ron enquanto o outro colocava a mão em sua jaqueta, primeiro ele tirou sua Sig Sauer e depois sua carteira. Eles deram dois passos para trás, checaram a identidade e depois encaram Ron.

“Ok, você pode abaixar as mãos agora, e pode nos dizer o que está acontecendo aqui?”

Ron abaixou as mãos e após uma conversa de dez minutos com o policial, foi se juntar a Adam e Isobel, que ainda estavam sob a vigilância da polícia.

O oficial que tinha falado com Ron disse aos outros que estava tudo bem. Eles então baixaram suas armas e foram se reunir aos outros policiais.

Ele disse a Ron: “Eu gostaria que os três permanecessem aqui até que eu tenha tempo de falar com os outros.”

“Você quer dizer aqui, aqui, ou talvez possa ser no hotel?”

Uma careta foi tudo o que recebeu como resposta. Mas o oficial deixou que outro policial os levasse até o hotel.

O lobby era grande, mas só tinha lugar em pé. Muitas das pessoas que estavam lá dentro estavam em choque ou ainda sofrendo com o efeito do gás pimenta. Lentamente a área começou a ficar mais vazia, à medida em a polícia ia questionando todos.

Os feridos foram levados aos hospitais, os que foram capturados pelo time de rúgbi foram levados em carros da polícia e os mortos para o necrotério. Levou mais duas horas até que lugares para sentar aparecessem no lobby. Adam, Isobel, Ron e o resto da equipe da Inglaterra que tinham estado em pé até então enfim conseguiram se sentar.

Os policiais informaram que imagens do incidente estavam começando a surgir.

Como estavam hospedados no hotel, eles tiveram a permissão de subir para o quarto. Mas os policiais pediram para que todos permanecessem confinados, haveria policiais nas portas para assegurar isso. O policial falou também que estaria de volta na manhã seguinte quando tomaria depoimentos formais de todos e alguns deles seriam convidados a ir até a delegacia para um interrogatório.

“Eu peço para que nenhum de vocês fale com a imprensa.”

Houve um suspiro de alívio, seguido de risadas quando um dos jogadores perguntou se eles poderiam ir até o bar.

Como um passe de mágica, um barman surgiu do nada e foi imediatamente inundado com pedidos. Alguns jogadores subiram para seus quartos, mas a maioria ficou para tomar um drink, e mais importante, para falar sobre o que tinha acontecido.

Dan apresentou seu irmão, Ron e Isobel para todos os seus colegas do time de rúgbi. Ron começou a contar sobre os acontecimentos do dia, mas ocultou alguns detalhes, ele não falou nada sobre o que fazia e nem mencionou Stella.

Depois de uma taça de vinho, Isobel falou que definitivamente já tinha passado por muita coisa naquele dia e pediu para Adam, levá-la para o quarto.

Capítulo Vinte e Sete

No mesmo instante, De Costa estava finalizando seus assuntos. A carteira que ele tinha deixado ao lado do corpo de Roseau continha a carta de motorista dele, e nela estava o endereço da casa que eles dividiam em Kensington. A primeira coisa que ele fez depois que saiu do Carlton Towers foi ir recolher seus pertences. De Costa conseguiu chegar bem antes da polícia.

De Costa já tinha embalado os seus pertences, ele sabia que não havia nada lá que pudesse comprometer a sua missão. Antes de sair, ele deixou uma pasta cheia de documentos e os discos rígidos tirados do escritório de Jonathan na mesa da sala de jantar, trancou a casa e saiu para não voltar mais. De lá, pegou um ônibus, depois o metrô e finalmente um taxi para o armazém da Wandsworth.

O armazém agora mais parecia um albergue, ou mais precisamente, uma mistura bizarra de albergue, centro médico e armazém. Ele tinha mudado a maior parte dos seus guerreiros, que era como ele gostava de chamá-los, para lá, depois de descobrir que Adam havia estado na casa de Hammersmith. Embora Adam tivesse apenas dado uma olhada na casa, sem saber que vinte terroristas estavam vivendo lá há meses, De Costa decidiu mudá-los para o armazém imediatamente.

Havia camas por todos os lados, mas nem todas estavam ocupadas ainda. De Costa havia deixado uma mensagem em um site. Uma vez decifrada, ela instruía o resto de seus guerreiros a ir para o Reino Unido. Como tinha sido planejado há meses, eles deveriam se registrar em hotéis perto de aeroportos e esperar por mais instruções.

Ao acordar na manhã seguinte, Adam sabia que este seria mais um daqueles dias. Não que o tempo estivesse ruim, na verdade, era mais uma manhã ensolarada. Ele deveria estar aliviado, pois quem quer que tivesse tentado sequestrá-los, tinha falhado e seus homens ou tinham sido presos, ou estavam mortos.

Mas não era só o fato de ter que falar com a polícia o dia inteiro mais uma vez e tentar entender a bagunça em que estava metido. A nuvem negra não tinha ido embora ainda. A história com Jonathan tinha que estar perto do fim, mas ainda havia Stella, aqueles terríveis detalhes, e o que fazer a este respeito.

Na noite anterior, Ron tinha finalmente conseguido a permissão para ficar no Roof Gardens, mas não sem antes ter que explicar que não havia mais quartos disponíveis no Carlton Towers. Como membro da Inteligência Militar, era difícil para a polícia insistir que ele ficasse. Eles o deixaram ir desde que retornasse na manhã seguinte. Embora eles tivessem ligado para Stella quando a maior parte dos policiais se foi, ela estava quase em pânico quando Ron chegou.

Durante a noite, dois carros grandes da polícia estacionaram do lado de fora. Desde a janela do restaurante, Adam olhava para eles com medo. Seria lá que ele passaria a maior parte do dia seguinte. Mas, ainda assim era melhor que a cela em que ele tinha dormido recentemente.

O medo de Adam se justificava. Ele, Isobel e Ron foram interrogados separadamente por duas horas. Não houve a necessidade de combinarem o que iriam falar, disseram exatamente o que tinham visto, com uma única exceção, ninguém tinha mencionado Stella. E estranhamente ninguém tinha perguntado por ela também.

Em seguida, foi a vez do time inglês de rúgbi, eles foram divididos em grupos de quatro. Cada grupo ficava em uma das duas salas que cada veículo possuía. Eles foram interrogados por um tempo. Depois foi a vez dos funcionários do hotel, aqueles que estavam trabalhando no lobby ou na entrada. Depois de cada interrogatório, o interrogado era instruído a voltar para o lobby ou para seu quarto e esperar lá. Todo este procedimento levou dez horas, e então finalmente, a polícia pediu para que todos se reunissem no lobby.

O Vice Comissário Layton, primeiro agradeceu a todos pela cooperação, e então disse que todos estavam livres para ir, mas talvez alguns deles pudessem ser chamados de novo se novas informações surgissem. Ele disse a Adam, Isobel e Ron que eles teriam que ir até a delegacia no dia seguinte para prestar depoimentos formais.

Quando Layton partiu, a maior parte das pessoas saiu também. Apenas alguns jogadores ficaram para tomar um drink. Dan, Ron, Adam e Isobel sentaram-se próximos à janela, olhando os jardins do lado de fora, nenhum deles queria beber. Depois de discutir brevemente suas opções, eles decidiram que ainda tinham a suíte no Roof Gardens e que deveriam sair do Carlton e ir para lá.

Assim que voltaram ao Roof Gardens, eles se sentaram na sala de estar da suíte para conversar. Dan foi informado sobre Stella, que tinha passado o dia fazendo pesquisas. Ela já tinha conseguido fazer download de grande parte do material, mas ainda tinha muito mais. Ela tinha feito uma lista de quem achava que estava na folha de pagamentos de Jonathan, e era uma lista bem grande. Eles também conversaram sobre o que fazer com isso, pois parecia que o perigo que os rondava já tinha passado, mas não tinham conseguido chegar a uma conclusão.

e como tinham a suíte reservada até quarta-feira, decidiriam que Stella iria continuar seu trabalho até lá e aí então resolveriam o que fazer.

A conversa agora tinha ficado um pouco mais leve, com Dan contando sobre o momento em que os jogadores entraram na Sloane e viram a bagunça do lado de fora. Ele descreveu o momento em que o ônibus virou na rua e se confrontou com o que parecia ser o tráfego normal de Londres, mas o motorista informou os passageiros que parecia que lojas estavam sendo saqueadas, pois havia homens usando máscaras a rua.

Quando os jogadores desceram do ônibus para ajudar, outros roubos ainda aconteciam nas lojas da rua mais à frente. Tinha sido a expressão na cara dos bandidos que mais tinha divertido Dan. Em um segundo, eles estavam tranquilamente roubando pessoas indefesas e no outro, estavam cara a cara com um não tão indefeso time de jogadores de rúgbi. Eles até podiam estar mascarados, mas dava para ver o olhar de medo neles.

Depois de tomarem café da manhã juntos, Ron, Adam e Isobel pegaram um taxi e se dirigiram à delegacia de polícia, chegando um pouco depois das dez horas. Antes sair do hotel, Ron havia ligado para seu escritório para explicar sua ausência no dia e possivelmente no dia seguinte. Ele tinha quase certeza que eles já sabiam sobre o incidente e seu envolvimento.

Antes de desligar o telefone, Ron disse que tinha várias fotografias e queria identificar a maior parte das pessoas. Disse que tinha também a placa de três carros e gostaria de obter maiores informações. Assim que desligou, ele percebeu que Adam o olhava:

“É melhor ser minucioso e nosso banco de dados é muito melhor que os deles. Pode aparecer algo que eles não tenham.”

Nenhum deles tinha percebido quanto tempo tinham passado na delegacia, depois de cinco horas, às 15:15hs eles foram dispensados, mas precisariam voltar no dia seguinte. Agora a prioridade eram roupas. Ninguém esperava ter que ficar tanto tempo fora de casa, então a Rua Kensington parecia ser a escolha óbvia. Depois de uma tarde de compras, Isobel estava se sentindo muito melhor, ela tinha gostado do jogo de rúgbi, embora tivesse odiado a bagunça que veio depois. Mas de longe, seu esporte favorito era fazer compras. Então, ela comprou para todos eles, Dan e Stella inclusive.

No caixa da primeira loja, Adam pegou seu cartão de débito para pagar, mas Isobel foi mais rápida e apresentou seu cartão de crédito para a caixa:

“Jonathan foi o causador de tudo isso, então o mínimo que ele pode fazer é pagar.”

Eles continuaram com as compras, era incrível a quantidade de lojas que eles encontraram em pouco menos de um quilômetro, e Isobel tinha que explorá-las.

Os dois chegaram ao hotel atolados de sacolas.

Stella tinha tido um ótimo dia, ela estava se sentindo muito mais segura e como resultado, tinha trabalhado bastante nos arquivos. A maioria estava pronta para ser publicada, se esta fosse a escolha deles. A maior parte dos arquivos que estava escondida na nuvem, estava agora em discos rígidos. Ela tinha até incluído Dan, que teve um curso intensivo de espionagem industrial. Ele estava aparentemente gostando muito e era muito bom no assunto.

A TV tinha ficado ligada o dia todo, sempre sintonizada na BBC.

Desde os eventos do sábado à tarde, equipes de TV estavam acampadas perto do Carlton Towers, e tinham entrevistado todas as pessoas possíveis. As especulações eram muitas, mas até agora, nenhum jornalista tinha feito as conexões entre os eventos com o que havia acontecido uma semana antes em Clerkenwell, esse assunto já estava totalmente fora de pauta.

O que ainda incomodava um pouco, era o fato de não haver nenhuma menção à Stella.

Mas, pensando pelo lado positivo disso, eles aproveitaram para sair e jantar fora.

A última visita de Isobel ao Le Gavroche não tinha sido nada agradável. Ela gostava muito deste restaurante e por isso, decidiu tentar uma mesa lá naquela noite. Ela deu o nome de Jonathan para o maitre e conseguiu uma mesa. Isobel iria pagar de novo com seu cartão de crédito. Embora ainda não tivesse se dado conta, Isobel agora era uma mulher rica, possuía muitas casas e apartamentos em Londres. Apenas o de Park Lane valia quase três milhões de libras. E ainda descobriria semanas mais tarde, que existiam muitas contas bancárias no exterior.

Encorajados pelo extravagante jantar da noite anterior, Adam, Isobel e Ron chegaram bem cedo na delegacia de polícia no dia seguinte. Desta vez eles não foram separados, mas sim colocados juntos em uma sala onde esperaram por Layton e Clive Gooding.

Layton começou:

“Nós achamos que temos uma explicação básica sobre os acontecimentos de Clerkenwell e os do Carlton Towers, mas antes de começarmos, algum de vocês conhece Stella Ward?”

Trabalhando com o princípio da honestidade, que era basicamente como todos eles tinham concordado em proceder na entrevista, Isobel disse:

“Sim, eu conheço, ela trabalha ou trabalhou para meu marido.”

Layton perguntou se ela tinha falado com Stella ultimamente e Isobel disse que sim.

“Quando foi isso?”

“Ela me telefonou há alguns dias, acho que foi na sexta à noite.”

“Posso perguntar sobre o que falaram?”

“Ela me falou que tinha acabado de voltar de viagem e queria me ver. Eu falei que tinha sido convocada para identificar um corpo, e que era Jonathan, que aparentemente tinha sido baleado.”

“Isso foi tudo?”

“Foi, eu falei que telefonaria para ela mais tarde para combinar de nos encontrarmos, mas depois do que aconteceu no sábado, eu ainda não liguei.”

“Ok, eu imagino que você tenha o número dela, pode me passar?”

“Claro que sim, eu tenho lá no hotel e posso te passar mais tarde.”

Parecendo satisfeito com isso, Layton continuou, agora olhando para Ron:

“Aparentemente suas ideias sobre os eventos do sábado estavam corretas. As pessoas que tentaram sequestrar o Sr. Young e Sra. Mason provavelmente são as mesmas que assassinaram Jonathan Mason e seus empregados.”

Temos certeza que isso tudo diz respeito às informações que Mason mantinha nos discos rígidos, e acreditamos que os homens também as queriam. Embora seja incerto se era para lucro pessoal, para se protegerem ou qualquer outra coisa. Nós recuperamos arquivos que estavam em um endereço descoberto com um dos homens que foi baleado, que corrobora com isso.

“Mas agora isso fica um pouco estranho, esse homem, que não vou revelar o nome ainda, foi baleado duas vezes nas costas.”

Ron prosseguiu: “Você disse que atirou em uma pessoa no peito, com sua arma e que o Sr. Young atirou em outro, também no peito, com a arma que vocês tinham pegado de um dos caras que os atacaram. Vocês afirmam também que eles só foram baleados depois que deram a volta no taxi, com a intenção de atirar em vocês e que portanto, tinha sido autodefesa.”

Após uma pausa, ele continuou: “O problema aqui é quem atirou nesse outro homem? Sabemos que a arma achada perto dele foi usada em Clerkenwell. Mas a arma usada para assassiná-lo foi encontrada em baixo de um taxi a cinquenta metros de distância e sem nenhuma impressão digital, não sabemos quem foi o autor dos disparos.”

Esta era uma informação nova. Nenhum dos três tinha notado outro homem morto na rua, mas também não era nenhuma surpresa dado toda a confusão.

“Estamos ainda muito confusos sobre o motivo de estas pessoas quererem sequestrar o Sr. Young e a Sra. Mason, imaginamos que eles ainda estejam atrás do conteúdo dos discos rígidos.”

Adam interrompeu nesse ponto: “Eu não entendo, você disse que eles já têm os discos rígidos, então porque ir atrás de nós?”

“Espere um minuto, por favor, estou chegando lá. Os discos que temos foram todos corrompidos, acho que é essa a expressão que nossos analistas usam. Eles acham que, quando foram tirados dos computadores, um sofisticado software embaralhou todos os arquivos por precaução, usando um imã de alta potência. Esta é a opinião de nossos experts.”

“Isso, ou antes de um deles ser morto, conseguiu fazer algo parecido. Eu realmente não posso falar muito sobre o assunto, pois não é minha área. Mas isso ainda não responde por que eles estavam atrás de vocês dois.” Layton disse, olhando para Isobel e Adam.

Layton esperou um pouco enquanto examinava os rostos deles.

“A única explicação que temos é que por alguma razão, eles pensam que vocês tem uma cópia deste material.”

Ninguém disse uma palavra por mais ou menos um minuto. Adam, Ron e Isobel não iriam falar nada, a não ser que tivessem a necessidade.

Layton prosseguiu: “Existe alguma razão na opinião e vocês para que eles pensem isso?”

Adam e Isobel negaram.

“Ok, tudo bem. Isto nos leva de volta a Srta. Ward, que parece ser a perita em informações do escritório. Ela não disse nada sobre isso não é mesmo Sra. Mason?”

“Na verdade, não. Eu estava bastante aborrecida quando falei com ela, eu tinha acabado de voltar do hospital onde identifiquei o corpo de Mason e nós nos falamos por pouco tempo. Talvez ela quisesse ter falado mais, ou talvez esperasse falar sobre isso no nosso encontro. Eu honestamente não sei.”

“Quando você nos der o contato dela, talvez consigamos entrar nesse assunto.”

Isobel concordou.

“Outra parte que me incomoda é sobre como você se encaixa aqui Sr. James. Você disse que tinha ido até o hotel para ver o Sr. Young, pois os dois tinham trabalhado juntos na Inteligência, não é verdade? E que você o estava esperando do lado de fora quando ele chegou.”

“É isso mesmo.”

“Mas você estava armado. Você normalmente anda armado?”

“Eu uso quando estou a trabalho, senhor. Eu estava em Londres para ver um informante. Eu sabia que ia haver um jogo naquele dia e eu tinha tentado conseguir ingressos, mas estavam esgotados. Adam provavelmente estaria na cidade, então decidi telefonar para ele. Combinamos de nos encontrar para um drink no dia seguinte.”

“Você viu o informante?”

“Sim.”

“Posso saber o nome?”

“Não.”

“Entendo.”

“Eu contei a você que trabalho principalmente com contraterrorismo. Você pode imaginar que ele depende muito de informações. E os informantes são confidenciais. Se eu começar a falar seus nomes e endereços, não poderei mais contar com eles.”

“Ok, vamos prosseguir, havia quatro homens mortos naquele dia, já falamos sobre três deles. O quarto, o senhor disse que chutou na cabeça enquanto ele tentava desembainhar a arma. Isto está correto?”

Ron concordou.

“Além desses quatro, outros quatro foram presos, por roubo, assalto e perturbação da paz. Estes quatro estavam junto com os outros que perseguiam o senhor Young. Um deles ainda está em coma, um sob severa sedação devido a seus machucados e os outros dois não estão falando muito.”

“Os carros que estavam sendo usados, estão registrados em nome de uma empresa de segurança, e o dono desta empresa está sendo interrogado neste momento. Até agora, ele disse que não sabe de nada, apenas que alguns de seus funcionários foram contratados pelo cara que achamos morto na rua.”

Layton prosseguiu: “Outra coisa que ainda não está clara é quem reuniu estes arruaceiros. Estes eventos têm muita semelhança com outros que aconteceram no começo do ano. Um ou dois dos que foram presos, estão cooperando um pouco mais que os outros, mas não parecem saber muito. Eles nos disseram que foram pagos para aterrorizar, o que me parece bem peculiar. Aparentemente eles se comunicavam por mensagem de texto, que informava aonde deveriam ir e o que deveriam fazer. O trabalho deles era causar a maior destruição possível.

“Aparentemente esta não foi a primeira vez que isso aconteceu. Imaginamos que eles tenham sido contratados pelo cara morto na rua, como uma distração, mas não temos como saber se foram estes mesmos homens que causaram os tumultos do começo do ano. E se forem, por quê?

“Alguns de meus colegas acham que ele não está envolvido nas duas situações, mas que teve acesso à essa gangue por vias desconhecidas. E isso levanta mais questões: existe uma gangue freelance de baderneiros no Reino Unido? E quais são seus objetivos?”

“Em outras palavras, quanto mais descobrimos, menos sabemos. Mas temos certeza que vocês dois, Sr. Young e Sra. Mason não correm mais perigo, pois os responsáveis por tudo estão no necrotério.”

“Algum de vocês tem algo mais para acrescentar?”

Os três negaram com a cabeça.

“Infelizmente eu tenho agora uma conferência com a imprensa, então vocês estão todos liberados. Mas nós vamos falar sobre isso de novo. E Sra. Mason, você poderia fazer a gentileza de me ligar para passar o número de telefone da Srta. Ward? Estou ansioso para falar com ela. Aqui está meu cartão com meu celular.”

“Você tem alguma coisa para acrescentar Inspetor Gooding?”

“Não, a não ser que ainda acreditamos que o material encontrado em seu computador foi enviado por Jonathan Mason e acreditamos também, que tudo se tratou de vingança.”

No taxi para voltarem ao hotel, Isobel perguntou: “Ele sabe mais do que está nos dizendo, não é mesmo?”

“Sim.” Concordou Ron. “Eu acho que sim, mas para ser sincero, ele falou muito mais do que normalmente a polícia falaria. Ele também acha que sabemos mais do que estamos falando. Isso com certeza.”

“E agora então?” Perguntou Adam.

“Bem, eu vou para casa, e seu fosse vocês, faria o mesmo. Layton falou sobre uma conferência de imprensa e eu aposto que ele vai mencionar seus nomes. Então, a não ser que vocês planejem se trancar no hotel, sugiro que vão antes que eles os encontrem.”

“E Stella?” Quis saber Isobel.

“Bem, ela tem que primeiro se decidir. Mas antes você tem que dar o telefone dela para Layton. Se Stella vai atender ou não é com ela, que tem que decidir o que fazer com toda esta informação, e vocês também. Eu acho que destruiria tudo.”

“Destruiria?”

“Sim, aparentemente existem muitos políticos e policiais corruptos por aí e todos merecem ser expostos. Mas como podemos saber que estas informações são precisas? Provavelmente também existem informações sobre casos extraconjugais de jogadores de futebol, por exemplo, sem contar as mensagens de texto daquela estudante assassinada. A sujeira que estes papéis podem trazer à tona pode destruir vidas, e de novo, eles podem não ser verdadeiros.”

“Mas e esses casos de pedofilia das celebridades, eles ficaram em segredo por muito tempo, e têm que ser expostos.”

Depois de uma pausa, Ron disse: “Vão para casa e pensem a respeito. Talvez possam levar Stella junto, definitivamente ela quer sair da cidade. Eu imagino que você possa sair gastando nesse cartão de crédito até que o banco perceba que Jonathan está morto e então o cancele.”

“Isso me parece um bom conselho, mas não a respeito do cartão de crédito. Com nossa sorte, vamos ser presos por fraude. Acho que devemos ir para casa pela manhã. O que você acha Iss?”

“Para mim está ótimo, mas você tem que ir buscar o seu carro. Ele ainda está na garage do Carlton, né?”

“Sim, a 50 libras o dia! Mais dois hotéis. Este foi um final de semana bem caro.”

“Não se preocupe com isso. Ainda não me disseram para parara de usar o cartão, então o estacionamento e os hotéis são por conta de Jonathan.”

A decisão tinha sido tomada. Na manhã seguinte, Adam retirou a Pajero do estacionamento do Carlton Towers. A imprensa ainda estava do lado de fora, mas longe do estacionamento.

Eles deixaram Ron na estação de trem e pegaram a estrada. Na noite anterior, eles assistiram da suíte a conferência de Layton. Seus nomes tinham sido mencionados, ou pelo menos os de Adam e Isobel. Pela primeira vez mencionaram Stella como pessoa de interesse que eles gostariam de interrogar.

Fiel a sua palavra, Isobel passou o telefone dela para Layton. Minutos depois ele tocou, mas Stella decidiu não atender por enquanto. Ela iria para Plymouth com os dois.

Capítulo Vinte e Oito

Dizer que o Superintendente Chefe Bates estava aliviado com o atual resultado das coisas, teria sido o eufemismo do século. Ele vinha se desviando de todas as investigações sobre grampos telefônicos por quase dois anos. Mas nos últimos meses, com revelações atrás de revelações, sabia que seu envolvimento viria à tona em algum momento.

A simples menção do nome de Jonathan Mason quase o colocou em estado catatônico. A descoberta do corpo dele no escritório e a retirada dos discos rígidos quase o colocaram em um avião para a Venezuela. Ele não tinha conhecimento nenhum sobre o conteúdo dos discos, mas o simples fato de eles existirem e estarem com outra pessoa, era o suficiente para que Bates soubesse que continham provas incriminatórias contra ele, outros policiais da Metropolitana, sobre as pessoas que eles protegiam e centenas de outros.

Como um policial inglês, ele sabia que a Venezuela era um dos países mais difíceis do mundo para se encontrar uma pessoa, e também, a Venezuela não tem tratado de extradição com o Reino Unido. Bates tinha dinheiro suficiente para se aposentar para o resto da vida e não tinha nada que o prendesse no Reino Unido. Mas Bates ainda estava considerando esta ideia. Ele era um policial de carreira, com um diploma em leis da Universidade de Londres e tinha o conhecimento das leis e do sistema criminal. E esse conhecimento era o suficiente para saber que cedo ou tarde, seu envolvimento viria à tona.

O sumiço das informações de Mason foi a primeira boa notícia que ele teve em muito tempo. O fato de o assassino de Mason ter sido assassinado, também. Agora Jonathan não tinha mais como falar sobre o que sabia, e Bates sabia que era muito. Quem era esse homem era uma incógnita para Bates, seu nome e identidade, embora parecessem verdadeiros, mais tarde revelaram-se falsos. Tampouco se tinha a certeza se ele era britânico.

Encontrar o corpo do homem, a carteira de documentos e a arma que tinha sido usada para matar Mason era bom demais para ser verdade. Mas cavalo dado não se olha os dentes. Com o inquérito do governo em pleno andamento, alimentado pela especulação da imprensa sobre Mason, ainda haveria um grande número de perguntas a serem respondidas.

Bates não achava que iria sair limpo, sem nenhuma menção a sua participação nesses eventos.

Ele começava a achar que a melhor maneira de sair desta situação era confessar voluntariamente parte do seu envolvimento. Eventos como a influência na contratação de pessoal e a concessão de certos contratos não eram tecnicamente ilegais, mas certamente não eram parte do trabalho de um oficial da Polícia Metropolitana. Ele poderia confessar isso e então partir para aposentadoria antecipada.

Bates pensava em seguir este caminho. Ele confessaria seu envolvimento limitado. Se fizesse tudo certo, talvez até pudesse ser louvado por sua coragem.

Mas outros oficiais da Metropolitana não estavam tão felizes, nem mesmo o Inspetor Gooding. Embora ele não tivesse um diploma em leis como Bates, tinha um bom faro e a sujeira que percebeu na Scotland Yard não havia desaparecido com a morte de Roseau. Nos dias que se seguiram ao descobrimento do corpo de Jonathan, Gooding tinha notado grupos de policiais cochichando, caras fechadas e cabeças baixas. Depois de dois dias dos eventos da Rua Sloane, a alegria parecia ter voltado. Evidentemente os oficiais pareciam bem mais confiantes agora.

Mas nenhum deles parecia mais feliz que o Superintendente Bates. Gooding não o conhecia, mas suas ações pareceram evasivas desde o início. Não tinha como permitir que as investigações fossem encerradas agora, havia muitas questões a serem respondidas.

Gooding era um policial. Seu trabalho era proteger o povo e investigar ações criminosas, e ele iria continuar fazendo isso. Gooding iria voltar para Plymouth no dia seguinte e tinha planejado prosseguir com as investigações. Ele não podia confiar e ninguém da Scotland Yard, mas em sua equipe sim.

A apreensão de Layton era diferente, ele tinha percebido o quão facilmente seus superiores tinham aceitado que o incidente tinha acabado.

Para começar, Roseau foi encontrado morto, com seus documentos e sua arma. Fácil demais. Além disso, ele tinha sido baleado nas costas por alguém desconhecido. Não tinha sido nenhum de seus homens e ele tinha certeza que também não tinha sido Young e companhia. Quem era, então?

Muitas outras coisas não se encaixavam. Os experts independentes que ele consultou afirmaram que os discos rígidos foram corrompidos de uma maneira diferente da mencionada por Bates. Toda a tentativa de sequestro de Young estava estranha. E ainda tinha o grupo de baderneiros que aparentemente tinha sido contratada por Roseau. Ele não tinha resposta para estas questões e não estava gostando nada disso.

Antes de tudo isso, uma das maiores investigações que ele tinha trabalhado era sobre um pequeno grupo de baderneiros nas manifestações do início do ano. Muitos tinham sido presos na época e muitos outros mais tarde. A investigação revelou que estes homens tinham sido organizados por alguém, que agora eles acreditavam ser Roseau. As coincidências eram grandes demais para que pensassem que não fosse ele.

Por quê?

O que um homem aparentemente comum, apesar de ser um homem de negócios impiedoso, ganharia com isso?

Obviamente Roseau não era um homem de negócios comum. Embora Layton ainda não tivesse tido tempo para investigá-lo, e embora a investigação primária tivesse terminado, sondar o passado ele seria sua prioridade total. Alguma coisa nele o deixava com a pulga atrás da orelha, e sua intuição dizia que ele precisava encontrar alguma coisa rapidamente.

O maior problema de Layton com Roseau era a falta de motivos. Em todos os crimes que tinha investigado ao longo dos anos, e tinham sido muitos, todos tinham um motivo predominante. Os eventos que envolviam esta gangue eram sem dúvida organizados por alguém, e muito bem, mas ele ainda não conseguia entender a razão.

Para quem valeria a pena, gastar tempo e dinheiro organizando estes tumultos?

Enquanto pensava nisso, ele anotou algumas coisas e tentou fazer conexões entre elas. Mas nada fazia sentido, não até que ele começou a considerar a natureza das comunicações usadas pelos criminosos.

Grupos pequenos, aparentemente sem conexão entre si, enviando instruções não rastreáveis por mensagem de texto, provenientes de uma única fonte de controle, certamente tinham um elemento de segurança. Havia também a natureza celular. Mais uma vez, grupos pequenos, desconhecidos entre si, sem nenhum objetivo a não ser a desestabilização.

Ele nunca tinha visto nada como aquilo, mas havia precedentes. Não no Reino Unido, mas isto vem acontecendo no Oriente Médio.

As revoluções na Argélia, Egito, Líbia e Síria tinham começado desta forma. Será que estamos lidando com algo parecido? Isso só poderia significar uma coisa. Terroristas?

Haveria um grupo de terroristas operando no Reino Unido, controlando células de cidadãos britânicos? Isto seria um pesadelo, mas era possível. Mas quais seriam seus objetivos?

Eles certamente não esperavam que a população britânica se levantasse e derrubasse o governo. Isto não era provável. Então, qual seria o objetivo? Criar

uma distração?

Não havia ninguém na Polícia Metropolitana com quem ele falar sobre isso e o assunto estava além do seu conhecimento, isto era assunto para os departamentos de segurança.

Para quem eu posso levar isso?

Utilizar os caminhos normais não iria funcionar, ninguém acreditaria nisso. Mas talvez ele tivesse uma saída. Aquele amigo de Adam Young, que trabalhou com ele, ou para ele, ou para quem...essa era a área dele.

Vou descobrir u pouco mais sobre Ron James e talvez marque de encontrá-lo.

Ele queria descobrir mais sobre Roseau, queria fazer perguntas para descobrir mais sobre ele. Ele realmente não acreditava que existissem células terroristas desta escala operando no Reino Unido, mas para garantir, iria investigar.

Depois de ser deixado na estação por Adam, Ron pegou o trem e depois um taxi para casa. No dia seguinte, ele teria que estar em Poole com sua equipe, mas como tinha estado ausente do escritório nos últimos dias, e sabendo que tinha coisas para fazer lá, ele decidiu voltar para Londres. Ron passou o dia na Casa Thames em reuniões e pretendia ir para Poole no dia seguinte.

As fotos que tinha tirado no jogo e aquelas tiradas após os acontecimentos no Carlton Towers foram todas mandadas para um analista com quem sempre trabalhava. Depois de terminar sua primeira reunião, que levou toda a manhã, ele saiu para se encontrar com o homem. O analista estava saindo para o almoço e Ron decidiu juntar-se a ele. Os dois foram até a cantina e depois de pegarem a comida, sentaram-se para discutir o assunto.

Os últimos acontecimentos tinham preocupado Ron, mas aparentemente parecia que tudo tinha acabado. Certamente seu amigo Adam, sua namorada e Dan pareciam estar fora de perigo, o que era sua principal preocupação.

Mas tudo estava estranho. Roseau o preocupava, o resto, como a polícia tinha dito, eram seguranças particulares contratados, e com relação a eles, Ron estava mais tranquilo.

Eles tinham duas fotos de cada um dos homens, que eram dez no total. Seis deles já tinham sido identificados pelo analista.

As suspeitas de Ron se confirmaram, todos os homens eram ex-soldados que tinham deixado o exército nos últimos cinco anos. Todos eles trabalhavam agora para uma empresa de segurança chamada Harris Consultores em Segurança, uma empresa comandada também por um ex-soldado.

Dos outros quatro, três ainda não tinham sido identificados. Os três eram os motoristas dos carros. Dois deles apareceram com os rostos borrados nas fotos

pelo reflexo dos para-brisas. Do terceiro cara, ele tinha conseguido tirar muitas fotos quando ele parou para Roseau entrar no carro. Mas o analista não conseguiu saber muito sobre ele, pois não tinha conseguido encontrar nada no enorme banco de dados que eles mantinham na Casa Thames.

Ron pediu ao analista para passar a foto de Roseau e do outro homem nos programas de comparação de imagens, usado também na maioria dos aeroportos do Reino Unido. O analista ainda não tinha feito isso e estava relutante em fazê-lo devido a enorme quantidade de trabalho que isto envolvia, mas concordou quando Ron frisou a importância do caso. Ron falou que telefonaria mais tarde de Poole para ver se ele tinha conseguido alguma coisa.

Capítulo Vinte e Nove

Assim que a existência das informações que Mason possuía se tornou pública, a preocupação dos que tinham tido contato com ele aumentou. Um dos poucos que ficaram vivos e que sabia da existência das informações era o antigo chefe de Mason, Dandelion. Ele agora estava de volta à Nova Iorque, sentado na sala de sua cobertura no Central Park. A luz do pôr-do-sol passava pelas altas janelas tingindo de dourado o ambiente.

Dandelion tinha sido convocado para comparecer a um inquérito há uma semana e tudo tinha saído como ele tinha previsto. Perguntaram a ele sobre seu conhecimento em grampos ilegais de telefone, sobre obtenção de informações, sobre seu conglomerado de mídia e se ele acreditava que era um caso isolado.

Ele respondeu que não tinha conhecimento prévio dos assuntos, que tinha ficado chocado com o caso e que já estavam lidando com isso. Dandelion contou que não podia acrescentar muito mais, mas que estava feliz em poder fornecer quaisquer informações reveladas em sua investigação interna. Esta investigação, obviamente não iria revelar nada. Ele foi dispensado, mas haviam dito que ele poderia ser convocado de novo. Seu depoimento poderia ser contradito por outros, mas não havia nenhuma prova. Ou pelo menos parecia que não, até agora.

A espetacular vista do parque pouco fez para melhorar seu humor, Dandelion estava bastante preocupado. Ele sabia que se as informações se tornassem públicas, um grande número de pessoas seria incriminada. Ele sabia também que a informação sobre o trabalho de Mason na Internacional estaria lá e que isso iria contradizer o depoimento que tinha dado no inquérito Robertson e exporia a profundidade da sua relação com o governo do Reino Unido.

Por quatorze nos, ele tinha apoiado o Partido Trabalhista. Seus meios de comunicação haviam formado a imagem do Novo Partido Trabalhista e de seu líder. Ele também tinha sido enormemente beneficiado pela nova postura partido junto aos sindicatos e pela adoção das políticas fiscais iniciadas por Margaret Thatcher uma década antes.

Muitos diriam que ele era amigo dos poderosos do partido. Dandelion tinha passado bastante tempo na companhia deles, mas tudo eram negócios. Durante

os anos de crescimento, onde o relaxamento fiscal fez todo mundo ganhar dinheiro, ele colocou o poder da mídia a serviço deles.

Em 2010, Dandelion viu uma oportunidade. Por três anos, o país esteve em meio à recessão. Era preciso uma eleição geral, e ele tinha certeza que o Partido Trabalhista perderia. A recessão não estava limitada ao Reino Unido, ela era endêmica e mundial. E era conhecida como a Crise do Banqueiro, onde anos de políticas de relaxamento fiscal levaram a uma situação de instabilidade. Os bancos comerciais estavam tão interligados com os bancos de investimento e seu valor estava tão artificialmente inflado, que se tornaram vulneráveis. E esta não tinha sido a primeira vez que isso ocorria.

Depois da Crise de 1929, leis fiscais tinham sido impostas para evitar que tudo acontecesse de novo.

Mas nos últimos 20 anos, estes controles fiscais foram diminuindo gradualmente, permitindo que os bancos mais uma vez pudessem comprar casas de investimento, criando assim instituições gigantescas. Propriedades constituíam o pilar dos ativos físicos dos bancos, e como eles compravam, o grande público também comprava. Com a facilidade do crédito disponível, os preços dispararam.

Até o inevitável acontecer: a bolha estourou. O resultado foi que o preço dos imóveis começou a cair em todo o mundo e valor dos ativos dos bancos diminuiu rapidamente. Primeiro, um banco faliu, e depois outro e assim continuou, causando um efeito dominó pelo mundo todo.

No final de março de 2010, um mês antes das eleições gerais, pesquisas de intenção de voto mostravam o Partido Trabalhista um pouco à frente dos Conservadores, com o Liberal Democratas bem distante, na terceira posição.

Apesar de os Conservadores terem colocado a culpa das preocupações econômicas no Partido Trabalhista, eles não conseguiram ganhos significativos nas pesquisas. Dandelion esperava que os Conservadores estivessem bem mais à frente, mas o Governo Trabalhista tinha reagido incrivelmente bem à crise. Eles mantiveram o estímulo econômico, e com isso, conseguido apoio público. Não havia apoio suficiente para Blain, o líder dos Conservadores, mas Dandelion viu aí uma oportunidade.

Ele tinha aconselhado Primeiro Ministros em várias ocasiões sobre como influenciar a opinião pública, e agora ele poderia ter gente dentro do governo ajudando a criar políticas. Políticas que beneficiariam a ele e seus associados. Com um novo governo, virão novos ministros. Estes novos ministros normalmente sabem muito pouco sobre o que está acontecendo e dependem bastante de seus conselheiros, conselheiros que ele colocaria lá, tornando quase

qualquer coisa possível. Obter informações certas para as pessoas certas seria a chave.

Em uma reunião com David Blain, Dandelion delineou seu plano para colocar os Conservadores no poder. Isto se baseava em transmitir suas mensagens, e para garantir isso, Dandelion iria colocar um de seus editores como assessor de imprensa de Blain. Então, ele usaria seus meios de comunicação para denunciar políticas econômicas do Partido Trabalhista, afirmando que eles estavam colocando o país em uma enorme dívida e que muito em breve o levaria a falência.

Como prometido, Dandelion virou as eleições para os Conservadores. Talvez não com tanta folga como gostaria ou como fez Blain acreditar. Blain foi forçado, no final, a formar uma coalizão com o Liberal Democratas para garantir a maioria necessária.

Já tinham se passado 18 meses da eleição, e Dandelion tinha cinco conselheiros seniores dentro do governo. Tinha o assessor de imprensa do Primeiro Ministro, o assessor sênior da Fazenda, o da Defesa, o do Serviço Nacional de Saúde e o Ministro da Justiça. Apenas este último tinha sido colocado lá diretamente por ele, os outros ele foi escolhendo ao longo do tempo, mas todos tinham experiência nas áreas em que atuavam.

Ele e seus associados estavam agora em excelente posição para influenciar tanto na política quanto na escolha de contratos, obtendo assim enormes quantidades de dinheiro. Se a intenção era privatizar o Serviço Nacional de Saúde, ou invadir um país estrangeiro rico em petróleo, a quantidade de dinheiro gasto tanto na saúde quanto nos contratos de apropriação militar eram astronômicas, e estaria lá a disposição.

Dandelion estava começando a implementar políticas similares em governos de outros países, e esperava que fossem tão rentáveis quanto estavam sendo no Reino Unido

Agora, estas informações, ou pelo menos o conhecimento da existência delas tinha surgido. Saber disso fazia seu estômago revirar. Ele tinha que descobrir antes de qualquer outra pessoa.

Ele pegou o telefone e ligou para um número em Nova Iorque.

“Carlo, eu gostaria de falar com você.”

“Claro, quando?”

“Agora, se possível. Eu estou em Stanhope, você tem o número?”

“Sim. Estarei aí em uma hora.”

Os eventos do sábado não passaram despercebidos pelo governo. Houve uma reunião de gabinete naquela manhã na Rua Downing, 10. Compareceram muitos ministros e seus conselheiros, assim como Blain e seu assessor de imprensa.

Muitos deles conheciam Dandelion, se não pessoalmente, no mínimo conheciam sua reputação.

“Eu acho que todos vocês sabem por que quero discrição. O que nós sabemos, e o que vamos fazer sobre isso?”. Perguntou Blain.

Os nove homens presentes se olharam por alguns minutos, até que um deles respondeu:

“Acho que não faz muito sentido ficar especulando. Nós sabemos que estas informações existem e que dizem respeito a nós. O que temos que fazer é encontrá-la antes de qualquer outra pessoa.”

“Concordo, sabemos que nosso amigo em Nova Iorque vai fazer a mesma coisa, mas há uma grande quantidade de recursos que podemos utilizar daqui.”

“Sim, devemos usar a operação do Serviço de Segurança imediatamente para encontrar tudo.” Disse o Secretário de Defesa.

“Eles terão que se reportar diretamente a você e a ninguém mais, temos que limitar o numero de pessoas que conhecem essa informação.”

A preocupação não terminou com a polícia. Alguns achavam que poderiam estar na lista de Mason, outros achavam que teriam vantagem com a posse dela. Consequentemente, muitos detetives particulares foram contratados para encontrara a tal lista.

Charlie Parker foi dispensado do hospital três dias depois do acidente que ocorreu do lado de fora do Palácio de Westminster. Sua clavícula tinha sido colocada no lugar, suas costelas quebradas foram enfaixadas, assim como seu tornozelo, que teve um pedaço de carne arrancado pela limusine de Dandelion. Ele iria precisar voltar ao hospital mais algumas vezes para fazer enxerto de pele na região e também para remover os pinos.

Agora ele estava se recuperando em casa e para manter-se ocupado assistia a muita televisão. Por isso, ele tinha visto quase toda a cobertura da mídia sobre os eventos na Rua Sloane e os assassinatos em Clerkenwell.

Ele tinha visto muitas imagens de Adam Young e de sua namorada, que estavam sendo perseguidos pelos sequestradores. Tinha visto também as coletivas de imprensa dadas pela polícia, dando sua versão dos eventos. Era uma grande história e tinha dominado a mídia por muitos dias.

Em uma das imagens feitas do lado de fora do Carlton Towers, Charlie achou que tinha reconhecido um homem. A filmagem não era muito clara, pois tinha sido feito por um espectador usando o telefone celular. Ele conseguiu gravar a cena e depois de revê-la algumas vezes, teve a certeza de que o homem junto com o casal era Ron James.

Charlie não via Ron há anos. Ele não o conhecia muito bem, mas sabia que Ron era um oficial dos serviços especiais. Sabia também que isso poderia ser

coincidência, mas a presença dele o deixou intrigado. Charlie não tinha muita coisa para se ocupar no momento, a imprensa o perseguiu por um tempo logo depois do acidente, mas agora eles tinham desistido.

Sua recuperação estava indo bem, e ele gostaria de voltar ao trabalho o quanto antes. Com sorte, mais cedo do que esperavam, ele estava em forma, apesar da idade. Charlie ia caminhando para o trabalho toda manhã desde sempre e se exercitava regularmente. Ele não queria se aposentar forçosamente antes da data.

Charlie decidiu que voltaria ao trabalho na semana seguinte. Não dava para fazer muito, mas também não era necessário. Há muito tempo, todo o trabalho de manutenção era feito pelos dois novos empregados. Ele iria trabalhar na papelada, pois tinham coisas na sua mesa que precisava dar uma olhada.

Stella realmente tinha gostado da casa dos Young e tinha encontrado um bom lugar para trabalhar na sala de jantar, que parecia não ser muito usada, pois eles faziam a maior parte das refeições na cozinha. De lá, ela tinha vista para o mar, que adorava.

Talvez ela devesse comprar uma casa lá para trabalhar no livro que planejava escrever.

Stella ainda não havia atendido as ligações de Layton, nem ligado seu telefone desde que chegou de Londres. Ela sabia que a esta altura, seu namorado estaria muito ansioso. Quando saiu do apartamento dele, Stella deixou uma mensagem dizendo que iria voltar para sua casa para finalizar algumas coisas do trabalho e voltaria a vê-lo em alguns dias.

A polícia provavelmente o tinha interrogado, por isso ela não quis arriscar telefonando para ele. Em algum momento ela teria que lidar com isso, mas não agora.

Finalmente ela tinha conseguido baixar todos os dados, pois agora contava com uma internet rápida. E estava quase terminando de compilar a lista de pagamento de Jonathan e os que estavam nela, mas ainda não tinha certeza do que fazer com isso. Daria para usar em seu livro, seria um best-seller instantâneo, revelando corrupção em uma escala sem precedentes.

Esta lista iria expor grande parte da sociedade. Ela continha nomes do governo, do sistema bancário, imprensa e do mundo corporativo. E isso tudo assustava Stella, mesmo não sabendo ainda das consequências que a divulgação da lista traria.

Stella tinha visto Isobel e Adam muito pouco nos últimos dias, eles estavam passando bastante tempo sozinhos, obviamente felizes por estarem de volta. Querendo aproveitar ao máximo, eles ou estavam na cama ou fora de casa. Mas

agora Stella precisava falar com eles urgentemente, assim que eles voltassem para casa, precisava contar para eles o que tinha acabado de descobrir.

Depois de comparar os arquivos com os índices, ela notou um arquivo extra, que parecia ter sido adicionado por Jonathan na última semana. A leitura deste arquivo fez o sangue de Stella congelar.

O que Stella não tinha percebido, era que o serviço de segurança também havia conseguido obter os dados, mas não os códigos de criptografia usados por ela. O interesse deles tinha aumentado depois dos assassinatos e da tentativa de sequestro. O serviço de segurança rastreou toda a atividade de internet em hotéis próximos ao Carlton Towers, descobrindo uma grande quantidade de downloads feitos do Roof Garden, e com isso, tiveram acesso à nuvem segura onde Stella tinha escondido as informações. Isto também forneceu o endereço de IP do computador dela, que agora estava sendo usado em Wembury.

Todos os envolvidos se preocupavam em graus variados, e com razão. Mas o fato de não confiarem um no outro, era preocupante, pois poderiam ter sido capazes de juntar o quebra-cabeça; e com isso descobrir um grupo de terroristas em meio a uma operação que se bem sucedida iria mudar o Reino Unido para sempre.

Os terroristas estavam bem adiantados com seus planos. Na verdade, todos os homens de De Costa já estavam no armazém de Wandsworth, dois dias antes do prazo. O armazém estava bem abastecido com tudo o que podia ser necessário, tanto para aquele momento, quanto para depois do ataque.

Havia caixas de alimentos enlatados e água que durariam semanas e também um gerador a diesel. Havia também veículos: ônibus pequenos para carregar os terroristas até seu destino e vários 4x4, para quando fosse necessário. Estavam todos estacionados na parte de dentro, para evitar suspeitas.

Além disso, eles também tinham caixas com armas, de pistolas a metralhadoras, propulsores de granadas, morteiros, além de lançadores portáteis de foguete. O armazém deveria continuar a ser a base de operações depois do ataque; os sobreviventes deveriam retornar e esperar pela confusão que tinham certeza que aconteceria.

A maioria dos cientistas já haviam partido, os que ficaram, sairiam nos próximos dias. De Costa tinha voo marcado para Paris e depois para Istambul na manhã do ataque. De Istambul ele iria para Teerã. Se tudo corresse bem, levaria três ou quatro dias para as autoridades entenderem o que havia acontecido, mas seria tarde demais para conter a subsequente infecção. De Costa tinha a intenção de estar de volta em Teerã antes disso, suas instruções eram para que os homens permanecessem no armazém por pelo menos uma semana, e depois atacar outros alvos.

Após três dias do ataque, os que tivessem sido contaminados começariam a apresentar sintomas. Os sintomas não eram alarmantes no início, eram mais parecidos com os sintomas da gripe, com uma leve erupção cutânea. Dois dias depois, todos os que tivessem estes sintomas estariam transmitindo a doença para quase todos com quem entrassem em contato.

Demoraria até o quarto dia para que as pessoas comesçassem a procurar hospitais e consultórios médicos, e as autoridades ainda não estariam entendendo o que acontecia. Iria levar pelo mais um dia até a compreensão total da situação. Até lá, muitos já estariam infectados.

De Costa duvidava que alguém os acusasse e esperava que grupos locais como o Anarquia Reino Unido fossem responsabilizados. Ele iria garantir que os britânicos levassem a culpa, se não por todo o acontecido, pelo menos pela disseminação do vírus.

A esta altura portos e aeroportos estariam fechados e balsas seriam canceladas. Os britânicos seriam colocados em quarentena e assim ficariam por semanas ou meses. Alguns tentariam escapar em embarcações próprias, mas a comunidade europeia iria garantir a quarentena e o bloqueio. Afinal, as autoridades conseguiriam um soro para todos, mais isto iria requerer uma lei militar e marcial. Provavelmente eles teriam que chamar de volta sua Força Tarefa Combinada 150 do Golfo Pérsico, com todos os outros navios europeus para reforçar o bloqueio. E isto deixaria os americanos sozinhos na região.

Suas tropas iriam mover-se em Riad. As forças iranianas também estavam se reunindo, muitas sob o disfarce de exercícios navais, que estavam acontecendo há duas semanas. Algumas supostamente em resposta a captura do HMS Enterprise. Suas armas secretas estavam se deslocando em veículos disfarçados de tanques de petróleo desde os Montes Urais, lugar onde eram desenvolvidas.

Os europeus ainda estariam tentando evitar a propagação da doença. Os britânicos isolados, não seriam capazes de uma resposta armada. Os americanos ainda eram um fator desconhecido para De Costa, mas ele duvidava que interferissem. E se o fizessem, ele tinha uma surpresa extremamente desagradável separada para eles.

Capítulo Trinta

Ron passou o dia com sua equipe de dezesseis homens em Poole. Ele chegou às 7:30 e se juntou a equipe para a corrida matinal. Apesar da diferença de idade entre eles, ele sempre gostou destas manhãs. Em vez da exaustão que muitos poderiam sentir, Ron sentia-se revigorado, principalmente depois dos dias de relativa inatividade em Londres. Depois da corrida, ele contou a seus companheiros sobre seu envolvimento nos eventos recentes, que estiveram em todas as redes de notícias nos últimos dias.

Os homens parabenizaram Ron por ajudar a evitar o sequestro, oferecendo ajuda caso ele precisasse na investigação sobre Roseau. Só no final da tarde foi que Ron telefonou para o analista, que tinha uma boa notícia para contar.

O analista não tinha deixado sua mesa de trabalho desde o almoço com Ron no dia anterior. Esta maratona não foi planejada, mas a cada descoberta que fazia, uma nova janela se abria, encorajando-o a continuar. No início, ele tinha ficado hesitante em usar o reconhecimento facial nas filmagens dos aeroportos, mas depois ele percebeu que estava com sorte.

Os homens que Ron procurava poderiam ter usado qualquer um das dezenas de aeroportos do Reino Unido, ou nenhum. Ele escolheu começar com Heathrow, simplesmente porque a quantidade de filmagem possibilitava definir seus parâmetros e simplesmente deixar correr.

Em algumas horas de trabalho, o analista começou a perceber o padrão. Embora nenhum dos homens tivesse viajado junto e nem necessariamente no mesmo voo, eles viajavam para o mesmo destino com algumas horas de diferença entre os voos. Com esta informação, ele começou um processo de referência cruzada e eliminação, que confirmou que os homens usavam um de três passaportes cada, para deixar ou entrar no país. E eles tinham feito isso três ou quatro vezes no último ano. Todos os destinos eram na Comunidade Europeia, algumas vezes Paris, Frankfurt ou Amsterdã, todos pontos centrais de onde eles voavam para outros destinos. O analista então enviou perguntas para seus colegas nesses países e usou os nomes que descobriu para saber sobre suas atividades no Reino Unido.

Conversando com Ron pelo telefone, ele contou o que sabia. Ele falou sobre a frequência das viagens, seus destinos iniciais e os nomes que usavam para

viajar.

Ele contou que os homens normalmente se transferiam para outro voo, mas que em algumas ocasiões ficavam na primeira cidade de destino. Quando seguiam viagem para outro destino, utilizavam o mesmo passaporte. Para Paris eles usavam um, para Frankfurt outro e para Amsterdã outro. E em cada cidade eles tinham um apartamento que o analista acreditava que usavam para se hospedar. Eles sempre passavam por Istambul e ele esperava receber em breve informações de seus contatos, sobre o destino seguinte.

Ele explicou também alguns de seus negócios no Reino Unido. Dos seis nomes nos passaportes, Roseau era um e De Costa era outro, e eram registrados como diretores de empresas variadas, que iam desde armazéns a empresas de segurança. Todas as empresas eram registradas e eles possuíam também vários endereços residenciais.

Depois de quarenta minutos de conversa, Ron agradeceu e pediu ao analista que avisasse caso tivesse alguma nova informação. Ele desligou o telefone e deu uma olhada nas anotações que feitas enquanto conversavam. Ron então começou a pensar sobre tudo o que havia escutado.

Enquanto isso, o Inspetor Layton meditava sobre suas próprias descobertas. Ron James não tinha dado muitos detalhes sobre seu trabalho, falou apenas que trabalhava com segurança e estava em Londres naquele dia para entrevistar um informante. Depois de muitos telefonemas, ele descobriu que James tinha se alistado aos dezoito anos na Marinha, nos meados dos anos 80.

Depois de três anos na Marinha, ele se candidatou ao Serviço Especial de Embarcações. Depois de cinco semanas de curso e provas, foi aprovado para o Esquadrão M e depois foi promovido para o Grupo Negro.

O Esquadrão M é responsável pelas operações marítimas antiterrorismo e o Grupo Negro era especializado no uso de helicópteros. O Grupo Negro era uma força clandestina, e por isso, havia pouca informação sobre este tipo de operação. Layton descobriu que parte do trabalho de James era coordenar o novo Esquadrão X, que era formado por tropas do Serviço Especial de Embarcações e também do Serviço Aéreo Especial.

O nome Serviço Especial de Embarcações pressupunha que ele era um serviço marítimo, mas aparentemente não era sempre assim. James esteve envolvido em muitas missões no Afeganistão, das quais havia poucos detalhes disponíveis, mas Layton tinha conseguido encontrar detalhes sobre uma missão que aconteceu antes da invasão ao Afeganistão. Foi a operação Barras, uma missão de resgate de reféns que aconteceu e Serra Leoa em 2000.

James liderou a ação com os helicópteros. Foram utilizados dois Chinooks com cinquenta soldados para resgatar os onze soldados britânicos capturados por

um grupo de 150 rebeldes, conhecidos como West End Boys. Os capturados estavam sendo mantidos próximo ao Rio Gaberi Bana. Outros 150 paraquedistas estavam em mais outros Chinooks, amparados por helicópteros Lynx. Eles atuariam como uma distração, evitando que os rebeldes levassem mais armamento pesado para a área onde estavam os reféns.

O apelido dado a esta intervenção foi “Operação Morte Certa” e teria acontecido exatamente como sugerido no nome se não fosse pela inteligente intervenção de um certo Adam Young, que tinha se juntado ao time do Serviço Aéreo Especial alguns dias antes.

A missão original da equipe de observação era investigar a possibilidade de um ataque pelo rio. Isto se mostrou impossível depois da descoberta de outro grupo de rebeldes equipados com barcos, morteiros e metralhadoras. A equipe então avançou pela selva em direção ao acampamento onde os reféns eram mantidos. Três dias e dois quilômetros e meio depois, eles conseguiram se abrigar em uma pequena elevação entre o acampamento e o rio, com clara visão para ambos os lados.

Desde este ponto, eles eram capazes de enviar informações importantes sobre a movimentação dos rebeldes para as forças britânicas. Na manhã do resgate, os dois primeiros Chinooks deixaram as Forças Especiais perto do acampamento dos rebeldes, eles tinham previsto que o barulho dos Chinooks, audíveis por quilômetros, iriam alertar os inimigos, e por isso, parte da missão da equipe de observação era atirar em qualquer um que tentasse se aproximar da cabana onde os reféns estavam presos.

O que não se esperava era que um terceiro contingente de rebeldes, equipados com barcos, tivesse se deslocado rio abaixo e estava agora acampado a não mais de três quilômetros de distância, dentro do alcance do ruído dos helicópteros.

As Forças Especiais seguiram o caminho indicado pelo time de observação. Adam, desconfiado de uma possível aproximação, se manteve vigilante. Os barcos do terceiro grupo de rebeldes aproximaram-se da elevação onde estavam as equipes de resgate e não foram vistos até que seus morteiros estivessem em posição de lançamento. Com apenas alguns segundos para agir, Adam chamou os helicópteros Lynx e seus lançadores de mísseis Hellfire, destruindo os barcos antes que eles tivessem tempo de lançar os morteiros que atingiriam tanto a Força Especial, quanto os paraquedistas.

A missão não apenas conseguiu resgatar os reféns, como também pôde capturar o comandante dos West End Boys. Infelizmente um membro da equipe de resgate foi morto e outros foram feridos, mas se não fosse pela astúcia de Adam, a missão teria sido um completo desastre, com a morte da equipe inteira.

Layton sorriu ante esta descoberta, imaginando que provavelmente era por isso que James e Young eram tão amigos.

Ron James nunca tinha sido condecorado ou nem mesmo citado para nenhuma missão, mas muitos das Forças Especiais também não eram, mas Ron parecia ser exemplar no que fazia. Então, se havia alguém com quem Layton pudesse falar de suas preocupações, este alguém era James.

Ron certamente iria entender sua paranoia sobre ataques terroristas, pois tinha estado envolvido em contraterrorismo toda sua vida. Layton tinha dois contatos de James, um na Casa Thames e outro no quartel de Poole. Ele decidiu tentar Poole primeiro e foi atendido no terceiro toque.

No mesmo instante em que Layton telefonava para Ron, Adam e Isobel chegavam em casa depois de passarem o dia fora. Tinha nevado um pouco durante a noite, deixando uma fina camada branca em torno da casa e nas pedras que levavam ao mar. Nunca nevava muito em Plymouth, mas Adam sabia por experiência que se nevava pouco lá, nevava bastante em Dartmoor.

Eles pegaram um par de velhos trenós de plástico que estavam na garagem, colocaram no 4x4 e foram passar o dia em Burrator. Como esperado, Dartmoor estava coberta de neve. Quase todas as pistas que levavam ao reservatório e ao pico estavam intransitáveis, exceto para veículos 4x4.

O dia estava lindo, com vista clara para a Cornualha que ficava a 30 quilômetros de distância, e era de tirar o fôlego. O céu azul brilhante, salpicado de pequenas nuvens brancas parecia não ter fim. Embora Isobel estivesse vivendo na Inglaterra por quase dois anos, ela nunca tinha estado na neve. Sim, parecia ser lindo da janela, mas na verdade ela nunca tinha gostado muito. Mas Isobel adorava fazer qualquer coisa com Adam, e eles desceram de tobogã na neve tantas vezes que tinham perdido a conta. Os dois brincaram na neve feito crianças e só perceberam o tempo passar quando suas roupas ficaram encharcadas.

Na volta para casa, eles pararam no Restaurante Dartmoor, para se secarem um pouco e comerem, pois estavam famintos.

Os dois tinham planejado tomar um banho quente juntos assim que chegassem em casa para saciar as outras vontades. Mas não foi o que aconteceu.

Stella estava esperando pela volta deles a tarde toda, desesperada para contar o que havia descoberto. Depois de se desculparem por alguns minutos, Isobel foi tomar um banho rápido e Adam se secou um pouco. Depois os três foram para cozinha tomar um chá quente enquanto Stella falava.

Ela primeiro falou dos nomes que tinha descoberto na lista. Havia vários ministros e Primeiros Ministros, secretários, conselheiros, personalidades e bancos envolvidos em lavagem de dinheiro. Havia também policiais da Polícia

Metropolitana. A lista os deixou espantados, ela tinha tantas figuras do alto escalão que o pagamento de Jonathan deveria ser astronômico. E ver também a quantidade de nomes de pessoas da mídia envolvidas em escândalos sexuais chocou a todos.

Eles sabiam que existia corrupção em Whitehall, mas a quantidade e a longevidade eram difíceis de acreditar.

Nenhum dos três conseguiu entender o que estas pessoas faziam por ou com Jonathan. Obviamente havia dinheiro envolvido, a lista continha nomes, valores e datas. Depois de algum tempo conjecturando sobre tudo isso, Stella mostrou o outro arquivo que tinha encontrado.

“Quando eu estava comparando o índice com os arquivos que tinha baixado, percebi um arquivo que eu não tinha colocado lá. Ele foi adicionado por Jonathan um dia antes da sua morte.”

“Parece que ele estava com algumas dúvidas sobre estes novos clientes. Jonathan estava especulando sobre o que eles estavam fazendo com as informações que tinha passado para eles. O arquivo começa com detalhes sobre estas informações que eram todas relacionadas a contratos do governo, e examinava quem estava a cargo dos contratos.”

Adam interrompeu: “Então ele pensou que era tudo sobre conseguir contratos premiados com o governo?”

“Inicialmente sim, eu acho que isto compunha a maior parte dos seus negócios. Isto e as leis e regulamentos governamentais que dizem respeito aos monopólios, este tipo de coisa. Isto explicaria por que há tantos Primeiros Ministros envolvidos. Mas a coisa continua, estes novos clientes, Roseau era um deles e De Costa outro, eram um pouco diferentes: eles começaram a assustar Jonathan, que pensava que eles faziam parte de alguma organização criminosa. Jonathan não tinha certeza, mas obviamente estava interessado em descobrir.”

“Que tipo de contratos eles buscavam?”

“Eram contratos de limpeza e manutenção de prédios do governo, segurança, armazenamento de documentos e serviço de transporte.”

“Todos muito lucrativos, eu imagino. Mas por que isso o faria ter medo deles?” Perguntou Isobel.

“Eu acho que era pela maneira de eles agirem, principalmente sobre alguma informação que Jonathan não tinha conseguido obter para eles. Você se lembra de uma moça que foi atropelada por um ônibus há duas semanas?”

Isobel e Adam negaram.

“Bem, parece que ela era amiga de Jonathan e ele tinha descoberto sobre um caso que ela teve com o Secretário do Tesouro. Ele pediu que Carl se passasse por garçom e entrasse na suíte que o homem tinha no Savoy e tirasse fotos dos

dois. Alguma coisa obviamente deu muito errado. A mulher acabou sendo perseguida na rua por fotógrafos e foi atropelada acidentalmente por um ônibus. Só posso imaginar que eles iriam chantageá-lo. Mas por quê?”

“Então, no final das contas, Jonathan estava envolvido na morte de alguém.” Falou Isobel bastante estressada com o que tinha escutado.

“Sim, parece que sim. Mas o ponto é que estes caras Roseau e De Costa começaram a pressioná-lo muito depois disso, o que deixou Jonathan assustado e fez com que ele comesse a investigar sobre os dois. Isto deve tê-lo levado à morte. Ele descobriu alguma coisa, Jonathan estava certo que eles faziam parte de alguma organização criminosa e que viajavam com diferentes passaportes. Ele não deu nomes, mas achava que eles viajavam bastante para o Oriente Médio.”

“Deixe-me entender isso, estes dois homens são gangsteres, na falta de uma palavra melhor, estão envolvidos com políticos e talvez policiais corruptos, estão também envolvidos em chantagem e tem negócios no Oriente Médio. Eles querem as informações de Jonathan para se proteger e talvez chantagear outras pessoas. Um deles, Roseau, está morto e o outro, De Costa, imaginamos que ainda esteja vivo.”

“E quem sabe ainda atrás de nós?”

“Tem mais alguma coisa?” Quis saber Isobel.

“Não muito. Alguns endereços em Londres e outros pelo país.”

“Merda, achei que isto tudo tinha acabado. Eu preciso beber. Vamos garotas?”

Capítulo Trinta e Um

Isobel e Adam voltaram para casa leves e felizes por estarem juntos. Mas agora a nuvem negra tinha reaparecido.

A conversa durou mais duas garrafas de vinho e já era quase meia-noite. Na hora de irem para a cama, a campainha tocou, surpreendendo a todos. Ela foi tocada longamente pela segunda vez.

As luzes da cozinha e do andar e cima estavam acesas, então não fazia sentido fingir que não estavam ou que estavam dormindo. Como Adam duvidava que bandidos tocassem campainha, seguramente eles iriam chutar a porta e entrar, decidiu ver quem era. Mas não sem antes colocar uma faca bem afiada na bainha da sua calça jeans.

Abrindo a porta, Adam ficou bastante aliviado em ver Ron e não um gangster com uma arma apontada para ele. Mas ele ficou intrigado com a súbita presença de Ron tão longe de Londres. E ficou ainda mais surpreso em ver ninguém menos que o Comissário Adjunto Layton atrás dele, mas suas feições estavam mais fechadas que o habitual.

Layton tinha boas razões para ficar com raiva. Se Young tivesse falado tudo desde o começo, ele não teria tido que dirigir a noite toda até Plymouth e mais importante, teria recebido informações valiosas e muito necessárias.

Layton havia ligado para Ron muitas horas atrás para falar de suas preocupações: o reaparecimento contínuo destas gangues organizadas. Claro que também havia a corrupção, e ainda que ele se preocupasse com isso, não era caso tão urgente. Qual seria a possibilidade de terroristas controlando estas gangues planejar um ataque ao Reino Unido naquele momento?

Depois de explicar suas preocupações para Ron pelo telefone, Ron sugeriu que eles se encontrassem. Layton concordou e sugeriu que Ron fosse até Londres no dia seguinte, mas Ron interrompeu Layton dizendo que ele deveria ir até Poole imediatamente, pois ele também tinha investigado os eventos mais a fundo e havia encontrado fatos perturbadores que não podiam esperar.

Layton concordou e chegou em Poole por volta das sete horas da noite. Como era um policial do alto escalão, com credenciais, não encontrou dificuldades em passar pela segurança e chegar até o escritório de Ron. Eles conversaram cerca de uma hora sobre o que cada um tinha descoberto. Quanto

mais pensavam sobre isso, mais tinham a certeza de que havia informações nos arquivos de Jonathan cruciais para desvendar o mistério.

“Tem uma coisa que não te contaram ainda e diz respeito aos discos rígidos tirados do escritório de Mason e que podem ser fundamentais. Dois dias antes da tentativa de sequestro, Stella Ward ligou para Isobel. Isso você já sabia, mas o que você não sabe é que eles se encontraram; os três juntos se hospedaram em um hotel perto do Carlton Towers. E existe uma cópia das informações nestes discos. E eu acho que Stella tem isso agora.”

“Então onde ela está?” Layton perguntou quase pulando da cadeira.

“Com Adam e Isobel em Plymouth, eu acho.”

“Ok.” Foi tudo o que Layton conseguiu dizer.

Depois de se controlar um pouco, ele prosseguiu: “Então eu quero isso agora.”

“Justo. Eu sugiro irmos até lá.”

Por volta das 22:30 hs, eles já estavam no carro com motorista, na A35, em direção a Plymouth. Eles calculavam que chegariam à casa dos Young que ficava a 200 quilômetros de distancia, por volta da meia noite. Talvez eles ainda estivessem acordados, caso contrário, seriam certamente despertados. Durante a viagem, eles conversaram sobre o que cada um sabia e chegaram a uma conclusão parecida. Estava mais do que certo que um grupo terrorista estava atuando no Reino Unido, seus instintos e todo o resto apontavam para esta direção. E isto era uma coisa que ninguém poderia ignorar. Se eles estivessem errados, melhor. Se estivessem certos, o tempo seria crucial.

Ron entrou e abraçou Adam, cochichando em se ouvido: “Vá para a cozinha, faça um café para nós e jogue conversa fora com Layton. Só isso. Eu vou para lá daqui a pouco.”

Adam acatou a sugestão, levou Layton até a cozinha e ofereceu a ele uma xícara de café. As garotas foram junto e participaram da conversa. Adam começou a falar do tempo e do dia de neve, como os ingleses costumam fazer.

Antes de Ron sair do quartel em Poole, lembrou que Adam e Isobel foram seguidos até Londres. E isto só podia significar uma coisa: quem quer que os tivesse seguido, sabia da conversa pelo telefone entre Isobel e Stella. Então, ou o telefone de Stella estava sendo monitorado, o que era improvável, ou o telefone de Adam ou a casa estavam grampeados. Por isso, Ron tinha trazido um equipamento de monitoramento.

Ron conhecia bastante sobre microfones escondidos e equipamentos sem fio, os aparelhos mais novos apenas transmitiam quando captavam alguma coisa. Ele entrou na sala, ligou seu aparelho e logo descobriu os minúsculos microfones próximos a janela. Na cozinha ele encontrou mais um microfone. Ele repetiu a

busca no andar de cima, mas não encontrou nada. Ron então deu a volta na casa pelo lado de fora e encontrou mais um próximo à janela da cozinha.

A noite estava clara e tinha bastante luz do luar, possibilitando a busca por possíveis locais de observação. Ele viu um pequeno bosque a um pouco mais de 100 metros de distância, foi checar o local e não encontrou nada, verificou também as pedras perto da praia e não encontrou nada. Satisfeito pelo fato de não estarem sendo vigiados, Ron voltou para a casa e retirou os microfones. Ele foi para a cozinha para tomar uma xícara de café quente, e lá colocou os microfones em cima da mesa.

“Parece que alguém andou escutando as conversas de vocês ultimamente.”

Adam pegou os microfones e balançou a cabeça, envergonhado. Ele sabia que deveria ter pensado nisso, e o teria feito há alguns anos.

“Não se preocupe, cara. Eles são de curto alcance e ninguém esteve por perto nos últimos dias pelo menos. Duvido que tenham escutado alguma coisa desde que vocês voltaram.”

“Esse não é o ponto, eu deveria ter levado isso em conta. Achamos que as pessoas que estavam atrás da gente em Londres, talvez ainda estejam e são provavelmente gangsteres, na falta de uma palavra melhor.”

“Gangsteres?” Perguntou Ron. “Acho que você quis dizer crime organizado, e sim, isso é possível. Mas nós temos outra teoria, e é bem pior que essa.”

“Pior, o que pode ser pior?” O dia de Adam tinha começado tão bem e agora definitivamente tinha tomado outro rumo.

“Vamos conversar, mas primeiro, eu tenho que comer e estou certo que o Comissário Layton também.”

Stella não tinha percebido quem era o outro homem até aquele momento e agora tentava não parecer culpada.

Layton se dirigiu a ela com a mão estendida. “Imagino que você seja Stella Ward.”

“Sim.” Murmurou.

“O que vocês querem comer? Eu posso fazer um sanduíche ou uns ovos.”

“Provavelmente vai estar na hora do café da manhã quando terminarmos, vamos comer ovos, então.”

Enquanto preparava o café da manhã, eles conversavam amigavelmente, mas assim que terminaram de comer conversa ficou séria. O sol já estava alto quando terminaram

Ninguém escondeu nada e estavam aliviados, pois era a primeira vez que contavam tudo o que sabiam. Ao final, estavam exaustos e um pouco irritados.

Layton foi o primeiro a tecer um comentário com raiva.

“É uma pena que vocês não tenham contato tudo isso em Londres na semana passada. Estaríamos agora em uma posição melhor para parar estes terroristas, se é isso com o que estamos lidando. Estes dias podem fazer a diferença entre ser bem sucedido ou não.”

Adam respondeu também irritado: “Se vocês mantivessem a casa em ordem e as mãos limpas, talvez fôssemos capazes de confiar em vocês.”

Layton se dirigiu a Adam: “Isso é um absurdo! Como você ousa?”

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, Ron interrompeu:

“Caras, isso não está ajudando. Precisamos trabalhar juntos e não arrancar a garganta um do outro.”

Isobel perguntou antes que mais alguém pudesse dizer outra coisa: “O que eu não entendo, é como estas gangues são controladas por terroristas?”

Layton respondeu mais calmo: “Essa é uma boa pergunta. Eu interroguei os caras que prendemos e todos falaram a mesma coisa. Eles não sabem quem foi que os contratou ou o motivo, mas eles concordaram com tudo pois não tinham nada a perder. Eles não tem emprego e maioria deles está desempregada desde que saiu as escola. Eu acho que eles não se veem como parte da sociedade e todos fariam qualquer coisa para viver melhor.”

“Eu realmente não acho que isso seja uma desculpa, mas parece ser a motivação. Basicamente, eles parecem descontentes, excluídos da sociedade. Na minha opinião, a sociedade britânica entrou em colapso nos últimos anos e este é um sintoma. Muitos não assumem sua responsabilidade sobre nada, pais sobre seus filhos, políticos sobre seu eleitorado, empresas sobre seus empregados. Não faço ideia da cura para isso, mas está na hora de começar a fazer a coisa certa e não escolher o caminho mais fácil.”

“Eu vejo aonde você quer chegar.” Disse Stella. “Mas eu acho esta uma desculpa pobre, estas pessoas não tem que agir desta forma, e ainda não explica muito. Se aceitarmos que eles são terroristas, que estão planejando um ataque aqui e que de algum modo eles controlam estas gangues, o que pensam fazer? Essas gangues são um bando de covardes, que correm ao primeiro sinal que resistência, como fizeram na Rua Sloane. Sem desrespeitar seu irmão, eram apenas jogadores de rúgbi, não eram policiais armados. Tudo o que eles fazem é quebrar coisas, queimar lojas e roubar inocentes.”

“Concordo com isso, não os vejo cooperando uma vez que descobrirem que estão trabalhando para terroristas. Eu não acho que eles sejam um bando de jihadistas suicidas, você acha Comissário?” Disse Isobel.

O Inspetor Layton achava isso muito improvável. Na opinião dele, esta era uma tática de distração, para ser usada como uma cortina de fumaça.

Adam tinha estado quieto até então, ainda furioso com sua discussão com Layton, mas disse:

“Eu acho que podemos conversar sobre eles o dia todo, como fizemos nas últimas seis horas e ainda assim seria pura conjectura. Acho que devemos nos concentrar no cara que restou, De Costa.”

“Ele está certo,” disse Ron. “Mas eu estou acordado desde ontem e acho que todos devemos descansar um pouco antes de explorar o que temos sobre ele. Sim? Não?”

“Sim.” Foi a resposta unanime.

“Temos um quarto extra que vocês podem dividir, mas não se preocupem, pois ele tem camas separadas” Disse Isobel com uma risadinha. “Nos encontramos de novo ao meio dia?”

Ron perguntou para Adam:

“Onde está Dan?”

“Ele tem um jogo amanhã, o time viajou ontem de manhã.”

“Até que estou feliz por ele não estar aqui. A atitude dele na Rua Sloane foi espetacular, mas eu duvido que ele ficasse confortável aqui.”

“Você ficaria surpreso.” Respondeu Adam gargalhando.

Nenhum deles dormiu. Seus cérebros estavam acelerados demais para isso, mas talvez tenham cochilado um pouco. O descanso e um banho quente os colocou em melhores condições do que teriam sem eles. Ao meio dia, já estavam reunidos em volta da mesa de carvalho, coberta com papéis. Eles tentavam juntar o que tinham.

Se quisessem fazer algum progresso, teriam que pesquisar a fundo os negócios de Roseau e De Costa com Jonathan. Mas eles achavam que os contratos era a chave de tudo.

A primeira missão era descobrir os detalhes exatos dos contratos, pois as informações de Jonathan não especificava muita coisa. Ele mencionava contratos de limpeza, manutenção e armazenamento. Não falavam nada sobre defesa, eles teriam que verificar isso. Eles precisam também dos nomes das diversas empresas ligadas a Roseau e De Costa, assim como os apelidos fornecidos pelo analista. Era um começo.

Stella era muito boa nesse tipo de tarefa e Adam estava se lembrando rapidamente de tudo, embora ainda não estivesse ainda tão familiarizado. A tecnologia tinha avançado muito rapidamente desde que havia trabalhado com isso, mas ele estava chegando lá. Ron e Layton ficavam em seus telefones. Esta não era uma operação antiterrorista de alta tecnologia, com fones de ouvido sem fio. Ron e Layton andavam de um lado para outro, até onde o fio que carregava os telefones alcançava.

Isobel estava atuando como secretária dos quatro, tomando notas e as colocando em ordem, e claro, mantendo o nível de cafeína alto.

Ônibus pequenos agora saíam do armazém em Wandsworth. Cada um deles levava 12 homens. Os bancos traseiros tinham sido removidos e no lugar deles um freezer industrial cheio de latas havia sido instalado.

Capítulo Trinta e Dois

Enquanto isso, no Irã, muitos petroleiros haviam alcançado seus destinos. Um deles, que estava próximo a base militar de Chabahar estava prestes a descarregar sua carga secreta. Amarrado a uma doca do outro lado do cais, estava o HMS Enterprise, com membros da Guarda Republicana a bordo.

A tripulação do navio, incluindo o capitão, estava presa em uma prisão militar a 80 quilômetros de Teerã e seria levada ao tribunal na manhã seguinte para enfrentar acusações de espionagem contra a República do Irã. O promotor exigia a pena de morte para o capitão e para o imediato, e prisão perpétua para o resto da tripulação. Desnecessário dizer que isto era uma grande preocupação para o governo do Reino Unido, que estava em negociações para a libertação dos militares e do navio desde que o incidente ocorreu.

De dentro do petroleiro, foram içados três cilindros de aço, cada um com pouco menos de dois metros de comprimento e meio metro de largura. Os cilindros foram cuidadosamente colocados no reboque, e então levados pelo cais por um trator.

O trator parou cem metros à frente, entre uma grua e o HMS Enterprise. Os cilindros foram então colocados em buracos no Enterprise que ficavam abaixo na linha d'água e que tinham sido previamente abertos em seu casco.

O Primeiro Ministro britânico e o Secretário de Relações Exteriores estavam reunidos com representantes do governo iraniano na Suíça naquela noite, para uma reunião cara a cara para negociar a libertação dos prisioneiros. Os representantes iranianos tinham instruções explícitas a seguir.

Inicialmente, eles deveriam exigir que os britânicos confessassem ter enviado o navio para espionar as manobras iranianas, como tinha sido exigido desde o início. Eles estavam bem cientes que os britânicos nunca concordariam com isso, então as instruções eram a de chegar a um acordo onde algumas sanções impostas ao Iran deveriam ser retiradas. O navio seria então devolvido através da Quinta Frota Americana estacionada no Oceano Índico.

Uma hora depois do início da reunião, ainda não se tinha chegado a um acordo. Os iranianos estavam prestes a sair quando o Primeiro Ministro fez uma última oferta. Ele ofereceu retirar as sanções impostas pela União Europeia e

devolver metade dos ativos congelados e retidos pelo Banco da Inglaterra, que somava centenas de milhares de dólares, dinheiro do petróleo iraniano.

Apostar pode ser contra as leis muçulmanas, mas estes caras devem ter jogado muito pôquer. Eles blefaram muito bem. Depois de uma curta discussão, eles concordaram com a oferta do Primeiro Ministro e comprometeram-se a liberar o Enterprise para a custódia da Quinta Frota Americana nos próximos dias.

O Primeiro Ministro David Blain ficou muito satisfeito com esse resultado; ele vinha recebendo muitas críticas do Parlamento nas duas últimas semanas sobre sua incapacidade de resolver a crise. Com este acordo, ele poderia ir até o Parlamento na segunda-feira e anunciar a liberação do Enterprise e de sua tripulação. E a única concessão seria a de trabalhar com os outros líderes da União Europeia para levantar as sanções que tinham sido impostas ao Irã.

Ele não precisava mencionar o descongelamento dos ativos iranianos. Isto nunca tinha sido pedido publicamente pelos iranianos. Apenas o secretário do Tesouro, que ele tinha acabado de nomear depois do que ocorrido com Alex Great e seu caso com uma funcionária, precisava fazer parte disso. Funcionários do Banco da Inglaterra também tinham que estar na jogada, mas como ele já tinha controle sobre eles, seria fácil manter as transações ocultas.

Ele iria parecer o arquiteto das negociações para a imprensa, ganhando preciosos pontos com a opinião pública e com os militares, e ele precisava desesperadamente disso agora. O Primeiro Ministro poderia dar ao grupo da Internacional um furo jornalístico de como tinha comandado as negociações com os iranianos. Isto talvez agradasse Dandelion que estava furioso com ele no momento, pois tinha sido convocado para depor no Inquérito Robertson, e isto Dandelion claramente não podia suportar.

No final das contas, tinha sido um dia muito bom.

Policiais organizaram reuniões por todo o país em preparação para a greve geral que iria acontecer na próxima terça-feira.

O Congresso Sindical estava organizando a greve geral e as manifestações. O Congresso Sindical e os respectivos sindicatos que eles representavam tinham uma afiliação de 7,3 milhões de pessoas. Mais de 5 milhões votaram em apoio a greve.

Aqueles que votaram vieram de uma parte da sociedade trabalhadora do Reino Unido composta por professores, médicos, enfermeiros, bombeiros, funcionários públicos e trabalhadores do setor de transporte. Além disso, os estudantes também tinham concordado em participar.

Não havia um setor da sociedade que não tivesse sido atingido pelos cortes que o governo estava fazendo e no momento da votação, havia oito milhões de

pessoas que planejavam entrar em greve naquele dia.

Nos últimos dois meses, o governo tinha apelado às cortes para tornar a greve ilegal. Todos os seus apelos tinham sido negados e não havia mais nada que eles pudessem fazer para evitar a greve geral. Protestos em apoio à greve geral foram planejados em todos os maiores centros urbanos pelo Reino Unido, manifestações foram organizadas nos arredores das cidades, e os participantes marchariam em direção às prefeituras de cada cidade.

Os policiais tinham sido prejudicados com qualquer outro cidadão, mas uma lei de 1966 os proibia de aderir à greve, apenas os policiais fora de serviço poderiam aderir às manifestações. Mas quase todos os policiais do Reino Unido que estavam aptos para o trabalho foram convocados para controlar as manifestações. Todas as licenças foram adiadas e as áreas rurais ficar com um contingente mínimo.

Barricadas já estavam sendo colocadas nas ruas e todos os esforços estavam sendo feitos para garantir que os manifestantes se mantivessem dentro da rota preestabelecida. Era de extrema importância que eles mantivessem a paz, coisa que puderam aprender com as manifestações do começo do ano. Todos os cruzamentos pelo caminho seriam reforçados.

O centro de cada manifestação teria uma presença maciça da polícia. O esquadrão antitumulto estaria de prontidão ao longo da rota e contaria com reforços da polícia montada e das unidades caninas. Os planos estavam sendo estudados há semanas e todo possível cenário foi levado em consideração. Os altos oficiais achavam que tinham todas as contingências cobertas.

De volta a Wembury, os quatro tiveram um dia produtivo, embora não tivessem certeza sobre as intenções dos possíveis terroristas. Eles também não tinham ideia do tipo de ataque, e nem mesmo do cronograma. Mas eles tinham conseguido reunir bastante informações sobre as últimas atividades de Roseau e De Costa.

Agora eles tinham uma enorme lista de contratos com o governo que Jonathan tinha ajudado a conseguir. Se estes contratos haviam sido obtidos com chantagem ou suborno não estava claro, mas provavelmente era um pouco dos dois.

Eles tinham contratos de manutenção, arquivamento, armazenamento e segurança com oito prefeituras e prédios governamentais em Bristol, Birmingham, Cambridge, Edimburgo, Glasgow, Liverpool, Manchester e Newcastle. Eles tinham também contratos similares com prédios em Londres, incluindo o Palácio de Westminster. Todos os contratos foram conquistados nos últimos 18 meses.

Todos estes contratos eram muito lucrativos para as empresas envolvidas e aparentemente não havia razão para suspeitar de outra coisa a não ser corrupção. Mas, por outro lado, isto permitia acesso irrestrito a áreas sensíveis, principalmente no Palácio de Westminster.

A enorme reforma que acontecia no Palácio permitia aos trabalhadores acesso a todas as áreas do prédio. Se Roseau e De Costa realmente tivessem a intenção de cometer um ato terrorista, este era o lugar mais lógico para começar a procurar.

Com a morte de Roseau, a presunção era que De Costa estava no comando das operações. Havia centros logísticos para suas operações, próximos às cidades em que operavam. Talvez De Costa estivesse em um deles; e o de Wandsworth parecia o mais provável.

No sábado à tarde, o Vice Comissário Layton fez uma ligação para a principal delegacia de polícia de Plymouth, na esperança de falar com o Inspetor Gooding. Gooding não estava de plantão, mas ele conseguiu seu número de celular. Layton ligou, mas Gooding não atendeu. Depois de mandar uma mensagem de texto, Gooding finalmente ligou de volta. Layton disse apenas que precisava falar com ele e que era um pouco urgente. Gooding ficou intrigado e respondeu que estaria lá o mais rápido possível.

Quando Gooding chegou, eles já tinham bolado um plano provisório. Estava tudo indo bem na coleta de informações, mas em algum momento eles precisariam passar de reativos para proativos se quisessem chegar ao fundo disso.

Gooding sentou-se na cozinha em meio a uma bagunça de papéis, celulares, laptops e anotações. No final da conversa, ele estava bem confuso e estupefato com as notícias surreais, mas acima e tudo, estava preocupado com o que tinha acabado de ouvir.

Aqueles não eram malucos com teorias conspiratórias, pensou. Ron James, como tinha acabado de descobrir, era especialista em contra inteligência e membro das Forças Especiais. Layton era um oficial sênior da Polícia Metropolitana e os outros certamente tinham bastante experiência no assunto. Gooding quis saber o que pretendiam fazer dali pra frente.

Ron tinha bolado um plano inicial e começou a explicar: “Nós temos bastante informação aqui, como você pode ver.” Falou apontando com a mão os papéis espalhados na mesa.

“Mas eu realmente quero localizar este De Costa. Isso é o que acho que devemos fazer: eu tenho acesso a aproximadamente 28 membros dos times M e X. Vou dar alguns telefonemas daqui a pouco e descobrir quantos deles estão

disponíveis e vou dividi-los em sete times, enviando cada time para um lugar diferente. Eles vão vistoriar o local e relatar o que encontrarem.”

“Comissário Layton, Adam e eu vamos pegar o oitavo, que é em Bristol, é mais próximo e está no caminho. Stella e Isobel ficam aqui e devem dar uma olhada em tudo isso” disse Ron apontando para as anotações. “Eu gostaria que você ficasse com elas e se possível, com um carro parado lá fora.”

Gooding considerou tudo o que ouviu e disse depois de alguns minutos:

“O que você diz é razoável, ainda acho tudo inverossímil, mas não podemos ignorar. Eu posso ficar aqui, mas não tenho certeza sobre o carro. Todos os meus oficiais ou quase todos, foram levados para Bristol para policiar as manifestações na terça-feira. Vocês mencionaram que vão para Bristol no caminho; no caminho de onde?”

Assim que disse a palavra ‘manifestações’, todas as cabeças se viraram para ele.

Layton disse: “Merda, com tudo isso na cabeça, eu me esqueci da greve da semana que vem.”

Por vários minutos, Layton remexeu nos papéis a sua frente antes de dizer: “Há uma manifestação planejada perto de cada centro de distribuição. Isso pode ser significativo, mas não acho que mude nossa estratégia.”

“É, eu também tinha me esquecido da greve e não gosto das coincidências” disse Ron. “E para responder a sua pergunta sobre onde, nós vamos primeiro para Bristol, pois quero dar uma olhada em tudo à noite e talvez ver a movimentação durante o dia. Duvido que isso revele alguma coisa, mas...Depois vamos para Londres para encontrar os membros da minha equipe que sobraram em Wandsworth, dar uma olhada por lá e depois verificar Westminster na segunda feira de manhã. Se alguma coisa for acontecer, pode apostar seu último centavo que vai ser lá.”

“Ok, combinado. A que horas vocês vão sair e a que horas você quer que eu volte?” Perguntou Gooding.

“Vamos sair às três da manhã, você pode chegar por volta das duas horas.”

“Duas está ótimo. Nesse caso, tenham uma boa noite.”

Isobel se levantou para levar Gooding até a porta. “Eu sinto muito sobre seu marido e por tudo o que você passou. Espero que esteja lidando bem com isso. Se precisar falar com alguém, me avise.”

“Estou bem, obrigada, mas se precisar, te aviso.” Disse ela dando-lhe um beijo no rosto.

Ele parece ser um bom homem, pensou ela.

Todos estavam prontos para ir dormir. Desejando boa noite a todos, Isobel se dirigiu ao quarto. Adam já estava lá escovando os dentes. Ela passou por ele em

silencio, tirou suas roupas e as jogou na cadeira. “Ela o abraçou, deslizando as mãos pelo peito de dele.”

“Você tem certeza que quer ir e não ficar aqui comigo?”

“Eu preferia ficar aqui com você, mas...”

“Mas o que”?

“Isso tudo está realmente me irritando, tenho que fazer alguma coisa para ajudar. Tenho que fazer a coisa certa, quando você olha para o que esse bando fez, não apenas De Costa, mas todos estes malditos políticos. Alguém tem que parar isso, se fizermos sempre o mais fácil, nada vai mudar. Mas agora, para relaxar um pouco, eu preciso de muito sexo bom.”

Ele a levantou, ela enroscou suas pernas em torno da cintura dele e os dois mergulharam na cama.

Capítulo Trinta e Três

O alarme tocou à uma e meia da manhã. Adam levantou-se rapidamente com medo de adormecer de novo. Ele olhou para a bunda de Isobel que também tinha se levantado.

Eu podia ficar nessa cama para sempre.

Ele se abaixou e beijou-a na bunda antes de entrar no chuveiro.

Porra, eu devo estar cheio de adrenalina, pensou, ligando o chuveiro o mais quente possível.

Eu estava cansado anteontem quando cheguei de Dartmoor e não dormi quase nada desde então. Que maneira de começar uma missão de espionagem. Ainda bem que Ron está aqui, vou tentar dormir enquanto ele dirige.

Ele descia as escadas quando Clive tocou a campainha. Adam abriu a porta e Gooding parecia tão descansado quanto uma criança. Eles foram até a cozinha que felizmente cheirava a café fresco.

Ele bebeu sua primeira xícara de café antes de conseguir dizer ‘bom dia’ para todos na mesa. Todos pareciam estar em melhores condições que ele, embora Layton murmurasse:

“É, eu acho que sim”. E voltou para seu café.

Ron olhou para Adam sorrindo e disse: “É melhor tomarmos um café da manhã decente, o dia pode ser longo, beleza cara?”.

“Sim, com certeza. Mas eu gostaria de uma boa noite de sono em algum momento.” Falou Adam enquanto abria a geladeira. Ele pegou bacon, linguiça, ovos e queijo:

“Ideia sua, você cozinha, eu vou querer ovos mexidos com queijo”.

Faltavam quinze minutos para às três da manhã quando todos terminaram a refeição. Isobel foi buscar uma mala, onde tinha colocado algumas roupas para Adam.

Ela parece apenas um pouco melhor do que eu. Se não estivesse acontecendo isso tudo, eu ia jogá-la nessa mesa e transaria com ela.

Isobel parece que tinha lido a mente dele, pois se sentou em seu colo pressionando o bumbum contra ele.

Uma buzina soou do lado de fora. Layton tinha chamado seu motorista, que tinha ficado no hotel desde a noite passada. Ele estava esperando para levar ele,

Ron e Adam até Londres, passando por um pólo industrial nas cercanias de Bristol. Os três se levantaram, alongaram o corpo e Ron então disse:

“Vamos dar uma olhada por aí antes que o dia amanheça. Ver o movimento e então seguir para Wandsworth. Eu posso cuidar disso. Vocês podem ficar aí atrás e dormir um pouco. Eu acordo vocês mais tarde.”

Adam beijou Isobel e pegou sua mala, Ron e Layton o seguiram até a porta. Stella acordou com o barulho da buzina e foi se despedir.

“Boa sorte a todos, eu aviso quando encontrar alguma coisa.”

“Investigue o que eles estão comprando” Falou Ron para ela assim que entrou no carro.

Quando estavam na metade da viagem, os últimos mini ônibus deixavam o armazém em Wandsworth. Todos tinham sido cronometrados para chegar aos seus destinos ao mesmo tempo.

Eles pouco conversaram durante a viagem para Bristol, Ron tinha trocado apenas algumas palavras com o motorista. Ele nunca tinha sido muito bom em jogar conversa fora, a não ser que a missão exigisse. Tanto Adam quanto Layton fizeram o que ele tinha pedido e adormeceram em dez minutos. Eles chegaram próximo ao armazém às quatro e meia da manhã. O motorista estacionou e desligou as luzes do carro. Ron saiu e foi em direção ao armazém.

Às seis da manhã ele voltou e entrou no carro, Adam e Layton ainda estava dormindo, mas o motorista estava desperto e vigilante. Ron pediu que ele parasse o carro no estacionamento que ficava em frente ao armazém. Dez minutos depois, um mini ônibus apareceu e entrou no estacionamento do armazém.

Doze homens desceram e foram até a entrada, um deles pegou uma chave e abriu a porta. Todos carregavam uma mala nos ombros, que poderia conter ferramentas ou mantimentos para o dia. Depois de alguns minutos, quatro deles saíram mais uma vez, abriram as portas traseiras do ônibus e retiraram uma caixa de alumínio com tampa. Ron não conseguia ver muita coisa, pois o ônibus estava estacionado atrás de uma coluna.

Já eram oito e quinze da manhã e Ron não tinha visto mais nenhuma movimentação. Ele acordou os dois que ainda estavam dormindo no banco traseiro e avisou que estavam de saída. Eles pararam em um café na estrada e às oito e meia todos já estavam sentados, ironicamente em um café chamado Costa, que ficava na estrada M4.

Os quatro, o motorista agora estava junto, com suas xícaras nas mãos, estavam sentados em uma mesa lateral, escutando o que Ron tinha a dizer.

“Eu dei uma boa olhada nas redondezas antes que o dia clareasse. Parece um prédio comum ou um armazém mesmo. Dentro tem uma pequena recepção onde

uma luz estava acesa, mas eu não vi ninguém. As portas de dentro são duplas, tanto nas laterais, quanto na parte de trás. A maior parte do prédio tem apenas um andar, com exceção do mezanino que fica nos fundos, que tem um outro acesso do lado de fora, através de um conjunto de escadas de metal.”

“Eu não consegui ver nada de anormal lá dentro. Logo depois das seis horas, um pequeno ônibus apareceu com doze homens dentro que tiraram uma caixa de metal da parte de trás do veículo. Aquilo podia ser uma caixa de ferramentas, mas eu não estou certo.”

“O plano agora é ainda seguir para Wandsworth?”

“Sim, esta manhã, eu envie sete equipes com três homens cada para cada um dos lugares. Eles foram de helicóptero até o lugar mais próximo em que podiam pousar e então seguiram de carro. Eles devem ter chegado por volta das seis da manhã. As outras cinco equipes, eu enviei para Wandsworth, e eles devem ter chegado as seis também. Nós vamos nos encontrar com eles lá.”

Eles terminaram o café e seguiram caminho rumo à Wandsworth. Um pouco depois das nove horas da manhã, o celular de Ron começou a receber chamadas. As equipes tinham sido instruídas a reportar o que tinham visto nos locais, entre as 9:00hs e 9:30hs.

Antes de sair de Wembury, Ron checkou a cobertura de celular de todas as localidades, e embora parecessem boas, pediu que cada equipe trouxesse rádios via satélite com eles. Ron trouxe um com ele e também mapas impressos do Google Earth, mostrando as localidades com o máximo de detalhes possível, assim como mapas em menor escala da rede rodoviária. Ron instruiu que todas as equipes fizessem o mesmo.

Às 9:40hs, ele já tinha falado com os líderes de todas as equipes e anotado tudo o que haviam falado. Nenhuma ligação durou mais de cinco minutos e todas as equipes reportaram a mesma coisa que ele tinha visto: os alvos eram armazéns ou unidades industriais.

Em dois locais, seus homens haviam visto um mini ônibus chegando por volta das seis horas da manhã. Um deles tinha entrado em uma área de descarregamento, então eles não tinham conseguido ver muito, mas tinham a impressão que o ônibus estava cheio. O outro mini ônibus levava doze homens que descarregaram um freezer grande da parte traseira. A descrição que deram era bem parecida com o que Ron tinha visto.

Todos os outros locais tinham estacionamento ao lado, e neles havia pelo menos um mini ônibus, mas muitos tinham carros estacionados também. Por volta das oito e meia da manhã, outros veículos chegaram aos locais, algumas vans e carros. As vans saíram logo em seguida.

Ron contou a Adam e Layton o que tinha acabado de ouvir. “Não há nada muito animador, parece ser uma simples rotina matinal. Os ônibus podem ser o transporte dos trabalhadores do turno da manhã, ou os da noite retornando. Não está claro se estes homens saíram do local, mas também poderiam ter feito isso em outros carros. Eu pedi para que meus homens permanecessem lá.”

Durante a última hora da viagem, eles falaram sobre o freezer que havia sido mencionado por todos. Mas até então isto não parecia ser alarmante.

Chegando a Wandsworth, eles se dirigiram ao armazém perto de Armory Way. Ron telefonou para seus homens para saber sua exata localização e então pediu ao motorista para que virasse à direita e parasse ao lado de dois Land Rovers estacionados. Os dois estavam com um homem sentado no banco do motorista; Ron desceu do carro e sinalizou para que Adam e Layton permanecessem onde estavam. Ele foi até os dois carros, falou com os homens por alguns minutos e depois retornou para o carro de Layton.

“Não tem muita coisa acontecendo, apenas um entra e sai. Não faz muito sentido vocês dois continuarem aqui. Eu acho que você, Adam, deveria sair e tentar encontrar um hotel pra gente, para umas oito pessoas. E você Comissário, talvez deva ir para casa, tomar um banho e trocar de roupa e aí nos encontramos mais tarde.”

“Concordo, eu vou tomar um banho e depois gostaria de passar na delegacia. Eu deixo Adam em algum lugar e depois a gente se vê.”

Adam já estava em seu iPhone, baixando um aplicativo para encontrar hotéis. Havia um a poucos minutos de lá e ele ligou para reservar quartos duplos. Adam deu o endereço ao motorista e foi deixado na porta.

Adam foi fazer seu registro no hotel e Ron foi se encontrar com seus homens que estavam vigiando o armazém. O parque industrial consistia em dez prédios. Metade deles era de armazéns e o resto eram prédios de serviço, todos eles tinham pequenos estacionamentos em volta. O prédio em questão era o último, com uma placa que informava que era uma empresa de manutenção. Não havia nada de incomum lá, fazendo Ron se perguntar se eles não estavam perdendo tempo.

Havia pouco a ser visto, todos os prédios tinham carros parados no estacionamento e alguma movimentação. Com a exceção de um dos armazéns no final da rua e próximo ao que eles estavam vigiando, que parecia estar vazio, não havia placas nem carros estacionados.

Aproximava-se do meio dia e Ron sentiu sua barriga roncar, ele imaginou que seus homens também estariam famintos e voltou até um dos prédios que tinha uma placa que anunciava um café e comprou vários sanduíches.

Capítulo Trinta e Quatro

Assim que terminou seu sanduiche, o telefone de Ron tocou, ele olhou o viu que era Adam.

“Oi cara, aqui não tem nada para fazer, nada para ver, está maçante.”

“Ok”, respondeu Adam parecendo um pouco desapontado. “Mas Stella encontrou uma coisa que pode ser interessante, pelo menos parece não se encaixar com o resto.”

“O que é?”

“Você tinha pedido pra Stella pesquisar sobre o que eles tinham comprado, e ela encontrou muitos pedidos, Deus sabe de onde e como, mas todos eles são o esperado. Produtos de manutenção e limpeza, extintores de incêndio e equipamentos de segurança, alguns deles bastante sofisticados.”

“Mas um item parece não se encaixar, é uma remessa de equipamentos médicos. Pelo que Stella diz, parece ser o suficiente para montar uma pequena clínica. Ela cruzou todas as informações e não encontrou nada que pudesse precisar de uma coisa assim.”

“É, isso é estranho, eu vou tomar um banho, pensar sobre isso e volto em seguida. Peça para ela me enviar uma cópia deste pedido. Qual é o endereço do hotel?”

Adam deu o endereço e o número do quarto para ele e depois ligou para Stella.

Ron chegou junto com o e-mail de Stella. Os dois se sentaram à mesa com o laptop de Adam e verificaram a ordem de compra. Eles não conheciam todos os itens, mas podiam ver equipamentos de monitoração, camas de hospital e equipamentos de laboratório. “Pode ser que eles estejam vendendo isso tudo.”

“É, pode ser.”

Enquanto percorria as páginas, Adam percebeu que os itens eram comprados em dúzias.

“De onde vêm os pedidos?” quis saber Ron.

“Bristol.”

“Endereço de entrega?”

“Wandsworth, 10 Avenida Armada.”

“Número 10, você disse?” O lugar que estávamos vigiando era o número 9. O 10 parecia deserto. Qual é a data?”

“Onze meses atrás, o número pode ser um erro de digitação.”

Os dois voltaram a olhar os papéis, desta vez mais detalhadamente. Ron pegou o celular e ligou para Stella, perguntando se tinha mais coisa no número 10. Não tinha, era definitivamente o número 9 em todos os pedidos de entrega. Ela não tinha percebido que este era para entregar no número 10.

“Eu olhei para este prédio, parecia um armazém, bem grande, com portas largas e espaço para carga e descarga na parte que dava para ver. Há uma cerca em volta e o portão está trancado. Ele pode estar vazio desde a entrega, mas vale dar uma olhada mais atenta. Vou pedir para os rapazes fazerem um reconhecimento.”

O líder da equipe atendeu no segundo toque e Ron falou para ele o que queria que fosse feito. Depois de consultar seus papéis, o líder disse que achava que eles conseguiriam ter uma boa visão desde o estacionamento do prédio que ficava do lado esquerdo e dos prédios que ficavam atrás. Estes prédios ficavam de frente para a estrada principal, então eles teriam que ir por lá para permanecerem despercebidos, contanto que não tivesse segurança na área. Ron disse a ele que estaria de volta em vinte ou trinta minutos.

Dois dos homens voltaram à estrada principal para dar uma olhada nos fundos do número 10, enquanto outro deles entrou no prédio ao lado, para ver o que conseguia enxergar das laterais. Outro passou pela frente do prédio algumas vezes e o último ficou esperando na Land Rover. Em 45 minutos, todos os homens estavam reunidos no carro, com Ron que tinha acabado de chegar.

Ele tinha estacionado um pouco mais longe para evitar atenção indevida. Os homens de Ron eram do time X e ele os apresentou a Adam.

O reconhecimento tinha lhes dado uma boa compreensão do exterior do edifício. Ambos os lados tinham quatro baías de carga e descarga, com portas altas e na frente havia uma porta envidraçada. Na parte de trás havia outras quatro portas similares, mas não existiam as áreas de carga e descarga. No centro, havia uma escada de acesso com um guindaste anexado ao teto.

Todas as janelas, com a exceção da área envidraçada, eram altas, o que não era bom para eles. Mas se eles conseguissem chegar até o telhado, teriam uma boa visão do lado de dentro.

A cerca não era um grande obstáculo, não parecia haver vigilância e nenhuma luz de segurança era visível. A decisão era esperar até que escurecesse e então entrar para olhar mais de perto.

Até então, três dos homens ainda estavam rondando a área, vigiando os dois edifícios. Até aquele momento, todos estavam vestidos de forma casual ou com

roupas de trabalho, mas eles queriam se trocar e colocar as roupas pretas antes que escurecesse.

Assim que os três homens voltaram de suas patrulhas, Ron telefonou para Layton no celular. Layton tinha ido para casa naquela manhã para se trocar e depois foi até a Scotland Yard esperar pelo telefonema. Ele atendeu e disse a Ron que retornaria em dez minutos. Layton não queria que ninguém ouvisse a conversa e foi procurar um lugar mais tranquilo para falar. Ron contou a ele o que tinham descoberto sobre as ordens de compra e também sobre seus próximos passos.

Layton não via problema com os planos de Ron e também achava que os equipamentos médicos mereciam atenção, mas pediu para Ron não entrar até que ele chegasse. Layton achava que a presença da polícia seria uma precaução sábia e Ron concordou.

Um pouco antes de escurecer, eles já estavam de volta na Land Rover, vestindo roupas escuras e sapatos de escalada. Havia roupa para Adam também.

Layton chegou enquanto Ron e Adam terminavam de se trocar. O sol tinha desaparecido completamente. Assim que saíram do carro, o líder disse:

“Vocês viram estes dois carros que acabaram e passar?”

Ron balançou a cabeça.

“Olha, eu estive aqui o dia todo e não vi esse carro antes, nem entrando, nem estacionado. Estou certo disso, não há muito trânsito aqui.”

“Onde eles estavam?”

“Em um Audi A6 preto.”

“Nós temos alguém lá?”

Atravessar a cerca foi fácil, ela não parecia ter alarme. Um dos homens entrou, foi em direção aos fundos e nenhuma luz de segurança se acendeu, os outros o seguiram, ficando apenas um do lado de fora da cerca. Rapidamente eles entraram no prédio pela escada lateral e de lá subiram para o telhado.

Havia pouca luz agora. Ron sinalizou para que os outros esperassem na borda do telhado. Ele ascendeu uma lanterna fraca e caminhou vagarosamente até a primeira luz do telhado. Havia pouca luz vinda de dentro do prédio, mas dava para ver a olho nu, ele apagou a lanterna e espiou. Como esperado, não estava limpo, anos de sujeira escureceram muito sua visão, depois de um minuto ou dois observando, ele limpou uma pequena parte para ter uma visão melhor.

Mais uma vez ele esperou e observou, e teve a impressão de que realmente havia alguém lá dentro. Como não houve reação à subida deles no telhado, Ron sinalizou para que o resto do time viesse. Todos esperaram em silêncio.

Havia varias luzes espalhadas no telhado, mas eles permaneceram na primeira até que pudessem confirmar se ele realmente estava ocupado. Estava

óbvio que havia luzes acesas lá embaixo, e então de repente, uma sombra apareceu e desapareceu. Ron sinalizou para que dois homens fossem até as outras luzes, observassem, fixassem os microfones e voltassem em quinze minutos para reportar o que tinham visto. Ele e Adam iriam permanecer no lugar.

Daquele ponto, eles podiam ver que uma parte, quase a metade era dividida com sólidas paredes e telhado. Parecia também haver algumas unidades de tratamento de ar conectadas, indo até o telhado. Do telhado, elas estavam conectadas a outros equipamentos de tratamento de ar e tudo parecia ser uma instalação recente e muito maior do que se esperaria de um armazém.

Do outro lado, eles viam embalagens próximas a veículos que pareciam ser 4x4. Parecia ter um ruído de televisão, mas as unidades de tratamento de ar faziam muito barulho e mascaravam qualquer outro som.

Quando os dois homens retornaram, contaram que viram vários casacos do exercito, talvez uns cinquenta e também tinham certeza de que havia gente lá embaixo vendo TV. Depois de alguns minutos, uma porta da área interna se abriu, um homem saiu, atravessou o armazém e sumiu de vista.

Ron sussurrou: “Vocês dois fiquem aqui, nós podemos conseguir mais com as gravações dos microfones.” Ele e Adam desceram do prédio e atravessaram a cerca. Ron instruiu os outros a ficarem a postos, mas manterem-se longe das vistas.

Quando voltaram ao Land Rover, os dois contaram a Layton o que tinham visto.

“Ok, o que vocês querem fazer agora?”

“Entrar, você não?”

“Sim, mas precisamos de um mandado de busca. Eu posso conseguir, mas vai levar algumas horas.”

“Ótimo” foi a resposta de Ron. “Isso me dá tempo para conseguir o que eu quero aqui, mas garanta que isso aconteça antes de amanhecer, pelo menos duas horas antes.”

“E acho que vamos precisar de reforço policial.”

A equipe X de Ron tinha levado apenas o kit básico junto. Muitos deles raramente viajavam a serviço sem armas, então, eles estavam com suas Sig Sauer P226, seus rádios e lanternas, mas nada mais. A Sig Sauer tinha um alcance efetivo de cinquenta metros aproximadamente e Ron queria um poder de fogo maior, caso fosse necessário.

Ele não estava a fim de dirigir quatro horas até Poole, mas poderia conseguir o que precisava de outra forma. Aldershot ficava a apenas 45 minutos de carro.

Depois de telefonar para o quartel em Poole e passar sua lista, Ron ligou para o time que tinha mandado para Cambridge, pois eles estavam mais próximos.

Ele não queria entrar em apenas sete pessoas, poderia até ser suficiente, mas os outros três o deixariam mais seguro. Ron passou o endereço para seus homens e pediu para partirem imediatamente.

Ron falou para Adam: “Tá a fim de andar de carro?”

“Claro, aonde vamos?”

“Aldershot, preciso de suprimentos.”

“Beleza, vamos lá.”

Capítulo Trinta e cinco

Os últimos cientistas iranianos deixaram o armazém quando escureceu e agora estavam no aeroporto de Heathrow esperando seu voo ser chamado.

Depois de uma jornada de 45 minutos, Ron parou nos portões de segurança, eles estavam sendo esperados. A identificação de Ron foi cuidadosamente checada e então os portões foram abertos. Quando desceram do Land Rover, era possível ouvir o som de um helicóptero se aproximando, o som aumentava à medida que ele surgia do céu escuro. O helicóptero pairou por alguns segundos e pousou a vinte metros de distância.

Enquanto os rotores do Lynx diminuían a velocidade, Ron foi se aproximando e acenou para que Adam o acompanhasse. Eles se abaixaram instintivamente quando as portas começaram a se abrir. O chefe da tripulação estendeu a mão para Ron e depois voltou para a cabine de onde tirou algumas sacolas do compartimento de carga e as colocou ao lado da porta.

Ron checou todas as malas cuidadosamente e as entregou para Adam colocar no Land Rover. Junto com as oito malas, vieram também duas sacolas compridas e impermeáveis. Ron abriu-as também para revelar dois rifles sniper G3SG1. Outras três caixas continham granadas de gás lacrimogênio e cordas para detonação.

Depois de checar tudo, Ron se despediu. O Lynx voltou para Poole e Adam e Ron para Wandsworth.

Eles chegaram poucos minutos depois do time que vinha de Cambridge; já passava da meia-noite e era segunda-feira.

O celular de Ron tocou enquanto ele vistoriava os equipamentos. Era o Coronel Chandler, com quem Ron tinha falado antes de deixar Aldershot. Depois de uma rápida conversa, ele desligou e voltou aos equipamentos. O Coronel Chandler dirigia o Serviço Especial de Embarcações e tinha dado o mandato para Ron com a concordância do Comissário Layton.

Ele entregou os coletes á prova de balas e capacetes táticos com visão noturna para Adam e os quatro soldados que não estavam em patrulhamento.

Ele entregou os rifles de assalto Diemaco C8 para dois soldados e os rifles G3SG1 para outros dois, mas disse para Adam: “Eu não vou ter dar um C8,

Layton iria pirar, mas você pode ficar com isso.” Disse Ron entregando a ele uma pistola Sig Sauer com três carregadores. Era a mesma que ele usava.

“Mas mantenha ela escondida no colete.” Adam concordou.

Em um instante, os seis homens foram transformados de cidadãos comuns a combatentes vestidos para a guerra. Ron pediu para dois dos homens substituírem outros dois que estavam no telhado. “Levem os coletes e os capacetes, mas deixem os C8, nós os levamos depois.”

Ron chamou Adam de lado e perguntou: “Você está preparado para isso? Eu imagino que você queira ir, mas não precisa.”

“Estou bem, não posso dizer que não esteja nervoso, mas eu quero estar nisto.”

“Ok, cara. Simplesmente siga as instruções, eu vou para o telhado e você fica com Simon e Bill. Eu trabalhei com eles por anos. Eles são os melhores, você vai ficar bem.”

Agora vinha a espera, que era provavelmente a parte mais dura do trabalho. Eles tinham que estar prontos desde o início, a adrenalina fluía, esperando pela permissão de agir, esperando a permissão para fazer o que eles tinham que fazer. Era uma hora da manhã, todos estavam prontos, mas Layton não aparecia e eles tinham que esperá-lo chegar com aquele pedaço de papel que todos torciam que ele tivesse conseguido.

A equipe que estava no telhado chamou pelo rádio: todas as luzes tinham se apagado, tudo estava quieto com a exceção no telhado que ainda zumbia. Não havia nada na gravação dos microfones e eles também não tinham conseguido perceber a quantidade de pessoas lá dentro e nem o que estavam fazendo.

A única coisa que tinham certeza era que tinha alguma coisa acontecendo que eles precisavam descobrir e impedir. Os casacos indicavam que muita gente havia passado por lá, mas não estavam mais. Então, onde estavam e o que faziam?

A primeira hora passou devagar, a segunda mais ainda. Já eram três e meia da manhã e todos estavam preocupados. Cinco minutos depois o telefone de Ron vibrou, era Layton: “Estamos a caminho, chego aí por volta das quatro.”

“Você tem o mandato de busca?”

“Sim, pode preparar sua equipe.”

“Finalmente, eu já estava ficando preocupado.”

Ron chamou de volta os dois homens que estavam patrulhando. Eles tinham bolado um plano operacional enquanto esperavam e estavam prontos para ir quando luzes apareceram na estrada atrás deles. O carro de Layton estacionou ao lado do Land Rover. Dele desceu Layton e outro oficial. Mais atrás vinham duas vans da polícia de onde saíram mais uma dúzia de policiais.

Ron informou Layton sobre o plano e pediu para que ele bloqueasse a estrada e isolasse o perímetro, mas que se mantivessem fora do alcance da vista até que eles entrassem no armazém. Ele também advertiu Layton que a Land Rover estará cheia de armas e pediu que um policial fizesse a guarda. Layton concordou com os pedidos e com o plano de Ron.

Os superiores de Ron e de Layton tinham conversado bastante nas últimas horas e tinham concordado que esta era uma operação de contraterrorismo que contaria com o apoio da polícia.

Ron e mais um soldado entraram na Land Rover depois de terem passado as instruções para o restante dos soldados e para Adam. Eles saíram e os outros seis foram se posicionar próximo ao portão do armazém.

Não querendo ser vistos pelas ruas de Wandsworth com rifles e carabinas, eles foram até a Armory e pararam o carro no estacionamento da parte de trás do prédio que tinham usado mais cedo. Estacionaram o carro perto da cerca, passaram por ela e rapidamente alcançaram a escada e depois o telhado.

Assim que alcançou o telhado, Ron chamou sua equipe pelo rádio e mandou que eles avançassem. Eles cortaram a cerca e se posicionaram nos lugares pré-estabelecidos. Fios de detonação foram colocados na vidraça do telhado.

A equipe do solo foi dividida em dois times de três, que colocaram fios de detonação nas portas. Adam se juntou a Simon e Bill com tinha sido combinado. Ron e o soldado que estava com ele prenderam cordas de rapel nas janelas do telhado, e assim que todos confirmaram que estavam prontos, Ron deu o comando para avançar.

Assim que o sinal foi dado, as claraboias do telhado foram quebradas e granadas foram lançadas para dentro do armazém, segundos depois, as portas foram explodidas e Ron e o outro soldado desceram de rapel para dentro do prédio.

Os atiradores de elite que estavam no telhado procuraram por alvos, assim como Ron e seu companheiro. Eles tinham agora excelentes pontos de visão sobre boa parte do armazém. Os dois times que estavam nas portas entraram procurando pelos oponentes com seus equipamentos de visão noturna. Podiam-se ouvir gemidos da área onde estavam os leitos.

Um homem devia estar cochilando sentado, mas quando recuperou seus sentidos, rapidamente se levantou com uma MP5 nas mãos. Mas dois franco-atiradores já estavam na sua frente e deram dois tiros em seu peito, arremessando-o na parede.

Todas as equipes tinham recebido instruções sobre o setor que cada uma iria cobrir. Simon, Bill e Adam ficaram com a área das camas. Havia cinco homens lá, todos sofrendo os efeitos da explosão que tinha detonado no meio deles.

Simon e Bill apontaram suas armas para todos eles, enquanto Adam rapidamente os algemou.

Ron e seu parceiro checavam uma parte do armazém, enquanto a outra equipe cobria outra área. Com os prisioneiros capturados, Simon e Bill se juntaram aos outros, enquanto Adam vigiava os presos.

Em poucos minutos, a maior parte do armazém foi vistoriada e liberada, deixando apenas uma parte da estrutura de fora. O inimigo poderia facilmente estar escondido lá, o tamanho do local era considerável, era de quase um terço da área total do armazém. Perto da extremidade, havia um trailer com um container de aproximadamente 12 metros em cima, que parecia ser refrigerado.

Satisfeitos de que não havia mais ninguém no armazém, eles se aproximaram da área com cautela. Usando os equipamentos de visão noturna, era possível ver uma grande janela de um lado. Na parte de dentro, camas de hospital estavam dispostas lado a lado.

Parecia não haver uma entrada direta para esta parte, mas um conjunto de portas duplas ficava no centro da parede, a poucos metros da janela. Depois de examinar mais detalhadamente, as portas pareciam ser herméticas e feitas de metal e não de madeira, com era esperado. Esta era a única entrada para esta estrutura.

Um homem segurou uma maçaneta da porta e outro homem segurou a outra. Eles abriram parcialmente a porta e esperaram por uma chuva de balas.

Como isso não aconteceu, Ron agachou-se ao lado da porta com sua arma em punho e sinalizou para que os homens a abrissem totalmente. O lugar estava vazio, era um corredor que se estendia até o final e tinha portas duplas de vidro em ambos os lados que davam acesso aos quartos que eles tinham visto antes.

No final do corredor, havia fileiras de roupas de proteção ambiental e vários equipamentos médicos. As portas eram semelhantes a da entrada, herméticas. Nenhum dos quartos estava aceso. Ao ver estas roupas, Ron ficou feliz por não ter causado uma explosão lá, pois isto poderia ter danificado as portas. Agora ele seria extremamente cauteloso ao entrar nos quartos sem proteção adequada.

Em vez de entrar no quartos, Ron retirou seus homens do local e fechou a porta. Ele checkou o resto do armazém antes de ligar para Layton, pedindo sua presença na porta da frente.

Layton chegou acompanhado de muitos oficiais e Ron informou o que tinham descoberto, pedindo a ele um equipamento de imagem térmica para inspecionar os quartos, ao invés de entrar diretamente neles. Layton falou com um dos oficiais que o acompanhava e fez o pedido, e então entrou com Ron no prédio.

Os dois inspecionaram o interior do armazém, enquanto a equipe do Serviço Especial de Embarcações protegia a entrada do prédio e a unidade clínica, que era como eles estavam chamando agora. O contingente policial protegia o perímetro do edifício.

Enquanto faziam a vistoria, Ron explicava o que tinha acontecido até então.

Ele mencionou o único guarda, contou por que ele tinha sido baleado e falou dos prisioneiros que estavam sendo vigiados por um membro do Serviço Especial de Embarcações. As luzes tinham sido ligadas então foi possível ver as embalagens que estavam próximas aos 4x4. Nenhum dos dois falou muito, mas ambos se perguntaram o que elas continham. Eles viram Adam ainda vestindo seu colete, com o capacete nas mãos olhando para o trailer refrigerado, tentando imaginar o que havia dentro.

Os três subiram na parte de trás e puxaram as alavancas que seguravam as portas. Elas se abriram com uma explosão de ar gelado, seguido de uma névoa branca que se espalhou pelo chão. Eles entraram no trailer gelado, iluminando tudo com uma lanterna que Ron carregava e viram uma pilha de sacos pretos no fundo.

Um saco estava na frente do restante, tinha cerca de dois metros de comprimento e estava fechado com um zíper.

Com medo que doía seu estômago, Adam se abaixou para abrir o zíper congelado. Assim que forçava para abrir, a luz da lanterna de Ron passou dos sacos pretos para Adam, que cambaleou quando Ron gritou:

“Pare! Vamos sair imediatamente.”

“Todos para fora do prédio!”

“Agora!”

Os prisioneiros foram puxados e todos saíram correndo pelas portas.

Layton telefonou pedindo imediatamente a presença da HART, equipe responsável pela segurança de materiais perigosos, bem como ambulâncias e um legista.

A abertura do saco tinha revelado uma figura fantasmagórica, branca, congelada e coberta de feridas abertas.

Ron se dirigiu a Layton e Adam:

“Se isso é químico, todos nós já podemos estar contaminados, se for biológico, talvez não. O que quer que seja, constitui uma grande ameaça. O que temos que fazer é isolar e proteger este local imediatamente.”

Um dos carros da polícia estava parado no estacionamento e os prisioneiros tinham sido colocados lá. Ron também tinha pedido para trazerem o Land Rover e era lá que os três estavam conversando agora. Eles achavam que demoraria por

volta de uma hora para a equipe do HART chegar e durante a espera eles iriam discutir o que foi visto e o que isso poderia significar.

“A prioridade agora é a segurança do prédio e depois estabelecer a natureza da morte daquele homem. Embora eles achem que uma breve exposição do corpo não seja suficiente para contaminar todo o prédio, não podemos arriscar de forma alguma. Se for biológica, é muito improvável que esteja no ar, considerando que o corpo estava congelado. Se for químico, aí ninguém sabe.”

Eles não tinham ainda conseguido estabelecer se havia alguém dentro do laboratório, vivo ou morto, isto era a segunda prioridade. Até lá, tudo o que podiam fazer era especular, e mais uma vez, era exatamente o que estavam fazendo.

Eles trabalhavam com a suposição óbvia de que estas pessoas eram terroristas e que planejavam um ataque no Reino Unido. Provavelmente em Londres, mas poderia facilmente ser em outro lugar, estendendo seu plano para todas as cidades em que De Costa tinha contratos de manutenção.

Em seguida, eles passaram a falar sobre os leitos. Embora ninguém tivesse contado, parecia haver pelo menos cinquenta deles, todos com cobertores grosseiros em cima. Aparentemente eles tinham sido ocupados até bem pouco tempo. A conclusão era que o ataque era iminente, aconteceria dentro de um dia ou dois, no máximo.

Eles discutiram as opções até que o primeiro veículo do HART chegou. Assim que Layton saiu para informá-los, mais outros carros chegaram.

Assim que souberam de tudo, muitos membros da HART vestiram as roupas protetoras, assim como dois membros do Serviço Especial de Embarcações e então, todos entraram no edifício. Outros montavam gabinetes ambientais temporários, com chuveiros químicos.

Ron e alguns de seus homens vestiram as roupas de proteção, pegaram os equipamentos de imagem térmica que tinham acabado de chegar e entraram mais uma vez no armazém.

Layton foi interrogar os prisioneiros, mas não sem antes fazer várias ligações para seus superiores, deixando Adam sozinho meditando sobre a situação em que havia se metido. As coisas não estavam dando certo para ele no momento. Ele parecia estar tropeçando de catástrofe em catástrofe, uma pior que a outra.

Ele se lembrava de semanas atrás, antes de ter conhecido Isobel e de ser arrastado para esse pesadelo. Como cientista ambiental, ele tinha trabalhado para fornecer ao mundo energia limpa e sustentável, coisa em que ele sempre acreditou. Mas qual era o sentido disso, quando o mundo parecia estar povoado com terroristas que queriam assassiná-los ou com homens de negócio tentando enriquecer a custas dos outros.

E os políticos, tudo o que eles queriam fazer era te foder. Qual é o sentido disso tudo?

Adam tinha dito a Ron que queria participar de tudo, mas o mundo parecia estar de pernas para o ar. Talvez ele devesse voltar para Plymouth, comprar um barco e sair por aí com Isobel e Dan, deixando tudo isso para trás.

Mas Adam desprezava pessoas assim, aquelas que sabiam fazer a coisa certa, mas egoisticamente cuidavam apenas de si próprias. Isto deixava Adam com apenas uma escolha: seguir com tudo até o fim.

Já passava das dez horas da noite quando Ron reapareceu, e trouxe com ele as nuvens negras para dentro da Land Rover. Ron e Layton estavam com uma expressão sombria.

Ron contou o que tinha visto.

Havia caixas de armas suficientes para um pequeno exército, com suprimentos de água, comida e combustível suficientes para durar semanas. E o laboratório parecia ter sido usado para testar a arma que eles iriam usar. Agora parecia que a arma era biológica, mas a natureza exata era desconhecida.

O local parecia ser um centro de comando, os tipos de armas encontrados nas caixas indicavam que eles definitivamente tinham um ataque em mente.

Uma grande movimentação dos terroristas estava em curso, com um ataque biológico iminente, se já que não estivesse acontecendo. Isto não ajudava a melhorar o humor de Adam, mas reforçou sua determinação em fazer parte da solução.

Capítulo Trinta e Seis

Embora estivessem certos de que o ataque biológico estava prestes a acontecer, a maneira como isso seria feito ainda não estava clara. Dentro do laboratório que ficava no armazém, foram encontrados equipamentos que pareciam ter a função de encher recipientes pressurizados. Mas que tipo de recipientes, ou como seriam usados, eles não tinham a menor ideia.

Layton e Ron já tinham decidido qual seria o próximo passo: eles iriam enviar policiais armados para todos os prédios que as empresas de De Costa e Roseau tinham contratos de manutenção. Além disso, todos os prédios próprios ou alugados por eles seriam revistados.

Eles não tinham ideia do que estavam procurando, mas esperavam que se houvesse algo estranho, que não pertencesse ao local, poderia chamar a atenção dos homens. Não era muita coisa, mas no começo, e eles tinham trabalhado com muito menos.

Tanto Layton quanto Ron tinham feito várias ligações de dentro do armazém para seus superiores nas últimas horas. Uma reunião de emergência aconteceria mais tarde naquele mesmo dia no salão de conferências A no prédio principal da Whitehall, número 70. Enquanto isso, uma comissão comandada pela polícia foi formada para avaliar a ameaça, o Primeiro Ministro e outros ministros se juntariam a eles assim que possível.

A decisão da comissão foi de enviar policiais para todos os prédios em questão. Nas cidades que já contavam com um contingente do Serviço Especial de Embarcações, eles iriam dar apoio à polícia e entrar nas prefeituras com eles, pois achavam que as prefeituras eram os alvos mais prováveis. A Divisão de Proteção do Palácio de Westminster da Polícia Metropolitana tinha assegurado que não havia possibilidade de um ataque iminente ao palácio.

Mas, era o Palácio de Westminster, e na opinião de Ron, ele representava o alvo mais provável.

Em um dia normal, haveria milhares de pessoas lá, de políticos a turistas, mas em um dia como hoje, em que o Primeiro Ministro deveria fazer um anúncio relativo às negociações com o Irã sobre a libertação do Enterprise, a casa estaria lotada até o máximo. Haveria imprensa e manifestantes por toda

parte, além dos convidados, ocupando as salas recém-reformadas. O número de espectadores poderia ser aumentado em dez vezes.

Por insistência de Ron, ele, Layton e os soldados do Serviço Especial de Embarcações iriam ao palácio para se encontrar com os membros da Divisão Especial de Proteção. Felizmente o plano iria se materializar, mas eles sabiam que o tempo era a chave.

Não era exatamente um plano, mas era que eles tinham. Todos trabalhariam o mais rápido possível para estabelecer a natureza da ameaça biológica. Com o carro de Layton e as Land Rovers lotadas até o teto, eles saíram e direção ao Palácio de Westminster.

Um carro da polícia conduzia o comboio, com suas luzes azuis piscando e a sirene tocando em cada cruzamento, para garantir que eles chegassem o mais rápido possível.

A discussão dentro do carro era sobre os métodos de entrega. Layton que estava sentado na frente e Ron que estava atrás do motorista conversavam sobre vários métodos enquanto Adam ia quieto pensando. Ele pensava nas ordens de compra que Stella havia mencionado. A concentração era de equipamentos médicos, mas havia outra coisa que ela tinha dito que estava deixando Adam com a pulga atrás da orelha.

Havia matérias de limpeza e construção e todo o tipo de suprimentos. Adam mandou uma mensagem de texto para Stella pedindo uma lista das coisas que eles compraram.

“Você tinha mencionado alguns equipamentos para encher recipientes pressurizados, e o que você acha e extintores de incêndio?”

“O que você acha Ron?”

“É possível, eles são pressurizados. Não vejo razão para não se poder colocar gás dentro. Deixe-me fazer algumas ligações. Cheque de que tipo eram e quantos eles pediram.”

Adam já estava trabalhando nisso, ele já tinha feito o pedido à Stella. Um pouco depois, recebeu a resposta: “Eram todos extintores de dióxido de carbono em dois tamanhos diferentes, de um e nove quilos e eles pediram cem unidades de cada.”

“Todos foram entregues na Avenida Armada, nenhum foi pedido para nenhum dos outros endereços que tinham pelo país.”

Alguns minutos mais tarde, depois de finalizar sua terceira ligação, Ron disse:

“Esta notícia é muito ruim, os extintores são altamente pressurizados e são portáteis. O menor pode facilmente ser escondido sob um casaco, e a pior parte

disso é que um agente biológico armazenado em dióxido de carbono e mantido frio pode manter-se viável por muito tempo.”

O comboio estava fazendo um bom progresso, apesar do trânsito de Londres. Eles tinham acabado de passar pelo Palácio Lambeth e assim que viraram à esquerda na ponte, viram multidões de pessoas. Na Parliament Square, havia pelo menos um protesto acontecendo, alguns cartazes diziam alguma coisa sobre direitos humanos no Irã.

Grupos reunidos cantavam alguns slogans. Havia uma barricada feita pela polícia, do lado oposto da Rua Santa Margaret, que tentava manter livre a entrada de carros no palácio.

Era um dia agitado. Dois grandes comunicados estavam planejados; o primeiro, um relatório provisório do Inquérito Robertson, e o segundo, um anúncio feito pelo Primeiro Ministro a respeito de suas negociações com os iranianos para a libertação do Enterprise e sua tripulação. Este, ele não adiaría por nada, não importava a crise que estivesse acontecendo.

O topo do recém-reformado terraço do Parlamento e do Westminster Hall, com vista para o Rio Tâmisa, estava sendo usados pela primeira vez para conferências corporativas. Como resultado, havia veículos tentando entrar pelos muitos portões, vans da imprensa transmitindo o que acontecia para o mundo e possivelmente um milhão de pessoas ou mais pelo caminho.

Os carros pararam no New Palace Yard, embaixo do Big Ben, depois de passar pela entrada dos Membros. Lá, eles foram recebidos por um membro sênior do Palácio de Westminster, da divisão da Polícia Metropolitana. Os membros do Serviço Especial de Embarcações permaneceram nas Land Rovers. Layton, Adam e Ron foram conduzidos pelo pátio até o escritório principal de segurança.

Eles estavam quase entrando no escritório, quando alguém chamou “Ron!”. Ron virou-se para ver e havia um homem idoso mancando em sua direção.

Ron foi na direção do homem, que achava ter reconhecido. Além de mancar, ele tinha o braço esquerdo preso em uma tipoia. Ron estendeu a mão:

“Charlie, não é mesmo?”

“Como você está e o que está fazendo aqui? E o que diabos aconteceu?”

“Entrei numa briguinha com uma limusine. Eu trabalho aqui, ainda.”

“Sério? Eles te fazem vir trabalhar nestas condições?”

“Na verdade não, para ser sincero, esta é a primeira vez que venho em semanas, eles não vão conseguir se livrar de mim tão rápido.”

“Olha, eu tenho uma reunião agora, nos vemos mais tarde.”

“Na verdade, eu acho que ele deva vir conosco.” Disse um dos oficiais do Palácio. Ele olhou para Charlie e disse: “Eu não sabia que você estava aqui.”

Voltando-se para os outros três, disse: “O Charlie aqui conhece mais o palácio que qualquer outra pessoa viva. Podemos precisar de sua opinião.”

Uma vez que já estavam sentados no escritório da segurança, juntamente com dois oficiais sêniores que estavam de plantão, Layton começou a contar tudo o que sabia. Assim que terminou, o oficial sênior disse:

“Eu entendo a sua preocupação, mas não consigo ver como alguém possa agir aqui. Alguns anos atrás, algum idiota trouxe uma lata de spray para a Câmara dos Comuns, e desde então, tudo e todos passam por nossos scanners modernos e atualizados, passam também por detectores de metal e revista física. Não tem como um extintor de incêndio, ou muitos de acordo com você, possa ser trazido para cá hoje ou em algum outro dia.”

“Ok, eu entendo isso, mas e se eles foram trazidos para cá há vários dias, como parte do pedido regular de produtos para manutenção?”

“Mas de acordo com você, eles precisam ser refrigerados para que o vírus permaneça viável.”

“O que é possível, você tem que admitir isso”.

“Sim, mas isso só seria possível com a conivência de pessoas que trabalham aqui, e eles são avaliados pela segurança, todos eles.”

“Mas e os empreiteiros contratados?” Perguntou Charlie.

“O que você quer dizer?”

“Nos últimos seis meses, houve muito empreiteiros e pedreiros, para a reforma do prédio, manutenção e limpeza. Do que pude perceber, o pessoal parecia mudar diariamente. Nunca conheci nenhum deles, eram todos muito reservados.”

“Talvez”, foi a resposta do oficial. “Mas neste caso, eles seriam examinados pela empresa contratante.”

“Desde que a empresa tivesse dado a informação correta.”

“Muito bem,” disse o oficial ainda parecendo despreocupado. “Vou chamar um pessoal para começar a busca no prédio. Se conseguirmos reunir todos os extintores de incêndio, cuidamos da ameaça.”

Charlie estava pensativo, e então disse: “Sabe, se eu tivesse que espalhar alguma coisa pelo prédio todo, eu não me arriscaria a usar um bando de extintores de incêndio. Seria obvio demais. Eu usaria o sistema de tratamento de ar, que distribui ar condicionado para quase todas as salas aqui.”

“Eu conheço um pouco sobre isso,” disse Adam. Normalmente tem uma instalação no telhado, que bombeia ar pelos dutos para todos os ambientes. É isso que vocês têm aqui?”

“Usávamos, mas há seis meses um novo sistema foi instalado. Tem uma sala grande no primeiro piso para isso, ao lado das oficinas de manutenção. O ar é

aspirado de fora para lá, resfriado e então redistribuído para todo o prédio.”

“Você pode nos mostrar esta sala?” Perguntou Ron. O oficial concordou, e disse ainda que organizaria um grupo de policiais para fazer uma busca pelo prédio e estaria com o rádio, caso precisassem falar com ele.

Capítulo Trinta e Sete

Eles seguiram Charlie até as entranhas do edifício. Há vários níveis de porão, que se estendiam até onde Guy Fawkes tentou explodir o Parlamento nos anos de 1600. Um incêndio em 1834 destruiu grande parte do prédio, que depois foi demolido para a construção de um novo edifício, que ficou concluído em 1870. Mas grande parte da estrutura subterrânea permaneceu.

Sem Charlie, eles teriam se perdido em minutos, havia passagens que atravessavam o corredor a cada cinco metros. Depois de andarem uns dez minutos, Charlie abriu uma porta e entrou em uma sala grande; era a área de manutenção e armazenamento. Ele precisava falar com o engenheiro para pedir as chaves.

Layton estava logo atrás de Charlie e assim que entraram na sala, um homem vestindo um avental levantou de sua cadeira. Antes que Charlie pudesse falar qualquer coisa, Layton disse:

“Eu sou da polícia, podemos conversar?” O homem sorriu e antes que Layton pudesse reagir, tirou de debaixo da mesa um rifle automático. O homem atirou em sua direção, atingindo-o na garganta. O sangue de sua artéria se pulverizou pelo ar. Depois ele se voltou para Charlie.

Ron e Adam ainda estavam parados na porta. Ron puxou Adam e agarrou Charlie pelo colarinho, arrastando os dois para fora da sala antes de fechar a porta. Uma saraivada de balas atravessou a porta, atingindo a parede do corredor.

“Esta coisa,” disse ele apontando para sua Sig que tinha tirado do coldre, “não é nada contra aquele rifle, eu preciso de meus homens aqui.” Ele pegou o rádio dando um relatório sobre sua situação ao oficial da Polícia Metropolitana e pediu reforços imediatamente.”

Dentro da sala, outros homens vestidos com aventais semelhantes apareceram correndo, todos com rifles nas mãos, se posicionando para dar cobertura, enquanto outros empurravam pesados arquivos na porta para depois desaparecerem por portas adjacentes.

Ron perguntou a Charlie se havia outras entradas e saídas que os homens pudessem usar, Charlie disse que havia várias, o lugar inteiro era um labirinto.

“Precisamos de um mapa.”

“Ok”. Disse Charlie que já tinha tirado um pedaço de papel e uma caneta do bolso e estava ocupado fazendo o desenho.

Dentro da sala principal, à esquerda da sala onde estava Layton e do lado oposto da sala do ar condicionado, dois homens estavam ocupados removendo os bicos dos extintores. Depois eles pegaram uma mangueira flexível e as anexaram a um intrincado sistema de tubos e válvulas. Então um deles chamou um homem que estava perto da porta e mandou que ele pegasse os outros extintores.

Os homens de Ron estavam a caminho, guiados por três oficiais da Polícia Metropolitana, o sistema de alarme silencioso estava sendo disparado por todo o labirinto do prédio. O projeto do palácio seria impossível nos dias de hoje, com todos os regulamentos de saída de emergência. Havia centenas de salas que se abriam para corredores que depois se juntavam a outros. Se este não fosse um edifício histórico, a brigada de incêndio já teria vetado. Como era um edifício histórico, um sistema de alarmes foi instalado para alertar os funcionários da segurança para começar a evacuar o prédio, mas isto levava tempo. Tempo demais.

Charlie tinha terminado de desenhar a planta baixa, indicando vários caminhos que os homens poderiam ter usado para escapar, ou melhor, ainda, que Ron pudesse usar para encurralá-los.

Com seus piores medos confirmados, e bem longe de estarem preparados para o que tinham que fazer, os homens de Ron chegaram e então Charlie começou a explicar a planta, sugerindo opções.

Os extintores restantes estavam sendo anexados às válvulas. Levaria um tempo até que todo o dióxido de carbono com o vírus da varíola fosse transferido para os cilindros. Enquanto isso, o restante dos homens assumiam posições defensivas.

Dentro da Casa dos Comuns, David Blain já havia feito o anúncio sobre seu acordo com os iranianos para a liberação do Enterprise e de sua tripulação. Os fatos deixaram todos que escutavam espantados, mas era consenso geral que os iranianos iriam fazer exigências que nunca seriam aceitas.

Blain então disse a todos que os iranianos iriam liberar o Enterprise sem impor nenhuma condição. Tudo o que queriam era melhorar suas relações com o Ocidente, e que iriam liberar o Enterprise apenas por isso. Cochichos se espalharam pela sala, seguidos de uma chuva de aplausos. As mentiras de Blain foram mais uma vez bem sucedidas, e ele seria o herói do momento por conta deste acordo.

A Casa dos Comuns passava agora para o próximo grande assunto do dia, um relatório provisório do Inquérito Robertson estava sendo lido. A essência do

relatório era que três executivos sêniores da Internacional tinham sido cúmplices nos grampos telefônicos. Ele nomeava também dois ministros e o assessor de imprensa do Primeiro Ministro como aqueles que tinham conspirado com os executivos. Também estava sendo questionado se Dandelion era ou não a pessoa ideal para comandar uma empresa tão grande e com tanta influência, dada sua suposta falta de conhecimento do que acontecia.

Isto causou um alvoroço na Casa, a imediata demissão dos ministros citados e do assessor de imprensa foi exigida pelo Partido Trabalhista. Eles pediram também para que a Comissão de Monopólios investigasse a empresa e recomendavam ainda a remoção dela de tão influente posição. Inevitavelmente discussões mais acaloradas se seguiram, com gritos e brigas entre as partes contrárias.

As rotas que poderiam ser usadas pelos terroristas foram passadas à Divisão do palácio, que as bloqueou imediatamente com guardas armados. Quatro homens de Ron, guiados por Charlie, foram conduzidos por outra rota até a área de manutenção e também para a parte de trás da sala que tinha sido usada pelos terroristas.

Eles tinham decidido que a única escolha era realizar dois ataques simultâneos. Dava-se para ouvir objetos sendo movidos atrás das portas, por isso, eles decidiram entrar pelas paredes.

A maneira mais fácil de fazer isso era com o explosivo carga moldada, mas eles não tinham. Era hora de improvisar, as cordas de detonação eram tudo o que tinham à disposição.

Grandes armários de metal foram arrastados até o corredor e preenchidos com tudo que eles podiam encontrar, depois foram colocados contra a parede e então revestidos com a corda de detonação. Eles esperavam com isso poder explodir a parede.

Isto não iria ser bonito, provavelmente algumas mortes ocorreriam, mas não havia outra maneira, eles precisavam agir antes que o vírus fosse liberado.

Adam teve outra ideia, ele ligou para Charlie pelo rádio e perguntou se o duto que entrava na sala se dividia lá dentro ou se ele passava por outra sala antes de se dividir. Charlie confirmou que o duto saía da sala diretamente, passava por outra área e depois se dividia. A parte principal subia pelo poço de ar antes de se desviar para a área principal do piso térreo; uma seção menor permanecia no porão.

Adam contou rapidamente sua ideia para Ron, pediu alguns homens do Serviço Especial de Embarcações, cordas de detonação e detonadores. Pediu também para que a polícia que anteriormente estava dando buscas no prédio, evacuasse o porão.

Adam e Simon saíram correndo pelo labirinto de corredores, e após algumas voltas erradas, encontraram a escada de acesso que Charlie tinha indicado e então se dirigiram ao salão central.

O salão estava cheio de gente. Os dutos ficavam do outro lado do corredor e levavam água, energia e mais recentemente ar condicionado e ventilação para os andares que ficavam acima do porão. Havia uma porta de acesso a eles, mas como esperado, ela estava trancada.

Sem tempo para tentar encontrar a chave, ou para delicadezas, Simon pegou sua C8, deu três tiros na porta e no cadeado.

Os tiros provocaram a reação esperada, o cadeado e parte da porta foram desintegrados. Mas isto também causou pânico total em todos que estavam no hall. As pessoas gritavam e corriam. Isto os levará para fora, pensou Adam, esperando que ninguém se ferisse no tumulto.

Um dos oficiais que estava na Câmara dos Comuns teve uma ideia similar, ele tentou chamar a atenção do orador por várias vezes, mas não conseguiu. Então, ele pegou sua arma e deu alguns tiros para o alto. Isto nunca tinha sido feito antes e ele tinha certeza que era crime, no entanto, com isso seria possível salvar centenas de vidas.

A transferência para os extintores já tinha terminado, então, o engenheiro abriu o sistema de válvulas, permitindo que o gás se misturasse com o ar refrigerado que saía. O gás iria passar por uma série de dutos antes de ser distribuído para o resto do palácio.

Os soldados do Serviço Especial de Embarcações que estavam sendo guiados por Charlie, também chegaram ao seu destino e já estavam aplicando a corda de detonação na parede. Eles chamaram Ron pelo rádio para confirmar.

Os tiros dados dentro da Câmara dos Comuns obteve o resultado desejado; o barulho do público parou instantaneamente e foi então substituído por gritos. Assim que os gritos cessaram, o policial gritou:

“Há uma ameaça de armas biológicas. Vocês devem evacuar o prédio imediatamente. Por favor, façam isso agora e de forma ordenada.” Ele repeliu isto várias vezes antes que conseguisse uma reação do público.

A reação foi bastante previsível e longe de ser ordenada.

Adam podia ver os dutos anexos à parede oposta, mas eles não tinham como atravessar a multidão. Os dutos desciam por aproximadamente cinco metros antes de entrar pela parede, provavelmente em direção à sala de operações e

manutenção que ficava do outro lado. Uma pequena parte continuava até a parede oposta. A única opção era pular até o duto.

Adam foi primeiro, aterrissando no duto de meio metro de largura, que cedeu um pouco com o impacto. Simon então jogou a corda de detonação, os detonadores e sua metralhadora, Adam pegou tudo e colocou a alça da metralhadora em seu ombro. Então, Simon também pulou para o duto.

“Ok Adam, qual é o plano?”

“Nós amarramos a corda em volta do duto e então detonamos. O ar não vai conseguir subir pelo duto para alcançar o resto do prédio.”

“Mas com certeza o gás vai subir de qualquer maneira.”

“Eu acho que não, o dióxido de carbono é mais pesado que o ar, e está sendo misturado do outro lado da parede. Em teoria, ele vai descer, e na pior das hipóteses, não vai se espalhar para o resto do prédio, apenas para o hall, que eu aposto que está vazio agora.”

“E nós?”

“Bem, nós podemos tentar subir por estes cabos elétricos, mas eu não acho que vai ser muito bom, acho que tremos que pular de novo.”

“Quanto?” Eles não conseguiam enxergar nada.

“Não muito, eu estou mais preocupado em que vamos aterrissar. Desculpe, eu deveria ter dito isso antes de pularmos.”

“Não se preocupe, cara. Eu teria pulado de qualquer maneira. Detonação é meu trabalho. Se eu tivesse deixado para um nerd fazer e ele ferasse tudo, Ron iria me castrar. Ah, é, mais uma coisa: nós vamos descer, e o gás também, né?”

“Desculpe-me mais uma vez, eu acho. Deveria ter falado isso antes também.”

“Ah, foda-se. Me passa a corda de detonação, vou colocá-la aqui e deixar que ela faça a mágica.”

Na Câmara dos Comuns, a evacuação foi tudo, menos ordenada; os que estavam nos bancos próximos às enormes portas duplas, passaram correndo pelos policiais. As equipes de TV que filmavam a cerimônia do mezanino saíram apressadas, esquecendo-se de desligar as câmeras. Isto não tinha sido feito conscientemente, como poderiam alegar mais tarde, tinha sido puramente accidental. Mas as câmeras ainda estavam ligadas e gravando, as cenas estavam sendo transmitidas para as antenas que estavam do lado de fora do palácio, que por sua vez, transmitiam tudo ao vivo para o mundo.

Havia vários deputados deficientes em cadeiras de rodas, e muitos policiais apressaram-se para ajudá-los.

Blain, cuja cadeira ficava do outro lado da sala, estava desesperadamente tentando sair, sem se importar com quem ele empurrava pelo caminho. Ele abriu

caminho pela multidão que se apertava, e estava quase conseguindo sair, até que foi bloqueado por um policial que tentava manter o ocupante de uma cadeira de rodas em segurança.

Sem deixar se intimidar, ele tentou saltar a cadeira de rodas, mas tropeçou nela, derrubando o policial, a cadeira e seu ocupante. Em uma tentativa de ganhar equilíbrio, ele tombou com outros deputados e os levou ao chão também.

Blain levantou-se, e sem se virar para ajudar ou ver o que tinha feito, saiu correndo da sala. Tudo isso foi gravado pelas câmeras de TV que estavam no mezanino.

Adam chamou Ron pelo rádio e disse que estavam prestes a detonar o duto e que eles não deveriam entrar na sala ainda.

Adam sugeriu que os dutos e a parede fossem detonados simultaneamente e então que as granadas fossem jogadas na sala. Ele contou rapidamente para Ron o que Simon e ele fariam, Ron concordou e desejou a eles sorte.

“Dez segundos?”

“Acho que sim, se nós sobrevivermos!”

“Em três, então”.

“Um, dois, três.” Os dois pularam.

Eles caíram, nove, talvez dez metros antes de atingir o chão, que como Adam tinha imaginado, estava coberto de entulho, felizmente nada muito afiado. Assim que tocaram o solo, os dois rolaram em direção às paredes, o detonador explodiu e um pedaço do duto se esborrachou no chão entre eles.

Os dois estavam atordoados tanto pela queda quanto pela explosão, mas conscientes o suficiente para ver uma grossa névoa branca sair pelo duto quebrado. Como Adam tinha imaginado, o gás estava descendo, e já os envolvia.

“Você acha que devemos tentar sair daqui?” Sugeriu Simon.

Com o duto removido, uma pequena luz passava para dentro. Eles pensavam estar vendo uma porta similar a que eles tinham usado para entrar.

Adam tinha quase se esquecido da metralhadora até cair sobre ela, quebrando várias costelas. Ele a pegou, e como Simon tinha feito antes, deu vários tiros na porta. Não dava para ver um cadeado, então Adam esvaziou um pente inteiro nela, isto foi o suficiente para abrir a porta, e então eles se jogaram para fora.

Eles estavam em uma sala escura, mas um feixe de luz passava por debaixo de uma porta. Os dois foram em sua direção, tropeçando nos móveis que estavam pelo caminho. Simon abriu a porta, que felizmente estava destravada. A iluminação do corredor deu a eles clareza suficiente para ver o interruptor de luz na parede. Eles ligaram as luzes e viram que uma névoa fina se espalhava pelo local.

A sala parecia ser algum tipo de depósito, caixas vazias estavam espalhadas pelo chão e havia uma mesa no canto. Adam foi mancando até a ela tão rápido quanto seu tornozelo machucado permitia e pegou rolo de fita adesiva. Ele fechou a porta depois de sair e começou a passar a fita ao redor da porta tentando selá-la.

Simon já estava no rádio falando com Ron, ele disse que os dois já tinham escapado, que o gás estava descendo e não subindo, mas que eles ainda precisavam desligar as bombas.

Ron tinha explodido a parede no mesmo instante em que Simon explodiu os dutos. Não foi uma bela cena, mas funcionou. Os armários direcionaram a explosão para a parede e depois se arrebentaram no chão. Uma saraivada de balas se seguiu. Assim que a fumaça e o pó baixaram, eles lançaram também gás lacrimogênio.

Após terem notícias de Simon, eles lançaram mais granadas e saíram logo depois. A equipe do outro lado fez a mesma coisa.

Capítulo trinta e Oito

Centenas de pessoas estavam correndo para fora do prédio, a maioria em direção à Rua Santa Margarete, onde mais equipes de TV filmavam tudo, acompanhadas de repórteres comentando o que acontecia ao vivo. Mais tarde, muitos comparariam o que tinha acontecido com o que se passou nos ataques ao World Trade Center, incrédulos de que isso pudesse estar acontecendo.

Qualquer que fosse a perspectiva dos comentaristas, era um desastre que se desenrolava na frente de todos. Se um dos terroristas tivesse sido bem sucedido, custaria a vida de centenas, senão milhares de pessoas.

Veículos da polícia chegavam aos montes, seguidos por ambulâncias e equipes especializadas. As TVs ainda gravavam tudo.

Telões instalados ao lado das vans das equipes de TV exibiam as imagens. Algumas mostravam repetidamente David Blain derrubando um policial e um deputado em cadeira de rodas, no desespero de sair da Câmara dos Comuns.

Enquanto isso, no porão, Ron e seus homens buscavam na sala enfumaçada, possíveis alvos. A maioria dos terroristas estava caída no chão em péssimo estado, seus tímpanos tinham se rompido e sangue corria livremente de seus olhos e narizes. As granadas lançadas em espaço tão reduzido como aquele, tinham um efeito devastador.

Dois deles tentaram se salvar, mas foram cobertos de tiros de metralhadora.

Havia mais uma sala para entrar, pois as bombas ainda estavam em funcionamento. Uma chuva de tiros de metralhadora arrebentou outra porta, seguida por lançamentos de granadas. Os soldados do Esquadrão entraram na sala.

E desta vez, encontraram mais resistência.

Três terroristas estavam nesta sala, e atiravam com seus rifles, atingindo os soldados principalmente nos coletes à prova de balas. Mas os soldados eram todos atiradores de elite, e conseguiram atingir os terroristas facilmente.

Dois dos soldados foram feridos, um no braço, e outro na perna, mas nenhum dos dois corria risco de vida, se fossem tratados rapidamente. Dois deles se posicionaram ao lado das portas, caso ainda existisse outro terrorista. Ron perguntou a Charlie como podia desligar as bombas e isolar o cilindro de gás.

Um homem assistia a tudo pela TV e inicialmente ficou furioso, mas depois de pensar um minuto ou dois, começou a sorrir. Seus homens no palácio deviam ter cometido algum erro, ganhando indevida atenção das autoridades. Mas isso não importava. Com toda a atenção focada lá, eles nunca iriam desconfiar que isso era apenas a primeira parte do ataque. Amanhã seria um sucesso e ele teria os britânicos a seus pés.

Ele riu mais uma vez com as imagens do primeiro ministro se humilhando para o mundo. Isto iria mostrar o quão covarde eles eram. De Costa pensava nisso enquanto fazia suas malas, preparando-se para o voo que pegaria na manhã seguinte. Era apenas uma pequena caminhada de seu hotel até o terminal de embarque, nada poderia impedir ele ou seus compatriotas amanhã.

Dois terroristas que tinham sobrado estavam no corredor no mesmo momento que as granadas foram detonadas, decidiram que era hora de ir, e foram em direção à escada na extremidade do porão. Os dois tinham trabalhado lá por muito tempo e conheciam bem o local.

Se eles tivessem deixado suas armas antes de subir pelas escadas, poderiam ter conseguido fugir, mas eles não as deixaram. Assim que terminaram de subir os degraus, foram vistos por policiais armados. Se eles não estivessem carregando armas, talvez a polícia não tivesse atirado, mas eles hesitaram e os policiais vendo os dois com os dedos no gatilho, abriram fogo, jogando os dois homens longe.

Com tudo mais calmo, Ron voltou para a sala ao lado onde estava o corpo de Layton. Ron não tinha gostado muito dele quando se conheceram no Carlton Towers, mas durante os últimos dias, tinha aprendido a gostar do cara. Ron se ajoelhou sem se importar com a quantidade de sangue no chão, colocou gentilmente sua mão na testa de Layton e disse:

“Desculpa amigo, sem sua ajuda, nunca teríamos conseguido pará-los.” Ele se levantou e chamou os policiais do palácio pelo rádio.

Ron então foi verificar como estavam seus homens, que eram atendidos pelos colegas. Satisfeito com suas condições, ele se sentou em uma cadeira para esperar. Ron gostaria de sair dali com eles. Simon tinha informado via rádio que achava que tinha contido o gás, mas preferia não arriscar. De jeito nenhum ele iria sair daquela sala até que tudo estivesse devidamente seguro.

Ele se alongou e esfregou os olhos doloridos pela fumaça, e ficou feliz em abri-los e ver Adam e Simon entrando.

“Não tenho certeza se vocês deveriam estar aqui, vocês devem ter sido infectados. Mas se esta coisa se espalha tão rapidamente, somos provavelmente todos mortos-vivos.”

“É, nós definitivamente tivemos contato, mas nenhum vírus pode agir tão rapidamente. Vocês vão ficar bem, mas nós precisamos ser colocados em quarentena rapidamente.”

“Foi uma coisa corajosa o que você fez Adam. Eu tenho que admitir que tinha dúvidas de que você estava preparado para isso. Você também foi corajoso Simon, mas é pago para isso e ele não.”

“Ah, vai se foder.”

“Você viu Layton?”

“Sim. É foda. Se tivéssemos confiado ele há uma semana, nada disso teria acontecido.”

“Sim, eu sei. Mas é difícil confiara nas pessoas atualmente.”

“Eu preciso tirar vocês daqui e mandá-los para o hospital. As equipes médicas devem estar trazendo as roupas de proteção. Olha, não se preocupem, a primeira coisa que vão fazer é identificar o vírus e encontrar um tratamento. Eles têm amostras.” Disse apontando para os cilindros amarelos no canto.

“Os corpos no laboratório vão contar muita coisa também”

“Merda, eu tenho que ligar para Isobel, isto deve estar na TV e ela vai saber que somos nós.”

Os policiais da Divisão do Palácio chegaram enquanto eles estavam conversando, e traziam roupas de proteção e máscaras para Adam e Simon, assim como um grande saco plástico para suas roupas. O oficial no comando apresentou-se como Chefe Superintendente Isaac.

“Entrem em uma sala o mais longe possível daqui, vistam estas roupas, coloquem as suas no saco e selem. Elas estão contaminadas.”

Eles fizeram tudo como solicitado. O oficial olhou para a engenhoca anexada ao sistema de tratamento de ar. Ninguém ainda havia contado os extintores de incêndio. “Cinquenta.” Ele disse. “Bastante, né?”

Ele ia continuar, mas foi interrompido por Ron. “Merda, deveria haver cem, precisamos vistoriar o local e encontrar o resto.”

“Não até que eu tenha vistoriado e liberado o prédio.”

“Nós não temos tempo.”

“Não.” Respondeu o homem. “Vocês todos vão sair. Este é meu prédio e meus homens vão cuidar disso.”

“Eu acho que você não entendeu.”

“Foi você que não entendeu. Vocês vão sair AGORA, nós estamos bloqueando todas as entradas e pessoas então vindo descontaminar o local. Por favor, venham comigo.”

“Eu deveria ficar com suas armas, mas acho que você não ai querer isso, então vão embora antes que eu mude de ideia. Você também Charlie, e não volte

até que tudo esteja liberado.”

A equipe do Serviço Especial de Embarcações junto com Charlie e Adam seguiram os dois oficiais até a escada principal, entraram no Lobby dos Pares e de lá foram para o New Palace Yard, onde haviam deixado os Land Rovers.

Adam perguntou a um dos oficiais enquanto caminhavam:

“Qual é o problema desse cara?”

“Ele está ferrado. Se ele puder colocar a culpa em alguém, ele coloca. Imagino que vocês não assistiram TV, né?”

Ele não acrescentou mais nada a esta frase e não parecia querer ouvir mais perguntas, então o resto da caminhada foi feita em silêncio.

Quando chegaram ao estacionamento, entraram todos nas Land Rovers, com a exceção de Simon e Adam que foram colocados em uma ambulância.

Ron disse que precisava ir até a Casa Thames, e que estaria no hospital assim que possível. Ele duvidava que o restante dos extintores seria encontrado e estava extremamente preocupado com isso. Com a morte de Layton, Ron teria que alertar seus superiores sobre a possibilidade de que isso ainda não tivesse acabado.

Capítulo Trinta e Nove

Apenas muitas horas mais tarde foi que Ron conseguiu cumprir a promessa de ir ver Adam e Simon. Ele chegou ao hospital bem tarde, poucas horas antes da greve geral começar.

Ele foi informado que era muito tarde para visitação, mas Ron não estava preparado para aceitar isso.

Ron caminhou até a unidade de isolamento, onde eles estavam internados, com uma enfermeira atrás, ainda tentando dizer que ele não podia entrar. Quando ele empurrou as portas da entrada, foi recebido por dois seguranças e um médico. Mais uma vez disseram que não poderia entrar, pois os pacientes estavam isolados e poderia ser contagioso.

Ele disse ao médico que eles ou arrumariam uma roupa de proteção, ou ele entraria de qualquer maneira. Um dos seguranças tentou colocar a mão em seu ombro, só tentou. Ron torceu a mão e o braço do homem, empurrando o rosto dele contra a parede.

“Eu estava tentando ser educado.”

O outro segurança se afastou rapidamente, ele não queria se juntar ao colega que ainda gemia no chão. Ron tinha tirado seu colete à prova de balas e sua arma, mas ainda vestia as roupas negras. Sua calça estava coberta com o sangue seco de Layton. Um policial que estava sentado na porta do quarto onde estavam Adam e Simon avançou na direção deles.

“Deixem ele!”

A enfermeira saiu rapidamente para pegar uma roupa de proteção para Ron.

Adam e Simon estavam dormindo profundamente quando Ron finalmente conseguiu entrar.

Dormindo, sortudos de merda.

Mas ele estava preocupado com seus amigos, os dois estavam conectados a equipamentos de monitoração. Eles pareciam bem, mas Ron sabia que em breve tanto Adam quanto Simon poderiam ficar bastante doentes.

O que os dois fizeram, tinha prevenido a propagação do vírus pelo palácio, não havia vestígio do vírus em nenhum lugar, com a exceção da sala em que eles caíram. Os dois tinham arriscado suas vidas para salvar centenas de milhares de pessoas.

Ron se sentou entre as duas camas, pensando no quão cansado estava, ele nem conseguia se lembrar da última vez que tinha dormido. Mas ainda havia trabalho para fazer e descansar agora era um luxo impossível. Depois de uma pausa, ele cutucou o ombro de Adam, que se moveu, gemeu e finalmente abriu os olhos. Ron tinha boas e más notícias para contar.

“Você está bem esquisito nessa roupa, cara!”

“Eu espero que tenha sido um desses guardas horrorosos que te despiu e te colocou na cama, e não aquela gata da enfermeira.”

“Você está bem, Adam?”

“Estou bem. Provavelmente amanhã vou estar resfriado, foi o que me disseram. Minhas costelas doem um pouco e meu tornozelo está queimando, mas pelo menos consegui dormir um pouco. Mas você parece que precisa descansar.”

“Preciso, mas tenho que falar com você primeiro.”

“É tão ruim assim?”

“Um pouco.”

Ron começou a contar tudo o que sabia.

Ele começou com uma coisa que sabia que ia fazer Adam rir: o vexame público do Primeiro Ministro. Ron sabia o que Adam pensava do cara e se divertiu com a gargalhada solta do amigo.

E continuou:

“A boa notícia é que você provavelmente tem varíola.”

“Se essa é a boa notícia, não quero ouvir o resto.”

“Cale-se e me escute, a notícia é boa.”

“Eles sabem qual é o vírus, infelizmente de um tipo que nunca tinham visto antes, você vai entender melhor do que eu. Disseram-me também que estão trabalhando na produção de um antiviral ou algo assim, e já vacinaram você e Simon, então não se preocupem com isso.”

Antes que Adam interrompesse de novo, ele continuou:

“Acho que já encontramos todos os extintores de incêndio grandes, eles estavam distribuídos uniformemente pelas prefeituras. Tivemos sorte com isso. Você se lembra de um cara de jogou um extintor do alto de um prédio na manifestação anterior?”

“Isto foi um alerta, quando os prédios da lista de Stella foram vistoriados, eles checaram também os telhados e os cinquenta extintores que faltavam estavam lá.”

“Imaginamos que a intenção deles é pulverizar as pessoas que participarem da manifestação amanhã de lá de cima. Agora todos estes locais estão sob vigilância. Quando os terroristas chegarem serão presos.”

“Estas são as boas notícias, imagino que agora venham as más.”

“Outra boa notícia é que depois do que aconteceu hoje, espera-se que bem menos pessoas participem das manifestações amanhã, e assim será mais fácil detectar estes terroristas.”

“E o que vocês vão fazer agora?”

“Eu vou tentar dormir algumas horas e então vamos para Birmingham para reforçar o treinamento das equipes de busca, mas antes vou te contar umas coisas sobre o armazém.”

“Aparentemente eles estavam construindo o prédio há um ano, alguns dos corpos que encontramos foram identificados e dois deles eram de pessoas desaparecidas.”

“Aparentemente eles se candidataram para uma pesquisa médica, mas não foi a pesquisa que imaginaram. As vítimas viram os anúncios no Facebook e pensaram que era um centro médico legítimo, mas foram sequestradas e levadas para o armazém em Wandsworth. O resto você pode imaginar. Todos foram usados para testar, melhorar e aperfeiçoar a transmissão do vírus.”

“Não é exatamente uma história de ninar.”

“Não é, mas você precisa saber o que ajudou a evitar. Sem a sua persistência, os terroristas teriam vencido. Encontramos no armazém fitas de vídeo com os experimentos que faziam, e isto deu aos cientistas informações valiosas para o tratamento. Havia também documentos sobre as previsões que faziam.”

“Eles estimavam ao menos meio milhão de mortos e anarquia em todo Reino Unido. Esperavam também que fôssemos colocados em quarentena do resto do mundo. O resultado seria um colapso total de nossa sociedade. E eles poderiam ter feito isso!”

“O armazém provavelmente iria funcionar como uma base para depois da propagação inicial do vírus. Ele estava lotado de armas e suprimentos suficientes para durar meses, e eu aposto que vamos encontrar instalações similares em todo país.”

Essa podia não ser uma historinha de ninar, mas Adam caiu no sono logo depois.

Ron não estava convencido de que Adam iria conseguir superar isso, se ele contraísse o vírus, iria sofrer muito, mesmo com o uso da morfina que gotejava em seu braço. Ele merecia saber quantas vidas tinha salvado.

Os homens estavam chegando a Birmingham. Tinha sido combinado que eles deveriam comparecer sozinhos ou em duplas, entre três e cinco da manhã, para serem instruídos e preparados para a operação. Não era exatamente uma operação para eles, era mais um dia de diversão que também seria rentável.

Por volta das cinco da manhã, todos já haviam chegado ao encontro de Birmingham, eles foram recepcionados por três homens de De Costa. Assim que

todos se acomodaram, um deles começou:

“Nós vamos acompanhar vocês amanhã e é isso que queremos que vocês façam:”

Ele explicou que eles deveriam se juntar às outras pessoas nas manifestações, no ponto de encontro principal, perto da Edgbaston Cricket Ground. E deveriam caminhar junto aos outros manifestantes em grupos de cinco ou seis, a cada quinze minutos, começando às 10:30 da manhã.

Eles deveriam começar o trabalho às doze horas. Até lá, os grupos estariam bem espalhados por toda a manifestação. O que tinham que fazer era simples: atacar e roubar o máximo de pessoas possível, causando muita de confusão e caos, afastando a polícia dos pontos de encontro nas prefeituras.

De costa pensou bastante sobre esta parte da missão. Ele queria infectar o máximo de pessoas possível e não confiar unicamente no vírus que seria espalhado desde os telhados dos prédios próximos ao ponto de encontro. Foi aí que ele veio com a técnica de distração, muito usada no Oriente Médio.

A utilização de manifestantes pacíficos para confundir as autoridades, enquanto os grupos leais à causa plantavam bombas e emboscavam os militares, tinha funcionado bem no Egito e na Tunísia. Ainda funcionava na Síria, desestabilizando os governos, para uma eventual tomada de poder por forças leais ao Irã. Uma variação desta tática poderia funcionar muito bem aqui.

Ele não tinha fanáticos religiosos para manipular, portanto não poderia usar a tática da religião. O que podia fazer era usar os desamparados do país; todos os países tinham os seus e o Reino Unido não era exceção.

Induzidos por promessas de bons ganhos, grupos foram reunidos por todo o país e através de seus líderes, motins aconteceram em todas as manifestações que haviam ocorrido no último ano. Todas tinham funcionado como teste para o que estava por vir.

Eles analisaram os movimentos da polícia e usaram a informação para desenvolver a estratégia que usariam. Até agora, tudo o que as gangs tiveram que fazer foi saquear e queimar. Mas este último evento seria um pouco diferente, então ele pagou um pouco mais para garantir que estas pessoas permaneceriam fiéis.

“Nós temos uma coisa que vai tornar nosso trabalho muito mais fácil,” disse um dos homens de De Costa, mostrando um dos extintores de incêndio.

“Aqui tem dióxido de carbono e Ketamina, um tranquilizante para cavalo, vocês provavelmente conhecem como Especial K.”

“Ketamina em spray! Isso é um sonho!” alguém do grupo gritou. “Deixe-me tentar” falou outro homem que tentava pegar o extintor.

O homem de De Costa espirrou o extintor na direção dele, que instantaneamente caiu de joelhos e começou a gargalhar.

“Temos o suficiente para todos, mas só mais tarde, depois que terminarmos nosso trabalho, aí vocês poderão usar o quanto quiserem, juntamente com o generoso salário que receberão. Cada grupo terá vários destes daqui. Os que forem pulverizados, não saberão o que os atingiu, como seu amigo aqui acaba de demonstrar.” Disse apontando para o cara que ainda estava de joelhos.

“Por que isso tudo?” Perguntou alguém da gangue.

“Boa pergunta, meu patrão despreza este governo tanto quanto vocês. Ele pretende causar o maior estrago possível e plantar as sementes da anarquia, para um dia derrubá-los. Nós temos os mesmos objetivos, vocês não acham?”

“Para mim isto é o suficiente” Foi a resposta.

“Vamos nessa.”

O homem então pulverizou os homens da gangue com o extintor.

Capítulo Quarenta

Ron não tinha contado toda a verdade para Adam. Ele tinha dito que iria dormir algumas horas e que depois iria para Birmingham, mas o único sono que teria, seria provavelmente de duas horas no banco traseiro do carro que o levaria.

Ele tinha instruções para ficar em Londres, com os oito membros da equipe que estavam com ele, para ajudar a reforçar a ação policial lá.

As buscas por extintores de incêndio em Londres não tinham mostrado nenhum extintor resultado. E a reunião final estava planejada para acontecer no Palácio de Westminster. Ninguém iria chegar perto de lá amanhã, então a manifestação não iria dar em nada.

A decisão era mandar os três homens que estiveram em Cambridge de volta para Cambridge. Três iriam para Bristol e Ron com os últimos dois homens iriam para Birmingham.

Pela primeira vez depois de todo este desastre, eles sabiam o que procurar.

Os freezers que tinham visto nos depósitos de De Costa seriam perfeitos para manter dezenas de pequenos extintores de incêndio. Então, o alvo deles era qualquer pessoa com um extintor. O dióxido de carbono se expandia e resfriava depois de liberado, condensando-se na forma de uma névoa branca, isto seria um ótimo indicador para poder encontrar os terroristas.

Eles sabiam onde procurar. Entre a multidão, no começo do deslocamento, durante o deslocamento e nos pontos de encontro. Todos os policiais que o país tinha disponível seriam enviados para uma das oito áreas-alvo e haviam sido bem instruídos.

Todos os membros disponíveis das Forças Especiais e contingentes de Fuzileiros Navais reforçariam a polícia. Durante os treinamentos, todos receberam a vacina contra varíola, que havia sido enviada para eles durante a noite, por avião.

Era esperado que as gangues utilizassem técnicas de distração, como fizeram na Rua Sloane. As gangues interromperam as manifestações organizadas em todos os anos, para prosseguir com saques e destruição. Então, ao invés de tentar evitar a fuga, eles iriam providenciar lugares para que isso acontecesse ao longo da rota.

Seria impossível ter policiais alinhados lado a lado por todo o caminho das manifestações, não havia contingente suficiente no país para isso. A tática a ser adotada seria a de usar pessoal de serviço para apoiar os policiais nas barricadas.

Haveria também equipes táticas, oficiais armados, observadores e atiradores de elite em posições estratégicas. Equipes do Serviço Especial de Embarcações e do Serviço Aéreo Especial também estariam presentes, assim como fuzileiros navais e outros oficiais à paisana em pequenos grupos e igualmente dispersos por todo o caminho.

Ron ainda tinha um fio de esperança de que as batidas que foram feitas nos prédios de De Costa seriam suficientes para parar os terroristas, antes que eles saíssem para suas missões. Mas isso não iria acontecer. As batidas policiais aconteceram no final da tarde e embora ainda tivesse alguns empregados nestes locais, e todos tivessem sido presos, nenhum deles era terrorista. E pior ainda, nenhum extintor de incêndio foi encontrado e nem mesmo os freezers.

Na manhã seguinte bem cedo, tudo o que iriam precisar estava pronto mais de uma hora antes do horário marcado para a manifestação.

Tudo o que Ron podia esperar agora era que eles conseguissem parar os terroristas antes que muitas pessoas fossem infectadas, mas era inevitável que alguns seriam. Ron e seus superiores queriam que avisos fossem dados na TV e no rádio, alertando os manifestantes e pedindo que evitassem a manifestação.

Esta ideia tinha sido vetada por duas razões: os terroristas estavam à solta e possuíam o vírus e este aviso poderia fazê-los mudar o local de ação rapidamente, para shopping centers, por exemplo. E também, sempre haveria aqueles que não iriam acreditar, achando que na verdade isto era uma tática do governo para impedir as manifestações.

Também havia sido assegurado que embora esta cepa do vírus da varíola ainda fosse desconhecida, com o início dos sintomas mais rápido, ela tinha tratamento eficaz. Qualquer pessoa que fosse exposta à vertente conhecida do vírus da varíola e recebesse a vacina antes do desenvolvimento da doença, que ocorria normalmente entre cinco e sete dias, não iria desenvolver a doença ou ela iria ter um desenvolvimento menos severo, permitindo o tratamento com antibióticos e medicação intravenosa.

As imagens do vídeo descoberto no armazém mostraram que esta vertente do vírus acelerava o aparecimento dos sintomas e aumentava a sua propagação pelo ar. Mas isto ainda dava a eles uma janela para a vacinação de sessenta horas a partir da primeira exposição.

Se tratados dentro desta janela, apenas 10% dos expostos desenvolveriam a doença, com severidade bastante reduzida, e mais importante, o estágio de transmissão da doença por via aérea seria nulificado.

O doutor Higginston, cientista chefe da Agência Nacional de Saúde, falava para o comitê na Whitehall, que embora a doença tivesse sido praticamente erradicada nos últimos vinte anos, havia grande estoque de vacina disponível, suficiente para tratar quarenta mil pessoas. O estoque estava sendo distribuído pelo país para cada local de manifestação e mais vacinas estavam sendo enviadas de outras nações europeias. Os dois homens expostos a ela no Palácio de Westminster já tinham sido vacinados e estavam sob constante observação; eles forneceriam dados de teste bastante úteis.

Ele prosseguiu explicando que, para quem desenvolveu os sintomas, uma droga experimental conhecida como Cidofovir, mostrou-se eficaz. E embora houvesse complicações decorrentes de seu uso, a fabricação dela tinha começado e não levaria muito tempo para ficar pronta.

Ele alertou que a droga tinha que ser cuidadosamente administrada e sob condições hospitalares. Ela precisava ser injetada via intravenosa e somente após o medicamento Probenecid fosse administrado. Isto reduzia a possibilidade de efeitos colaterais, que podiam incluir doença renal. Agora eles só tinham que esperar para ver como os eventos iriam se desenrolar nas próximas horas.

Os primeiros manifestantes começaram a chegar por volta das nove horas da manhã. Pouco a pouco mais manifestantes se juntavam. Às 10:30 foi dada a chamada para o início, pessoas ainda chegavam e a multidão se avolumava.

Ron tinha instruído todos os seus homens e os líderes do Serviço Especial de Embarcações e do Serviço Aéreo Especial para esperar até que a maioria tivesse saído para então se juntarem. Isto aconteceu por volta das onze da manhã e nenhum deles detectou os indicadores que procuravam.

Um dos poucos serviços que não ia ter paralização total eram as balsas. As empresas que operavam as balsas no Reino Unido tinham funcionários de ambos os países interligados por ela e estavam operando normalmente, embora em escala bem reduzida. Quando a paralização ainda estava no estágio de planejamento, De Costa fomentou uma manobra que garantiria o completo isolamento do Reino Unido da Europa Continental.

Esta manobra incluía balsas para Roscoff, Santander, Amsterdam, Esbjerg e Ostend e um de seus homens estaria em cada uma delas. Seria fácil carregar latas de spray nas bagagens. Roseau tinha sido contra isso, pois achava que o resultado era imprevisível e que o vírus poderia se espalhar pelo Oriente Médio, e por isso a manobra foi vetada pelos planejadores em Teerã. Agora que ele estava livre de Roseau, poderia por o plano em prática.

Como a greve geral impediria o uso de transporte público, cada um dos homens designados a pegar as balsas, tinha um carro alugado e estavam agora

nas filas dos terminais; com exceção do homem que iria pegar a balsa de Plymouth para Roscoff.

Em Portsmouth, Hull, Ramsgate e Harwich as filas se estendiam por quilômetros e os terroristas estavam ficando cada vez mais nervosos a cada hora que passava; apenas o homem que iria para Roscoff não tinha pressa. Ele tinha saído mais cedo que os demais devido à distância e chegou mais cedo que o esperado.

Ele agora estava sentado na área de descanso principal da balsa e de tempo em tempo, abria sua bolsa e liberava um pouco do spray contaminado no ar.

Em Birmingham, o caminho planejado para a marcha teria início no Parque Calthorpe e os manifestantes iriam se dirigir até o centro da cidade pela Rua Bristol. Os organizadores estimaram em cento e vinte mil pessoas, bem menos do que era esperado.

Muitos tinham usado seus próprios carros, mas ônibus também foram colocados à disposição. Um exame mais detalhado da multidão mostraria vários setores da sociedade representados ali. Como as escolas estavam fechadas, famílias inteiras juntaram-se à multidão, assim como médicos, enfermeiras, funcionários públicos, trabalhadores da construção civil, comerciantes, bombeiros e motoristas de ambulância.

A atmosfera, apesar do ocorrido no dia anterior, era mais para festa do que para manifestação, exatamente como os organizadores tinham planejado. Tinha sido colocado à disposição de todos durante o percurso, mesas com água mineral, alimentos e camisetas proclamando seu apoio à greve geral. Bandas de música tinham sido contratadas para tocar durante a tarde para o entretenimento de todos. Era para ser um dia de unidade. Uma demonstração de força para o governo, mas também um dia para ser lembrado.

A massa de gente moveu-se para Smallbrook, pela Rua Hill, passando pela estação de trem. Todas as ruas tinham sido fechadas para o tráfego. Outras pessoas foram se juntando durante o percurso e por volta do meio dia, cento e cinquenta mil pessoas lotavam as ruas e a praça em frente à Câmara.

A praça onde aconteceriam os discursos tinha lugar para não mais que trinta mil pessoas. Para acomodar a todos, locais de encontro alternativo foram criados e telões instalados. Havia lugares como esse perto da Catedral, na rua de compras e em Bull Ring.

Ron caminhava junto com a multidão e vistoriava tudo a seu redor, seus homens faziam o mesmo. Então, ao meio dia, ele recebeu uma chamada pelo rádio: um grupo, em algum lugar atrás dele, foi visto jogando um spray na multidão. Eles tinham atacado e roubado várias pessoas na manifestação, e

algumas das vítimas tinha caído no chão. Então outra chamada veio, seguida de mais outra minutos depois.

Muitas das vítimas dos ataques pareciam ter sido afetadas por uma droga, mas pelo que Ron ouviu no rádio, não era o vírus que eles esperavam. Alguns simplesmente não conseguiam se levantar, outros caminhavam de forma desorientada, alguns caíam e no chão e muitos vomitavam. Será que eles tinham cometido um erro sobre o vírus da varíola ou os terroristas estavam usando alguma coisa ainda mais mortal na multidão?

Assim que os grupos foram identificados, pelotões da tropa de choque que estavam de vigília foram guiados pela multidão pelos observadores e atiradores de elite posicionados nos telhados ao longo da rota. Em equipes de vinte, todos vestidos com roupas anti-motim e máscaras de gás, eles caminhavam pela multidão, ignorando tudo, exceto aqueles portando extintores.

Estes foram derrubados no chão, desarmados e algemados. Os homens que formavam as barricadas retiravam da manifestação todos aqueles que tinham sido vistos atacando alguém na multidão. Equipes de fuzileiros navais isolavam um perímetro de vinte metros de cada incidente e paramédicos tratavam os feridos. Após a ordem ter sido instalada em cada um destes locais, os fuzileiros navais começaram a retirar os presos, utilizando as ruas laterais.

Um grupo que caminhava junto e que já havia completado a rota da manifestação parou ao lado do Café Vitória para escutar uma banda improvisada enquanto esperava que as ruas ficassem mais vazias. As notícias dos problemas ainda não tinha se espalhado e a multidão ao redor ainda festejava. Então, um grito agudo cortou o ar e foi seguido de uma gargalhada estridente. Isto chamou a atenção de um homem que estava neste grupo; ele se virou e viu uma jovem mulher sendo assaltada. Ele imediatamente ligou para seus amigos, todos colegas de trabalho de uma empresa local, que correram para ajudar a moça.

Quando estes homens se aproximaram para ajudar a vítima, foram interceptados por uma dúzia ou mais desordeiros, um deles segurava um extintor de incêndio sobre a cabeça e dava aquela mesma gargalhada insana que tinha sido ouvida instantes antes.

Quando os dois grupos se encontraram, a luta começou; socos, pontapés, garrafas e cadeiras, tudo que era de fácil alcance foi usado.

Ao longo das ruas lotadas de Birmingham, furtos aconteciam a todo momento, alguns membros das gangues foram contidos pelos manifestantes pacíficos e em algumas situações a polícia interveio. Cenas parecidas se repetiam por todo o país. A confusão reinava.

A multidão em pânico, na tentativa de fugir, saía correndo pelas ruas laterais. Muitas destas ruas tinham equipes da polícia montada e da tropa de choque.

Centenas de pessoas corriam para estas ruas, alguns eram manifestantes pacíficos e outros eram levados pelos fuzileiros navais; a polícia tentava da melhor maneira separar as vítimas dos membros da gangue ou terroristas, mas isto se provou impossível. A única opção era prender todos.

As ruas laterais foram ficando lotadas e depois eram bloqueadas. Todos os que poderiam ser presos, foram. Os que haviam inalado o gás estavam sendo tratados.

Equipes médicas do Exército, da Marinha e da Aeronáutica estavam ocupadas construindo centros médicos improvisados. Eram tendas simples que estavam sendo montadas em ruas previamente liberadas pela polícia. Centenas de pessoas eram conduzidas a estes locais para serem vacinadas, e ecebiam cartões impressos explicando que haviam sido contaminadas por uma toxina e por isso seriam vacinadas imediatamente.

Com as tentativas das autoridades de trazer ordem ao caos, os incidentes começaram a diminuir e a ordem retornava gradualmente. Os comícios continuavam e algumas manifestações também, sem se atentar para o que acontecia ao redor.

Slogans eram cantados pelos megafones e buzinas de ar ecoavam.

Buzinas de ar!!

Ron virou-se. O som estava vindo detrás dele, na direção do comício que acontecia perto da prefeitura, a não mais de quatrocentos metros de distância.

Ron correu, seguido de seus homens e gritava pelo rádio:

“As buzinas de ar! Peguem as buzinas de ar!”

Cem metros à frente, no meio da multidão reunida próxima à prefeitura, ele pôde ver e ouvir uma buzina de ar, que ao ser tocada, soltava um fraco fio branco que se condensava e lentamente caía sobre as pessoas.

Ron se aproximava do terrorista que segurava a buzina no alto e tinha uma mochila nas costas, mas o homem se virou, alertado por gritos vindos da multidão. Ele olhou diretamente para Ron por alguns segundos, mas logo se virou e saiu correndo em direção ao centro da praça.

A buzina era mantida alta e enquanto o homem corria, emitia um barulho contínuo. A equipe do Serviço Especial de Embarcações perseguia o terrorista enquanto Ron os seguia falando pelo rádio:

“Os homens com as buzinas de ar são terroristas e estão nos comícios próximos às prefeituras. Eles precisam ser pegos imediatamente.”

O terrorista parou no meio da multidão, pegou outra lata de sua mochila e a substituiu pela que já estava vazia.

Ele segurou a lata sobre sua cabeça com a mão esquerda e com a direita, segurava uma semi-automática que também tinha tirado da mochila, e apontava

a arma em direção à tropa que se aproximava.

A multidão que estava ao redor do homem, ensurdecida pelo barulho da buzina, virou-se para olhar e vendo a pistola em sua mão, começou a correr. Alguns conseguiam correr, outros se chocavam com a multidão em volta.

Gritos de:

“Ele tem uma arma!” Criou uma onda de manifestantes empurrando uns aos outros para sair do caminho e a debandada que eles temiam começou.

Uma clareira se formou e a equipe do Serviço Especial correu nesta direção. O líder pegou sua arma, sem se preocupar com quem estava em volta e calmamente apontou e atirou duas vezes, acertando o homem no meio do peito.

No entanto, Ron ainda podia ouvir outra buzina de ar em algum lugar no meio da multidão. Ele localizou onde estava e correu em sua direção.

Os atiradores de elite alocados em cada uma das manifestações foram instruídos a neutralizar os terroristas com buzinas de ar. Em cada um dos locais, observadores e atiradores procuravam os alvos. Assim que eram encontrados, com a fumaça branca confirmando sua localização, tiros eram disparados.

Nenhum deles estava a mais de trezentos metros de distância, bem dentro do alcance dos atiradores e assim cada um atingiu seu alvo no primeiro tiro, lançando os terroristas no ar. O pânico se instalou mais uma vez e as pessoas tentavam fugir, empurrando umas às outras.

Ron empurrou a multidão desorientada e em pânico na praça em busca do terrorista armado com a buzina de ar que estava agora em silêncio. Grupos de manifestantes atordoados estavam ao seu redor e não tentavam mais escapar, pois não havia rotas de fuga. Mas todos estavam furiosos, perguntando-se o que estava acontecendo e o que poderia acontecer a seguir. Outros tinham sido atingidos na debandada inicial e estavam caídos no chão. Ron estava dividido entre ajudar estas vítimas e encontrar os terroristas. Ele sabia que não tinha outra escolha, precisava parar os terroristas antes que eles infectassem mais alguém.

Passando por um grupo de manifestantes que se encolhia em uma porta em busca de proteção, Ron viu uma buzina de ar caída no chão e perto dela uma pequena mochila. Dentro dela havia mais latas, mas nenhum sinal do terrorista.

“Vocês conseguem vê-lo?” Perguntou Ron a seus homens enquanto procurava na multidão.

“Não, e também não escuto mais nenhuma buzina”

Eles pararam, olhando a multidão.

“Ok, caras. Eu também não escuto mais nada. Não faz sentido ficar procurando às cegas. Os observadores nos dirão se virem alguma coisa. Vamos ajudar os feridos enquanto isso.”

Nas ruas atrás deles multidões se chocavam com outros manifestantes vindos da direção de Bullring, que não tinham percebido a confusão à frente, bloqueando assim, qualquer rota de fuga. Gritos ecoavam da multidão que procurava uma maneira de escapar daquela loucura.

A polícia retirou as barricadas no cruzamento da Rua da Corporação, permitindo assim que os manifestantes em pânico pudessem passar por ali, mas eles seriam interceptados pela Polícia Montada e pela Divisão Canina que estava parada no final da rua.

A partir da tribuna em frente à Câmara, os organizadores pediam por calma, ajudados por polícias que tinham se juntado a eles. Cerca de trinta mil pessoas estava contida em frente à Praça da Câmara e à Catedral, e outras cem mil estavam espalhadas pelas ruas do centro da cidade. A calma ia voltando lentamente, mas não sem antes centenas de pessoas serem feridas na debandada.

Cenas semelhantes ocorreram em Bristol, Cambridge, Edimburgo, Glasgow, Liverpool, Manchester e Newcastle. Os organizadores e a polícia pediam calma a todos pelos telões espalhados e gradualmente a multidão foi se acalmando.

Ambulâncias atravessaram as barricadas para atender os feridos e a polícia preparou rotas pelas quais a multidão poderia passar. Assim que cada pessoa passava, nome e endereço eram anotados e cada um recebia um pequeno cartão informando que existia a possibilidade de eles terem sido expostos a uma substância tóxica e precisariam se dirigir a um hospital ou clínica anotada no cartão.

Capítulo Quarenta e Um

Assim que anoiteceu, a polícia passou a controlar todos os locais em que ocorreram incidentes. Aqueles que estiveram próximos a um local em que spray foi liberado, receberam tratamento imediatamente e lentamente, todos eram liberados. Escolas e centros comunitários por todo o país foram transformados em clínicas e tomados por membros do exército.

Apesar de todos os que haviam sido possivelmente contaminados nas manifestações terem sido instruídos a comparecerem no dia seguinte às clínicas nomeadas nos cartões, muitos ignoraram esta informação e seguiram direto para o pronto socorro mais próximo. Eles estavam agora com lotação máxima, com filas que saíam pelas portas e que continuavam até o estacionamento.

Às sete horas daquela noite, o Vice Primeiro Ministro começou seu pronunciamento ao país.

O pronunciamento foi transmitido em todos os canais e repetido de hora em hora.

Inicialmente o Primeiro Ministro insistiu que ele deveria falar para a população, mas depois de conselhos dos representantes de cada partido do Reino Unido, ele decidiu não fazer. Os conselheiros disseram que a opinião pública sobre ele estava tão baixa depois da transmissão do Parlamento no dia anterior, que seria bem melhor que seu vice o fizesse. Sua renúncia já estava sendo exigida, não apenas pelo Partido Trabalhista que era oposição, mas também pelo seu próprio partido.

Dick Smeg começou o pronunciamento agradecendo a nação pela atenção e então começou a difícil tarefa de explicar que eles estavam sob ataque terrorista e explicar também a natureza deste ataque.

Ele falou que embora o vírus fosse de uma cepa que ainda não tinha sido vista, uma droga para combater a varíola já tinha sido desenvolvida e estava agora sendo produzida em enormes quantidades, o suficiente para tratar a população inteira do Reino Unido, se necessário. Esta droga estaria disponível nos centros médicos que foram formados nas escolas e centros comunitários e também nos hospitais.

Ele passou a descrever os sinais e sintomas da doença e assegurou à nação que ninguém transmitiria a doença por pelo menos quarenta e oito horas. O Vice

Primeiro Ministro pediu a todos que estiveram presentes nas manifestações e que ainda não tinham recebido a vacina, que se apresentassem aos centros no dia seguinte, que seriam listados depois da transmissão.

Ele pediu a todos que não se dirigissem aos centros a menos que acreditassem que tinham sido infectados, mas que usassem os números de telefone que também seriam listados depois da transmissão para maiores informações. Ele aconselhou que todos marcassem hora para a vacinação e prometeu que todos os que precisassem, seriam vacinados até o final da semana.

O Vice Primeiro Ministro aconselhou também que todas as escolas e universidades ficassem fechadas até o final da emergência e pediu que todos, com exceção dos que trabalhavam com educação, voltassem ao trabalho no dia seguinte normalmente. Ele pediu em particular para que todos que trabalhassem com emergência e médicos, mesmo os que estavam de licença, voltassem ao trabalho no dia seguinte.

Dick Smeg disse também que ônibus seriam colocados à disposição para aqueles que precisassem ir até as clínicas; para as áreas mais remotas, unidades móveis estariam disponíveis.

Ele finalizou dizendo que não havia necessidade para pânico, que moveria céus e terra para descobrir os responsáveis por aquela atrocidade e que eles seriam responsabilizados.

Em nenhum momento ele especulou sobre a origem do ataque, mas assim que se despediu e finalizou a transmissão, todos os canais de televisão estavam fazendo exatamente isso. Eles especulavam também sobre o que poderia ter acontecido se os terroristas tivessem tido sucesso.

Sarah Jane tinha a duvidosa honra de fazer isso para a Star. Experts das áreas médicas e especialistas em guerra biológica estavam sentados ao seu lado, atrás dela, um mapa eletrônico servia de fundo.

Eles basearam suas previsões nos números fornecidos pelos organizadores das manifestações e estimaram em dois milhões e meio de pessoas por todo o país, e usaram uma estimativa adicional de 10% para aqueles contaminados com o vírus. De acordo com os especialistas presentes, este era um número realista.

Enquanto conversavam, o mapa eletrônico preenchia a tela e mostrava o Dia Um. Cada ponto de manifestação era marcado em vermelho, a tela mostrava na parte inferior duzentos e cinquenta mil infectados e os especialistas discutiam a disseminação do vírus.

O mapa mudou para refletir as previsões, agora ele mostrava Dia Quatro no canto inferior direito seguido por dois milhões e meio de infectados. Os pontos vermelhos tinham se expandido e agora abrangiam um raio de vinte e cinco quilômetros quadrados de cada ponto de infecção original.

A tela então mudou novamente para mostrar um raio de 160 quilômetros. A legenda em baixo mostrava Dia Dez, vinte e cinco milhões de infectados.

Era discutível se alguém na Star ou qualquer outro canal de notícias tinha realmente pensado nos efeitos que suas previsões causariam, ou mesmo terem revisto a inclusão dos gráficos na transmissão. Sua única intenção era conseguir a maior audiência da história e ganhar de seus rivais na quantidade de telespectadores.

Mas o rosto da apresentadora falava tudo.

Enquanto entrevistava os especialistas, ela olhou para o monitor que estava à sua frente e que mostrava o mesmo mapa de previsão que a tela atrás dela. O momento em que ela percebeu, foi dolorosamente óbvio. Ela ficou em choque quando percebeu que morava dentro do primeiro círculo e o horror de ver que sua mãe, irmã e todo o resto da família moravam dentro do segundo.

Se foi devido ao anúncio do Vice Primeiro Ministro, as mensagens de emergência nas rádios, os programas de TV ou uma resposta natural, o fato é que os eventos que aconteceram nos dois dias seguintes obedeceram um padrão previsível.

Na manhã seguinte, ouve uma corrida por máscaras de proteção, luvas de látex e produtos bactericidas de todos os tipos existentes.

Muitos dos que saíam, cobriam seus rostos com máscaras, suas mãos com luvas e tentavam a todo custo evitar se aproximar dos outros. Apesar de terem sido informados que levaria muitos dias até que o vírus pudesse se espalhar, ninguém queria arriscar. Os suprimentos se esgotaram nas primeiras horas e a desordem se seguiu à medida que os estoques acabavam.

Filas de carros se formavam nos supermercados abertos e postos de gasolina por toda ilha. As pessoas estavam desesperadas para se abastecer e chegar em casa. Menos da metade daqueles que trabalhavam em lojas e supermercados apareceram para trabalhar naquela manhã, embora tivesse sido dito a eles que haveria máscaras e spray bactericidas para usarem.

Como resultado, as filas se estendiam pelas lojas, pois ninguém queria se aproximar de ninguém e quando isso acontecia, discussões e brigas ocorriam.

No final da tarde, muitos simplesmente pegavam as coisas que queriam e saíam das lojas, ninguém se preocupava em pagar por nada, as pessoas simplesmente pegavam o que queriam e saíam correndo.

A noite trouxe mais violência.

Aqueles que tinham decidido não sair pela manhã para se abastecer, o fizeram à noite. Não eram apenas supermercados que eram arrombados, mas sim todo e qualquer tipo de loja; de eletrônicos a farmácias. Estes dois dias produziram as piores cenas de saque que o Reino Unido já tinha testemunhado.

Pessoas carregavam sacos plásticos para os produtos roubados, outras usavam carros. Havia pouco a fazer para detê-las.

Um dono de loja aqui e outro ali tentava proteger seu comércio, mas sem muito resultado. À medida que mais pessoas se juntavam, ficava mais fácil de saquear. Brigas se multiplicavam nas ruas, algumas pessoas brigavam pelos itens saqueados, outras brigas envolviam um maior número de pessoas, pelo simples direito e roubar o local escolhido.

Assim que as brigas aumentavam, também aumentava a destruição. Alguns não satisfeitos em apenas roubar, começaram a incendiar.

Ainda havia uma grande presença policial nas ruas, mas a maioria cuidava dos locais dos incidentes. Alguns policiais que conseguiram se liberar ajudavam a brigada de incêndio. O fogo e a destruição estavam fora de controle em muitos centros das cidades.

Em muitos dos locais, o corpo de bombeiros foi atacado por aqueles que tinham iniciado o incêndio. Eles recolheram garrafas e tijolos e os usavam como mísseis para atingi-los. A violência e a pilhagem seguiram descontroladas por toda a noite até o dia seguinte.

Mas isto não foi o fim dos saques. A atenção agora tinha se voltado para armazéns e centros de distribuição e estava sendo feita de forma mais organizada. Sem a presença de segurança e de alguém responsável pelos alarmes, carros, caminhões, vans e veículos com reboque, paravam nos estacionamento e abasteciam os veículos com tranquilidade.

A sociedade, já bastante abalada, estava começando a se desfazer, tanto que a questão da lei marcial seria posta em discussão.

Quando o dia começou a clarear, imagens de destruição em massa apareceram nas ruas das cidades por todo o país.

Quase todas as cidades tinham virado cidades fantasma, ninguém ia trabalhar. Os trens e ônibus não circulavam. Apenas uma patrulha ocasional da polícia, a sirene do carro dos bombeiros, uma silhueta que aparecia por segundos ao longe, o rangido de um carrinho de compras ou a fumaça que desaparecia no ar eram praticamente todo o movimento que se via nas ruas.

Os maiores sinais de vida estavam nos hospitais, pronto-atendimentos e clínicas improvisadas. Milhares de pessoas haviam aparecido nesses dois dias. Alguns deles estiveram presentes nas manifestações e foram aconselhados a comparecer, outros estavam indo por precaução.

Centenas afirmavam que tinham contraído a doença, embora não apresentassem sinais aparentes da varíola.

Capítulo Quarenta e Dois

Então, com o amanhecer do terceiro dia, ocorreu um evento quase milagroso.

As pessoas começaram a se reunir nas ruas, não com a intenção de roubar e destruir, mas armadas com vassouras e sacos de lixo nas mãos. Muitos tinham sido vacinados, outros usavam máscaras, e juntos, começaram a limpar a destruição dos últimos dois dias.

Não houve nenhuma organização prévia nisso, alguém apareceu para limpar a loja destruída e foi ajudado por um vizinho, depois apareceu um amigo do vizinho e então o amigo do amigo.

A notícia logo se espalhou pelas redes sociais e mais pessoas apareceram para oferecer ajuda, donos de lojas abriram as portas oferecendo água e comida. Os supermercados que não haviam sido invadidos, abriram também e ajudavam com mantimentos aqueles que não podiam pagar.

Esta onda de gestos humanitários se espalhou pelas cidades do Reino Unido, como se o pior já houvesse passado. Ao final do dia, milhares de pessoas pelo país tinham saído às ruas para ajudar. Alguns limpavam as ruas, outros iam ver como estavam seus vizinhos, outros levavam água e comida para aqueles que não podiam fazer isso sozinhos. A paz voltou a reinar. Violência e destruição não seriam mais toleradas.

O terceiro dia também trouxe aqueles que apresentaram os primeiros sintomas. Não mais que quinhentas pessoas deram entrada nos hospitais, que haviam paralisado todos os tratamentos e operações de rotina, exceto emergências, e tinham capacidade total para lidar com isso. Estes números iriam lentamente aumentar, mas nunca se tornariam a praga que tanto foi temida. Todos que trabalhavam na área de saúde, de motoristas de ambulância a cirurgiões, estavam vacinados e em numero suficiente.

Mas este não era o caso na Europa Continental. Os governos obviamente estavam bem cientes da situação do Reino Unido e tomaram suas precauções. Isto incluía a vacinação dos trabalhadores da área médica, mas uma vacinação em massa não foi considerada, como tinha sido feito na ilha.

Foi apenas quando as pessoas começaram a aparecer nos hospitais na Alemanha e na França, queixando-se de sintomas associados à varíola, que os governantes tiveram a percepção do que realmente acontecia;o ataque não tinha

sido apenas ao Reino Unido como eles haviam pensado inicialmente. A Interpol já estava trabalhando com as autoridades britânicas investigando as atividades dos terroristas e tinham dado uma batida em todos os endereços conhecidos de Roseau e De Costa por todo o continente. Mas as autoridades não estavam preparadas para a disseminação da doença pela Europa e começaram a fazer planos de emergência para deter o que poderia facilmente se tornar uma praga.

Embora voos que chegavam e saíam de Heathrow tivessem sido cancelados por muitos dias, um pequeno número de voos particulares havia decolado. Os passageiros eram pessoas do governo ou dos serviços de segurança e viajavam para encontrar seus correspondentes no exterior. Inicialmente, a culpa recaiu sobre os muçulmanos radicais, mas à medida que as atividades de De Costa e Roseau foram ficando mais conhecidas, uma imagem mais clara começou a surgir.

Em uma reunião em Haia, em que participaram altos funcionários governamentais e pessoal de segurança de todos os países das Nações Unidas, foi mostrado que, sem sombra de dúvidas, os dois terroristas eram iranianos e que o ataque tinha sido patrocinado pelo governo do Irã. Embargos seriam imediatamente aplicados, nada iria entrar ou sair do país.

Eles dariam a chance da população de se voltar contra seus governantes, mas se isso não acontecesse, haveria apenas uma solução: uma invasão. A resolução foi aprovada sem um único voto contra. Uma força tarefa seria formada para garantir que houvesse representantes de todas as nações do globo. Os líderes de todo o mundo estavam enfurecidos com o que os iranianos tinham feito, eles estiveram muito próximos de causar uma pandemia.

Seria um assassinato em massa, sem levar em conta, cor, credo ou religião. Os infectados vinham dos mais diferentes setores da sociedade. Eles juraram que nunca mais deixariam os fundamentalistas, nacionais ou religiosos, repetir o que havia sido feito.

Repercussões estavam sendo sentidas em muitos países. No Afeganistão, um caminhão tinha parado a quinhentos metros da entrada do portão do Campo Bastion, depositando quinze corpos no chão. Em um deles estava pregada uma nota com a seguinte palavra: terrorista. Eventos parecidos aconteceram no Paquistão; embora vivos, uma dúzia de membros sêniores do exército, ensanguentados e machucados, foi entregue a uma base americana.

Nos últimos dias, toda a Europa estava em suspense, esperando o grande surto que pensavam ser iminente. A fonte da infecção que até agora tinha contaminado as pessoas na Europa Continental tinha sido rastreada até uma balsa que saiu de Plymouth com direção à Roscoff.

Detalhes descobertos no armazém de Wandsworth indicavam que a intenção era enviar terroristas solitários para pelo menos cinco portos no Reino Unido com destino a outros países da Europa. Todos os líderes europeus transmitiram mensagens com o mesmo conteúdo que a mensagem Vice Primeiro Ministro britânico, enviada há alguns dias.

Centros de tratamentos estavam sendo criados e drogas para tratar a infecção, produzidas e enviadas. Eles estavam se preparando para o ataque.

Então um suspiro de alívio tomou conta da Europa; carros abandonados foram encontrados em Portsmouth, Hull, Ramsgate e Harwich, próximos aos terminais de balsa. Em cada carro havia uma dúzia de latas de spray com o vírus.

Durante os dias que se seguiram, inoculação e limpeza continuaram por todo Reino Unido. Ron e seus homens permaneceram nas locações para ajudar. Não houve mais incidentes de roubo ou incêndio, a presença militar nas ruas assegurava isso.

Aqueles que tinham saído às ruas no terceiro dia para ajudar tinham inspirado muitos outros. Este número cresceu até que as ruas estivessem lotadas de voluntários esperando o pior passar. Mas ainda levaria muitas semanas até a normalidade voltasse.

Muito do plano de Roseau e De Costa tinha sido bem sucedido, mas não o suficiente para dizer que a missão teve êxito e definitivamente não o suficiente para seus superiores em Teerã. Eles estavam prestes a sentir a ira do mundo inteiro. E, embora o governo do Reino Unido tivesse sido humilhado e enfraquecido, estavam longe de ser derrotados.

Estimava-se que cerca de dez mil pessoas estavam infectadas, e muitas outras receberiam o antídoto de qualquer forma.

Se não fosse pela previsão daquela pequena equipe reunida ao redor de uma mesa em Wembury, o resultado teria sido bem diferente.

Adam teve sorte, apresentando apenas leves sintomas da doença: uma dor de cabeça severa, febre alta e náusea acompanhada de crises horrendas de diarreia. Com Simon foi a mesma coisa e ambos foram usados como estudo de caso para avaliar a virulência do vírus e seu tratamento. Os dois foram liberados na mesma semana.

As informações que forneceram, ajudaram no tratamento de todos que foram expostos, tanto no Reino Unido quanto na Europa Continental, e como resultado, a taxa de mortalidade foi extremamente baixa. As mortes que aconteceram, ironicamente a maioria no continente, serviram para estimular movimentos antiterroristas mundo afora.

Clive Gooding estava sentado à sua mesa quando o telefone tocou. Os eventos dos últimos dez dias o tinham deixado abalado, como aconteceu com

quase todo mundo no Reino Unido e em todo o mundo.

Era universalmente aceito que os terroristas iranianos eram os culpados e estavam por trás dos ataques que tinham sido patrocinados pelo governo do Irã. Respostas já estavam em andamento, e as consequências para o mundo eram desconhecidas.

Mas Clive e seu time também fizeram parte na descoberta dos segredos, juntamente com Adam. Segredos que expunham níveis de corrupção nunca antes vistos no Reino Unido. Segredos que, em última análise, permitiram que o atentado acontecesse. O que mais perturbava Clive era o fato de que essa corrupção e todos envolvidos nela nunca seriam expostos.

Ele atendeu ao telefone e disseram que havia um pacote para ele que tinha acabado de chegar e tinha sido entregue por uma mulher. Ele gostaria quem levassem o pacote até ele? Clive respondeu que sim. Minutos depois, um oficial bateu na sua porta e entregou o envelope para Adam. Clive não estava esperando por esta entrega, mas abriu o envelope e nele havia cinquenta folhas de papel A4. A primeira simplesmente dizia:

- *Achamos que você vai saber o que fazer com isso. Stella.*

Quando olhou os papéis, ficou feliz em ver listas de nomes, datas e números, seguidos de detalhes. Ele reconhecia muitos destes nomes.

Sim, ele sabia exatamente o que fazer com isso.

Gooding lia o dossiê de Stella. Neste mesmo momento Adam estava sentado no sofá assistindo ao noticiário, com Isobel deitada em seu colo e Dan sentado na poltrona ao lado. Ele tinha sido liberado do hospital na noite anterior, com a promessa de continuar usando os remédios. Adam estava muito feliz de estar de volta, com a família e inteiro.

No período em que Adam esteve no hospital, Stella se manteve bem ocupada. Além de compilar o dossiê que tinha acabado de ser entregue a Clive Gooding, ela tinha completado o upload de todo o material para um website, com a ajuda de Dan e Isobel.

Todos os negócios escusos de Jonathan agora estavam disponíveis para o mundo ver. Stella, além de usar a internet para obter notícias, usava também para disseminá-las. Stella projetou uma série de anúncios virais, que foram divulgados nas redes sociais, eles anunciavam a existência do site contendo todas as informações.

A mídia se concentrava nos vários eventos que ocorreram no Afeganistão, Paquistão e Indonésia, bem como nos Estados Unidos, Reino Unido e Europa, onde os ataques e a prisão dos terroristas radicais eram tópicos de discussão. Os peritos discutiam o que poderia ter acontecido se os terroristas não tivessem sido pegos a tempo. A opinião dos especialistas divergia sobre a propagação do vírus.

Todos tinham gráficos mostrando suas previsões, mas o consenso era que uma porcentagem significativa da população mundial poderia ter sido disseminada se o complô terrorista não tivesse sido descoberto a tempo.

Agora, com o site de Stella, novas notícias estavam surgindo.

Embora os detalhes revelassem centenas de acordos obscuros, muitos deles ilegais ou antiéticos, foi um deles que chamou a atenção do mundo e dominou as manchetes de todos os grandes jornais por muitos dias.

Esta revelação era sobre a contribuição que De Costa e Roseau fizeram ao Partido Conservador. Estas contribuições os ajudaram a conseguir os contratos com o Palácio de Westminster e outros prédios governamentais por todo o país. Dandelion também não escaparia, sua organização tinha sido fundamental para a criação da rede que permitiu que tudo isso acontecesse.

Sem a ganância e cumplicidades destas pessoas, não haveria ataque.

Adam desligou a TV, já tinha visto o suficiente.

Dan se virou para o irmão e disse:

“Nada mal para um jogador de rúgbi nerd!”

“Foda-se e me traga uma xícara de chá!” Foi o que Dan ouviu como recompensa.

De Costa estava na varanda, apreciando a vista da cidade de Teerã, sua cobertura tinha uma excelente vista para a cidade. Assim que o sol se pôs, o som do chamado para a oração vindo de uma dúzia ou mais de mesquitas surgiu. Duas vans pararam bruscamente na entrada de seu prédio, e os passageiros saíram de dentro rapidamente.

De Costa sabia que eles estavam vindo atrás dele. Ele não apenas os tinha decepcionado, como também os deixando em uma situação grave. O Ocidente tinha descoberto o envolvimento do Governo no ataque e por isso, eles queiram seu sangue.

Ele pegou seu telefone e mandou um código que ativaria as bombas do Enterprise.

De Costa podia ser iraniano de nascimento, mas era um verdadeiro guerreiro jihadistas e sua missão iria continuar, a despeito de sua morte. Depois de jogar o telefone o mais longe que podia, ele ajoelhou-se em seu tapete de orações, voltado para Meca, colocou sua Glock na boca e puxou o gatilho.

Sobre o Autor

Nic cresceu em Penzance na Cornualha e passou sua juventude surfando, mergulhando, ou tirando fotos. Com vinte anos, ele foi trabalhar como assistente de arquiteto em Londres e passou os sete anos seguintes desenhando bancos e festejando na cidade. Aos vinte e sete, a sede por viagens o atingiu e ele foi para Montego Bay, Jamaica. Lá ele dirigiu uma escola de mergulho e trabalhou como arquiteto para hoteleiros.

Por cinco anos ele conseguiu manter esta vida e se manter longe dos problemas. Depois de muitas decisões difíceis, ele decidiu que era hora de partir. Nic foi para Singapura, visitar uma garota singapurense que ele tinha conhecido.

Singapura, ou mais especificamente a garota de Singapura, conseguiu acalmá-lo um pouco e por uma dúzia de anos, ele se baseou no país trabalhando em vários campos. Ele deu aulas de mergulho e conduziu excursões de mergulho em lugares remotos em todo o Mar da China Meridional, Oceano Índico e Arquipélago Indonésio. Ele desenhou um ou dois Hotéis ímpares nas Maldivas e na Tailândia, expandiu seu repertório fotográfico e se tornou um dos principais fotógrafos da região.

Ele também diversificou: no cinema, filmou vários curtas-metragens e documentários, incluindo “Burning Earth” para o canal Discovery, onde passou várias semanas acampado nas selvas em chamas de Bornéio, pendurado para fora de helicópteros com uma câmera no ombro. Ele encontrou tempo para se casar com a mesma garota de Singapura, que deu a luz a dois garotos: Adam nasceu em 1996 e Dan um ano depois.

Em 2003 ele voltou para o Reino Unido e construiu uma casa com vista para o Rio Wye, nos arredores de Ross, em Herefordshire. Sua volta para o Reino Unido foi motivada por duas razões diferentes.

Em primeiro lugar, os ataques de 11 de setembro de 2001, que mudaram a Ásia.

A Ásia sempre tinha sido um bom lugar para viver e trabalhar, mas a atmosfera havia mudado. Em toda Malásia e Indonésia, uma forte atitude anti Ocidente estava surgindo, culminando com o ataque a bomba no Hard Rock Café em Bali, onde ele costumava passar um tempo com os filhos.

O segundo, foi seu desertar para questões ambientais. O incêndio que ele filmou em Bornéio foi certamente um dos catalizadores, o outro foi a degradação dos oceanos e recifes. O branqueamento dos corais das Maldivas, o esgoto de hotéis que eram jogados no oceano, manguezais destruídos para dar lugar a fazendas de camarão e a pesca irregular. Tudo isto o levou a fazer parte da

solução, ao invés de ignorar estas questões, como a maioria do planeta parecia estar fazendo.

Nic foi inspirado pela ideia dos aldeões que cultivavam alga nas suas ilhas favoritas: Nusa Penida e Nusa Lembongan, e então começou a trabalhar em um conceito.

Este conceito implicava o cultivo de macro algas em fazendas marinhas, juntamente com peixes e mariscos. Os peixes e os mariscos já tinham um mercado, e as macro algas poderiam ser processadas para produzir combustíveis renováveis.

Nic sempre teve uma alma impetuosa, por isso pensou que poderia fazer sua própria contribuição e então criou uma empresa de pesquisa, a Taylor Made Marine, para trabalhar nesse conceito. O conceito sempre foi bom e ele ainda trabalha com isso atualmente, mas não mais sozinho, porque teve problemas com um financiamento. Em 2007, o banco retirou o financiamento de sua empresa de desenvolvimento imobiliário, que desenvolvia habitações sustentáveis e acessíveis e que financiava suas pesquisas. Isto resultou no colapso de sua empresa e apreensão de seus ativos.

Nic e sua esposa tiveram uma filha, Shakira. No entanto, como consequência do stress, o casamento de Nic acabou e então ele decidiu se mudar para Plymouth. Ele uniu forças com a Universidade Plymouth para continuar suas pesquisas e trabalhar para ser PhD.

Nic agora divide seu tempo entre as pesquisas e o Plymstock Oaks Rugby Club, onde ele treina garotos de até 15 anos de idade. Ele dirige vários projetos, incluindo o treinamento de rúgbi para deficientes, e usa o esporte como veículo de inclusão social para tirar as crianças das ruas. E claro, sua escrita. Você está lendo seu primeiro livro 'A praga da discórdia: Ataque a Londres.'

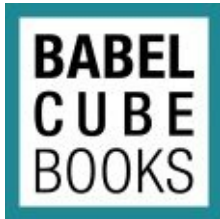
Nick já está trabalhando na sequência 'Gaia's Warriors' (ainda sem tradução no Brasil)

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com